

Luiz Divino Maia

FLOR DE MANGUEIRA: a reinvenção da velhice num grupo de mulheres.

Belo Horizonte
Faculdade Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2013

Luiz Divino Maia

FLOR DE MANGUEIRA: a reinvenção da velhice num grupo de mulheres.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Área de Concentração: Antropologia Social

Linha de Pesquisa: Antropologia das Sociedades Complexas

Orientadora: Prof.^a Ana Lúcia Modesto

Belo Horizonte
Faculdade Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2013

306

Maia, Luiz Divino

M217f

2013

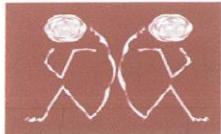
Flor de Mangueira [manuscrito]: a reinvenção da velhice num grupo de mulheres / Luiz Divino Maia. - 2013.

216 f.

Orientadora: Ana Lúcia Modesto.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Antropologia – Teses. 2. Velhice - Teses. 3. Mulheres – Teses. I. Modesto, Ana Lúcia. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - III. Título.



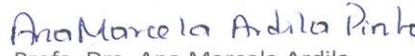
PPGAN - UFMG
Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Antropologia

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA DE LUIZ DIVINO MAIA (Nº DE MATRÍCULA: 2011652744)

Aos 24 (vinte e quatro) dias do mês de junho de 2013 (dois mil e treze), reuniu-se na sala do Departamento de Ciência Política F-2094 - 2º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora, para julgar, em exame final, a Dissertação intitulada: **“FLOR DE MANGUEIRA: a reinvenção da velhice num grupo de mulheres”**, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, Área de Concentração: Antropologia Social - Linha de Pesquisa: Antropologia das Sociedades Complexas. A Comissão Examinadora foi composta pelas professoras doutoras: **Ana Lúcia Modesto – Orientadora (PPGAN-FAFICH/UFMG); Érica Renata de Souza – (FAFICH/UFMG); Ana Marcela Ardila Pinto – (FAFICH/UFMG) e Maria Suely Kofes (Depto. Antropologia – UNICAMP)**. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Ana Lúcia Modesto, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao mestrando Luiz Divino Maia, para apresentação de sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelas examinadoras, com a respectiva defesa do candidato. Logo após a arguição das examinadoras, a Comissão se reuniu, sem a presença do mestrando e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente ao candidato pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 24 de junho de 2013.


Profa. Dra. Ana Lúcia Modesto
(orientadora)


Profa. Dra. Érica Renata de Souza


Profa. Dra. Ana Marcela Ardila


Profa. Dra. Maria Suely Kofes

Observação: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo do Coordenador

Agradecimentos

Em princípio, agradeço as participantes do grupo *Flor de Mangueira* pela acolhida em minha demorada presença entre elas. Na impossibilidade de deixar registrado um agradecimento individual mais delongado (que será feito pessoalmente), deixo anotado o nome de todas. Se não for por ordem de dedicação e de adesão ao projeto, agradeço de forma mais convencional - por ordem alfabética mesmo.

Por isso, deixo registrado meu muitíssimo obrigado a Argentina, Celita, Dirce, Domingas, Eni, Margareth, Maria Alves, Maria Augusta, Maria Auxiliadora (Dorinha), Maria de Fátima, Maria de Lourdes, Maria José, Maria Madalena, Maria Helena, Maria Pereira, Marisa, Nair, Nely, Nercília (D. Cilinha), Odete e as Reginas. E tantas outras que, se não participam do grupo de modo frequente, na medida do possível estiveram em contato comigo e, por extensão, com o projeto de pesquisa. Igualmente, são merecedoras da mais sincera das gratidões. Agradeço da mesma forma ao Guilherme, ao José de Arimatéia e ao José Assis. Deixo também um agradecimento à Marlene.

Agradeço também a professora e orientadora Ana Lúcia Modesto pelo apoio e total incentivo às minhas ideias e minhas opções de narrativa do texto. Apoio e incentivo fundamentais para minha persistência no processo de pesquisa e de organização da dissertação. Outro agradecimento que não posso deixar de registrar é o da professora Érica Renata de Souza, pelas inestimáveis indicações iniciais de leituras e pelo manifesto e permanente interesse no andamento da pesquisa.

Por fim, sou incomensuravelmente grato à Andréia, a mais constante das leitoras. A mais crítica, sincera e incisiva de todas, sempre a “podar-me” dos meus exageros narrativos e, por outro lado, a mais entusiástica e cúmplice de minhas ideias e meus propósitos, sempre solícita a incentivar-me em minha empreitada antropológica. Trata-se da pessoa que mais acompanhou o processo, com um amor, ardor e interesse sem igual e a quem eu dedico totalmente o trabalho. Integramente. Andréia não foi à responsável pelas lacunas e pelas falhas da dissertação (tudo cabe a mim e a mais ninguém), mas, sem dúvida, sem ela não existiria trabalho algum.

Em casa, é diferente do que no grupo Flor de Mangueira. No grupo, eu me sinto mais feliz; a gente se reúne e bate-papo, se distrai. Em casa, a gente não conversa com ninguém; ninguém dá atenção pra gente.

Odete Ribeiro de Freitas

The birds flew around for nothing but the hell of it.
(Os pássaros voavam pelo céu pelo puro prazer de voar).

Len Deighton In: “An Expensive Place to Die” (“O Preço da Morte”)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	
Como cheguei à pesquisa de uma experiência de mulheres em grupo.....	14
Uma experiência na condição de historiador.....	15
Uma experiência na condição de antropólogo.....	22
O lento e mutante processo de pesquisa.....	24
Porque a pesquisa deve ser estudada antropologicamente.....	25
Pontos de reflexão.....	26
1. As cerimônias do grupo.....	26
2. Orgulho familiar e espírito de comunidade.....	27
3. A instituição familiar.....	28
4. Rompimentos nada drásticos.....	30
5. Ainda sobre rompimentos sobre o espaço familiar.....	31
6. O <i>ethos</i> das mulheres velhas: a “juventude”.....	33
7. A expressividade <i>jovem</i> das mulheres.....	34
8. Menção final ao <i>ethos</i> das mulheres.....	35
CAPÍTULO I	
COMO VIVEM AS MULHERES DO GRUPO <i>FLOR DE MANGUEIRA</i>	36
CAPÍTULO II	
MULHERES EM GRUPO.....	75
CAPÍTULO III	
REAGREGANDO O GRUPO <i>FLOR DE MANGUEIRA</i>	80
CAPÍTULO IV	
UMA ETNOGRAFIA DOS INSTANTES EM GRUPO.....	90
Os momentos iniciais dos encontros.....	94
A questão da coordenação.....	98
Alvoroço e avidez.....	99
Descompasso de visões e estratégia das mulheres.....	100

Momentos de apreensão.....	105
Bingo: um jogo lúdico de dar e receber.....	106
Joga-se para se mostrar aos outros.....	110
Suspensão da vida.....	111
Participação para alcançar notoriedade.....	113
O jogo e a lógica (etnográfica) do jogo.....	114
Um pouco mais sobre as prendas.....	116
Nota sobre o regime integrador do jogo de bingo.....	118
Cantar é uma forma de se destacar no jogo.....	118
O bingo vai além do jogo.....	120
Jogo como meio de consideração pública.....	121
Outras considerações.....	122
Aproximação do final do jogo.....	124
Ginástica em grupo– o movimento dos corpos.....	125
Uma informação a respeito da ginástica.....	128
Outra informação relevante.....	129
Breves notas sobre o lanche, encontros (finais) e as despedidas.....	131

CAPÍTULO V

NARRATIVA CONJUNTA.....	133
A sugestão apresentada.....	134
<i>Grupo Flor de Mangueira – lugar onde nos sentimos diferentes</i>	136
Avaliação da narrativa conjunta das mulheres.....	146
1. Percepção na ênfase da falta de individualização no espaço familiar.....	146
2. Uma vida dedicada ao presente.....	149
3. O que fez as mulheres participarem do grupo?.....	150
Diálogo com as experiências de outros autores.....	151
Abraço, gesto de aproximação.....	154

CAPÍTULO VI

A REINVENÇÃO DA VELHICE.....	156
Afinal, o que querem as mulheres em grupo <i>Flor de Mangueira</i> ?.....	156
Mulheres em atitudes de confronto com uma determinada ideia de velhice.....	160
Seria a velhice percebida como um estigma?.....	163

Mulheres em busca de um lugar onde não sejam tratadas como velhas.....	166
Mulheres que não querem se acorrentar ao que sabem que não vai voltar.....	167
Mulheres que participam pelo prazer de participar.....	169
Paradoxos da vida.....	172

CAPÍTULO VII

CONFISSÃO ANTROPOLÓGICA.....	175
------------------------------	-----

CONCLUSÃO

Um texto longo e extenuante.....	191
O difícil processo de construção do texto e da experiência dissertativa.....	192
Questões finais relativas ao exercício e ao texto etnográfico.....	195

ANEXOS

UM POUCO MAIS DE UMA HISTÓRIA.....	201
OUTRO DEPOIMENTO.....	205
SÍNTESE DOS DEPOIMENTOS.....	206
Autoras do Capítulo IV, “Narrativa Conjunta”.....	213

REFERÊNCIAS	214
--------------------------	-----

RESUMO

Esta dissertação é uma descrição etnográfica dos interativos encontros do grupo *Flor de Mangueira*. Um grupo composto por mulheres velhas em busca de uma momentânea fuga dos papéis convencionais impostos pelos seus familiares. Nos momentos em grupo, elas sentem-se distintas e mais valorizadas do que são em casa - e totalmente livres para se comportar de modos diferentes. Em grupo, podem interpretar outros papéis sociais. O trabalho também pode ser visto como uma “invenção etnográfica”. Com razoável liberdade, foram realizados vários experimentos de investigação do fenômeno social. O antropólogo, nesse caso, assumiu o papel de inventor de uma realidade para alcançar o entendimento de uma experiência essencialmente “real” e preponderante para as mulheres do grupo.

Palavras-chave: mulheres, velhice, grupo, liberdade, narrativa, invenção.

ABSTRACT

This dissertation is an ethnographic description of the interactive meetings with a group called "Flor de Mangueira", composed of old women looking for a brief escape from the conventional roles imposed by family. The group moments they felt better and with more value than they are in the homes - and totally free to behave in other different ways. In group, they can play other social roles. The work can also be seen as an "ethnographic invention". With reasonable freedom, several experiments were performed to analyze the social phenomena. In this case, the anthropologist assumed the role of the inventor of a reality to achieve the understanding of an experience essentially "real" and prevailing for the women in that group.

Keywords: women, adulthood, group, freedom, description, invention.

APRESENTAÇÃO

De início, quero informar que foi somente com o trabalho finalizado que optei por inserir os depoimentos das participantes do grupo *Flor de Mangueira* como forma delas se apresentarem, dizerem quem são. Depoimentos que constam no Capítulo I. Para isso, reencontrei com todas (muitas vezes, em suas casas) e fiz entrevistas complementares. Então, o que segue é um texto parcialmente *transformado*, mesmo em suas conclusões, com mudanças de algumas considerações e algumas revisões de afirmações dantes postas – muitas categoricamente postas. Considero a experiência de buscar com as mulheres depoimentos finais relacionados às suas histórias de vida e suas relações com o grupo – e com o bairro - como aspecto fundamental para o processo de um relativo (re) norteamento da dissertação e para o apontamento dos caminhos (alguns novos) do texto dissertativo, que, como afirmado, considerava como pronto.

Entretanto, o tema principal da dissertação permanece como estava antes de inserir os depoimentos das mulheres num capítulo específico. Trata-se da reinvenção da velhice por um grupo de mulheres. O trabalho ainda se fundamenta, predominantemente, nas minhas observações das conversas das mulheres nos encontros semanais do grupo, conversas pautadas pelas visões “negativas” que percebem que os outros têm sobre a velhice, principalmente em relação ao desprezo e a desconsideração percebidas em seus espaços domésticos. Nesse sentido, um dos objetivos para a participação nos encontros do grupo *Flor de Mangueira*, segundo as mulheres, são as possibilidades de elas interpretarem novos papéis sociais fora dos espaços domésticos.

Dito assim fica parecendo que a temática abordada será bem simples, muito “localizada” numa experiência específica - uma temática presa aos discursos e aos comportamentos das mulheres nas poucas horas em que se dedicam ao grupo. Mas, não me concentrarei somente nessas horas da vida das mulheres. Ainda que não haja uma abordagem muito detalhada de outros instantes, fora do grupo, a dissertação não deixará de mostrar quem são as mulheres, como vivem atualmente e a maneira e condições em chegaram à participação no grupo. Ou seja, mostrar os aspectos apontados nas entrevistas. Aliás, outro ponto importante a ser tratado, de análise e de reflexão, é a relação existente entre elas para que possam ser percebidas como um “grupo” de pessoas com interesses similares – mesmo que os interesses da pesquisa se manifestem

fundamentalmente nos momentos do “grupo de convivência”, termo costumeiramente adotado para se referir aos grupos de terceira idade.

Dentro do abordado serão inseridos experimentos e métodos de explicação antropológicos para que eu possa tratar e apresentar a experiência das mulheres no grupo *Flor de Mangueira* – além da minha trajetória como o pesquisador de “campo”. Esses experimentos e métodos podem ser considerados como “invenções” pautadas em minhas observações das situações e dos discursos das mulheres do grupo. Trata-se, então, de outros aspectos constantes no texto. Nesse sentido, o que também se busca com a dissertação é - em alguma medida – alcançar a própria ciência antropológica como um tema digno de nota e de reflexão.

Por isso que, na dissertação, eu falo muito de mim e de minha experiência. Mas, fundamentalmente, o tema principal tratado está relacionado à experiência de algumas mulheres numa situação de convívio provisório e semanal, mulheres que gostam deveras de participar do grupo *Flor de Mangueira*. Mulheres que precisam do grupo e o entendem como fundamental para suas vidas. Um momento marcante e tão importante que elas sempre se lembram da situação e das condições em que estavam quando foram convidadas a conhecer o grupo. Um momento oferecido pela vida, onde, sempre incentivadas, elas buscam criar outra possibilidade de existência.

Devo ainda afirmar que o distanciamento necessário para se investigar o grupo das mulheres foi uma experiência muito difícil. Meu contato com elas foi uma “observação constante” e muito demorada. A dificuldade foi de diversos matizes. Por exemplo, eu aferi-me convicto à ideia do grupo como composto de mulheres que querem acima de tudo apegar-se aos preceitos de harmonia entre si. Com essa ideia fixa, eu preciso ser honesto em informar que tive dificuldade de perceber muitas coisas. Por exemplo, de perceber as tensões existentes nos encontros. Somente nos instantes derradeiros da pesquisa é que percebi melhor os conflitos entre as participantes – principalmente, como afirmado, durante as entrevistas finais. O meu envolvimento com o grupo *Flor de Mangueira* fez com que eu não notasse em quase todo o processo essas situações colidentes, uma das características que, a priori, deveriam ser as mais notadas, pois inexiste grupo humano que não seja marcado por momentos tensos e conflituosos.

INTRODUÇÃO

Como cheguei à pesquisa de uma experiência de mulheres em grupo

No começo, eu tinha a pretensão de organizar um trabalho de memória com mulheres do grupo *Flor de Mangueira*. O meu intuito era o de estudar o patrimônio material e imaterial relacionado ao Bairro Mangueiras. Através de reflexões e de atividades conjuntas com o grupo, eu busquei perceber as relações das mulheres com o bairro, com as pessoas e com os lugares. Em virtude dos resultados alcançados, concluí que poderia considerar as participantes do grupo como as “fundadoras” do bairro. Com isso, o estudo da memória social daria muitas informações sobre a história do local.

O estudo se pautou na percepção da força alcançada pelas mulheres em virtude das suas condições de componentes de um grupo organizado. Descobri que a integração ao grupo era uma valiosa oportunidade de se obter consideração junto aos moradores do bairro – e junto às outras participantes. A busca por uma conspícua distinção social foi considerada, então, a principal razão da procura pela participação no grupo. No decorrer da pesquisa, essas premissas foram postas de lado.

Na experiência inicial, tentei fazer uma pesquisa relacionada à história do bairro pautada nas histórias de vida. Quando o projeto se transformou em pesquisa acadêmica em antropologia, notei que a experiência com o passado, com a história, não era tão valorizada pelas participantes do grupo. Como mencionado, eu me apeguei à “memória” como tema digno de pesquisa. Ao longo do processo, constatei que o fundamento do projeto inicial baseara-se no clichê de que velhos são voltados ao passado, os depositários de lembranças. O passado lhes *pertenceria*. Doravante, na investigação antropológica, os chavões apresentaram-se como são: clichês. Lentamente, reví premissas e fundamentos. Uma das revisões foi à percepção da reação das mulheres frente ao passado. Nos encontros, elas não costumam se apegar aos tempos de antanho.

Percebi que o que querem as integrantes do grupo *Flor de Mangueira* é uma experiência com o presente, uma experiência intensa, mesmo que célere, para que possam recriar, em convívio grupal, novas diretrizes às suas vidas.

Uma experiência na condição de historiador

O início da minha pesquisa antropológica se deu através de outro projeto anterior. Organizado por mim no mês de maio de 2010, esse projeto foi apresentado aos coordenadores de grupos de Terceira Idade no Fórum da Terceira Idade, realizado no CAC (Centro de Apoio Comunitário)¹, Barreiro. De imediato, a então coordenadora do grupo *Flor de Mangueira*, Marlene Ribeiro, do Bairro Mangueiras, manifestou interesse pela realização do referido projeto no grupo que coordenava. Combinamos uma visita. Alguns dias depois, eu fui à reunião do grupo, que, nessa época, ainda se reunia num salão que fica na parte de cima da Capela Santo Antônio, no referido bairro. Salão que pertence Conferência São Vicente de Paulo

A data combinada foi o dia 12 de Maio de 2010. Em grupo, havia 19 pessoas, mulheres majoritariamente. Havia apenas um homem, marido de uma das participantes, que, percebi depois, apenas acompanhava a esposa - não manifestava interesse nas conversas e nas interações das mulheres. Entrei, saudei a todos e fiquei no aguardo da oração inicial; dos avisos da coordenadora, relacionados à divulgação de eventos que o grupo deveria participar; a pauta do mês, com a programação de viagens e de passeios. Em seguida, fui apresentado formalmente às mulheres reunidas. Apresentei-me e me pus a relatar os motivos de minha visita.

Em princípio, me identifiquei como historiador do projeto *Relembrar pelo Patrimônio*, o projeto então organizado por mim. Depois, expus a intenção, em acordo com Marlene, de realizá-lo com as participantes. Mas, tomei o cuidado de perguntar se interessariam pela concretização do projeto. Houve concordância. Com isso, comecei as atividades no mesmo instante: fiz algumas reflexões sobre os temas voltados ao patrimônio, à memória e à lembrança. Depois, relatei sobre a importância da apropriação do patrimônio cotidiano e outras considerações.

¹ O Centro de Apoio Comunitário (CAC) fica na Rua Pinheiro Chagas, 252, Barreiro, em Belo Horizonte. No local são desenvolvidas atividades para crianças; cursos para a comunidade e grupos de convivência para a Terceira Idade; promoção de eventos; oficinas culturais e de arte; atividades esportivas e de lazer. No local funciona também o Centro de Saúde Barreiro.

Na continuidade, expliquei e dei exemplos de patrimônio material e imaterial, como o jogo de damas realizado há muitas décadas na Praça Sete, no centro de Belo Horizonte. Foi enfatizado que a atividade se interage com a realidade cotidiana da cidade, da metrópole, mesmo parecendo incongruente com o centro azafamado da Capital. Nesse relato, as mulheres contaram que, tal como o jogo de dama praticado no centro da cidade, existe no grupo *Flor de Mangueira* a tradição de se jogar bingo, como um reflexo da própria tradição do bairro.

A menção ao jogo de bingo e sua prática no grupo e no bairro chamaram minha atenção. A referência a uma tradição tão valorizada deixou-me sobremaneira interessado. Expus isso ao grupo. No momento seguinte, foi feita uma atividade (brincadeira) com o livro *1001 Razões para Gostar do Brasil* (Sextante, 2003), que teve a participação de todas. Por fim, foram adiantadas algumas atividades que seriam desenvolvidas nas próximas semanas. Nesse momento, foi decidido que o projeto apresentado aconteceria sempre na primeira parte dos encontros. No restante do tempo, continuariam em suas atividades costumeiras. Uma decisão plena e efusivamente acatada por todas.

Encerrada a apresentação, como convinha, foi realizado um jogo de bingo entre os presentes (eu, inclusive). Desde o início, pude perceber a animação e o envolvimento das mulheres no jogo. Depois do jogo do bingo, houve o lanche, compartilhado por todos. Findo o lanche, eu me despedi, prometendo retornar na semana seguinte. Parti animado e com algumas ideias prontas para executar nas semanas subsequentes, como escolher alguém para fazer uma síntese de cada encontro; pedir a cada participante que organize sua pasta individual, com documentos e fotos; elaborar atividades que relacionem as histórias do grupo com a história do bairro; fazer algumas entrevistas com Marlene e outras sobre a história do bairro e do grupo. Entrevistas que seriam realizadas em dias fora do horário do encontro, em virtude da escassez de tempo.

Das intenções iniciais, formuladas desde o primeiro encontro, algumas foram atendidas. Outras, não. O projeto *Relembrar pelo Patrimônio* teve várias atividades ao longo de sua execução, como análise de textos das mulheres, com fragmentos das suas histórias de vida; reflexões sobre a importância dos lugares e suas transformações ao longo do tempo, tendo como base músicas e filmes; reflexões sobre o processo da construção da história do local a partir das memórias das participantes; análises de fotografias antigas;

leituras de textos; elaboração de poemas em conjunto sobre a importância de lembrar e do grupo; relatos de experiências, principalmente as viagens; reflexões sobre o patrimônio cultural local e a apropriação dos membros do grupo em seu cotidiano.

As atividades que proporcionaram a reflexão e a exposição das lembranças pessoais, familiares e das vidas em comunidade foram organizadas por mim. Nesse processo, percebi que as lembranças infantis e os fatos do dia a dia e de eventos sociais foram as mais relevantes para as mulheres. As que de maneira mais entusiasmada expressavam. Ao longo das atividades do projeto *Relembrar pelo Patrimônio* notei que as lembranças tinham relação com aprendizados, ofícios, conhecimentos e valores locais. Enfim, saberes “práticos” bastante ligados à vida social das participantes.

Um ponto considerado e muito notado - e que me impulsionou à execução do projeto – foi o relativo à importância social do grupo organizado de Terceira Idade para a localidade. Cheguei à conclusão de que os encontros representam os modos de *fazer* e de viver do local. Ou seja, os estilos de vida. Deve-se destacar que foi dedicada uma atenção especial à categoria “terceira idade” entendida como a que *capacitaria* as mulheres como sujeitos sociais, com identidades precisas e relevantes no lugar onde vivem e nas coisas que fazem, podem e pretendem fazer.

Considero que o projeto *Relembrar pelo Patrimônio* esteve sintonizado com os anseios das mulheres de se alçar prestígio e reconhecimento junto às pessoas do bairro, às suas famílias e ao próprio grupo. Quanto à memória, apeguei-me no entendimento - e na difusão - de sua relevância como fonte renovadora da vida, além de detentora de função social. A base do projeto foi o apego na confiança do passado *presente*, isso é, o passado formador de pessoas, de valores e de comportamentos, como um meio de se ver e rever, fazer e refazer conceitos e atitudes presentes, e de superar dificuldades.

Dessa forma, o propósito foi o de incentivar o “exercício” da recordação das histórias de vida para assim valorizá-las. A crença foi a de que as lembranças seriam os “combustíveis” necessários para a vida social que, depois de incentivadas, precisariam ser organizadas através da reflexão, da partilha e da revisão das práticas do cotidiano. Tudo em grupo. Com isso, houve o incentivo esmerado na lapidação das lembranças individuais e em grupo. Consequentemente, o patrimônio cultural - aquilo que as

pessoas fazem no dia a dia - teve o seu significado “revivido” através de sua relação com as práticas culturais, os desejos e as histórias contadas e revistas.

Deve-se mencionar ainda que o projeto *Relembrar pelo Patrimônio* teve como um dos eixos teóricos a obra *A Memória Coletiva* (Centauro, 2006), de Maurice Halbwachs, onde as lembranças relacionadas ao mundo exterior são explicadas pelo autor através das “leis da percepção coletiva”. No projeto, foram feitas citações (adaptadas) ao livro do sociólogo francês. As histórias foram relacionadas às socialmente vividas. A obra de Halbwachs, inclusive, se esmera em mostrar a relação da memória com a vida coletiva. Portanto, pelo trabalho realizado, pude perceber algumas análises do autor que, relacionadas às lembranças, se aproximaram persistentemente das histórias de vidas contadas, revistas e relatadas textualmente, semana após semana, conforme o próprio Halbwachs enfatiza: “talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las” (2006: 41).

O projeto *Relembrar pelo Patrimônio* teve como objetivo a organização de um produto final em forma de texto (cartilha, compêndio ou livro) que sintetizasse as histórias compartilhadas e as atividades executadas ao longo dos meses. Mas, a partir de um determinado momento, iniciou-se a organização de uma peça teatral, com envolvimento entusiástico das integrantes do grupo *Flor de Mangueira*.

Explico. Como a experiência com o projeto foi considerada como fora deveras marcante, todas queriam sua difusão para um público mais amplo. Incentivadas, entenderam que havia “material” suficiente para ser transformado numa peça teatral. Um desafio fora imposto: o roteiro teatral deveria ser construído ao longo das poucas semanas que restavam ao projeto². Portanto, as lembranças da infância e dos eventos sociais, os causos e os fatos do dia a dia, as tradições, os divertimentos, os convívios, os saberes, etc., serviram - à medida que relatados ou revistos - como fundamento para a organização de um texto conjunto, dividido em planos, sequências e cenas, com as rubricas técnicas, os cenários e os diálogos a serem executados.

² O projeto *Relembrar pelo Patrimônio* foi programado para durar 03 meses – de maio a julho de 2010. A inclusão da experiência de teatro nos encontros aconteceu no final do mês de junho, do mesmo ano, num estágio avançado do projeto.

A organização do roteiro foi um trabalho intenso, que consumiu algumas semanas. Por isso, foi preciso ocupar mais alguns outros dias fora dos voltados às reuniões semanais do grupo (alguns encontros aconteceram também na casa da então coordenadora). No entanto, foi uma atividade prazerosa. Os ensaios, a formação do roteiro dramático e a criação dos personagens se transformaram em participativas atividades do projeto *Relembrar pelo Patrimônio*. Integraram-se ao projeto, mesmo que não fizessem parte das intenções iniciais. Não importa. Foram executados. Conjuntamente, foi realizado atividades de exercícios interpretativos: técnicas corporais, de fala, de criação de personagens e de postura, etc. Todas as atividades ficaram sob a minha responsabilidade. Aliás, não só minha, mas também de um morador da comunidade, Ronildo Arimatéia, com experiência na direção e interpretação teatral³.

No primeiro plano da imagem abaixo, de julho de 2010, aparecem duas participantes do grupo, Odete Ribeiro de Freitas e Maria Pereira Fonseca. As mulheres realizam uma técnica de interpretação conduzida por Ronildo Arimatéia, que não aparece na foto. O intuito da técnica é o de treinar os olhares *diretos* das “atrizes” para a prática interpretativa de se olhar o outro; treinar a comunicação pelo olhar, exercício absolutamente indispensável para melhor construção e interatividade entre os personagens em cena, e para melhor fluência da peça teatral. O teatro é um exercício essencialmente comunicativo e que só funciona a partir da interatividade, tal como é o próprio grupo. Ao fundo, nota-se a presença de algumas outras participantes do grupo. Marlene Ribeiro, a então coordenadora, é a que está à esquerda da imagem.

³ A presença de um morador local junto ao grupo *Flor de Mangueira* com aptidão artística estava dentro de uma das propostas do projeto *Relembrar pelo Patrimônio* que era o “descobrimento” de talentos locais e a inserção em atividades e oficinas junto ao grupo.



Depois de muitos ensaios, de aulas de teatro, de interpretação e a constante (re) elaboração do roteiro dramático, foi feita a exposição pública dos resultados. O evento, que aconteceu no dia 07/08/2010, na Escola Municipal Hilton Rocha, Bairro Mangueiras, teve a apresentação do projeto e a encenação teatral a uma plateia composta por moradores locais e por parentes dos “artistas”. Paralelamente, houve a gravação em vídeo da encenação e de depoimentos das integrantes do grupo *Flor de Mangueira* relatando suas experiências no grupo e do peculiar momento. O vídeo teve a coordenação do videomaker Leonardo Alvim, não morador do bairro.

Por fim, em setembro de 2010, houve a entrega dos DVD’s sobre a história do grupo, os depoimentos e a apresentação pública da encenação teatral. Todos os que estiveram envolvidos, direta e indiretamente do projeto *Relembrar pelo Patrimônio*, foram contemplados. O evento foi realizado no salão de baixo da Capela Santo Antônio, onde o grupo futuramente passaria a ser reunir, e contou com a minha participação, condução e organização; dos integrantes do grupo e seus familiares; do diretor teatral; além de representantes da comunidade do Bairro Mangueiras.

Durante o segundo semestre de 2010 e nos primeiros meses de 2011, as mulheres do grupo *Flor de Mangueira* fizeram várias apresentações da peça teatral em alguns

centros culturais e escolas da região do Barreiro. A trupe formada entusiasmou deveras as participantes do grupo. Era bastante comum ouvir relatos empolgados relativos ao fato de terem conquistado a capacidade de participar de uma encenação teatral. Uma experiência inédita. O público das apresentações normalmente se portara de modo extremamente receptivo, caloroso e compreensivo.

A foto abaixo apresenta parte do grupo *Flor de Mangueira* antes de uma apresentação no Centro Cultural Vila Santa Rita, no bairro do mesmo nome. Uma apresentação ocorrida em dezembro de 2011. O colorido dos trajes e a postura sorridente das participantes deixam evidente o espírito empolgado que envolvia as participantes, além da disposição manifesta diante da profusa descoberta de seus talentos teatrais.



Outro aspecto digno de nota foi a minha percepção do orgulho das mulheres em verem-se prestigiadas pelos familiares nas apresentações teatrais. Para elas, tratava-se de uma oportunidade sem igual, a de verem seus familiares atentos às suas interpretações, postos diante de suas capacidades representativas. Com a encenação, puderam apresentar-se aos parentes como pessoas capazes e talentosas, muito mais do que

imaginavam. Inclusive, muitas se declararam fascinadas pela postura dos parentes na plateia: absortos, embevecidos e surpreendidos com suas performances teatrais.

Nesse sentido, a experiência teatral pode ser entendida como o exemplo que melhor conjuga-se com o desejo das mulheres de fazerem-se notar de modos diferentes pelos seus familiares. Percebendo isso, notei que o foco da pesquisa deveria ser alterado. Mais do que a experiência do teatro em si, ou as memórias sociais, o relevante a ser investigado deveria ser a relação das mulheres com suas famílias – relação que se manifesta em seus comportamentos em grupo.

Uma experiência na condição de antropólogo

Fim do projeto *Relembrar pelo Patrimônio*, início de outro, com intentos bastante aproximados, mas de alcance diferenciado. O que se alcançou no novo projeto não foi mais a análise da história do bairro ou do grupo, conforme pretendia no antigo projeto. Os sentidos da memória social das mulheres se redirecionaram para novos focos, mais relacionados ao tempo presente e pouco vinculados à valorização do passado, do tempo de outrora. Outro ponto foi deixar de tratar e perceber as mulheres apenas como pessoas da “terceira idade”. Com isso, muitas das conclusões alcançadas – e relatadas alhures – foram postas em questão e deixadas um pouco de lado, embora não negadas totalmente. Nada deve ser completamente ignorado.

Não pode mesmo. Adiante, será feita outras alusões à questão. Entretanto, deve-se mencionar que, de modo geral, a participação em grupos de “Terceira Idade”, termo abandonado, não pode ser totalmente desprezada. Esse tipo de participação, aliás, abre caminhos para novas sociabilidades na velhice. De acordo com Barros, em *Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas* (FVG, 2006), a integração às atividades dos grupos de “terceira idade” mostra adesão a um estilo de vida específico na velhice. Adesão aos grupos costuma por em xeque o lugar das mulheres mais velhas na família. Com a interatividade, relacionada ao processo, aparecem mais opções para a vida.

Entretanto, o fim do referido projeto *Relembrar pelo Patrimônio* se deu em virtude de sua eficácia. Explico: com a percepção dos seus êxitos, senti a necessidade de ampliar a

experiência para uma qualificação acadêmica, com novas possibilidades. Motivado, tendo a experiência como fundamento, eu organizei um projeto para ser apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Antropologia (PPGAN-UFMG) para o biênio 2011/2012, do qual fui aprovado. Não apresentei ao programa de mestrado em História, como se poderia imaginar, em virtude de minha formação acadêmica e das diretrizes metodológicas do antigo projeto. Busquei o de Antropologia, ainda que a intenção original fosse a de investigar as origens do bairro e a importância social das mulheres em grupo. Acreditava que o estudo do “prestígio social”, admitindo-se que as mulheres o tivessem, por integrarem-se a um grupo da Terceira Idade e, exatamente por isso, por serem consideradas junto à comunidade como relacionadas ao início da formação da localidade, eram temáticas mais aproximadas à ciência antropológica.

O estudo da memória social, tão discutida nos encontros do projeto findado, fora identificado por mim como metodologia a ser adotada no novo projeto acadêmico. A memória social das idosas do grupo *Flor de Mangueira*. Tema que considerava apropriado à Antropologia. Na entrada da nova ciência, no decorrer do projeto, no processo gradual de investigação mais lenta, detida e com novas formulações teóricas, os rumos mudaram. Alguns, drasticamente. Outros, não. Descobertas foram postas de lado. Verdades, relativizadas. Transformação de saberes e de convicções.

Outros aspectos que me fizeram mudar os rumos da experiência com o grupo *Flor de Mangueira* foi que passei a tomar novas posturas em relação ao grupo. Não foram mudanças radicais. Nem imediatas. Passei a adotar lentas transformações de atitudes. Muitas, inclusive, aconteceram à minha revelia. Com o tempo, deixei de lado a função de condutor contumaz dos encontros semanais. Dantes proponente e professoral, aos poucos eu assumi a posição de *pesquisador-observador*, ainda que “ativo” em alguns momentos. Propus menos. Não sei se as participantes perceberam as mudanças. Ou se os seus efeitos marcaram as condutas das mulheres. O que sei que a condução dos instantes começou a me incomodar. Não queria ser condutor. A experiência mostrava-me que o que deveria pesquisar era a experiência das mulheres – embora soubesse que a experiência delas agora contava com minha presença. Foi difícil deixar de lado as minhas intervenções. A vontade era constante. Entretanto, acredito que soube resistir em não propor temas e em conduzir atividades de maneira constante e demasiada.

Com isso, os encontros ficaram mais “monótonos”, com menos novidades e menos atividades propositivas conduzidas por mim. O “campo”, em alguns instantes, se tornou repetitivo, pachorrento, enfadado. A vida é uma pachorra repetitiva. O processo foi longo, exaustivo. Dúvidas e desânimos perseguiram-me, constantemente. Privado das conduções, das formulações de conceitos e das propostas históricas ao grupo, que dantes eram levadas prontas para adaptação à realidade das mulheres e ao estudo do local, eu me senti menos notável, quase “dispensável”. Uma presença figurativa. Muitas vezes, cheguei a sentir que algumas mulheres - e os visitantes - questionavam minha presença no local. Questionamentos silenciosos, pois nunca fui interpelado. Mas, em alguns momentos, eu tive a impressão de que, às escondidas, se faziam inquirições relacionadas ao que eu de fato estaria fazendo no local. Seria um intruso? Um “à toa”?

Acredito que esses tenham sido os primeiros momentos em que passei a perceber que minha presença no grupo não era total e integralmente bem vinda. Percebi tensões. Ao longo do tempo tive algumas impressões nesse sentido. Sentia, ainda que em momentos esparsos, certo incômodo e indisposição nas mulheres com minha constante presença no grupo. Não sei bem se é totalmente congruente. Talvez sejam as costumeiras impressões vãs que costumam acompanhar os antropólogos. Se ninguém disse, digo eu, antropólogos são inseguros...

O lento processo de pesquisa

Não sei se é (ou se será) notória na leitura, mas a insegurança fez-se presente em muitos momentos da pesquisa – e da dissertação. Ao longo do tempo, eu tive a sensação permanente de que o que pesquisava nos encontros em grupo, quando formulado em texto acadêmico, não interessaria muito outras pessoas. Muitas vezes, sentia-me angustiado porque teria de descrever etnograficamente a experiência, sem saber ao certo o que iria efetivamente descrever de relativo aos encontros.

Outro aspecto é que minha participação em grupo aos poucos ganhava ares de mais “normais”. A imaginada falta de sentido em minha presença no encontro das mulheres, às vezes se manifestava devido a essa *normalidade*. Como se não estivesse mesmo fazendo nada. Sendo “normal”, por instantes que não foram poucos, tornei-me “apenas”

um *participante*. Inclusive, quando não podia me fazer presente no grupo, era “cobrado” por isso, como são cobradas as participantes que se ausentam.

Admito que o processo de pesquisa em “campo” fora arrastado, entrecortado e sempre incompleto. Por isso, reconheço, eu estranhei muito a demora da pesquisa. Achei-a longa e maçante. Além disso, tive dificuldade em entender que uma experiência vivida por mim em contato com as mulheres em atividades *à toa* e numa condição provisória, poderia ter algum sentido para outras pessoas. A minha experiência, com o tempo, aparentava não ser atraente aos outros, pois tinha como base mais ideias do que evocações de fatos – e os fatos eram arrastados, corriqueiros e nada extraordinários.

Porque a pesquisa deve ser estudada antropologicamente

De convicto, posso garantir que comportamento das mulheres em seus encontros semanais é celebratório. Sei da importância etnográfica desses tipos de encontros. Mas, não sei se as mulheres pensam o mesmo. Outra dificuldade de descrever a experiência é que acredito que as mulheres não ativam uma simbologia e uma interpretação metafórica às suas condutas. Por isso, muitas vezes, em “campo”, eu notei que a experiência era muito específica, só tinha sentido para mim. As mulheres também não aventam uma determinação causal ou um propósito prático em suas condutas. Todavia, para novamente contradizer-me, eu descobri no processo de investigação que o “nativo” não precisa e nem domina o mesmo conhecimento que o antropólogo possui. Descobri não, pois já sabia. Digamos que percebi melhor.

Minha conduta de etnógrafo, em relação ao texto, também sofrera transformações. Em muitos momentos, eu afinquei-me na crença de que poderia compor o relato daquilo que vi e acreditei compreender no processo, tentando traduzir a espontaneidade das mulheres em lógica interna da vida social. Um feito preponderante para elas, para mim e para a ciência antropológica. Também fui deixando de buscar o porquê e o para quê dos encontros celebratórios. Concentrei-me mais nas mudanças que percebia. Ao mesmo tempo, me aproximei das mulheres em relação às suas condições de seres sociais, condições que acarretam gestos, ações e mesmo disposições de humores.

No processo, eu percebi que as mulheres são motivadas por relações construídas por elas. No caso, relações construídas para, fundamentalmente, não se ligarem muito ao que estão extremamente vinculadas (às famílias). Trata-se de um paradoxo, pois o que as mulheres se prendem e tanto valorizam é a família. Contudo, nos momentos em grupo, o que efetivamente querem é desligar-se desse núcleo. Ao se percebê-las tão aproximadas às suas famílias, mesmo (ou talvez por isso) num desligamento provisório.

Um ponto relevante precisa ser retomado. No início do meu contato com o grupo, o que mesmo me interessava era o passado. Talvez seja pelo fato de ser historiador, “profissional do passado”. Todavia, à medida que conversava com as pessoas, eu percebi que o que as mulheres queriam mesmo era falar do presente. Nas conversas, o presente reina. Creio que foi isso que reforçou aspecto antropológico da pesquisa. Percebi a antropologia como “ofício do presente”. Ou seja, o presente que tem relação com o local, o que é vivido no cotidiano, nas resoluções imediatas, de relação com as necessidades diárias e, ao mesmo tempo, propenso às mudanças.

Enfim, talvez esse redirecionamento disciplinar tenha sido o primeiro “conflito” de minha pesquisa, o ponto mais notório em que percebi que pesquisas antropológicas têm uma lógica própria (ou não tem lógica alguma) que sempre escapam, muitas vezes, do interesse do pesquisador.

Pontos de reflexão

Nesse momento, seguem alguns pontos reflexivos. As divagações servem como complemento à pesquisa antropológica. Os pontos estarão sempre aproximados em afirmações de Bateson (2008). O intento é ajuntá-los, com citações do referido autor - que será textualmente mencionado - aliadas aos comportamentos das mulheres do grupo *Flor de Mangueira* que, se não estiverem devidamente aprofundados, nos capítulos seguintes, sem dúvida, merecerão tentativas de análises mais pormenorizadas.

1. As cerimônias do grupo

O que primeiro impressiona no grupo, ao visitante ou qualquer outro, é o fato de as mulheres quase sempre estarem vestidas como se não houvesse amanhã; como se fossem para um evento, uma festa. Enfim, como não se vestem em casa. É preciso que as posturas em grupo fiquem devidamente *diferenciadas* - e visíveis. Trata de um detalhe. Mas, um detalhe que serve para mostrar que as mulheres não querem ser vistas como são em família, nos momentos tidos por elas como nada cerimoniais.

2. Orgulho familiar e espírito de comunidade

Bateson, em outro momento, afirma que “no trabalho de campo, o antropólogo coleta detalhes de comportamento culturalmente padronizado. Grande parte desse material toma a forma de afirmações nativas *sobre* o comportamento” (2008: 88). O que se vê e se descreve tem relação com as afirmações dadas ao antropólogo por outras pessoas, que não são antropólogas. Mesmo que essas afirmações nem sempre fossem explícitas.

Então, o ofício antropológico é um ofício injurioso. Trata-se de um exercício de humildade e de investigação, onde a postura mais acertada é ser o menos opinativo possível. Menos incisivo e proponente possível. Vai-se atrás dos ditos dos outros, que precisam ser construídos e acoplados com outros, com situações sempre novas, transformativas; ditos claros, mas também incongruentes, em muitas e tantas vezes.

Bateson relata que “um aumento no orgulho familiar pode destruir a solidariedade da comunidade; ou, ainda, que a ênfase excessiva na solidariedade no seio da comunidade pode conduzir a guerras com outros povos e, portanto, à destruição do *status quo*” (2008: 94). Isso me interessa. A solidariedade, pedra cantada a céu aberto e motivo de orgulho nos encontros, é uma mão de via dupla. Ambivalente. Pode conduzir ao fortalecimento dos instantes em grupo, tornando-o uma agregação férrea de interesses comuns, a tal ponto que pode isolá-lo. No caso do grupo *Flor de Mangueira*, o isolamento é proposital. Por isso, os encontros são tênues. A vida “real”, menos cerimoniosa, precisa mesmo ocupar mais tempo na existência das mulheres.

Quanto ao que foi inicialmente posto por Bateson (2008) sobre o orgulho familiar que destrói as coisas relacionadas à solidariedade da comunidade, eu penso que as mulheres

investigadas sabem disso. Por isso, não contam muito as peripécias dos filhos e dos netos, não se arrebatam em prazeres explícitos e afoitos pelos feitos dos parentes próximos. Ao menos não manifestam isso em grupo. Sabem que o orgulho, se existir, deve ser experimentado em casa. Não deve ser levado ao grupo, pois muito provavelmente enfraqueceria os pactos por laços novos e construídos. Laços novos não aceitam a interferência de velhas práticas. Laços de rompimento com as imposições familiares. Assunto porvir, por expor em profusão ao longo da narrativa dissertativa.

3. A instituição familiar

A família é uma instituição muito ambígua. Muitas vezes, ajunta e separa os entes, ao mesmo tempo. Desde Shakespeare, sabe-se que não é incomum que o seio familiar seja palco de discórdias e de ódios acumulados. Deveras. Pessoas que vivem juntas quase nunca estão *em* grupo, embora quase sempre juntas, mesmo quando não necessariamente agrupadas. Nessa condição, a intimidade deveria ser incontestável. Mas, nem sempre é assim. O contrário também se manifesta. A intimidade familiar, que existe, nem sempre é normal, *natural*.

A noção de família, por outro lado, ao mesmo tempo em que serve para unir as pessoas, serve para apartar o homem de seu meio. Com isso, a família tornou-se a instituição responsável pelo sentido moderno de isolamento. O “sentimento da família”, de que trata Ariès, gerou no mundo moderno a formação de meios homogêneos (famílias fechadas), “protegidos contra a contaminação popular” (2011:196).

A valorização da instituição familiar, de maneira desmedida, se deu depois dos séculos XVI e XVII. Antes, no Ocidente, as pessoas viviam num mundo “público”, transparente; viviam num meio mais polimórfico, de maneira mais justaposta e em constante interação com o ambiente aberto, mesmo que em meio às desigualdades. De acordo com Ariès (2011), a nova sociedade familiar, de vida mais confinada, em espaços reservados, sôfrega pela uniformidade, talvez tenha sido a responsável pela formação de classes e pela intolerância diante da diversidade.

Pode-se afirmar, inclusive, que o alvorecer do “sentimento da família”, na modernidade, com a enfática valorização, pelo grupo de pais e de filhos da intimidade, possibilitou a formulação de uma quase explícita oposição à sociedade em geral. Ou seja, a família tornou-se um grupo de sujeitos sem ambição coletiva, vivendo em prol do bem-estar dos seus entes, apegada às suas necessidades imediatas, como conforto, sucesso, promoção, aconchego, proteção, satisfação, segurança, etc.

Nesse sentido, os padrões de comportamentos passam a ser marcados, caracteristicamente, por reservas. Muitas reservas. Intimidade e reserva ao mesmo tempo. Com isso, os conflitos geracionais se tornam mais comuns no ambiente familiar do que em outras instâncias; em família, os lados etários, muitas vezes, não se ajuntam. Pode até existir respeito entre pessoas do mesmo núcleo familiar, mas, o que predomina são os comportamentos contidos e restritos. Predominam também muitos entraves e poucas manifestações de carinho e de respeito.

Mirian Goldenberg, estudiosa dos laços sociais construídos na velhice, assevera em texto ao jornal “Folha de São Paulo” (“Amigas”, 26/02/2013) que, especialmente nessa época da vida, “os laços de amizade podem ser muito mais verdadeiros e sólidos do que os laços de sangue”. Para a antropóloga, a demanda das pessoas mais velhas por carinho, respeito e escuta é satisfeita, basicamente, pelas amigas.

Luiz Felipe Pondé, noutro texto da “Folha de São Paulo” (“Protocolos do afeto”, 19/09/2011), aponta os problemas da vida familiar moderna. O foco é a durabilidade dos vínculos. Não é incomum, para o autor, que a união familiar se transforme numa obrigação longa e dolorida entre pessoas que não fizeram escolhas de terem relações de afeição entre si. Trata-se de uma convivência determinada, forçada, criada em condições acidentais. Esse tipo de relação é frágil. Diante disso, não é de se admirar que, muitas vezes, o ambiente doméstico seja marcado pela constante irrupção de violência frente à banalidade de um dia após o outro dessa convivência forçada.

Ainda de acordo com Pondé, essa obrigação de manter uma relação que foi construída outrora, ocasional, sobre alicerces já remotos e que nos prende de maneira tão determinante, é uma marca indelével da condição da família ocidental. Uma condição

nossa, irremediável, mas que frequentemente correrá o risco de se dissolver frente o contato dissolúvel, diário, sôfrego (e diante das rugas incontornáveis ao longo da vida).

Diante disso, não é de assustar que as mulheres em grupo *Flor de Mangueira* tanto se apeguem entre si. O convívio não é permanente. Entre elas, não existem laços duradouros que, se existissem, talvez gerassem muitos desgastes. Quase também não existe relação familiar de sangue entre as participantes. Se existissem, talvez os conflitos se manifestassem de maneira mais constante e os momentos de reciprocidade talvez fossem menos frequentes.

Além disso, em casa os papéis estão postos. Guedes e Lima asseveram que a casa é o lugar onde “predomina o idioma da família nuclear” (2006: 143), onde, se é sempre neto, filho, pai, mãe... Ou, então, somente e nada mais que avó, o que as mulheres do grupo *Flor de Mangueira* não querem ser. Não afirmo que não querem ser “avós”, mas que não querem ser *somente avós*. Enfim, a casa é o lugar da convenção, do controle, onde os laços não são pautados pela necessidade de inovação ou mesmo pela força dos experimentos de amizade ou de descobrimento, por exemplo, de novas formas de vida.

4. Rompimentos nada drásticos

Deve-se ampliar a questão. Quando se está na situação de *em grupo*, não se fica totalmente imune às querelas, que não são raras. O espírito não é somente de concórdia. Em alguns instantes, eu percebi momentos de cisão, quando um grupo menor de duas ou três mulheres depreciava outra ou outras. Percebi comentários e “fococas” depreciativas. Entretanto, de modo geral, o que mais percebi foi à defesa enfática do sentimento prevalecente de colaboração entre as mulheres. Ou então talvez a vontade ilimitada de fazer as coisas juntas, de viver junto por pouco tempo, é o que torna o grupo tão apegado aos propósitos harmoniosos.

Para ser honesto, afirmo que a minha vivência prolongada e “monótona” com o grupo de mulheres, fez com que eu ficasse um pouco “distraído” e alheio em relação aos momentos de tensão e de conflito, como afirmado no início da dissertação. Percebi-os, mas de modo espasmódico, sem me atentar e me concentrar detalhadamente nas

tensões. Digamos que fiquei envolvido em demasia pelo “espírito” de vontade de concórdia e de harmonia que tanta impulsiona as mulheres.

Uma medida tomada pelas mulheres em grupo é muito interessante. O que reforço a constante referência ao espírito harmonioso no grupo. Sujeitas às inevitáveis querelas, por estarem em grupo, ainda assim se esforçam no desafio do caminho novo, na tentativa de serem “diferentes”. Somente assim acreditam que poderão tomar o posicionamento de contestação às convenções lhes impostas. Contestação em momentos curtos. As mulheres são cientes de que os momentos não se entenderão muito. Não se iludem entendendo-os como duradouro.

Entretanto, precisam se reunir, pois as regras impostas e conduzidas pela visão que acreditam que se costuma ter sobre as pessoas velhas (é para isso que se reúnem) precisam ser rompidas, para o que acreditam ser para o bem delas. Ao menos, momentânea e provisoriamente. Ademais, nos instantes não prolongados, recuados, os sujeitos costumam ter maiores disposições para rompimentos. As cisões que buscam não são de doutrinas elevadas ou definitivas. Confinadas aos momentos que não permanecerão por longo tempo, não buscam rompimentos drásticos. Ademais, não se consegue (talvez não se queira) romper de forma bruta.

5. Ainda sobre rompimentos com o espaço familiar

Deve-se voltar à ideia de “cerimônia” e sua função relativa à integração social. Sei que a explicação pela relação é complicada. Não combina com as interpretações atuais. Sei que a afirmação de que o encontro semanal das mulheres é uma cerimônia é controversa. Um conceito preso a preceitos e intentos. Uma afirmação mais “antropológica”. As mulheres nunca fizeram tal declaração – e a antropologia deve se pautar nos discursos dos “nativos”.

Aplicando essa teoria às cerimônias, pode-se afirmar, por exemplo, que as mulheres têm certas atitudes relacionadas ao rompimento com as visões dos outros sobre elas, visões que as coloca na situação de presas em seus espaços domésticos. Talvez seja esse o grande mote da dissertação. Não sei se sofrem com isso. Sei que buscam mesmo o

rompimento. Não pesquisei os espaços domésticos, não perguntei aos parentes, não investiguei as relações familiares. O que sei é parcial. Trata-se dos discursos delas. Mesmo assim, vagos e fugidios.

Ainda assim, posso conjecturar. Posso também fazer menção a outro trabalho, para refrescar as ideias e aproximar-me de outros autores e compreender a relevância do tema. Mostrar (talvez a mim) que não estou sozinho. O texto em questão tem relação com um trabalho de doutorado ⁴ que trata da experiência de mulheres velhas da classe média carioca que frequentam os concorridos bailes voltados às suas faixas etárias. A autora é a professora da UFRJ, Andréa Moraes Alves. Para Alves (2006), os bailes servem, dentre tantas coisas, como possibilidade de as mulheres se relacionarem com dançarinos mais jovens, e de camadas sociais mais modestas. Através dessa invenção de sentido às suas realidades, as mulheres sentem-se livres e, assim, constroem certa independência em relação à família, a casa – e em relação ao corpo também. Não trato exatamente disso em minha dissertação.

Contudo, as impressões da autora e seu foco investigativo, que são pertinentes à pesquisa que apresento, motivam-me sobremaneira, pois são aproximados à minha pesquisa. Ou seja, de mulheres velhas que fazem de tudo para não perder o que conquistaram - a possibilidade de viver uma vida “diferente” da de casa, ainda que em momentos específicos. Nesse sentido, o que as mulheres investigadas pela autora mais temem “em relação ao futuro é perder essa independência e isso viria necessariamente com a doença. A velhice representaria a volta ao isolamento doméstico e a perda de uma vida privada independente da casa” (Alves, 2006:88).

Observo que o comportamento das mulheres do grupo *Flor de Mangueira* elucida que elas buscam criar (deixar sonora e visivelmente exposto) um universo de atitudes contrapostas às da realidade mais alongada vivida em casa. Talvez por isso que suas posturas devam ser vistas como “cerimoniais”. Ou seja, voltadas à interpretação de papéis e, mais que isso, voltadas a demonstração dessa interpretação, dentro de um conjunto de atos vividos, em regras continuamente partilhadas.

⁴ O trabalho acadêmico (doutorado) da autora foi transformado em livro, numa versão resumida e modificada. O livro recebeu o título de *A Dama e o Cavalheiro – um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade* (Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004).

6. O *ethos* das mulheres velhas: a “juventude”

Não é visível porque, como sempre afirmo, eu pouco visitei os espaços domésticos das participantes do grupo *Flor de Mangueira*. Entretanto, posso asseverar que o contraste existente entre as posturas das mulheres em casa e onde se realiza o encontro é incontestável. O espaço do encontro é onde as mulheres conversam e, como um salão, um local de festa celebrativa; um espaço onde ficam à vontade e livres para usufruir da harmonia recíproca e da constante interação *inventada*. Nada disso parece ocorrer em casa. Ou se ocorre, acontece muito pouco.

Como a casa cerimonial (Bateson, 2008), o salão de baixo da Capela Santo Antônio, da Conferência São Vicente de Paula (apresentado na imagem abaixo) é também é um local de reunião, onde se dão muitos encontros de grupos da sociedade organizada do bairro, onde se organiza grande parte do trabalho cotidiano da vida das mulheres na do grupo. Os afazeres sociais costumam ter uma existência curta. A cultura dos momentos fugazes das mulheres é moldada pela ênfase delas no orgulho pelo *ethos* de acreditar-se pertencente a outro grupo de identificação que não apenas ao grupo familiar.

Quanto à percepção da vivacidade das reuniões interativas, é necessário adentrar no espaço. Aliás, sobre o salão e sobre a capela, Odete Ribeiro fez a seguinte declaração:

Quando eu estava coordenando, eu pedi para passar para o salão. As pessoas do grupo reclamavam de subir a escada. Embaixo é o salão da Conferência São Vicente de Paulo. Que reúne a turma da Conferência São Vicente de Paulo e o pessoal do posto de saúde. Em cima, salão da Igreja. Foi a Conferência que cedeu o terreno para a construção da Igreja. A Conferência permanece no local. A Igreja é ao lado e o salão em cima. O Santo que fica no salão é o São Vicente de Paulo, com a menina e menino; ta com o menino no colo e dando a mão à menina. O Santo Antônio só fica com menino no colo.



7. A expressividade *jovem* das mulheres

Em nossa sociedade, cada grupo geracional tem o seu próprio *ethos* consistente, que costuma contrastar com o dos outros grupos. Vivemos marcados (fisicamente) pelo grupo a qual pertencemos. Muitos não querem o que lhes reserva. Partem resolutos, por exemplo, para as cirurgias plásticas e para outras formas de postergar o tempo. Ou, então, partem para deixar pouco visível, nos corpos e rostos, a passagem do tempo.

Creio que a vida das mulheres é tranquila e sem ostentação, ao passo que em grupo é ruidosa, como é a vida dos homens iatmul investigados por Bateson (2008). Quando as mulheres participam do momento cerimonial, estão fazendo o que é estranho às normas da sua própria existência, mas que talvez seja normal para outros grupos, como o dos jovens. Por isso, pode-se vê-las adotando, nessas ocasiões, porções da cultura jovem, portando-se como consideram que agem os jovens.

Entrementes, que fique muito claro, a jovialidade não é o que as mulheres *em* grupo buscam alcançar. O que buscam é construir posturas que acreditam contrastar com as

visões que os familiares têm delas – e as posturas aproximadas às dos jovens são o grande diferencial em relação aos papéis cumpridos em casa.

8. Menção final ao *ethos* mulheres

Mencionou-se deveras o conceito de *ethos*, talvez sem explicá-lo bem. Fico com a sucinta menção de Bateson ao termo. O autor o considera como “o sistema de atitudes emocionais que determina qual valor uma comunidade atribuirá às varias satisfações ou insatisfações que os contextos da vida podem oferecer” (2008: 261).

Todavia, existem momentos em que se refreia o *ethos*, que a rigor não molda os comportamentos humanos. Alguns grupos não desenvolvem sentimentos – e posturas - que deveriam ser lhes atribuídos pela comunidade, em suas situações contextuais específicas. Fazem isso pela crença de que as atitudes emocionais não são típicas de seu grupo. Renegam o que acreditam não fazer parte de sua índole emocional. Percebem que a índole deve de ser apropriada pelos grupos de direto, a quem lhes pertence.

Entre as mulheres do grupo acontece uma situação insólita. Muitas consideram que o espírito brincalhão é pouco desenvolvido no cotidiano das vidas, de um modo geral, pela desvalorização e descrédito que se acreditam costumar atribuir-se a esses grupos etários. Ou então pela disseminada crença de que o espírito de galhardia não pertence aos velhos. Ainda assim, as mulheres tomam posturas na contramão de suas categorias etárias. Revertem. Fazem reapropriações adaptadas aos seus *ethos*.

Como as mulheres são velhas, as prendas sociais são mais fáceis de se romper. Não é uma regra, mas velhos costumam ser desapegados às convenções sociais. Embora, não se valorize ou se preste atenção a isso. Como existe maior condescendência com os velhos, maior aceitação de suas idiossincrasias, por exemplo, as mulheres do grupo, aproveitam-se bem da situação e jogam (como no bingo) as “pedras” de suas vidas em favor de seus caminhos, mesmo que em situações específicas e fugazes.

CAPÍTULO I

COMO VIVEM AS MULHERES DO GRUPO *FLOR DE MANGUEIRA*

Na dissertação, que tanta menção fará às casas das participantes do grupo *Flor de Mangueira*, talvez seja importante fazer algumas referências à situação familiar da maioria e de como se deu participação delas no grupo, além das suas visões sobre o grupo e sobre algumas das outras participantes. Tudo será apresentado na primeira pessoa do singular. Deve-se perceber que nos discursos, quando elaborados e organizados, ficam notórios alguns pontos que contradizem afirmações feitas ao longo dos encontros semanais, nas conversas soltas, como na evidente demonstração de tensão de uma participante com outra e de certa “mágoa” existente entre elas. Mas, o prevalecente será mesmo a valorização da postura harmônica, do tanto que elas gostam do grupo, além da recorrente manifestação do desejo de viverem uma experiência que difere substancialmente das experiências domésticas.

Após a apresentação dos depoimentos, seguirá o quadro contendo o nome de cada uma das entrevistadas, a data e o local de nascimento, além de informações referentes ao quanto de tempo cada uma mora na região, no Bairro Mangueiras ou no Vale do Jatobá. Seguem os depoimentos individualmente apresentados:

Argentina Coelho da Silva

Eu nasci em São Miguel. Aliás, eu morava em São Miguel, mas nasci em Nortinho, município de Tambacuri. É na roça, sô! Eu falo tudo errado, não sou de leitura, nem assinar eu sei. O meu pai era de outro tempo, não colocava menina na escola. Ele era pobre, não podia nem dar roupa pra gente. Eu até estudei “muncado” em São Miguel, mas não aprendi nada. Quando estudei, acho que já tinha uns 40 anos. Não tinha não, mas não aprendi nada...

Eu sou de 17 de dezembro, mas não sei o ano. Olha a minha identidade! Eu tenho [17/12/1942]. Não parece ter 70 anos? Eu tenho! Tá vendo. E eu sou a caçula de todos.

Nós somos 06 irmãos. Morreu “muncado”... Só tem eu, a Salvina, o Manoel e a Geralda, que é a mais velha que eu, quatro anos mais velha.

A Geralda, minha irmã, está no Espírito Santo afora. A Salvina mora em São Miguel; Manoel mora aqui. Eu moro com ele. A Geralda eu não sei se é viva. Não sei nem notícia dela. Eu moro na Vila Mangueiras, não sei quanto tempo tem. Estou com a cabeça bem ruim. Sei que tem muitos anos. Quando eu vim para cá, eu não estava nem com 40 anos. Os outros irmãos? Tem o Domingos, que não tem um ano que morreu. Além dele, tem a Maria, a mais velha, que morreu de câncer.

As mulheres [irmãs] são mais “pra frente” do que os homens. Eu não sou não. Elas conversam muito. Hoje eu converso com outros. Mas eu não conversava não. Eu tinha raiva demais. Tinha vergonha demais. Eu fiquei uns 06 anos com a Cristina [patroa com quem trabalhou]. Nesse tempo, eu não conversava com ninguém. Eles faziam festa e eu ficava no quartinho, assistindo televisão.

Eu vim morar aqui por que eu quis. Antes, eu morei com meu irmão no Bairro Bonsucesso. Eu saí de São Miguel e fui para a casa da Cristina, a minha antiga patroa, no Bairro Santa Amélia. Eu era empregada doméstica. Lavava roupa, essas coisas. Depois, ela não quis me pagar mais – e eu saí de lá sem receber nada. O menino dela “fuxicou” e eu saí de lá. Ela me chamou a atenção. Não gostei. Os meninos dela não me respeitavam e eu não aceitei. Eles me mandavam tomar naquele lugar...

Eu saí de lá e fui morar com meu irmão Manoel. Meu irmão morava no Bairro Bonsucesso. Depois, ele veio para o Mangueiras. Ele comprou um lote na Vila Mangueiras. Nessa época, Manoel já era viúvo. Deve ter uns 20 anos.

Como disse, quando saí da casa da Cristina, eu vim morar com meu irmão. Depois, eu arrumei um trabalho na casa da D. Graça. Mas, com o tempo, teve briga com D. Graça também. Ela me encheu a paciência. Eu falei para me mandar embora. Aí eu voltei de novo a morar com meu irmão.

Depois disso, eu não trabalhei mais para mais ninguém. Eu adoeci. Eu tomo remédio controlado – me deu muita dor. Eu sou aposentada, recebo um salariozinho. Se eu

morrer ninguém recebe. Sou solteira. Eu nunca casei. Moro eu e meu irmão. Só nós dois. Meu irmão é mais velho que eu. Tempos atrás, ele arranhou uma mulher. Mas a mulher morreu. Então, ele foi viúvo duas vezes. Viúvo não, pois com a segunda mulher ele não era casado. Ele foi casado com uma mulher do interior. A outra era uma “bruxa”, a que ele arranhou depois. Da minha cunhada, a do interior, eu gostava; dessa bruxa, não. A outra não. Ela ficava me chamando de piranha.

Por que vim para o Mangueiras? Não sei. Eu me acostumei com o povo daqui. Aí eu me acostumei. Não sentava perto de ninguém. Eu tinha vergonha. Um dia, eu tava andando e topei, acho, que com a Maria. Ela disse: “Argentina, vai no grupo?”. Eu vim num dia. Eles começaram a fazer palhaçada. Eu disse: “eu não vou ficar com eles, não!”. Mas eu não gostava de sair de casa.

Depois, fui me acostumando com o povo do grupo. Eu rio muito. A Marlene falava: “se vê essa menina hoje?”. Eu era igual bicho do mato – morava na roça. O povo da roça, todo mundo é caladinho. Acho que tem mais de 06 anos que participo do grupo. Tem muito tempo. Eu não sei não. Gosto demais! Eu não posso é fazer ginástica, por ordem dos médicos. Eu não posso. Fazer ginástica para estragar a vista? Eu não! Eu operei as vistas. Por isso estou de óculos escuros.

Gosto demais do grupo. O grupo me deu muita saúde. Eu não tinha saúde não...

Domingas Fernandes

Eu moro com minha filha, que está arrumando para casar. Tem uns 10 anos que eu moro no Bairro Mangueiras. Antes, morava no [Bairro] Petrópolis, aqui pertinho. Eu sou de Montes Claros. Vim para BH para morar na Pampulha. Eu morava com uma dona e sua família, que me criou e me “escadeirou”. Nosso Deus! Ela me espancou muito – eu até me esqueci disso. A minha mãe legítima não tinha condições; ela perdeu o juízo; meu pai batia nela, pisoteava. Essa mulher, Rosa, que era de Montes Claros, me pegou para criar. Mudou-se para Belo Horizonte e me trouxe com ela.

Eu fui muito agredida por essa mulher e por sua família. Nessa época, eu tinha uns 15 anos. Vim para Belo Horizonte quando eu era muito pequena. Eu fui criada por eles. Meu registro não tem nome de pai nem de mãe. Eles [a família que a criou] me batiam, tiravam sangue de mim. Me dava era vontade de morrer.

Eu tenho três filhas: Cleide Fernandes, que mora comigo; Cátia Sirlene, casada e que mora na Vila Pinho; Cleonice Fernandes, casada que mora no Cabana. Eu sou solteira. Os meus filhos são de uma pessoa que eu vivia. Quando eu fui ficar na companhia dessa pessoa – Osias Carneiro -, eu já tinha a Cátia. Ela tinha 08 meses.

Quando eu conheci o Osias, ele me prometeu “mundos e fundos”. Eu fiquei com ele muitos anos. Mas, ele arrumou outra mulher, me largou, quando eu já morava nesta casa. Esta casa era grandona. Ele dividiu a casa e ele veio morar “de parede” com a outra. Chamava ela de “amor” e eu não aguentava de sofrimento. Quando morava comigo, Osias amolava a faca e queria beber meu sangue. Ele me batia e quebrava os “trem” da casa. Quem separava as brigas era a Cleonice, a caçula que mora no Bairro Cabana. Ela casou com 18 anos. A Cleide, que tem 21 anos, é que vai casar em breve.

Atualmente, o meu ex mora na Vila Castanheira com essa mulher. Ele já tem um filho de 10 anos com ela. Ele queria voltar para mim, porque sabia que eu estava aposentada, recebendo meu dinheirinho. Eu apanhei demais – dinheiro eu não via. Não quero mais isso. Além disso, ele bebe demais...

Quando moramos no Petrópolis, antes de mudarmos para o Mangueiras, a casa era debaixo da antena. A nossa casa molhava muito. Ele [Osias] achou a casa e resolveu morar na casa do Mangueiras. Eu lutei muito para construir a casa. Mas, antes de morar no Petrópolis, eu morava no [Bairro] Vista Alegre com o meu marido. Do lado da casa, tinha um Centro Espírita; tinha muito barulho, macumba na minha porta. Aí eu comprei uma casa no Alto do Petrópolis. Na casa, a parede começou a rachar. Eu vendi lá e comprei essa aqui.

Eu arrumei um emprego e contei o que estava acontecendo comigo para a dona. Eu fui muito abusada. A mulher me amarrava, junto com o marido e o seu filho. Mas é aquela coisa, né, quem bate esquece, quem apanha não esquece. Eu não esqueço nunca. Eles

me queimavam de soda. O que ela achava, ela batia na gente. Me botavam dentro de um quarto sujo para lavar. Eu morava na Pampulha.

Eu tive um filho; fui trabalhar no Bairro das Indústrias, onde arrumei o emprego. Eu morei com ele muitos anos. Ele ia buscar o meu salário nesta casa em que trabalhava. Eu vivia em casa de detenção. Eu até arrumava emprego na casa. Eu tive a Cátia na casa de uma professora em que eu trabalhava no Bairro das Indústrias. Eu tomava conta dos meninos dela; ela me aceitou com a menina.

Gosto muito do bairro, do Mangueiras; gosto da região. Minha menina nem quer sair daqui quando casar. Eles estão falando que a gente ia sair; diz que uma rua vai passar onde está minha casa e as casas vizinhas, até lá na frente. Mas, eles não falaram mais nada. Acho que não vai ter nada disso.

Mas, não quero sair daqui. Não tenho boas condições físicas para morar noutra lugar, me acostumar com outro lugar. A minha coluna lombar dói muito. Eu tenho osteoporose, artrite nas mãos, entortou as mãos; tenho próteses nos dois joelhos, parafusos no pé. Minha cabeça é cheia de brechas, pois eu apanhei muito da mulher que me criou. Nessa época, não existia polícia. Ela não deixava eu sair de casa. Eu era a escrava da casa; eu era pequena.

O grupo foi minha salvação. Foi a Regina que me chamou para participar. Eu gosto do grupo. Eu não tenho do que reclamar do grupo. Elas [as participantes] mandam muita lembrancinha no meu aniversário. A gente fica conversando, conta a vida da gente. Gosto mesmo. No grupo, eu aqui fiquei tão feliz com o teatro; eu lembro até hoje. Eu não parava de rir. O grupo me trouxe muita paz, união e tranquilidade..

Eu vivia triste, vivia na choradeira, lembrando de tudo que acontecia comigo. Através do grupo, melhorei 100%. Sinto feliz no grupo. Como é bom viver a vida. Gosto das brincadeiras; gosto de trocar palavras. Jogar bingo que não é comigo. Eu sou evangélica; não gosto de jogar.

Eni Maria da Silva Freitas

Eu nasci em Belo Horizonte, no Bairro Floresta, na Rua Itajubá. Minha família morava, antes de eu nascer, noutra casa na mesma rua, mas que ficava no Bairro da Graça. Minha mãe teve todos os filhos em casa, os 09 filhos. Não foi ao hospital, não. Todos os meus irmãos moram no Vale do Jatobá – só uma mora em Santo Antônio do Amparo e outra em Betim. Eu vim para o Vale do Jatobá em 1968. O lugar era muito diferente do que é hoje. Não tinha asfalto, luz, nada disso. Era só de casas populares. O lugar não tinha água ou luz. Nós somos a terceira família a vir mora no Vale do Jatobá. Não tinha nada; era só mato, fazenda e curral, essas coisas.

O local chamava Conjunto Habitacional Vale do Jatobá, da COHAB. A gente pagava aluguel, morava no Bairro das Graças, na Rua Silveira. Aí, saiu à inscrição para casa popular. Meu pai tinha feito a inscrição – fez também para o Coração Eucarístico, numa antiga vilinha. Mas saiu primeiro para o Vale do Jatobá. Aí, no viemos para cá. Foi em 27/01/1968.

Na região, não tinha nada, nem comércio, nada. Papai tinha de comprar as coisas no Barreiro. Depois de um ano, fizeram uma mercearia, pois não tinha nada, nada no Vale. Mas até que o desenvolvimento comercial do Vale foi rápido, no centro comercial.

Eu estudei no SESI do Vale do Jatobá, com a coordenação das irmãs de caridade – o SESI era coordenado pelas irmãs. Eu estudei até a 5ª série. Depois, eu fui casar; eu parei de estudar. Eu fui Rainha do time de futebol; fui também Miss Vale do Jatobá; eu ganhava todos os concursos e quadrilhas. Todos os concursos, eu ganhava. Eu não dava chances para os outros, não.

Eu me casei em 1977. A família do meu marido morava (e mora) no Vale do Jatobá. Eles vieram na mesma condição da gente – mas vieram do Alto dos Pinheiros. Eu tive dois filhos, o Davidson da Silva Freitas, de 39 anos e a Djenani Silva de Freitas, de 36 anos. A Djenani morava sozinha, mas teve um acidente gravíssimo e, atualmente, mora comigo. O Davidson é casado, mas mora no Vale, na Rua Paulo Alves, antiga Rua 240. Ele tem uma filhinha. O nome do meu marido? Luiz Sérgio de Freitas.

Eu comecei a participar do grupo por convite. Minhas irmãs participavam (a Dirce ainda participa). Elas começaram primeiro. Aí elas me chamaram para ir, né? Esse ano faz 07 anos que eu participo do grupo. Eu fui gostando, participando, ajudando no grupo, participando das coisas. A coordenadora de quando eu entrei era a da Marlene, a vice era a Maria. No tempo da Marlene, tinha mais atividade no grupo – a Odete [atual coordenadora] não gosta muito disso. Ela fala que tem medo de levar as mulheres para viajar, para passear...

Eu sempre gostei do grupo. Quando não vou, eu sinto muita falta – é horrível. O grupo é o modo da gente se livrar das tensões da vida, se livrar dos problemas. A gente distrai muito com as brincadeiras. É muito bom. Todas as mulheres são iguais. Tudo é dona de casa, igual a gente, né?

Dirce Maria da Silva

Eu sou irmã da Eni de Freitas. Tenho 66 anos. Quando eu vim para o Vale do Jatobá (moro perto do Jatobá IV) eu já estava casada. Vim do Jardim América, mais ou menos no ano de 1970. Não lembro direito. Vim para morar no lote de meu pai, na antiga Rua 240 (atual Paulo Alves Vasconcelos). Eu moro na mesma casa, no mesmo lote que pertencia ao meu pai. Eu o meu marido construímos ao lado da casa de minha família. O bairro não tinha pavimentação, nem nada. Depois que asfaltou a rua é que se fez o Bairro Jatobá IV. Aliás, a entrada de minha casa pertence ao Jatobá IV, mas eu moro no Vale do Jatobá. Eu sempre morei nesse lugar desde que me mudei para a região.

Quando eu casei, em 18/09/65, eu morei no Bairro Concórdia. Depois, fui para o Jardim América. Em 1970, mais ou menos, eu me mudei para o lote de meu pai, no Vale do Jatobá, que morava a pouco no bairro. Eu tive 05 filhos. O William da Silva Cardoso (45 anos), a Solange da Silva Cardoso (44 anos), o Wilton da Silva Cardoso, de 43 anos; o Alexandre da Silva Cardoso, de 39 anos e o Olímpio Cardoso da Silva Júnior, que, aliás, tem o mesmo nome do pai, Olímpio da Silva Cardoso Neto. Todos os meus filhos são casados – 02 moram no Vale do Jatobá, 01 em Neves, 01 em Contagem e 01 no Conjunto Solar (região do Barreiro). Eu moro sozinha com meu marido.

Eu comecei a participar do grupo logo no início. Eu sou a tesoureira há uns 03 anos, desde que a Odete assumiu a coordenação. Eu adoro o grupo. Não gosto de faltar dos encontros de jeito nenhum. Gosto das pessoas; gosto muito de passear, de ajudar em tudo. Fui eu que incentivei a Eni, minha irmã, a participar, pois eu já conhecia outros grupos, como no SESI e no Tirol, onde eu já havia participado antes de participar do grupo Flor de Mangueira.

Margareth Dionísia Costa Branco

Eu nasci em 14/12/66, em Belo Horizonte; eu nasci no Bairro Santa Efigênia. Eu fui para o Vale do Jatobá quando o bairro foi fundado. Eu era muito pequena. Meus pais foram os primeiros moradores do Vale.

Eu morei até os 20 anos de idade no Vale do Jatobá. Depois que me casei, eu fui morar no Bairro das Indústrias. Fiquei lá aproximadamente por 10 anos – era na Vila São Paulo. Depois, voltei para o Vale e fui morar numa casa perto de minha mãe. Retornei para o Vale e morei nessa outra casa por aproximadamente 09 anos. A casa era muito próxima da casa de minha mãe. Depois, eu me mudei para o Bairro Mangueiras, onde moro há uns 4 anos.

Eu tenho 03 filhos: o Gustavo, de 24 anos; a Gabriela, de 21 anos; o Gabriel, de 09 anos. O meu marido, o Nilson, eu conheci quando eu passava férias na casa de minha avó, que morava na Vila São Paulo. O Nilson era amigo dos meus primos. O meu esposo é coordenador do presídio de menores infratores que fica no Horto.

Eu sou aposentada. Era escritã da Polícia Civil. Mas eu rompi o tendão. Eu tive LER e aposentei. Quer dizer, a aposentadoria ainda não saiu. Mas saiu o laudo considerando afastamento preliminar desde março de 2005.

A minha história no grupo? Na vida da gente, você sabe, a gente passa por um monte de luta, né? Por isso, eu sempre quis fazer trabalho social com a “melhor idade”. Eu conheci a Marlene [antiga coordenadora do grupo], num salão no Bairro Mangueiras.

Ela me convidou para participar do grupo. Eu fui e me apaixonei. Isso foi mais ou menos em 2009.

Eu me apaixonei com as “meninas” e com o grupo das participantes. O grupo se encontrava no salão de cima da igreja. Você chegou a frequentar lá? Eu comecei a participar no Mangueiras e no Vale do Jatobá. Mas, com o tempo, eu fiquei só no Mangueiras. O grupo do Vale tem patrocínio com a Prefeitura. Por isso, eles têm mais passeios. No Mangueiras não tem. Fica mais difícil. Mas, eu gostei mesmo foi do Flor de Mangueira. Acho o grupo mais alegre, mais espontâneo. Você ri, conta piada... É muito bom. O grupo do Vale é mais, como se diz... Rígido. O pessoal fica só sentado.

Eu me encantei com o grupo Flor de Mangueira, com o Sr. José e Maria José. Eu inclusive entrei com eles no casamento deles no Via Shopping. Lembra? A Odete, eu adoro ela. Ela tem muito carinho pelo grupo. Ela providencia a prenda e tudo. Tem a Eni, né? Ela é muito divertida! A gente ri e tudo. Eu me sinto muito feliz no grupo. Ah, sabe o que eu mais gostei? Eu amei participar do teatro. A gente tem que fazer mais, né? O pessoal se sentiu livre através do teatro.

Maria Alves Sales

Eu nasci em Limeira, que pertence a Teófilo Otoni. Eu vim para BH quando tinha 20 anos e pouco. Eu vim com o pai e com a mãe. Vim para trabalhar. Aqui, minha mãe deu febre meningite e morreu. O meu pai voltou para Teófilo Otoni e morreu lá. Ele teve câncer no nariz. Deu um caroço. Ele coçou, coçou até que quebrou o nariz. Dizia ele que era espinha. Então, eu fiquei sozinha, “caçando” homem, pois já era viúva.

O meu irmão ficou em Teófilo Otoni. Depois ele foi para o Rio de Janeiro. Isso tem muitos anos. Minha mãe teve 05 filhos, só um homem. Esse que foi para o Rio. Ele ficou em Teófilo Otoni, quando viemos para cá. Depois foi para o Rio e hoje ainda está lá. Mas, tem muitos anos que não vejo ele.

Eu me casei em Teófilo Otoni, mas hoje estou viúva. Quando vim trabalhar em Belo Horizonte, eu já era viúva. Eu tinha vinte e poucos anos quando vim para BH. Já era viúva e tinha 03 filhos. Eu vim com eles. Eles eram novinhos, bem pequenos. Hoje eles são casados. Aliás, casados não. Dois deles são “amarrados”. A Maria Cláudia e a Dalva Sales. Uma mora no [Bairro] Itaipu e outra mora aqui mesmo no Mangueiras. O outro, que era casado (mas já havia se separado) chamava-se Geraldo Sales. Ele morreu de cirrose. Ele bebia muito. Tem quatro anos que ele morreu.

Quando vim para Belo Horizonte, eu fui morar no Bairro Regina. Morei cinco anos no Regina. Na época, eu já era viúva, Graças a Deus. O nome do meu marido? Era Manuel. O nome todo eu esqueci. São muitos anos, né? Ele morreu em Teófilo Otoni, lá mesmo... Quando vim para cá, eu fiquei uns tempos por aí, né? Não conhecia ninguém. Foi quando a Conferência do Lindeia, do Regina, arrumou um serviço para mim na Prefeitura. Mas, me deu um problema de pressão alta e eu não aguentei trabalhar mais. Eu trabalhei por pouco tempo - dois anos, acho. Aí, eles me aposentaram – primeiro encostou e depois aposentei.

Depois de morar no Regina, eu morei por cinco anos no Tirol. Depois foi que eu me mudei para aqui. Tem 34 anos que moro aqui no Mangueiras. Eu me mudei para cá, porque eu morava com uma dona no Tirol. Morava de favor. Mas, eu ganhei um pedacinho de terra, porque trabalhava na Prefeitura como gari. Eu me aposentei por invalidez. Quem fez a minha casinha foi a Conferência São Vicente de Paulo. Tem tantos anos, né? Quando vim para cá, eu já era aposentada. Tinha um ano e pouco, mas já era aposentada.

Eu sempre morei no mesmo lugar no Mangueiras. Depois eu vou te levar lá em casa. Hoje, não. Não posso, pois estou ajudando a dona a tomar conta da lojinha dela. Eu não estudei quase nada; não aprendi nada. Na roça, o serviço não deixava. Tinha de olhar os meninos da minha mãe. Não estudei não. Não sei ler, não sei nada.

Têm uns quatro anos que eu comecei a participar do grupo. Comecei a participar porque o meu menino morreu. Ele morava comigo. Ele já era separado. Ele morava comigo tinha uns três anos. Quando ele morreu, me dava muita saudade. Muita mesmo. Aliás, dá até hoje. É muito triste... Não tem um dia que eu não lembro dele. Eu me dava

muito bem com ele. Nosso Deus! É ruim demais. Tem dia que me dá uma saudade danada. Só Deus.

Eu fiquei com muita depressão com a morte dele. Foi a D. Cilinha, vendo a minha tristeza, que me chamou para participar do grupo. Ela falava comigo: “lá você distrai”. Eu fui e gostei. Eu gosto demais. A Odete é muito boa. A Marlene também. Gosto muito. Eu fui para o grupo para melhorar a minha situação. Eu “entreti” com as mulheres e aí acabou a tristeza. Quer dizer, não acabou a paixão dele [do filho]. Eu lembro dele todos os dias.

Participar do grupo, fez com que eu esquecesse a situação. Eu não tenho de que reclamar. A Odete é boa demais! O grupo serve para me conformar. Eu ainda lembro dele [do filho]. A gente ver a pessoa morrer e não voltar mais é a coisa mais triste do mundo. Mas, no grupo, eu me sinto mais conformada.

Eu moro sozinha. É difícil demais morar sozinha. Ou melhor, morar com Deus. Mas, é difícil demais, né? O grupo serve, porque lá a gente tem companhia. Para você vê como são as coisas, eu faltei dois dias [do grupo] e já sinto muita falta.

Maria José Silva

Eu nasci no Vale do Jequitinhonha, numa cidade chamada Pedra Azul. Mas fui criada mesmo na cidade de Jequitinhonha. Quantos anos que tenho? Eu não importo de falar a idade – eu nasci em 13/08/1947. Tenho então 65 anos. Eu morei em Jequitinhonha até meus 20 anos. Depois, eu fui para São Paulo para trabalhar. Eu já conhecia São Paulo, onde eu tinha alguns parentes e amigos. Eu fui morar com amigos.

Mas eu também morava no emprego. Eu fui babá, baby sister, governanta. Eu trabalhava à noite. Por isso, morava nas casas em que trabalhava. Eu já te contei que eu trabalhei para a família do Raí, jogador de futebol, irmão do Sócrates? Já né? Morei também um tempo com uns sobrinhos. Ao todo, eu morei 28 anos em São Paulo.

Depois, saí de São Paulo e vim morar em Contagem, no bairro Água Branca. Quer dizer, ficava indo e vindo, de São Paulo para Contagem, pois tinha de ajudar uma amiga doente de São Paulo. Me fixei no Água Branca por um ano. Eu fui obrigada a vir, pois eu me aposentei por invalidez. Eu não tinha condições físicas para trabalhar, pois sou deficiente. Você já reparou que eu sou deficiente? Quando eu era jovem eu não sentia, mas, à medida que envelhecia, passei a sentir muitas dores pelo dor, na coluna principalmente. Eu tenho má formação congênita. Parece que meu osso daqui [da região da cintura] estava fora do lugar quando eu nasci e assim ficou. Se fossem nos dias atuais, teriam como consertar esse defeito físico. Por isso, cuidar de criança ficou muito complicado... Mas, eu não gostava de Belo Horizonte não. O povo é muito parado. Eu amo São Paulo. As pessoas aqui são muito sossegadas. O povo é muito devagar. Entra no ônibus devagar e ainda vai pegar o dinheiro da passagem. Eu corro muito. Sou mais prática, mais agitada. Aqui é muito calmo. Mas, eu hoje gosto daqui. Criei raízes aqui e não vou mais para São Paulo.

Depois do Água Branca, eu vim morar no Mangueiras. Por que o Mangueiras? O meu irmão tinha um terreno aqui, um lote, com uma casa na frente. Ele me deixou construir nos fundos uma casinha para eu morar e já tem 16 anos que moro na casa que construí – e que fui reformando aos poucos.

Na casa, quando vim morar na condição de casada, eu fiz um puxadinho. A casa só tinha 02 cômodos quando eu morava sozinha. Eu morei assim por alguns anos. Quando nos unimos, nós fomos morar em Azurita, perto de Mateus Leme. Conhece? Ficamos por lá alguns anos. Depois, eu voltei e aumentei a casa, construí mais cômodos. Eu pedi o meu irmão e ele deixou.

Eu conheci ele [o marido, José Assis Almeida] em 2001. Estamos juntos desde 2001. Onde nos conhecemos? Foi na Estação Eldorado. Você acredita? Eu estava lá e ele chegou para mim todo atrevido. Ele é muito mulherengo. No dia, não dei muita confiança. Eu fui viajar e quando voltei liguei para ele – e estamos juntos até hoje. Eu não tinha intenção de casar, mas casamos em 2010. Você foi né? Casamos no Via Shopping, numa cerimônia de casamento comunitário. Lembra? Eu nunca pensei em casar. Uma vez, até fomos ao cartório para olhar, mas o casamento é muito caro.

Nossa! Eu escutei no rádio sobre casamento comunitário e fui lá para fazer inscrição. No final, 50 casais foram selecionados e eles escolheram 20 casais.

Deve ter uns 04 anos que participamos do grupo. A mãe de minha cabeleireira sempre me convidava para ir. Ela sempre dizia: “vai lá Zezé, vai lá Zezé!”. Antes, o grupo era muito cheio. Tinha uma 50 e tantas pessoas. A mãe de minha cabeleireira participava, mas hoje não participa mais. Eu fui e gostei. Sempre participei e fui assídua. Gosto de ir pela convivência com as pessoas, onde fiz muitas amizades. Gosto também para preencher uma tarde de quarta-feira. Acho o grupo muito bom. Sempre vou com o Neném [o marido]. Aliás, eu gosto muito de ir também por causa dele. Eu sou mais do que sua esposa, sou amante, namorada, enfermeira, acompanhante... Vivemos só nos dois juntos. Eu não deixo ele sozinho para nada, pois se deixar, ele faz muita “arte”.

Maria Madalena da Silva

Eu sou de Carandaí, conhece? Me casei com 18 anos, em Carandaí. O meu marido era de lá. Eu casei e logo vim para Belo Horizonte. Morei no Bairro Betânia, de aluguel. Depois, meu marido comprou um lote no Bairro Industrial (Contagem), onde construímos um barracão. Fomos morar lá. Dez anos depois de casada, o meu marido morreu de acidente na Mannesmann, onde ele trabalhava. Foi muito triste. Os meus meninos ainda eram muito pequenos. Com isso, eu tive de voltar para Carandaí.

O meu marido morreu de acidente de trabalho há quase quarenta anos. Eu lembro da data porque minha filha estava com um ano e pouco – hoje ela tem 42 anos. Ele morreu com 36 anos. Na época, eu tive de correr atrás para receber os meus direitos. Mas, foi muito difícil. Não tinha convênio. Médico era só através do Posto de Saúde. Depois que a minha filha estava com 14 anos é que consegui o convênio médico. Ela, então, quase que não se beneficiou, né? Foi o meu cunhado que mexeu com as coisas. Não havia como eu fazer nada. Além disso, os meus filhos eram todos muito pequenos. Meu cunhado recorreu e, com muito custo, acabou conseguindo. Mas, eu recebo muito pouco hoje em dia - são só R\$ 532,00 por mês. Antigamente era mais. Hoje é muito pouco, né? Não sei por que é tão pouco. Será que tem como saber disso?

Eu morei em Carandaí com meus filhos até eles ficarem de “maior”. Eu tenho cinco filhos. Eles voltaram a Belo Horizonte (ou melhor, a Contagem) para trabalhar e ficaram morando de favor na casa do meu irmão, no Bairro Industrial. Vieram aos poucos para arrumar trabalho. Como fiquei sozinha, eu acabei e voltei para Belo Horizonte atrás deles. Foi nessa época em que vim morar no Bairro Mangueiras. Como vim para aqui? Eu vendi para o meu irmão um terreno que eu tinha em Carandaí e com o dinheiro comprei a casa onde moro até hoje. Foi a casa que encontrei – que meu dinheiro dava para comprar. Tem 19 anos que moro aqui no Mangueiras. Eu gosto muito do bairro.

Atualmente, eu moro com um filho, o Ilton da Silva e com um neto, filho do Ilton, o Michael Douglas. Os meus outros filhos são casados. Dois deles moram no mesmo lote onde eu moro, com suas famílias, o Breno Augusto mora nos fundos e a Maria Aparecida mora na casa da frente. Eles moram com suas famílias. Outra filha, a Silvana da Silva, mora no Bairro Novo Santa Cecília. É aqui perto; dá até par ir a pé à sua casa. O outro filho, o Wilson da Silva, mora mais longe. Esqueci o nome do bairro onde ele mora, mas sei que é para os lados da Pampulha...

Eu participo do grupo desde quando o grupo começou. Eu devo ter perdido apenas um mês, desde que começou o grupo. Foi uma vizinha que me chamou para participar. O nome dela? Maria Isabel. Eu fui e gostei. A Maria Isabel não participa mais do grupo, mas eu continuo. Nunca deixei de ir. Ela não participa mais por motivo de doença. O marido dela também participava, mas não vai mais. Eles têm problemas de saúde.

Quando comecei a participar do grupo, a coordenadora era a Marlene. Tinha também a Maria. Você conheceu a Maria? Eu sempre gostei do grupo, a vida toda. As brincadeiras das mulheres fazem a gente se divertir, fazem a gente rir muito, apesar de eu ser mais calada. Mas, eu gosto muito das brincadeiras, gosto da alegria delas. Eu sempre participei, eu sempre estou presente no grupo.

Marisa Helena Maciel dos Santos

Eu nasci em Belo Horizonte mesmo. Atualmente moro sozinha, pois sou viúva. Mas, tenho 02 filhos, que são casados, o Leonardo Augusto Maciel dos Santos, que nasceu em 25/09/77 e o Paulo Henrique Maciel dos Santos, de 10/02/72. O Leonardo mora no [Bairro] Milionários. Ele morava pertinho de casa, no Vale, mas mudou-se. Tem um ano e meio que ele mudou. O Paulo mora na Escócia há mais de 09 anos.

Eu nasci no Bairro Caiçara. Minha mãe, que morreu com 95 anos, recentemente, é nascida em Belo Horizonte. Ela nasceu no Bairro Bonfim e depois foi para o Carlos Prates, onde eu nasci. Minha mãe deu Alzheimer. Ela não conhecia mais a gente. Aos finais de semanas todo mundo ia à sua casa, principalmente quando meu pai era vivo. Ele morreu tem uns 04 anos. Meu pai fazia questão da presença de todos na casa. Fazia questão de reunir a família. Depois que ele morreu, diminuiu bastante.

Lá em casa, éramos 10 irmãos. Atualmente somos em número de nove. Um irmão morreu. Todos nasceram no Carlos Prates. Hoje só tem uma irmã que mora na casa que nós nascemos – ela é solteira. Eu continuo indo para lá (eu e outra irmã) todos os finais de semana, como fazia antes de minha mãe morrer. Muitos dos irmãos foram deixando de ir aos poucos, porque minha mãe teve Alzheimer. Ela não lembrava mais da gente. Muitos dos meus irmãos, os homens principalmente, falavam: “pra que ir lá, se ela não reconhece a gente?”. Eu sempre falei que o que importa é que a gente reconhece ela. Eu vou ainda à casa aos finais de semana para ajudar a minha irmã, pois ela é caderante. Ela é mais nova do que eu 6 anos. Os outros irmãos moram em Belo Horizonte, em bairros diferentes.

Eu morei no Carlos Prates até me casar, com 20 anos. Depois de casada, eu fiquei morando perto da casa de minha mãe por 03 anos, pagando aluguel. Meu filho mais velho nasceu nessa época. Ele nasceu no Carlos Prates. Depois, o meu marido comprou uma casa no Vale do Jatobá, onde moro até hoje. Eu me mudei para o Vale em 1975. Por que vim para o Vale? Um amigo de meu marido comprou uma casa no Vale e falou para o meu marido sobre uma casa que ele viu à venda. Meu marido foi e comprou a casa. Foi o que deu para comprar. Mas, eu não gostava do Vale não. Tudo era muito precário; melhorou 100%. A casa que compramos estava toda estragada; o antigo dono morava sozinho, bebia muito. Ele era muito descuidado. A casa era um

matagal na frente que era de assustar; era uma parede preta. Eu tive uma impressão horrível de lá. Não gostei de jeito nenhum.

Hoje eu gosto do Vale, mesmo sendo um bairro de ruas apertadas. O povo fala que ali foi construído somente para se ter carroça e bicicleta. Mas, a minha rua é larga. Mas, quem nasceu no Carlos Prates nem pode comparar com o Vale, né? Ainda assim, me acostumei com o bairro, com os vizinhos e tal – mesmo que eu não seja muito de sair de casa; não gosto de ficar de conversa com os vizinhos. Mas, gosto do lugar; gosto de minha casa, que está toda construída. De qualquer forma, deve-se dar graças a Deus que foi o que eu consegui comprar. Para você ver, o meu filho ainda mora de aluguel. Não consegui comprar uma casa para ele até hoje!

Meu marido trabalhava na TV Itacolomi. Ele era operador. Depois, ele foi para a TV Alterosa. Ele trabalhava na parte técnica. Se ele ganhava muito? Xiii... Na TV é assim, quem não aparece não é bem remunerado. Depois, ele foi operador de áudio, de som... Melhorou um pouquinho, mas nada demais. Mas, a pensão que ele deixou para mim ajuda bem. Ainda mais agora que eu estou sozinha. Não tenho tanta despesa.

O meu marido morreu em 2000. Ele morreu de câncer de próstata. Foi muito triste. Ele tinha 58 anos, era cheio de vida. Ele viveu 05 anos desde que descobriu a doença. Fez a cirurgia, mas deu metástase e a doença passou para os ossos. O nome dele era Antônio André dos Santos. Ele ficou os últimos dois anos numa cadeira de rodas. Antes de ir para a cadeira de rodas, ele era muito otimista, acreditava que melhoraria. Mas, depois, entrou em depressão. Ele era muito bom, não teve nada que me magoasse. A gente viveu 32 anos juntos. O sonho dele era que a gente vivesse a velhice juntos.

Deve ter uns 04 anos que eu participo do grupo. Comecei a participar na época da Marlene. Eu acho que foi a Eni que me chamou e que me falou do grupo. Eu já conhecia a Eni dos encontros do grupo de oração. Eu gosto muito do grupo. No Vale tem. Você sabe, né? Reúne naquela igreja perto de casa. Mas, eu não gosto do grupo do Vale não, mesmo sendo perto de casa. O grupo delas é só das velhas do Vale do Jatobá. Não gosto de “trem” de velho. Eu gosto do grupo do Mangueiras, a gente bate papo, conversa a toa. A Eni e as outras com aquelas risadas, falando besteiras.

Gosto demais da amizade entre as mulheres do grupo. Acho até que é isso que marca o grupo, o que é mais marcante. Ninguém é de ficar frequentando a casa dos outros. Mas no momento do grupo, a amizade é muito importante. É uma amizade verdadeira. Ali é que importa. O grupo é lugar de descontrair. Cada uma fala o que quer, dentro dos limites, claro. Mas eu gosto mais é de ouvir. Gosto de ficar no meu canto. Aqui é que eu estou falando, pois você me pediu para falar, né?

O grupo também serve para a gente sair da rotina, descansar a cabeça. Pois minha rotina é agitada. Eu sou costureira, mas faço só conserto; faço lá em casa mesmo. Não faço mais serviços pesados, pois tive problemas de coluna cervical. O dia inteiro é gente chamando. As pessoas me conhecem, sabem que faço consertos de roupas. Eu não posso ficar parada, não. Eu até tinha o meu neto que morava perto de casa, mas meu filho mudou. Como disse, a casa dele estava muito ruim. Ele achou um apartamento no Milionários, um apartamento muito bom e mais barato do que o que ele pagava de aluguel no Vale. Mas ele não gosta apartamento não...

Mas, o que eu gosto mesmo é de passear. Eu já fui para Caldas Novas, Trindade, Furnas e tantos outros lugares. Tudo com o pessoal do Eldorado e com o pessoal do Vale. Eu viajo sempre com a Nely. Eu também gosto desses passeios que são de um dia.

Maria Auxiliadora Gonçalves Soares (Dorinha)

Eu vim para o Bairro Vale do Jatobá, em 1982, na época da Copa, em junho. Eu nasci em Itabirito, cresci e fui criada lá. Me casei em Itabirito. Saí de lá, logo depois que me casei. O meu marido nasceu em São Paulo. Mas, veio para Minas muito cedo. Ele morava em Belo Horizonte, no Bairro Caiçara. Eu ia jogar bola em Itabirito toda semana. Ele jogava num time de lá. Ele ia sempre à cidade, toda semana. O time dava o dinheiro da passagem para ele.

Nos conhecemos e namoramos por 06 anos. Foram 06 de namoro e 03 de noivado. Me casei em 1976 e fui morar no Bairro Caiçara, onde morei por 06 anos, até que compramos o apartamento aqui do Vale. Eu sempre morei no apartamento. Quando

entregaram a chave do conjunto, foi quando eu me mudei para cá. Não tinha disso, não. Era só mato. Depois, fizeram essa Vila Santa Rita. Só tinha 02 supermercados. Eu tenho 02 filhos. O Rodrigo Gonçalves Soares, de 34 anos e o Robson Gonçalves Soares, de 32 anos. Eles moram em Itabirito. Foram morar sozinhos em Itabirito, ainda solteiros. Casaram por lá e tem filhos. Atualmente, eu moro sozinha com o meu marido, Alfredo Soares. Eu perdi a mãe recentemente. Ela estava muito doente. O meu pai morreu há muito tempo, há uns 18 anos.

Sobre o grupo? Eu não lembro quando comecei a participar. A Eni é que me chamou. Eu gosto muito das pessoas, de tudo, principalmente da Odete. Ela é muita gente boa. Quando comecei a participar, a coordenadora era a Marlene – a vice era a Maria. Tem uns 04 anos que participo do grupo. As pessoas são muito humildes, muito gente boa.

Maria de Lourdes Conceição

Eu moro aqui há 44 anos. Vim de Crucilândia e fui morar em Contagem. Depois, fui morar no Tirol, na Vila Marieta. Perto do Olaria. Sabe onde é? Eu morei em vários lugares antes de morar no Mangueiras. Eu gosto muito do Mangueiras. Só saio daqui quando eu morrer. Como vim para cá? Ora, meu marido trocou a casa nossa a troco de umas vacas, sem falar nada com ninguém. Ele era assim mesmo – não era de conversa. Ele vendeu as vacas e comprou aqui. Quando eu fiquei sabendo, ela já tinha construído o barraco aqui. Ele era assim “puscôco”; ele bebia, era ignorante.

Quando eu mudei para cá não tinha nada. Era capoeira (mato) pura. Era tudo escuro dentro de casa. Não tinha energia elétrica, nada; não tinha água de cisterna; banheiro era fossa. A água aqui era pura e limpa. A gente carregava para casa. De uns 30 anos para cá que puseram água encanada – não tinha asfalto.

Aqui só tinha chácaras, de 1.500 metros. Aos poucos, meu marido vendeu umas partes do terreno. A história aqui é interessante. Era mato puro, a gente buscava lenha no mato. Só tinha lamparina a querosene. Para fazer compras, tinha de ir ao Barreiro. Tinham poucas casas na região. Hoje não se acha mais lotes. A gente buscava lenha por aqui perto, onde é hoje o Bairro Mineirão.

Quando eu vim para o Mangueiras, vim com o meu marido e mais os filhos pequenos - eram 06 na época. Depois, quando já morava aqui é que nasceram mais dois, justamente os que morreram: o Valdeci e a Lucinéia. O filho mais velho é o Antônio Eustáquio, que tem 53 anos. Ele mora aqui perto. Tem a Maria Aparecida, que mora em Ibirité; o José Ferreira, que mora também no Mangueiras; o Raimundo, morador de Juatuba; a Rosa, que mora no barracão do meu lote e a Edineia, que quando eu vim para o Mangueiras, eu estava de resguardo dela. Ela mora no Bairro Marilândia.

Eu sou viúva desde 1999. Aliás, antes do meu marido morrer, a gente já tinha se separado. Não aguentei mais. É ruim falar mal dos outros que morreram, mas o meu marido era muito ruim. Ordinário. Ele proibia a gente de sair; não podia sair. Ele não gostava que eu saísse. Ele me xingava. Quando estava no portão, perguntava se eu não tinha serviço em casa. Ele me batia, quebrava as coisas em casa.

Eu vivo com um sobrinho, mas eu coloquei uma porta separada para ele. A saída dela é para o outro lado de minha saída. Meu sobrinho tem 60 anos e é alcoólatra. Toda vida ele morou comigo. Ele não vai à casa de ninguém; tem problema de cabeça e é aposentado. Mas, eu não fico sozinha, pois vêm sempre os filhos, os netos. No lote, tem mais duas casas. Numa delas, como eu disse, vive a Rosa, com o marido. Na casa dos fundos morava minha outra filha, Lucinéia Ferreira Custódio, que morreu recentemente. Agora está o marido com os dois filhos.

A morte dela foi uma surpresa, parece um sonho... Ela estava sentindo falta de ar. Foi levada para a UPA- Diamante. Foi só chegar lá que morreu; dizem que deu duas paradas cardíacas. O marido está transtornado. Tudo começou quando ela caiu numa escada na fábrica que ela trabalhava no Bairro Prado. Ela estava ajudando uma moça a limpar o lugar – e isso nem era obrigação dela. Ele escorregou e rolou pela escada abaixo. Mas, não teve nenhum tratamento pela empresa. Inclusive, continuou trabalhando e veio embora de ônibus e em pé. A empresa alega que ela não caiu no trabalho... Um absurdo!

Eu comecei a participar do grupo em 2006. Mas, fiquei até 2008, quando minha irmã morreu. Eu tive de parar de participar para cuidar dela – ela morava comigo. Além disso, eu vivia com problema na perna. A reunião era no salão de cima. Aquela escada

era muito difícil para mim. Eu fiquei sem ir ao grupo por causa da escada. Operei a perna 04 vezes, quebrei, tive problemas de varizes. Minha irmã morreu em 2008, em outubro. Aí eu fiquei muito desanimada de sair. Muito desgostosa. Depois que a irmã morreu, eu fiquei uns tempos sem participar de nada. Até 2010, por aí.

Quando eu fiquei sabendo que o grupo foi para o salão de baixo, eu me animei mais e fui participar. Além disso, também precisava sair para espairecer a cabeça. Estava muito triste. Vi então que o grupo é mesmo muito importante para a gente distrair, para esquecer os problemas... Além disso, gosto muito do grupo. Depois que você começou a participar com a gente e o Guilherme [professor de ginástica] ficou ainda melhor.

No grupo, eu me sinto diferente, bem melhor; jogo aquele “binguinho”, para a gente distrair. Gosto do grupo. No grupo, nós somos uma irmandade, uma reunião de família. Mais até, porque, muitas vezes, a gente não tem oportunidade de conversar com a família, igual tem no grupo. Aquela liberdade. Hoje pelo fato de sair mais, eu me sinto melhor. A gente vai fazendo exercício, se ficar parado enferruja.

Eu preciso sair de casa, caminhar, me exercitar. Só de ir ao grupo, já é uma caminhada. Distraio a cabeça. Quando fica muito tempo sem fazer nada, a gente se sente “empirriada”. Às vezes, encontra alguém que não vê há muito tempo. No grupo, temos oportunidade de conversar com as amigas, de distrair. Às vezes, vai falar alguma coisa com a família, eles combatem com a gente. No grupo, não.

No grupo, temos oportunidade de conversar sobre coisas e de desabafar sobre os problemas da família. No meu caso, por exemplo, desabafar com as amigas sobre a morte dos filhos (tive outro filho que morreu em 2004, o Valdeci). Sempre tem alguém que tem um caso parecido com a gente. Perda de filhos, por exemplo, é um assunto que muitas do grupo passaram pela mesma situação. É bom conversar com alguém que entende a gente, por ter vivido uma situação parecida.

Quando as companheiras do grupo ficaram sabendo da morte de minha filha, todo mundo ficou, como se diz, teve “solaridade” comigo. Me acolheram muito. Todo mundo no grupo ficou comovido, me deu apoio. O grupo é muito importante.

Maria de Fátima Borges de Castro

Eu moro a 33 anos no Manguelras. Eu vim do Bairro Industrial e antes morava no Riacho, perto da casa de minha mãe. Mas, eu nasci em Biribiri, perto de Diamantina. De Biribiri, eu fui para São Paulo trabalhar numa fábrica de tecidos, pois a fábrica de Biribiri fechou.

Eu fui para São Paulo em 1971. De lá, eu fui para o Paraná, fiquei nuns tempos por lá, vivendo numa cidade chamada Jacarezinho. Área rural. Eu fui viver no mato, trabalhar de boia-fria. Meu irmão foi me buscar, pois não gostava da situação; ele tinha medo de outros fazerem mal comigo. Eu voltei com ele para São Paulo.

Depois, a família mudou para Contagem. Eu morei no Riacho e me casei. Eu fui morar no Bairro Industrial para morar na casa do meu sogro. O nome de meu ex-marido? O nome é José Aparecido de Castro. Nessa época, eu trabalhei na Cidade Industrial e em outros lugares. Meu marido, antes de casar comigo, já tinha comprado um terreno no Manguelras. Estou aqui até hoje, sem acabar nem nada.

Faz uns vinte anos que eu moro sozinha. O meu marido está com outra. A mulher que ele arrumou por aqui e me largou. Eu moro com a minha filha, Alessandra e o filho dela, o Luiz Fernando. Moro também com outro neto, o Dériki, filho da Andréia, minha filha casada que mora perto de minha casa. Ela tem outra filha que vive com ela.

O meu ex-marido atualmente mora na casa de cima, porque a mulher dele bateu e expulsou ele de casa. Para você ver como são as coisas, né? A minha filha que abriu o portão para ele; eu não queria, não. Não quero saber mais dele. Eu até falei: “não deixa ele por a mão”. Se separa e volta, a gente fica “sem vergonha”. Antes, eu pensava que ser casada, tem que viver até morrer. Ele já estava fazendo coisa errada. Ele que falava que eu era sem vergonha. Mas era ele que fazia coisa errada. Uma vez fez até eu sair de casa por tempos, para ficar na casa de minha mãe, só ele pra ficar aqui com a outra, na minha cama...

Eu tenho irmãos que moram em Diamantina, Betim, [Bairro] Betânia, Pampulha; 04 moram no Riacho, no Bairro Amazonas. Eu gosto muito de minhas irmãs, sempre me

ajudaram muito. Eu saía a pé e ia para o Riacho. Mas não falada nada com ninguém, ficava sem coragem de falar que estava passando dificuldades. Mas, eles desconfiavam. Chegava lá, os meninos estavam “varados” de fome. Eles desconfiavam...

Quando vim para cá, eu só tinha um filho, o Adriano Aparecido, que tinha três meses. O Adriano mora no meu lote, num barracão separado. Ele mora com a esposa e os filhos. Os outros filhos são o Alex Andrade de Castro, que também mora no mesmo lote, na saída para a outra rua. A Alessandra Aparecida de Castro, a mãe do Luiz Fernando, que mora comigo. E a Andréia, a mãe do Dériki, que mora no bairro.

Eu gosto muito do grupo. O grupo me ensinou muita coisa. Me ensinou a conversar com os outros. Eu não saía para canto algum; ficava chorando; eu tinha vergonha de ser separada, achava que as pessoas ficavam falando de mim. Até levar os meninos na escola, eu tinha vergonha. O grupo para mim foi uma coisa que veio do céu. Como o meu ex-marido nunca me deu pensão, o grupo me ajudou muito; deu as coisas, até para os meus meninos... Nem roupa eu compro; eu ganho dos outros, até a cesta...

Primeiro, eu fui para a Igreja Evangélica. Mas, não quis batizar, pois sou batizada na Igreja Católica. Se soubesse tinha entrado antes no grupo. Não sabia que era tão bom [o grupo]. Eu tenho atenção, amizade. Elas dão muita atenção para a gente; as amizades é importante; os bingo que é bom. Eles [o grupo] me chamaram muito para participar. A Marlene me chamou várias vezes; a Regina e a Maria, que eram da direção do grupo, me chamaram também. Eu era meio calada, não gostava de conversar com ninguém; eu achava que as pessoas ficavam falando de mim. Depois, que eu vim ao grupo, eu desenvolvi bastante. Eu agradeço muito ao grupo, que é muito bom. Eu não lembro quando comecei a participar do grupo. Eu parei algumas vezes.

Maria Pereira Fonseca

Eu nasci em Bom Jardim, no município de Conceição do Pará/MG, que fica perto de Pará de Minas. Eu morei lá até os meus 24 anos. Depois que vim para BH, quer dizer, para Contagem. Eu morei no Riacho. Os meus irmãos vieram primeiro. Depois eu vim morar com eles.

Eu era costureira. Morava com os irmãos e era costureira. Costurava em casa mesmo. Meus pais ficaram lá, em Bom Jardim. Passado uns tempos, depois que saí de lá, ele morreu. Meu pai foi casado duas vezes. Eu sou da primeira família. Do primeiro casamento do meu pai, nós somos 04 irmãos, uma é falecida. Do segundo, tem 05 irmãos vivos. Morreram uns 04 ou 05. Os irmãos que moram em BH são do primeiro casamento. São os irmãos que tenho mais contato.

Eu me casei em 1972. Meu marido chama-se Jorge Chaves da Fonseca. Eu conheci ele no Riacho. Ele morava na Vila São Paulo, na Cidade Industrial. Ele é de Água Boa/MG. Eu casei e fui morar na Vila São Paulo, em Contagem, divisa com o Bairro das Indústrias. Eu morei por lá uns 10 anos. Morei de aluguel. Depois, eu vim para o Manguieras. Nós conseguimos comprar a casa... A gente procurava casa para comprar e foi aqui que encontrou. O motivo da vinda para o Manguiera foi esse.

Têm uns 30 anos que moramos aqui, eu e meu esposo. Nós sempre moramos na mesma casa. Eu tenho dois filhos: o Émerson, de 39 anos e a Adriana, de 38 anos. Os filhos são casados. Émerson tem dois filhos e mora ao lado da minha casa. A Adriana tem uma filha e mora no Jardim Riacho. Aliás, o Émerson, vai mudar para lá. Ele tem apartamento lá. Estava morando de aluguel no Manguieras, por que o bairro é mais arejado, cheio de árvores. Como a filha dele é doente, o local é melhor para ela. Mas, como o dono pediu a casa, ele vai mudar para o apartamento dele no Jardim Riacho.

Eu nunca trabalhei fora. Eu não costuro mais, pois tem que ficar muito tempo sentada, e eu não posso mais. Por isso, não posso mais costurar. Eu pegava costura de facção (de fábrica); muita camisa de fábrica. Depois, eu parei. Adoeci e não tive mais condições de costurar. Eu tenho osteoporose, o que causa muitas dores na coluna e nas costas. Eu já quebrei as costelas, quebre os pés. Qualquer pancadinha o osso da gente parte. Aliás, foi quando eu quebrei o pé, uma coisa boba, que eu descobri que eu já tinha a doença há muito tempo. Eu tomo muito cálcio, muita alimentação controlada. Tomo muito derivado de leite, comida de folhas. Eu evito café e refrigerante.

Hoje em dia, eu só fíco no conserto de roupa, em coisa pequena, em roupinha para os netos. Não costuro para ganhar dinheiro. Eu aprendi a bordar, mas tive de parar. Eu sou aposentada porque eu paguei. Nunca trabalhei fora. Eu ganho muito pouco. A

ajuda é pouca. Serve apenas para comprar remédios. Meu marido que é aposentado porque trabalhou numa firma.

Eu participo do grupo desde que começou. Participo devido à amizade que tenho com a Marlene. Ela que formou o grupo. Nós trabalhávamos junto na igreja, toda a vida a gente trabalha junto. Desde que vim para o Manguieras, eu conheço a Marlene. Em poucos dias, a gente formou amizade. Gosto muito do grupo. Sempre gostei. O que eu gosto mais é da união das pessoas. Todo mundo é unido; todos têm a mesma aceitação para trabalhar. Igual quando fizemos o teatro. Todo mundo estava unido... Gosto de tudo no grupo. Tudo que aqui eu gosto. Gosto também da ginástica – é o que me ajuda.

Nair Moreira Alves

Eu nasci em Lagamar, cidade que fica perto de Patos de Minas, perto de Goiás. Depois, quando eu tinha uns 10 anos, eu fui morar em Iguatama. Conhece lá? Fica perto de Bambuí. Eu fui morar lá porque meu pai mexia com lavoura. Meu pai mexia com lavoura quando eu era pequena. Eles são de Iguatama. Mas, foram para Lagamar; foram morar lá, foi quando eu nasci. A região dá muito milho e café.

Morei em Iguatama até 21 anos. Depois, vim para Belo Horizonte. Vim trabalhar numa casa de família, um pessoal que tinha parentes em Iguatama. Eles me conheceram por lá e eu vim para trabalhar na casa deles em Belo Horizonte. Eles moravam no Bairro Jaraguá. Eu ficava dormindo no serviço. Nessa época, meu pai tinha já falecido. A minha mãe continuou morando no interior.

Eu vim para o [Bairro] Manguieras porque eu tinha familiares que moravam perto do bairro. Antes eu morava no Bairro Água Branca [em Contagem]. Eu trouxe minha mãe para morar comigo – minha mãe e meu irmão. Nós morávamos de aluguel. Foi a minha mãe que comprou um terreno aqui [no Manguieras]. Eu e meu irmão éramos solteiros e fomos morar com ela. Quando minha mãe faleceu, ela morava aqui.

O meu marido, o João Cassiano Alves, trabalhava em Belo Horizonte quando eu o conheci. Eu conheci ele aqui. Ou melhor, quando eu morava no Bairro Água Branca. Conheci ele em 1977. Eu morei um ano de aluguel, antes de construir no lote de minha

mãe. Eu me casei e construí em frente à casa da minha mãe, no mesmo lote que moro até hoje. Fiz um puxadinho. Nessa casa, eu tive os meus três filhos: o mais velho, que morreu quando tinha 09 anos, Marcelo Cassiano Alves, o Lucas Cassiano Alves, que tem hoje 27 anos e trabalha na Fiat e a Isabela Cristina Alves, que tem 21 anos e está estudando no Barreiro, na Faculdade Novos Horizontes – ela faz Ciências Contábeis. Eu vim para Belo Horizonte, em 1974 ou 1975, mais ou menos. Eu morei com a família no Jaraguá por uns 02 anos, antes de vir cá. Eu era, como se diz, “escravizada”, empregada o dia inteiro. Trabalhei lá entre os anos de 1976 e 1977. No Água Branca, eu morei em 1978. Eu vim para o Mangueiras em 1979.

Por que eu vim para o Mangueiras? Bom, eu tinha uns parentes (tios) que moravam por aqui. Foram os parentes, aliás, que olharam um terreno por aqui para a gente comprar. Aí minha mãe comprou o terreno e nós saímos do aluguel do Água Branca. Quando casei, eu já estava morando aqui. Eu casei em 1982. O Marcelo, meu filho, já tinha 03 anos de idade quando eu casei. O meu irmão mora nos fundos do lote. A saída da casa dele fica do outro lado, na outra rua.

Do grupo, tem pouco tempo que participo. Eu trabalhava muito, não tinha tempo para nada. Trabalhava de diarista. Quando me mudei do Água Branca, eu saí do trabalho de empregada na casa do Jaraguá. Trabalhei no Barro Preto, quando ainda era solteira. Trabalhei no Barroca, de carteira assinada e tudo. Depois, trabalhei num prédio no Caiçara, nos apartamentos de lá. Todo mundo me conhecia e me chamava para trabalhar na faxina. Quando meu filho morreu, eu fiquei muito depressiva, demais. Queria até participar do grupo, mas não tinha tempo e nem disposição. Por isso, não participava do grupo, pois realmente eu não tinha tempo livre. Trabalhava demais. A Marlene, que é minha comadre, sempre me chamava para participar.

Tem mais de um ano que eu participo do grupo. Agora eu posso, pois sou aposentada. Muita gente fala “como é que é aposentada, se não trabalhava fichada”. Ora, eu respondo que sempre paguei INSS autônomo. Eu sempre paguei. A primeira vez que fui ao grupo, eu fui com a D. Cilinha (ela é minha vizinha dos fundos). Eu estava com depressão, muito triste, pois minha mãe havia morrido – ela morreu em 2010.

A participação no grupo ajuda muito. Durante o dia, eu fico muito sozinha. Meu marido aposentou, mas continua trabalhando. Precisa, né? Ele também precisa trabalhar, pois se deixar ele bebe o dia inteiro. Ele bebe muito. Meus filhos também trabalham muito. O bom do grupo é o entusiasmo. Às vezes, um abraço que a gente recebe, a gente fica feliz. A gente está se sentindo sozinha e assim fica feliz. A gente se fortalece, né?

Minha mãe, antes de morrer, participava do grupo. Antes de mim, ela já participava. Ela ia quando o grupo se reunia lá em cima, no salão de cima. O que tinha aquelas escadas. Ainda bem que agora é no salão de baixo. É difícil, pois a maioria das pessoas tem problemas nas pernas e nos joelhos, né? Fica difícil..

Para mim, o que define o grupo é a alegria das companheiras, a união de todas. Antes, eu só ia à igreja mesmo. Não fazia quase nada. Eu tinha menino pequeno, minha mãe ficava aos meus cuidados, né? Cada dia ficava mais difícil para mim. Teve uma época que fiquei muito doente. Cheguei a ficar internada por muitos dias. Agora, estou livre, mais tranquila. Dessa forma, eu posso participar mais.

Necília Roverssi Fraga (D. Cilinha)

Eu nasci onde é hoje o Vale do Jatobá. Na época, tinham poucas casas. Meu pai veio de Portugal. Ele nasceu onde é hoje o Supermercado Estrela. Era tudo área rural; era roça mesmo. As pessoas chamavam o lugar de “Colônia”. Foi depois que fizeram as casas, no final dos anos 60.

Eu sempre morei lá: nasci, cresci, casei. Tinha poucas casas. Morei também em Rio Manso, por um ano, certinho. Quando morei em Rio Manso, eu tinha dois filhos. Foi um ano de sofrimento e de aflição. Era um lugar muito ruim, muito difícil. Eu fui acompanhando o homem [o marido] para trabalhar num terreno da minha mãe. Ela vendeu o terreno no Vale e comprou lá. Mas, piorou foi mais...

Depois de lá, vim para o Barreirinho, perto da Serra do Rola Moça, um lugar de muitas casas, de hortas. Eu sofri muito. O meu marido jogava muito. Ele era bom, mas jogava

muito. Era um homem bravo. Eu morei no Barreirinho por uns 14 anos. A casa era no pé da Serra, eu tinha até medo. Eu já tinha 06 filhos quando morava lá: O Altair, a Leila, a Vanda, o Fábio, o Júpiter, o Aldair. Depois nasceram o Denílson e o Gilmar. Tive outra filha, a Rosângela, mas ela faleceu com 11 anos.

Eu nunca trabalhei “fichada”. O marido não deixava. Nem capinar na horta para os outros ele deixava. Ela falava comigo: “precisa de trabalhar? Você está passando fome?”. Eu trabalhava, mas era só para ele. Trabalhava na horta, plantando cebola, beterraba, rabanete, cebolinha, abobrinha... Um tempo que era muito bom.

O nome do marido? Era Adair Ferreira Fraga. Ele morreu em 2007. Ele era até bom. Mas, o problema dele era o jogo. Vendia no Mercado Central, chegava com o dinheiro e logo que chegava, os colegas chegavam para jogar. Ele perdia tudo. Ganhava demais, mas perdia tudo. Eu não falava nada. Para falar a verdade, eu tinha medo dele. Eu morava numa casinha ruim no Barreirinho. Lá em casa ia tudo quanto é homem para jogar, ficavam até de manhã jogando.

Quando a Rosângela morreu, eu morava na Rua 1, na Chácara das Flores, onde hoje é o Vale do Jatobá. Eu voltei a morar na região. Era uma chacinha que a minha mãe comprou quando ela voltou de Rio Manso. Nós fomos morar com ela e ficamos lá por uns 05 anos. Depois, eu ganhei um terreninho no Mangueiras, onde moro até hoje. Com muita dificuldade, nós fomos construindo aqui, onde pretendo ficar até morrer. Eu moro aqui a 31 anos. Aqui eu ganhei do Carlos Pinto, um corretor. É corretor que fala, né? Ele deu uma “tirinha” de terra pra gente, um resto de terreno. Ele gostava muito do meu esposo. Nós construímos na terra, com a ajuda dos colegas de serviço do meu esposo. Eles ajudaram a construir. Depois, compramos um pedaço ao lado, onde os filhos construíram uma casinha.

O lote é dividido, a casa é dividida, onde moram os filhos. Quase todos com seus familiares. Um deles, inclusive, o Gilmar, mora na casa de frente. Eu dei para ele um quarto, onde construiu um predinho para morar com a família. Atualmente eu moro com a Vanda, que veio de Sergipe e o neto, o Antônio, filho da Vanda. Os filhos são todos casados, com seus filhos. Eles sempre vêm aqui. Sempre mesmo. O que dia que não vêm, eles ligam. Todos moram na região aqui mesmo.

Quando eu mudei para cá, o marido jogava dobrado. Ele perdia todo o dinheiro. Eu não tinha nada. O Adair era até trabalhador, mas perdia o dinheiro todo. Meus meninos passavam fome. Mesmo assim, ele não parava de jogar. Até que ele adoeceu. Ele caiu onde trabalhava. Nessa época, ele trabalhava no Biscoito Cardoso. Foi uma tristeza só. Eles acharam ele na rua, caído no chão. Ele vinha embora para casa. As pessoas riam dele, chamavam ele de bêbado. Caído no chão. Uma tristeza. E ele ficou 16 anos acamado – os últimos 08 anos, então, ele arriou de vez. Quase não andava mais. Ele morreu faz 06 anos. Foi nessa época que eu conheci o grupo.

Eu comecei a participar do grupo com a Marlene. Eu entrei na época da Marlene, no início mesmo. A Marlene é que me chamou para participar. Ela perguntou se eu queria participar. Disse que estava montando um grupo. Eu estava perto do marido. Eu pedi o meu marido se podia, mesmo ele estando muito doente. Eu nunca deixei de participar. Para ir participar do grupo, ele não ligava muito.

Eu sempre participei do grupo. Gosto muito. O grupo é o meu “distraimento”. Todos gostam de mim. O dia em que eu fico amuada, elas perguntam por que estou assim. Todo mundo fica preocupada comigo. Ninguém deixa eu sair do grupo. De jeito nenhum. A Odete é uma pessoa muito boa. Eu acho tudo muito bom. Aquela alegria, aquela coisa... Eu me sinto muito bem. É uma coisa que dá alegria no coração da gente. O grupo é uma família. Uma família que a gente tem.

Nely Teodora dos Santos Silva

Eu nasci em Belo Horizonte, no Bairro Carlos Prates. É mesmo! No mesmo bairro da Marisa! Meu pai era ferroviário. A Rede ferroviária fornecia casa para os funcionários, as casas de ferroviários. Ficavam perto da antiga Estação. Sabe onde é? Na Rua Quitéria. Eu tinha 07 irmãos, quatro homens e três mulheres. Meus pais são falecidos. Meu pai faleceu antes de eu me casar e minha morreu em 1975. A casa era da Rede Ferroviária. Eles pediram a casa de todo mundo, pois iriam construir uns prédios no local. Depois que as pessoas aposentavam, a Rede pedia a casa.

Eu morei nesta casa da Rede até me casar, em 16/05/1959. Depois que casei, eu fui morar de aluguel no Bairro Padre Eustáquio. Para o Vale do Jatobá, eu me mudei em 1968. Para ser mais precisa, mudei para o Vale no dia 10/01/1968. Porque o Vale? Ora, o Vale era o único meio que tínhamos de adquirir uma casa. Aqui era casa popular, da COHAB. Eu moro na mesma casa até hoje. Aqui era um caso muito sério. Não tinha água e luz; ônibus, a gente pegava no Tirol. Tinha de ir a pé para pegar ônibus – e andava muito. A rua de minha casa era um buracão de todo tamanho. Não tinham condições de caminhão passar. Depois é que surgiu o ônibus 1120, o vermelhão. Lembra dele? Mas foi bem depois. Ele parava na Rua Guarani.

As compras a gente fazia no Centro, na Cooperativa, que vendia para os funcionários da Rede. A gente fazia as compras para o mês todo e eles entregavam em casa. A Cooperativa tinha de tudo, farmácia, médico, loja de roupa... Aqui no Vale tinha muita gente da Rede. A maior parte do pessoal que morava aqui era de ferroviário. Mas eu gosto do Vale. Só de saber que é meu, já fico satisfeita, pois sempre morei de aluguel. Eu paguei 25 anos pela casa. Graças a Deus está tudo pago!

Quando vim para o Vale do Jatobá eu já tinha 06 filhos. Depois, eu tive mais 02. Eu tive 07 filhos vivos, pois um morreu. Quer dizer, então eu tive 08 filhos, mas um morreu com 26 dias de nascido. Ele nasceu no Hospital Santa Rita. Eu já morava aqui. Quer saber o nome dos meus filhos? Sônia Regina, de 53 anos; Sueli Cristina, de 52 anos; Sérgio Luiz da Silva, de 50 anos; Silvana Aparecida, de 48 anos; Júlio César, de 45 anos (que quando eu mudei para o Vale ele tinha quase um ano); Eduardo Eustáquio (o que morreu no ano de 1969); Luiz Carlos, de 42 anos – ele nasceu em novembro de 1970. Os meus filhos casados moram na região. Eu tenho 20 netos e um casal de bisnetos – um que mora no [Bairro] Milionários e outro perto do Ceasa.

Eu sou viúva. Meu marido morreu em 13/11/2008. É, tem pouco tempo... O nome dele era Ademar Raimundo da Silva. Ele trabalhava na gráfica da Rede. Como o pai dele, ele era ferroviário. Era supervisor gráfico. Hoje, eu moro com o meu filho Sérgio, que é separado, com a minha filha Sílvia, também separada e com três netos, dois filhos da Sílvia e um da Sônia, que mora perto do [Bairro] Mangueiras. Esse neto, Marcos Leandro, não quis ir com a mãe (que ainda tem outros dois filhos) e mora comigo desde

que nasceu – ele tem 32 anos. Mais ou menos quando meu marido morreu foi que a mãe dele casou. Mas ele disse: “agora que minha avó mais precisa de mim”.

Esqueci de contar que eu trabalhei numa lanchonete na Savassi. Quer dizer, primeiro eu trabalhava num bar que minha mãe tinha na Estação da Rede, na Rua Sapucaí. Eu trabalhei com ela por muitos anos. Depois, eu fui convidada para trabalhar nesta lanchonete da Savassi. Trabalhei lá entre os anos de 1978 e 1982. Era mais que uma lanchonete, era uma fábrica de doces e pão de queijo.

Depois que saí da lanchonete, eu passei a mexer com costura. Eu costurava em casa. Eu trabalhei como costureira, por muitos anos. Eu costurava durante o dia e fazia os arremates à noite. Ficava a noite toda nos arremates, pois eles não fazem barulho. Eu fazia isso para não acordar o meu marido, que trabalhava o dia inteiro. Mas, eu cansei da costura. Eu costurava demais para fora. Já costurei, já vendi roupas, tapetes, chinelos... Cansei de tudo. Hoje em dia, é só vida boa.

Você quer saber mais sobre o grupo? Eu não sei ao certo quando comecei a participar, mas acredito que tenham uns 05 anos que eu participo. Quando comecei, era a Marlene que era a coordenadora. Depois passou [a coordenação] para a Maria. Depois voltou para a Marlene. Têm uns 05 anos mesmo, pois o meu marido ainda não tinha morrido.

Aqui no Vale do Jatobá tem grupo. Mas eu nunca participei. Fica até perto de minha casa. Mas, eu já ouvi falar que aqui tem muita rivalidade. Não gosto de briga, não. Além disso, eu já conhecia a Marlene da Igreja. Ela frequentava a Igreja de São Dimas, aqui do Vale. Conversando com ela um dia, ela me convidou para participar. Eu combinei com a Marisa e fomos juntas conhecer o grupo. Aí eu comecei a participar. Eu achei melhor participar do grupo do Mangueiras mesmo. Aliás, eu sempre participo. Quando falto do grupo, eu sinto-me mal. Só falto quando não dá mesmo [para ir], devido às viagens ou mortes de parentes. Eu vou ao grupo de ônibus.

Antes, quando comecei a participar, o grupo tinha muito mais gente. O salão ficava cheio. Mas, com o tempo, muitas pessoas deixaram de participar porque achavam que o grupo tem de organizar viagens e passeios, o que não ocorre no grupo Flor de Mangueira. Muita gente foi para o grupo do Petrópolis, porque lá tem mais passeio.

Mas eles [do grupo do Petrópolis] são cadastrados na Prefeitura, recebem uma verba e lanches e tal. O grupo do Mangueiras não tem nada disso. É muita burocracia e a Odete [coordenadora] não quer se envolver com isso. Além disso, viagens têm muita responsabilidade e a Odete não tem jeito para isso. É muito difícil mexer com o idoso.

Eu acho essas coisas uma grande bobagem. Para mim, só da gente está entrosado, distraído no bingo e passando algumas horas distraído, tranquilo e divertindo, já é bom demais. Para que mais? A parte que a gente tem - o nosso grupo - é muito agradável. Para mim, já é suficiente. Eu não tenho interesse em outras coisas, em presentes. Para que?

Ademais, a Prefeitura manda lanches para os grupos cadastrados e os lanches são tão sem graça. A Odete leva o lanche (e compra às vezes) e fica muito mais gostoso. Acho que a gente vai é para se distrair e não é para comer – comer a gente come em casa. Não é? A Odete faz um bolo, uma canjica e leva - e fica até mais gostoso! Depois, chega o fim do ano, a gente faz o amigo oculto. É bom demais! Para que mais?

Odete Ribeiro de Freitas

Moro no Mangueiras desde 1997. Mudei-me em julho de 1997. Eu tenho quatro filhos. Todos nasceram em São Paulo - um ficou por lá. O mais velho, Renato, ficou em São Paulo trabalhando. Ele é... Como é que fala? Tipo DJ. Não é São Paulo, não. É de Jandira, cidade perto da cidade de São Paulo, pertinho.

Eu vim de São Paulo com os três filhos: o Ricardo, que tem hoje mais ou menos 37 anos; a Renata, de 34 anos e o Rodrigo, de 31 anos. Moro com eles e o meu marido, João de Freitas. Ele é um ano mais velho que eu.

Quando vim para Belo Horizonte, os meus filhos eram jovens. Funcionou assim: o meu marido veio para olhar, procurar casa para comprar. Procurou muito até que ele achou uma no Mangueiras. Antes de mudar, eu vim para ver se agradava da casa. Eu vim. Eu não queria, não. Queria morar perto da casa de minha irmã, no Madre Gertrudes. Mas, compramos assim mesmo - uma casa de três quartos, sala conjugada

com copa; fui ampliando a casa. Ampliando não, reformando. Logo que cheguei ao bairro, eu gostei. Tive boa recepção quando mudei para o bairro, acolhida; uma vez até levaram um bíblia. A minha irmã achou uma escola para a minha filha e para o Rodrigo, no Valadão [que fica no Bairro Tirol]. O Ricardo foi estudar no Cefet, foi fazer Edificações – mas ele nunca trabalhou com isso, não.

Você quer saber por que o escolhi morar no Mangueiras? Pois, foi onde encontrei a casa. Eu queria morar no Madre Gertrudes. Mas, como não encontrou casa lá, acabei ficando e gostando do Mangueiras. Tinha de ser no Mangueiras, né? Estava “escrito nas estrelas” (risos). Logo que eu cheguei ao bairro, os vizinhos me acolheram muito bem. Eu tenho muita amizade com muita gente. De cara, os vizinhos pediram para eu ajudar a dar banho numa senhora de idade do bairro. Eu fiz durante muito tempo.

Mas, por que fui morar em São Paulo? É que o meu marido trabalhava numa firma de São Paulo. Desde que a gente casou, o sonho da gente era o de vir para cá. O marido morava em São Paulo. O meu marido era meu primo. Ele veio trabalhar na montagem de persianas em apartamentos. Veio com um colega. Mas parece que sentiu vontade de procurar uns parentes por aqui. Como a gente morava em Rio Acima, ele foi nos procurar. Minha mãe nos chamou para ver ele. Ela disse: “Odete, vem ver o Joãozinho!” Eu lembro até hoje. Eu e minha irmã ficamos interessadas nele. Minha irmã é mais velha (já morreu, coitada). Aliás, todas as moças em Rio Acima ficaram interessadas nele, porque ele veio de São Paulo! Ele propôs que tirássemos “palitinho” para ver quem ficava com ele. Eu ganhei. Ele falou para minha irmã que iria me namorar e vou logo me pedindo em namoro aos meus pais.

Depois de uns dez anos morando no Mangueiras, eu fiquei sabendo quando o grupo formou; eu fui lá e entrei. Foram os vizinhos que falaram comigo do grupo. Fiquei sabendo que montaram um grupo; pegam pessoas de 50 anos e poucos anos. A Marlene foi a fundadora, com outra pessoa que não sei agora. O Anselmo [Anselmo Domingos, vereador e morador do Barreiro] é o padrinho do grupo; ele ajudou no registro do grupo. O grupo é registrado. Só não é conveniado. É bobagem conveniar, pois dá muito trabalho- a Marlene que falou, pois tem de se pagar muitas taxas, que eu não sei o que... Se não tiver de pagar... São poucas as que estão pagando mensalidade no grupo.

A gente fala que quem não tem condições, não paga. Mas, em muita gente que tem condições, mas não paga. Eu deixo pra lá.

A Regina era tesoureira, mas não pagava. Era tesoureira na época da Marlene. Quando era da direção, não pagava. Quem é da direção não paga. Mas, eu não sabia disso... Eu era vice e ainda assim pagava a mensalidade. A Margarete é minha vice não paga. Mas também ela quase nunca está presente.

Desde o início, eu participo do grupo. Nunca saí, nem nos momentos difíceis. Quando a coordenação reclamava das pessoas que conversavam. Eu fiz reclamação; quando eles chamavam atenção da gente; eu reclamava muito. O grupo é para a gente conversar. Conversar à toa. Quando a gente conversava, elas falavam. Uma colega até saiu do grupo. Não aceitou a reclamação; não gostou delas chamaram a atenção.

Eu continuei. Eu gosto da Marlene e gosto do grupo. As pessoas falavam que eu parente da Marlene. As pessoas perguntavam, pois somos da mesma terra e têm Ribeiro no nome. Até hoje, as pessoas pensam que sou parente dela; confundem-me com ela. Mas na época do grupo, eu já conhecia a Marlene. Mas não foi por causa dela que eu comecei a participar do grupo.

Eu gosto de coordenar. Mesmo quando passo uns apertos, fico nervosa. A Regina que nos fazia ficar nervoso. Até hoje, ela não se esforça para nada. Regina só joga quando as prendas servem para ela. Ela deve estar querendo o meu lugar no grupo.

Eu gosto muito do pessoal. Mesmo quando os que pagam a mensalidade – a Regina iria cobrar das pessoas. O pessoal gosta de mim. Eu faço tudo para cativar eles. Se eles quiserem que a Marlene seja a coordenadora, eu serei vice. Coordenar para mim é acolher o pessoal. Coordenar é fazer com que as pessoas se sintam bem, ser participativo como todas elas. Coordenador é estar sempre presente; eles gostam de desabafar, esquecem até de ir embora.

Todos são iguais. Eu junto todas ao redor da mesa. Não tem de separar dos outros. Eu tiro o arranjo das flores da mesa para elas ficarem mais á vontade. Para eu poder ver todas as pessoas. Para todos se verem. Eu gosto de todo mundo. Eu me preocupo com o

lanche. Eu sei que é difícil as pessoas levarem o lanche. Às vezes, eu levo do meu dinheiro; às vezes, pego dinheiro do grupo com a Dirce para comprar o lanche, que todo mundo gosta. Todas ficam contentes com o lanche. Quando era bolacha que o Sr. Mário⁵ dava, todo mundo reclamava. As mulheres gostam de coisas diferentes.

A minha família reclama que eu fico levando lanche, só eu. Falam que fico levando peso; carregando as coisas, sozinha. Eu arrumo prenda e meus meninos reclamam que eu não chamo ninguém para me ajudar. Eles falam que eu dou mais atenção ao grupo do que a eles. E é verdade. Mas, é uma vez na semana, né? Qual é o problema? Se fosse todo dia, a gente ficava cansada, né?

Eu não fico esperando o Sr. Mário levar as coisas. O dia que dá para levar merenda, eu levo. Se não, eu peço a Dirce. Ou senão peço reembolso com o dinheiro do caixa. Não ganho nadinha do Sr. Mário para confraternizar.

Regina Ferreira de Aguiar

Eu nasci em Belo Horizonte, no Bairro Aparecida. Você sabe onde é, né? Eu morei lá por 23 anos. Quando meus pais faleceram, eu me mudei para o Bairro Amazonas; quando mudei já era casada. Eu morei 07 anos no Bairro Amazonas, divisa com o [Bairro] Inconfidentes, perto da rua da feirinha. Você conhece ali, né?

A minha história é complicada. Eu sou filha adotiva. Descobri minha mãe biológica, que morava em Maravilhas/MG. Você não conhece, não? Fica perto de Pará de Minas, por aqueles lados. Quando minha mãe de criação morreu (meu pai já havia morrido), eu pressionei meu irmão para saber direito da minha história – havia pouco tempo que descobrira que não era filha legítima de minha mãe. Eu fiquei sabendo pelo meu irmão. Aí, eu pressionei meu irmão para saber mais coisas sobre minha família legítima. Eu fui para Maravilhas para conhecer minha mãe. Ela me recebeu muito bem. Morei com ela uns tempos. Eu cheguei até a trabalhar no IBGE na cidade e em Sete

⁵ Trata-se do coordenador do Fórum de Terceira Idade – evento/entidade que coordena os grupos de Terceira Idade do Barreiro.

Lagoas. Mas, não me adaptei à cidade. Voltei a BH e morei com o meu irmão no Bairro Terezinha. Mas, não deu certo.

Depois, morei numa República de moças, no bairro Bom Jesus, na casa de uma senhora. Eu não quis morar com o meu tio, não. Eu fui me virando, daqui e dali, até que eu conheci o meu marido, quando eu morava no Bom Jesus. Ele morava no Morada da Serra. Aqui perto. Aliás, eu optei para morar no Bairro Mangueiras por causa também da família do meu marido. Ele tem muitos parentes aqui por perto. Eu vim para o Mangueiras em 1998, no dia 14 de fevereiro. Minha menina não tinha um ano ainda. O filho tinha 02 anos. Quantos filhos eu tenho? E tenho dois, a Jéssica, que tem 16 anos, e o Pedro, que tem 17 anos.

Eu aposentei em 2001. De 1999 a 2001, eu fiquei afastada. Eu tenho uma doença chamada Polineuropatia. Já ouviu falar? Uma doença que enfraquece os ossos. Eu sou professora, de 1ª e 4ª Série, e pré-escolar. Mas, trabalhava por contrato; por designação que fala, né? Quando acabava o contrato, eu precisava trabalhar, né? Por isso, eu trabalhei também em casa de família. Desde 2001 que estou aposentada.

O caso da doença é o seguinte: com o tempo, a gente vai perdendo as forças. A gente sente dor no corpo inteiro. Qualquer coisa que eu carrego, eu fico com o corpo doendo durante muitos dias. Uma tristeza... O caso foi ficando pior, devido à gravidez. Foi difícil a gravidez. Aliás, o médico falou que eu não poderia nem ficar grávida. A minha doença é genética. Meus filhos, inclusive, têm a doença; passou para eles. Minha mãe legítima também tem. A Doença é degenerativa. Meus filhos trabalham na Informática Nacional. O serviço é tranquilo. Eles entraram como Portadores de Necessidades Especiais. PNE que fala, né? O menino demonstra mais [a doença] que a menina. Os médicos falam que quem é maior, sente mais, manifesta mais. O menino é grande. Minha filha é baixinha...

Por que o [Bairro] Mangueiras? Ora, eu vendi o apartamento do Bairro Amazonas, pois tinha de subir escadas – eram muitas escadas. Eu não me adaptei à muleta. Eu queria mudar para um bairro da região do Barreiro. Como disse, o meu marido tem muitos parentes por aqui. Aí o corretor falou que tinha um barracão no Mangueiras. Eu vim com o meu marido e vi o barracão. Acabei ficando por aqui. Se eu gosto do

Mangueiras? Ora, no início, não. Não gostei do bairro. Eu tinha medo de ficar sozinha. Eu fico muito sozinha – os filhos e o marido trabalham. Hoje estou bem acostumada com o bairro. Todo mundo me conhece, sabe quem é a gente. Eu já mudei umas dez vezes. Meu marido fala que a gente não deve mudar tanto. Fincar raízes, sabe?

Eu comecei a participar do grupo no ano passado. Eu fui convidada pela D. Cilinha e pela Odete. Elas sempre me falavam: “entra, entra...”. Como estava me sentindo muito sozinha, eu comecei a participar. Eu gosto muito do grupo. Vou junto com a D. Cilinha. Gosto do grupo, gosto do bingo. Eu tenho preguiça é de fazer ginástica. Mas, eu sento lá. Não gosto de ginástica. O resto eu gosto muito – acho o papo agradável, distrai a gente. Eu estava me sentindo muito depressiva. O grupo me ajuda muito. O grupo é muito interessante.

Regina Maria da Silva

Eu morava no Bairro São Geraldo, Rua Sucuri, 550. Morei lá muitos anos, até os 12 anos de idade. Depois, fui para o [Bairro] Vera Cruz, na região da Pompeia. Conhece lá? Eu morei lá até 1970, quando casei e vim para o Vale [Bairro Vale do Jatobá]. Era casa popular. Eu comprei uma casa lá e vim. Achei horrível. Era muito longe. Tinha pouco ônibus. A gente gastava mais de uma hora para ir ao centro da cidade. Imagina, uma pessoa que morava em outro lado da cidade...

Eu tenho três filhos. Dois ainda moram comigo, o Cristian Júnior, de 27 anos e o Bruno Henrique, de 24 anos. O outro, o Cláudio Luiz, é casado. Ele mora no Tirol. Mora naquele conjunto perto da linha. Sabe onde é? Eu esqueci o nome do lugar. Eu tenho dois netinhos, filhos do Cláudio, um de 03 anos e outro de 6 anos. Eu sou casada. O nome do meu marido? É Joaquim Avelino. Ele é aposentado. De onde ele é? De Santa Maria do Suaçuí.

Eu aposentei por idade. Muita gente pergunta: “Ué, você nunca trabalhou fichado, como é que se aposentou?”. Eu mexia com comércio. Era autônoma. Desde pequena, no Vera Cruz, eu mexia com comércio. Então, eu pagava minha Previdência. Quando vim para o Vale, eu abri uma mercearia em minha casa. Um comércio na frente.

Eu vim para o Mangueiras no final de 1985. Quando eu parei de mexer com mercearia. Vendi a casa - e a loja onde ficava a mercearia foi vendida também. Entendeu? De qualquer modo, hoje em dia, comércio é muito perigoso, né? Como meu pai tinha comprado uma casa aqui [no Bairro Mangueiras] e estava vendendo - e minhas irmãs não queriam vir - eu comprei a casa. Comprei baratinho do meu pai. Antigamente, as coisas eram diferentes. Era mais fácil comprar lote. O loteamento era barato. Não é igual hoje. Vendemos lá no Vale e viemos para cá.

Mas, no início eu não gostei do Bairro Mangueiras, não. Eu já gostava do Vale. Os vizinhos eram bons. Eu tinha muitos conhecidos lá, muitos clientes de minha mercearia. Aqui parei de mexer com comércio. No Bairro Mangueiras não tem “aquela união”. Mas, acho que isso é geral, né? O povo de hoje não está confiando nas pessoas. O povo está muito difícil. Até no grupo, é um caso sério. Tem muita falta de união.

Aliás, sobre o grupo, nós fundamos o grupo. Eu e a Marlene, a Maria, a Rose (tesoureira) e o Jerônimo, e outros que não lembro mais. Eu era a vice-tesoureira. Mas a Rose largou. Ela não queria mexer com dinheiro dos outros. Eu fiquei sendo a tesoureira, até que eu larguei há uns três anos atrás. Eu saí e a Marlene ficou ainda um tempo. Eu entreguei o cargo, pois fui fazer uns cursos de computação no Barreiro. Aí eles [as participantes do grupo] puseram a Dirce como tesoureira.

Eu não lembro o ano que o grupo começou. Eu tinha tudo, mas eu entreguei os documentos. A história do grupo é a seguinte: eu ia para o SESI, no grupo de lá. Tinha também um grupo no Mannesmann, que a Marlene participava, porque o marido dela trabalhava lá. Incentivadas pela participação nesses grupos, nós resolvemos fundar um aqui. Juntamos um grupo e fundamos.

Quando o grupo começou era muito bom. Tinha muita gente. Antigamente a gente ia para vários lugares. A Marlene tinha contato com esses vereadores. Eles arrumavam ônibus para a gente viajar. Era muito bom. Muitas viagens. Hoje, o grupo está vazio. Eles só gostam de ficar ali, sem fazer nada. Eu chamo para conhecer outros grupos, para sair, mas não gostam de sair. Eles não vão...

Com isso, muitas pessoas saíram do grupo, porque o grupo não tem nada, né? Acho que também está vazio porque às vezes as pessoas não medem palavras para falar. Magoam os outros. Muita gente se sente chateada com isso. Outra coisa é que nem sempre se tem R\$ 1,00 ou R\$ 2,00 para se jogar bingo. As pessoas não têm dinheiro para jogar e ficam sem graça de participar. Eu tenho, mas muita gente não tem, né? Enfim, muita coisa que acontece. As pessoas ficam chateadas.

Além disso, é sempre a mesma coisa. Não tem palestra, não tem nada para crescer o grupo. Isso é importante, né? O povo cansa. Acho também que a gente não é obrigada a pagar o carnê. É só pagar, pagar, pagar. Ninguém aguenta isso. Acho que se deve pagar apenas se for viajar Não precisa pagar para depois se pagar menos quando for fazer uma viagem. Penso que quando for dar um passeio, a gente paga o valor todo. É mais simples, né? Se for preciso, a gente paga o valor todo, né? Claro. Só paga se tem de viajar. Assim que eu acho. Eu sempre falo isso para a Odete. Mas, não adianta. Eu não sei mais como ajudar o grupo. Inclusive, estou saindo do grupo. Estou “cascando o fora”. Sei que as mulheres me querem por escanteio. Antes disso, eu saio.

Outro problema é que o grupo acaba muito rápido. Não tem nada. Só tem bingo e o lanche. Agora tem o Guilherme com a ginástica. Tem grupo que eu visitei que começa uma hora [13:00] e termina às cinco horas [17:00]. Ali começa às 3h e termina às 5h. É muito pouco. O povo aqui é muito desanimado. Antigamente era bom demais! Acho que o grupo está decadente. Eu não sei o que está faltando para realmente melhorar.

Outro problema é que eu acho que as coisas são decididas sem consultar todo mundo. Eu acho também que grupo é grupo. Não se pode decidir sozinho. O que a Argentina, que é mais caladinha, falar é importante para a gente. Deve ser considerada como qualquer outra. Ela é boba, mas às vezes, o que ela fala é importante. Eu penso isso – e falo as coisas. Acho que é por isso que muita gente não gosta muito de mim. Minha gente pensa como eu, mas não fala nada. Muita gente no grupo tem medo de falar.

Mas, apesar de tudo, eu gosto muito do grupo. Acho que ele deveria melhorar. Acabar nunca! Só tem gente bacana. Tem a Nely, a Odete. A Eni, então, nem se fala... Todas elas. Elas são fora-de-série. Gente muito prestativa. Quando falam que vão fazer as coisas, elas fazem mesmo. Estão ali para ajudar, né?

Nome	Data de nascimento	Local de nascimento	Quanto tempo mora no Manguieiras/V. do Jatobá?
Argentina Coelho da Silva	Não sabe	Nortinho, município de Tambacuri/MG	Aproximadamente 20 anos que mora no B. Manguieiras.
Domingas Fernandes	Não informado.	Montes Claros/MG	10 anos no B. Manguieiras.
Eni Maria da Silva Freitas	24/12/1952	Belo Horizonte	Vale do Jatobá desde 27/01/1968.
Dirce Maria da Silva	10/06/1947	Belo Horizonte, B. Jardim América	Vale do Jatobá, desde 1970.
Margareth Dionísia Costa Branco	14/12/1966	Belo Horizonte	Vale do Jatobá, em 1968. No B. Manguieiras, em 2005.
Maria Alves Sales	08/10/1945	Teófilo Otoni/MG	34 anos no B. Manguieiras.
Maria José Silva	13/08/1947	Pedra Azul/MG	16 anos no B. Manguieiras.
Maria Madalena da Silva	06/03/1946	Carandá/MG	19 anos no B. Manguieiras.
Marisa Helena Maciel dos Santos	30/10/1948	Belo Horizonte, Bairro Carlos Prates	No Vale do Jatobá desde 1975.
Maria Auxiliadora Gonçalves Soares	05/11/1951	Itabirito/MG	No Vale do Jatobá desde 1982.
Maria de Lourdes Conceição	08/05/1936	Crucilândia/MG.	Bairro Manguieiras há 44 anos.
Maria de Fátima Borges de Castro	13/09/1953	Biribiri/MG, perto de Diamantina/MG.	33 anos no Bairro Manguieiras.
Maria Pereira Fonseca	14/09/1938	Bom Jardim, no município de Conceição do Pará/MG	Uns 30 anos no Bairro Manguieiras.
Nair Moreira Alves	12/05/1954	Lagamar, perto de Patos de Minas, perto de Goiás.	Mudou-se para o Bairro Manguieiras em 1979.
Necília Roverssi Fraga (D. Cilinha)	03/01/1944.	Belo Horizonte, onde é hoje o Vale do Jatobá	Há 31 anos que mora no Bairro Manguieiras.
Nely Teodora dos Santos Silva.	28/09/1940	Belo Horizonte, no Bairro Carlos Prates.	Vale do Jatobá em 1968.
Odete Ribeiro de Freitas	07/05/1951	Jandira/SP, perto da cidade de São Paulo.	Bairro Manguieiras desde julho de 1997.
Regina Ferreira de Aguiar	Não informado	Belo Horizonte, no Bairro Aparecida.	Bairro Manguieiras desde 14/02/1998.
Regina Maria da Silva	20/12/1949	Belo Horizonte, Bairro São Geraldo.	Vale do Jatobá, 1970; Manguieiras, 1985.

CAPÍTULO II

MULHERES EM GRUPO

O atual capítulo é uma descrição das posturas das mulheres nas reuniões semanais do grupo *Flor de Mangueira*. O relato que segue é das observações desses fugazes instantes em grupo. Baseado nos discursos das mulheres, o que fica manifesto são as suas pretensões de se criar e experimentar uma vivência “diferente” da que acreditam lhes reservada no comum dos dias.

A vivência conjunta pode e será mesmo considerada como um momento. Ou melhor, o grupo *é* o momento. Parafraseando Turner (1974), o grupo existe onde o grupo acontece. Ou então Latour (2012), o grupo existe sempre se fazendo, se *agrupando*. Nos instantes de encontro, as mulheres sentem-se livres para “interpretar” posturas novas, posturas diferentes das realizadas em outros momentos de suas vidas. Em grupo, elas exibem-se às outras e aos transeuntes, através da porta do salão da Conferência São Vicente de Paula, que fica ao lado da Capela São Antônio. Porta que fica sempre aberta.

O texto será composto por aquilo que vi e que acredito ter compreendido ao longo da vivência e da participação com as mulheres em grupo. Trata-se também de uma exposição das minhas ideias suscitadas no próprio processo de se evocar os atos. Ideias surgidas também nos instantes da descrição dos momentos experimentados. Enfim, um texto *em* antropologia, esforçado, aberto e que também, ao mesmo tempo, não pretende alcançar uma explicação detalhada de todo o “ritual” praticado semanalmente.

Interpretar as posturas em grupo e entendê-las dessa forma específica não significa resolvê-las. Não se deliberam de maneira equacional as posturas sociais. Em outras palavras, a busca de encontrar um sentido e um norte nos comportamentos das mulheres não é o mesmo que importá-lo para uma série relacionada às suas condutas pragmáticas cotidianas. Por exemplo, se a cultura das mulheres vistas na condição de *em* grupo enfatiza as tendências gregárias e harmônicas, a vida grupal - sempre manifestas nos encontros - não significa (também não significa o seu contrário) que elas almejam se tornar baluartes da harmonia em todos os instantes de suas vidas. O que se pretende alcançar é que o sentimento gregário é *apenas* importante nos momentos da

conformação das mulheres na condição de grupo *Flor de Mangueira*. Importante para se fortalecerem enquanto sujeitos diferentes de outros momentos de suas vidas. O que mais chama a atenção, não custa reafirmar, é que, ao interpretarem situações de vida diferentes das *experimentadas* em casa, as mulheres criam uma oportunidade de receber novos olhares sobre elas. Isso foi percebido em diversas ocasiões em “campo”.

A cultura dos breves momentos em grupo é moldada justamente pela ênfase contínua de suas posturas em grupo e na exibição aos outros. No grupo *Flor de Mangueira*, as mulheres, sabendo-se observadas, sentem-se impelidas a - comumente - expressarem representativamente um orgulho de se postarem como pessoas inseridas a outras, agregadas e, mais que tudo, “diferentes”, principalmente em relação aos outros velhos. As mulheres manifestam um indisfarçável orgulho de fazerem parte de um singular *ethos* (espírito) que consideram como “jovens”, com as características que percebem como típicas desse estágio da vida, integrativas, alegres e dispostas.

Em grupo, os atos comportamentais são marcados pela repetição. Com isso, percebe-se o afloramento do *ethos* que, de acordo com Bateson, deve ser entendido “como [aqueles momentos] adquiridos pelo aprendizado e pela imitação” (2008: 222). O *ethos* não é *natural*. Faz-se mesmo a partir de um controle no aprendizado com os outros. Por isso, inclino-me, novamente como Bateson, a vê-lo (o *ethos*) também como “o estudo das *reações dos indivíduos às reações de outros indivíduos (...)*” (2008: 223). As posturas joviais das mulheres podem ser definidas como o *ethos* momentaneamente encontrado para a reação contra indivíduos impositivos.

Mas, os momentos em grupo não são de conflitos geracionais. As mulheres não afrontam e nem se comportam como se fossem *apenas* pertencentes a um ajuntamento composto por pessoas de outra categoria etária. Somente buscam portar-se como acreditam que se comportam as pessoas de “espírito” jovem, através da alegria, da exultação, da gozação, do demonstrativo de contentamento. Posturas constantemente exibidas em interatividade social. Enfim, posturas que consideram como “livres”, logo “jovens”. A jovialidade “incorporada”, presa aos sentimentos emocionais, é a postura *possível*. Atitudes momentaneamente divergentes das que os familiares, principalmente, esperam delas. Mas, que não devem ser estendidas às outras ocasiões de suas vidas. Ao menos, para boa parte das mulheres.

No grupo das mulheres investigadas é como se a família – e elas *em grupo* - tivessem seus próprios *ethos* consistentes. Um em contraste ao outro. Como afirmado, o jeito encontrado para exprimirem e deixarem notória essa diferença é incorporando posturas joviais. A “jovialidade” serve, então, como mecanismo de expressão social. Todavia, repetindo, as mulheres não querem ser jovens. O que querem é se portar assim, pois sabem que a adoção do *ethos* seria a última das posturas que os familiares pensariam sobre elas – elas acreditam que os familiares as entendem essencialmente como pessoas velhas. Por isso que sempre manifestam orgulho de suas posturas, notadas nos ocasionais discursos evocativos relacionados às surpresas dos familiares quando tomam noção de suas condutas em grupo. Não basta participar do grupo, é preciso que os familiares saibam de suas posturas em grupo. As mulheres assim se satisfazem. Reagem aos familiares, contestam e assim, de alguma forma, desmitificam o fator velhice.

A ideia de indivíduos que reagem frente aos outros indivíduos remete-me à concepção de “entidades liminares” de Victor Turner (1974). Uma rubrica relacionada à antropologia que faz referência ao que antecede a passagem de um indivíduo a uma nova categoria ou posição social (diz-se de fase, período, situação). As mulheres do grupo não querem se acomodar aos discursos impostos sobre suas situações de velhas. Tampouco, como costumam afirmar, não querem ser jovens. São “liminares”, provisoriamente “liminares”. Fica evidente então que suas condutas estão “no meio [do caminho] e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais” (Turner, 1974: 117).

A condição criada fortalece-as. Ao menos, sentem-se fortalecidas. Na “liminaridade”, situação efêmera analisada por Victor Turner, o subordinado momentaneamente torna-se o predominante. Ou seja, seres estruturalmente e em condições inferiores que em instantes céleres podem ser considerados (e se considerarem) moral e ritualmente superiores. A condição de fraqueza mundana e de desconsideração, fonte de desprestígio social, torna-se um poder reativo.

Em grupo, a natureza espontânea das mulheres aparece com vigor, pois elas têm a ânsia (e o “poder” de estarem unidas) de superarem condições que as aborrece sobremaneira. Por isso, relaciono o provisório momento de “grupo de convivência” com a forma imediata e concreta de outro conceito de Turner (1974), o “*communitas*”. Um conceito

que se baseia no fortalecimento de laços construídos para a superação das condições adversas - e que aparece por oposição à *natureza*, uma “entidade” governada por normas, na forma abstrata e institucionalizada da estrutura social.

Sem dúvida, a *natureza* convencional, os clichês impostos, costumam impor limites e diretrizes às pessoas mais velhas. Impõem posturas. As mulheres sentem isso. Todavia, elas querem ficar livre disso tudo, ao menos por um curto instante – mas o instante constantemente deve se repetir. Trata-se do aspecto altissonante do conceito de Turner (1974). Em seus estudos, Turner chega ao ponto de aproximar o conceito de “*communitas*” à condição “sagrada ou santificada, possivelmente porque transgride ou anula as normas que governam as relações estruturadas e institucionalizadas, sendo acompanhada por experiência de um poderio sem precedentes” (1974: 156).

À medida que se infiltra na obra de Turner (1974) percebe-se que os conceitos de “*communitas*” e de “liminares” aproximam-se de veras das ideias formuladas em relação às mulheres em suas situações provisórias em grupo, de quem me aproximei em “campo” para daí tentar empreender uma *descrição densa* (Geertz) acompanhada, se possível, de formulações teóricas comprobatórias e complementares. Fazer etnografia, além de estabelecer questões teóricas, é “como tentar ler (no sentido de ‘construir leitura de’) [um experimento] (...) *escrito* [grifo meu] não como os sinais convencionais do som, mas como exemplos transitórios de comportamento modelado” (Geertz, 1989: 07).

Para explicar a ideia de “liminares”, mencionada acima, Turner (1974) evoca sujeitos que transitoriamente reduzidos ou oprimidos a uma condição uniforme, de maneira pertinente impõem-se na busca de remodelamento. Na nova condição, passam a ser dotados de “poderes” que os capacita ao enfrentamento e à sustentação das inovadoras condições de suas vidas. Não são outros os propósitos das mulheres investigadas.

Turner (1974) menciona os “profetas ou os artistas” como pessoas que tendem a ocupar posturas “liminares” ou marginais. Becker (2008) especifica e insere os “músicos” como classe que procura se diferenciar e que não se sentem na obrigação de imitar o comportamento convencional dos “quadrados”, como são tratados os que não são músicos. Trata-se de seres “fronteiriços” que, ao menos por breves e específicos momentos, esforçam-se bastante para se libertarem dos clichês estabelecidos e

convencionalmente aceitos. Por isso, abnegadamente apegam-se à missão contínua de sempre que possível representar papéis “diferentes” e de entrar em relações “vitais” com outros homens, relações de fato ou imaginativas. Só assim, acreditam conseguir afugentar-se das aborrecidas imposições sociais.

Nessa minha evocação ao tema, ousou apenas, como mostrado, acrescentar as figuras das mulheres do grupo *Flor de Mangueira* que, junto aos profetas e artistas, também merecem a definição de “liminares”. Trata-se de figuras que, o tempo todo (em tempo curto), nas condições “fronteiriças” de não (quererem) sentir-se velhas, buscam por relações em grupo. As mulheres adotam as posturas “liminares” na crença de que, assim, poderão livrar-se das imposições sociais. Com as posturas dos músicos, apresentadas por Becker, a concordância não é irrestrita. As mulheres, como eles, gostam de contar as coisas não convencionais que fazem. Mas, se portam de modo diferente do que a sociedade convencional espera delas. Dos músicos, a sociedade não espera posturas aproximadas às que consideram como socialmente “adequadas”.

CAPÍTULO III

REAGREGANDO O GRUPO *FLOR DE MANGUEIRA*

No início do capítulo anterior foi citado Latour, um autor estimulante. Por isso, por citá-lo, pode-se mencionar a imagem das formigas (em inglês, “ant”) ⁶, fixas ao rés-do-chão, aparentemente resolutas e compenetradas; abnegadas nos seus intentos. Figuras fortes, quase nunca relacionadas aos cantos ou à falta de projetos futuros (em contraposição às cigarras da fábula de Esopo), pois parecem convictas, se assim é possível, de que há muita coisa a ser feita neste mundo. O caminho é longo e o tempo urge.

Mas o texto etnográfico não é sobre as formigas. Óbvio. Trata-se apresentar a experiência de um grupo de mulheres, personagens reais e cheias de convicção de que, embora estejam numa faixa etária avançada, ainda podem fazer muitas coisas. Mulheres merecedoras de terem a experiência social observada e descrita. Personagens seguidas e permanentemente dignas de receberem a oportunidade de se expressarem, mesmo que seus caminhos não sejam retilíneos (os das formigas são retilíneos?) e que suas linguagens não tenham necessariamente relação com a *expressividade* da antropologia.

Pois se trata mesmo de uma experiência antropológica. Uma descrição da ação social de um grupo. Uma descrição urgente. As mulheres são velhas, unem-se em grupo para precaverem-se contra as intempéries que consideram postas sobre a vida de velhas. Não negam suas identidades de velhas, mas não querem se sentir como se fossem desvalidas, como percebem como são enxergadas as pessoas que têm a idade delas. Todavia elas sabem que o tempo urge e que deve ser aproveitado enquanto ainda é tempo. Enfim, elas têm uma maior percepção da necessidade de aproveitar da vida. A participação no grupo *Flor de Mangueira* é a forma como consideram de aproveitamento da vida.

⁶ O acrônimo ANT (Actor-Network Theory) “teoria do ator rede” foi adotado por Latour, mesmo considerando-o como confuso e sem sentido. Entretanto, foi adotado, pois ANT pode ser relacionada à palavra (em inglês) “formiga”. Para Latour, trata-se de termo “perfeitamente adequado para um viajante cego, míope, viciado em trabalho, farejado e gregário. Uma formiga (ant) escrevendo para outras formigas, eis o que condiz muito bom com o meu projeto!” (2012: 28).

As descrições por vir das ações das mulheres não são *todas* as ações. Ao menos, as totalmente descritas. Mas o que será “ação social”? Existe um “eu autêntico” e seu “papel social”? Será que sabemos o que nos transforma na mesma coisa (seres sociais) ao mesmo tempo? A experiência de fazer antropologia é a de dar conta de tudo isso, descrevendo o processo social e ao mesmo tempo dando vez e luz à especificidade dos indivíduos no processo. Mas, ciente de que será deixado de fora um imenso repertório de informações acumuladas ao longo da pesquisa.

As mulheres do grupo são aproximadamente em número de 20, fixas. Não definido de antemão, cada uma exerce a função básica de *participar* do grupo. Com a participação, fazem o grupo “funcionar”. O grupo só existe com a participação de todas. As únicas que tem “cargos” específicos são a coordenadora e a tesoureira, apresentadas na foto abaixo durante um jogo de bingo. Aliás, pela foto nota-se que as duas mulheres, mesmo durante o jogo, não abandonam suas funções. Odete, a coordenadora (de blusa azul), circunspecta, parece mais preocupada em coordenar do que em jogar bingo. Dirce, a tesoureira, não deixa suas anotações contábeis longe de si nem nos momentos do jogo.



No grupo, num lugar real, existem as caladas, as compenetradas, as ensimesmadas, as observadoras; as falantes, as propositivas, as espalhafatosas, etc. Mas, elas não se comportam desses mesmos modos o tempo todo. Ou se comportam, sem se precisar ao certo em que tempo ou em que momento elas fazem isso. Contudo, tais características, mesmo quando não se manifestam, “agem” para o funcionamento do grupo. Os papéis também se invertem. As mais falantes, por exemplo, como Eni Maria da Silva, que sempre foi citada com a mais extrovertida de todas - que aparece sorridente num primeiro plano da foto abaixo (do final de 2012) - não são necessariamente as mais notadas. Ou então como era de se esperar, as compenetradas são as menos percebidas. As diferenças não as igualam, mas também não as diferencia tanto. Nem as características peculiares impõem papéis fixos. Noutras vezes, aliás, muitas vezes, a ausência mais perceptível é das que menos “aparecem” nos encontros.



Argentina Coelho da Silva é uma participante deveras citada pelas outras participantes. Calada e ensimesmada, de postura rude e de olhar espalhado e desconfiado, Argentina ainda assim não passa incólume nos momentos em grupo. O tempo todo, as mulheres buscam o conforto de seu olhar de aprovação. Quando ela se ausenta, o que é raro, um

incômodo percorre as posturas das mulheres. Talvez a mulher seja a mais percebida, a figura mais notória dos encontros.

A imagem abaixo, de fins de 2012, exemplifica a costumeira postura de Argentina Coelho da Silva. Na foto, ela aparece à direita, de óculos e de blusa rosa e no seu tradicional costume de desconfiada e separada das demais participantes – no seu depoimento, que consta no início, Argentina afirmou que não gosta de sentar perto de ninguém. Ela está sempre nos fundos do salão. Na imagem, aparece também Maria Alves Sales, no primeiro plano. Maria Alves também costuma se portar de modos retraídos, embora também receba muita atenção das outras e seja uma notória presença nos instantes em grupo. A última da imagem é Marisa Helena dos Santos, não tão retraída quanto às outras duas colegas.



Para as participantes, a vida “real” caracteriza-se, dentre outras coisas, pela apresentação de modo acachapante de suas condições de velhas. O que, de certa maneira impõe-lhes obrigações, convenções e compromissos, principalmente, conforme notado, por parte das famílias. Todavia, a manipulação da condição etária serve às

mulheres, nem que seja por um t nuo momento, para que busquem a força de transforma o da “realidade” em que vivem. A condi o “desfavorável” (de velhas) vivida por todas   o que as iguala,   o que as une.

Trata-se de uma constata o assaz explícita na constru o do texto: as mulheres do grupo *Flor de Mangueira* comportam-se e apresentam-se com agentes (aliás, agir   ser “jovem”). Agem. Reagem, quando preciso. V o além do que se espera delas. O que se investiga e apresenta são suas a o es. A prisão da idade, o aprisionamento de uma vasta rede de submiss o es sofridas ao longo dos anos, não lhes tirou as oportunidades de a o o.

Dentre os gregos, os antigos, Cícero empenhou-se ao tema da velhice e sua a o o sobre nós. Não deixou de ser atual:

Permaneço vivo. Dedicando nossa vida ao estudo, empenhando-nos em trabalhar sem descanso, não sentimos a aproxima o sub-reptícia da velhice. Envelhecemos insensivelmente, sem ter consciência disso, e, em vez de sermos brutalmente atacados pela idade,   aos poucos que nos extinguimos (CÍCERO, 2011: 35).

Voltando a imagem das formigas de Latour, Devem-se seguir as mulheres (separadamente, em alguns momentos) a partir de onde estiverem. Como afirmado, elas andam muito, mesmo no espaço confinado do grupo. Segui-las até onde for preciso. Talvez até que as contradi o es apareçam. Depois, deve-se deixá-las. Deixar que a vida as leve. Deve-se ir de encontro a Bruno Latour: “Siga os atores, ou antes, aquilo que os faz atuar: as entidades em circula o” (2012: 339).

Pode-se também seguir as mulheres pelos caminhos rumo às suas casas, após os encontros semanais. Segui-las em circula o. Qual   o problema? Não será preciso entrar nas suas residências. Do mesmo modo, também não será (ou foi) necessário acompanhar as mulheres por todo o percurso. O antropólogo não   Sherlock Holmes. Investiga, mas não   detetive. Também não   psicólogo. Inquire, ouve, mas não   psicólogo. Lembro de Oswaldo de Andrade e o parafraseio: o antropólogo deve se preocupar mais com o que “ouve” do que com que “houve”. Ainda assim,   preciso indagar: por que as mulheres andam sozinhas depois dos encontros semanais? O espírito de solidariedade ficou no espaço de reunião?

As indagações se dão por que não é mesmo incomum as mulheres saírem dos encontros semanais, rumo às suas casas, solitárias. No máximo, as duas integrantes que são irmãs saem juntas. Ou então as poucas participantes que são vizinhas próximas. De resto, pode-se supor que as mulheres não buscam trilhar e/ou prolongar caminhos; não querem inventar (outros) caminhos; não querem que a interação experimentada no grupo se perpetue para outros lugares. Não querem criar novos espaços de convivência e novas possibilidades interativas. As mulheres parecem não ter essas intenções. Doravante, a experiência “artificial” criada em grupo é suficiente.

Pode-se pensar também que existem outras e diferentes maneiras de as mulheres se comportarem que divergem das vividas e tantas vezes manifestadas em grupo. Ou seja, aquelas que exultam a experiência dos vínculos de afinidade. A manifesta indisposição de muitas não se deixarem visitar por mim em suas casas, o pesquisador, por exemplo, talvez demonstre o receio que sentem de serem expostas aos modos diferentes dos vividos em grupo. Não querem se deixar ver sem as “máscaras” usadas no grupo.

O filósofo Charles Taylor, em *As Fontes do Self* (Loyola, 1997), aborda a identidade moderna com uma posição reflexiva que pode ser útil à dissertação. Para ele, fazer parte da família é a condição irremediável de “ser no mundo”, algo que nos tornamos - entre muitas possibilidades possíveis - e que projetamos para o futuro. Aliás, não existe família sem projeto futuro. Projetos sustentam famílias. As mulheres do grupo, tal com as formigas de Esopo, fazem projetos para o futuro.

A identidade do *self*, para Taylor, está atrelada à noção de orientação para o bem. A vivência com o grupo familiar na sociedade moderna é um movimento quase sagrado, muito mais do que um movimento acidental, numa condição não escolhida. Só somos *self* mediante tal orientação - uma característica do agir humano. Para o Taylor, “só somos um *self* na medida em que nos movemos num espaço de indagações, em que buscamos e encontramos orientação para o bem” (1997: 52).

Não haverá mesmo uma análise relacionada à direção para onde apontam as mulheres quando saem dos encontros com o grupo. No grupo, criam um mundo “artificial” para lutar contra as imposições, onde criam outra realidade, mais livre (*self*) e do jeito que querem, com o *sagrado* direito de serem “diferentes” do que os familiares consideram

que sejam. Em comunidade, enfatizam os vínculos de afinidade. Não querem que a empáfia familiar destrua a solidariedade construída na vivência grupal.

Ainda de acordo com Taylor (1997), nós não somos objetos neutros ou pontuais; só existimos em determinado espaço de indagações e mediante determinadas preocupações constitutivas. É a relação com certos interlocutores que nos define *selves*. É o apego a vivência de interlocução integrativa que define e possibilita às mulheres em grupo a criação de um espaço libertário. Num primeiro momento da vida, a relação familiar é ponto basilar, pois se trata da relação com pessoas que serão essenciais para nossa definição. Mas as mulheres do grupo não estão mais no início da vida. Ao contrário. A família, o foco de preocupações, deve ser superada. O bem existe para ser superado.

A condição alcançada, pela ação inexorável do tempo - ação que é mais perceptível nos idosos -, muitas vezes não impõem restrições. Num mundo ainda misógino, as mulheres, mais ainda, as idosas, constroem um espaço libertador. Aliás, investiga-se sobre isso: a falta de imposição de restrições com o advento da velhice na experiência de mulheres em grupo. Em muitos casos, asseverados ao longo dos capítulos, as categorias etárias e o gênero feminino simbolizam liberdade e melhora de vida.

Para Mirian Goldenberg, acostumada a tratar da idade avançada no universo feminino, não é o envelhecimento em si que é valorizado pelas mulheres, mas, conforme sua coluna à “Folha de São Paulo” (“Melhor Idade”, 22/01/2013), o que se valoriza na velhice “é a liberdade, ainda que tardiamente conquistada, de ser ‘eu mesma’, com foco nos próprios desejos e no cuidado de si”. Portanto, a “melhor idade” é aquela em que, finalmente, as mulheres conseguem ser mais livres. Mais felizes e mais livres.

A velhice percebida pelas mulheres pode ser definida como um tempo privilegiado, dinâmico e forte para a execução de atividades individuais livres (libertárias) dos constrangimentos do mundo familiar. Representam uma dualidade com esse mundo. As práticas do grupo são indicadoras de um tipo peculiar de sensibilidade em relação à vida e à experiência de envelhecimento.

Muitas das participantes do grupo *Flor de Mangueira* têm lógicas próprias para explicar porque consideram atualmente suas vidas melhores do que quando eram jovens. Ao

menos a vida experimentada nos momentos em grupo, o que se tinha em mente quando fizeram as afirmações. Dentre tantas, uma pode ser inserida. Trata-se da afirmativa de Maria José, 66 anos, de que a idade avançada, mesmo que represente queda de rendimentos financeiros, significa ganhos. Eis seu argumento:

A gente só tem a ganhar. Participar do grupo mostra que gente pode ir onde quiser. Antes, eu passeava menos, trabalhava muito de babá, baby sister. Não podia participar de um lugar assim, como o grupo. Por isso, agora está melhor. Tem menos dinheiro, com certeza. Eu ganhava bem na época, mas você não pode passear muito.

No discurso de Maria José é evidente que o grupo *Flor de Mangueira* é tratado como um coletivo. Por isso, se permite ser desdobrado como múltiplo. No desdobramento, que é a sua existência, é preciso apreender sua relevância (do grupo) para as mulheres, mesmo que através de diferentes pontos de vista. A experiência apresentada busca unificar as ações das mulheres, vistas na condição de “em grupo”.

Ainda tem a questão do social. O grupo sempre é tratado como “força social”. Não é o social o objeto da antropologia? Mas, Latour perguntou: “sabemos acaso de que o mundo social é feito?” (2012: 72). Perguntou e complicou ainda mais a pesquisa. Perguntas costumam embaraçar as coisas e trazer incertezas. Não se sabe de que o mundo social é feito. O que é uma sociedade e em que direção é conduzida? Também não se sabe. O conjunto não deixa rastros. Portanto, não gera nenhuma informação. Deve-se mudar o foco é pensar que o conjunto somente é visível se está se fazendo. Só assim gerará dados novos e interessantes. Mas, volta uma questão intrigante: como captar o que não está pronto e que não pousa (nem faz pose) para o efetivo registro?

Nas inquirições às participantes ao longo do “campo” e nas declarações que constam na parte inicial dessa dissertação, eu notei que as respostas sobre os motivos do envolvimento nos instantes de convívio em grupo são similares. Mas, numa atenção mais pormenorizada, talvez quando se mudou o foco das perguntas, pude observar que os motivos são diversos e distintos. Díspares, às vezes. Os intentos que as integrantes buscam ao participar do grupo são diferentes. Os comportamentos das mulheres, observados com mais atenção, também são diferentes; às vezes, contraditórios.

O envolvimento das pessoas, o que produz o grupo, também um processo infindo, contraditório e circundante, é o que torna a base da sua constituição. Nesse sentido, o que se apresenta e ainda vai se apresentar nessa dissertação? O estudo de que? Os comportamentos ou as participantes? Ou as respostas dadas por elas? Ou a minha análise? Ou as minhas manifestações de intenções? Ou minhas digressões? Uma resposta parece óbvia: a investigação é a do social. Mas, o que é “social”? Uma força oculta que manipula os comportamentos e os desígnios das participantes? Nem tanto. Todavia, analisar o social é uma empreitada sobremaneira complicada, pois o social não é “nunca uma coisa visível ou postulável” (Latour, 2002: 27).

Latour (2002), em outro momento estimulante, assevera que a sociedade nunca está pronta. A sociedade não existe pronta. O conceito está imerso em seu nome, algo nunca completo. O que existe é uma possibilidade sempre aberta. O que se tem no mundo são movimentos e probabilidades. Mas, isso não é pouco. Ao antropólogo cabe a tarefa de diagramar esses movimentos nos lugares estudados; diagramar essas redes associativas. Parece truísmo, mas o social existe enquanto existe associação.

O coletivo, então, é um trabalho de angariar coisas associadas (às vezes, provisoriamente, como é o caso) e de realidades que não são iguais, que não estavam a priori associadas, até serem ajuntadas, como no grupo *Flor de Mangueira*. Como em todos os grupos humanos. De coisas que *podem* alcançar algum efeito. É a coleta que produz um coletivo e um sentido, com as ações atravessadas e com os resultados que podem ser imprevistos. E isso acontece em todas as sociedades.

As mulheres do grupo associam-se aos pormenores do ingresso à vida carregada de vínculos sociais com o intuito de romper com as regras. Contudo, a finalidade da participação no grupo tem diversas motivações: a necessidade de executar atividades sociais, a angústia frente às situações vividas em casa (razoavelmente similares), a sensação do advento da velhice, o sentimento de inutilidade, a falta de valorização e de consideração, a escassez de afazeres, a aposentadoria, a morte do marido, o convite, e tantas outras coisas. Angariar coisas associadas para se chegar a um conjunto de forças expressivas é efetivamente a experiência de grupo para as mulheres do Bairro Mangueiras. Associadas, as mulheres constroem e movimentam um fenômeno social.

Mas não basta associar os pedaços coletados para que se possa entender a dinâmica complexa de um grupo. O resultado é muito demorado. Para Latour (2012), o antropólogo deve resistir à tentação de traduzir logo tudo, lépido e fagueiro. Isso tiraria a surpresa de uma pesquisa. Por isso, a investigação deve evitar interpretações prontas. Para Latour, é preciso esquecer “a estranha ideia de que todas as línguas podem ser vertidas para o idioma já solidamente estabelecido do social” (2012: 69). Aliás, o que o antropólogo tem a fazer é executar seu papel em seu campo de pesquisa. Mas seu fazer não deve ser o dos “nativos”. Outro truísmo: o antropólogo não é nativo.

Não é mesmo. Não sou mulher; não muito velho (ainda); não busco, em grupo (diga-se), inventar novas formas sociais de vida para alcançar os rompimentos com os papéis impostos pela minha família - bem, acho que não. Todavia, ajo no “campo” sabendo que devo ter responsabilidade, pois as minhas ações deixarão rastros indeléveis no resultado da pesquisa, no texto e no futuro do grupo *Flor de Mangueira*.

Ademais, social é algo que de certa maneira circula. Repete-se Bateson (2008) e sua ênfase na circularidade dos fenômenos sociais. O que circula tonteia, dificulta a apreensão e o controle. O social é incontrolável. O social normalmente construído não é nada em comparação com o número de associações necessárias para completar até o menor dos gestos. São as associações que existem e que explicam o social, “(...) um movimento provisório de associações novas” (Bateson, 2008: 341). Enfim, para o autor “(...) uma sociedade precisa de novas associações para continuar existindo” (2008: 313).

Por fim, uma alusão que completa o início do capítulo, quando se mencionou veladamente o Gênesis - o Gênesis da Bíblia, o vetusto registro da onisciência divina: tudo e todas as coisas são Deus; os homens são feitos à sua imagem e semelhança. Ou seja, a descrição espiritual (e não só) da vida, do homem, a fonte primordial das Leis e dos Profetas. O texto antropológico não é Bíblia, não é sagrado e não tem a pretensão de perceber, de descrever e de revelar coisas tão profundas. O que se pode fazer é terminá-lo com uma referência a Gabriel Tarde, tão aludido e admirado por Latour: “tudo é uma sociedade e todas as coisas são sociedade” (2002: 313).

CAPÍTULO IV

UMA ETNOGRAFIA DOS INSTANTES DO GRUPO *FLOR DE MANGUEIRA*

Ainda não foram narrados os pormenores dos encontros do grupo *Flor de Mangueira*. Às recorrentes condutas das participantes. Não se deve adiar mais. De início, informo que algumas mulheres se reúnem todas as quartas-feiras no salão de baixo da Capela Santo Antônio⁷, salão da Conferência São Vicente de Paula, no Bairro Mangueira, uma região alta e próxima da Serra do Rola Moça, no limite de Belo Horizonte (região do Barreiro) com o município de Ibirité. Existe um número fixo e assíduo de participantes, poucas participam apenas ocasionalmente. Os encontros ocorrem quase o ano inteiro. Apenas em janeiro, o mês de férias, não acontecem. Entretanto, com o avançar do período gera-se grande ansiedade pelo retorno. Para elas, a vida torna-se chocha sem os instantes em grupo.

O local onde acontecem os encontros fica no centro do bairro. Trata-se de um lugar movimentado, onde passam muitas pessoas e trafegam os ônibus com destino às estações BHbus Barreiro e BHbus Diamante⁸. Como a maioria mora no bairro, passam com frequência pelo local. Outras vivem em bairros próximos, como no Vale do Jatobá e no Bairro Petrópolis. Ou na Vila Mangueiras. Mas, ninguém está longe. Por isso todas sentem a falta dos instantes em grupo no período de férias. E tudo é muito próximo e na mesma confluência e no limite fronteiro de bairros, que tantas vezes confundem até os moradores locais. Com isso, no referido mês de férias, age sobre elas, de maneira mais *visível*, o sentimento relativo à falta que faz os encontros.

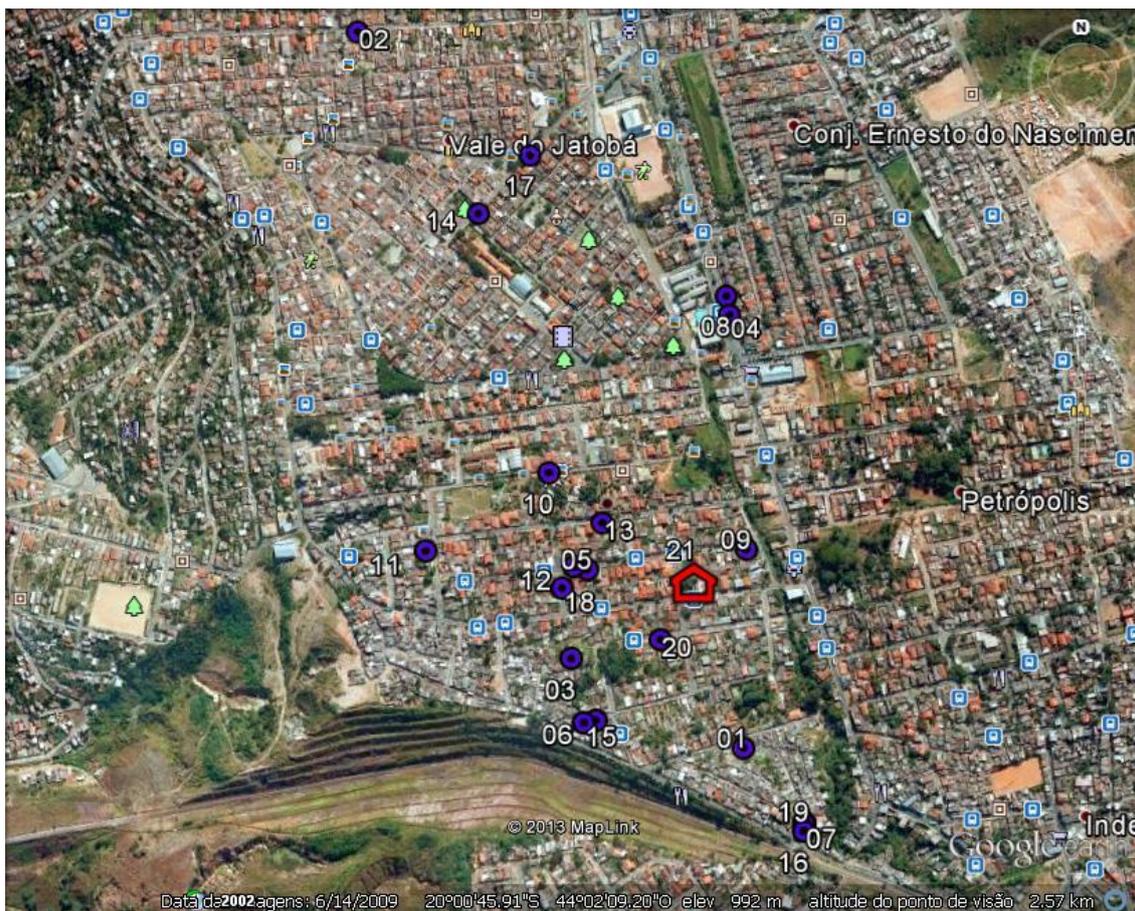
⁷ O endereço completo da Capela Santo Antônio é Rua Geraldo Rosa Filho, 175, esquina com Rua Romeu Rosa Ribeiro, Bairro Mangueiras, Belo Horizonte.

⁸ O BHbus é o Plano de Reestruturação do Sistema de Transporte Coletivo de Belo Horizonte, criado em 1997 pela BHTrans para reestruturar e reorganizar o transporte público da capital mineira. Os ônibus que percorrem o bairro Mangueiras têm como destino as duas estações BHbus da região, uma que fica na região central do Barreiro e outra no Bairro Diamante, que funcionam como Estações de Integração entre linhas do transporte coletivo. Nesse sistema, o usuário passa a fazer baldeação nas estações. Os passageiros embarcam em seu bairro (por exemplo, Mangueiras) nas linhas de pequeno porte, denominadas “Alimentadoras”, e, ao desembarcarem na estação, baldeiam para as linhas de grande porte, denominadas “Troncais” ou “Estruturais”. Essa baldeação entre linhas é denominada Sistema Tronco-Alimentado. Também há o Sistema Interbairros, que liga regiões distantes ou pólos urbanos importantes com o centro ou com outros pólos e corredores urbanos de Belo Horizonte.

A imagem abaixo mostra o mapa da região onde moram as mulheres. Na imagem, vista de cima, fica clara a posição geográfica do referido Bairro Mangueira, um bairro incrustado no meio de muitos outros.



Na outra figura abaixo, a imagem é da localização das casas das participantes em relação ao local onde se reúnem todas as semanas, que está marcado de vermelho com um símbolo aparentando uma capela. Cada número corresponde à localização do endereço da uma residência – e da capela também. A relação dos números com o nome referente segue após a figura do mapa.



Nº	Local	Endereço
01	Residência de Argentina Coelho da Silva	Rua Tenente Geraldo Ferreira do Nascimento, 20, Bairro Mangueiras/BH
02	Residência de Dirce Maria da Silva Cardoso	Rua Carlos Pinto Coelho, 369 (Rua das Igrejas), Bairro Vale do Jatobá/BH
03	Residência de Domingas Fernandes	Rua Vicente Dias Melo, 1364-E, Bairro Mangueiras/BH
04	Residência de Eni Maria da Silva de Freitas	Av. Senador Levindo Coelho, 2595, Conjunto Ernesto Nascimento, Apto 201, Bairro Vale do Jatobá/BH.
05	Residência de Margareth Dionísia Costa Branco	Rua José Luís Raso, 295, Bairro Mangueiras/BH
06	Residência de Maria Alves Sales	Rua J, 307, Bairro Mangueiras/BH
07	Residência de Maria Augusta de Oliveira	Rua Romero Gomes Vieira, 08, Bairro Mangueiras/BH

08	Residência de Maria Auxiliadora Gonçalves Soares (Dorinha).	Av. Senador Levindo Coelho, 2551, Conjunto Ernesto Nascimento, Apto 102, Bairro Vale do Jatobá/BH
09	Residência de Maria de Fátima Borges	Rua José Luís Raso, 15 (antiga Rua 12), Bairro Mangueiras/BH
10	Residência de Maria de Lourdes Conceição	Rua Vicente Surette, 328, Bairro Mangueiras/BH
11	Residência de Maria José/José de Assis	Rua Raimunda dos Santos Ferreira, 32, Bairro Mangueiras/BH
12	Residência de Maria Pereira da Fonseca	Rua José Luís Raso, 276, Bairro Mangueiras/BH
13	Residência de Maria Madalena da Silva	Rua Cel. Newton Barbabela, 500, Bairro Mangueiras/BH
14	Residência de Marisa Helena Maciel dos Santos	Rua Luiz João de Oliveira, 106, Bairro Vale do Jatobá/BH
15	Residência de Nair Moreira Alves	Rua J, 355, Bairro Mangueiras/BH
16	Residência de Necília Roverssi Fraga (D. Cilinha)	Rua Romero Gomes Vieira, 114, Bairro Mangueiras/BH
17	Residência de Nely Teodora Santos Silva	Rua Luiz João de Oliveira, 1314, Bairro Vale do Jatobá/BH
18	Residência de Odete Ribeiro de Freitas	Rua Hermelinda Guedes Dias, 95 (antiga Rua 15), Bairro Mangueiras/BH
19	Residência de Regina Ferreira de Aguiar	Rua Romero Gomes Vieira, 118, Bairro Mangueiras/BH
20	Residência de Regina Maria da Silva	Rua Vicente Dias Melo, 255, Bairro Mangueiras/BH
21	Capela Santo Antônio	RUA Geraldo Rosa Filho, 175, esquina com Rua Romeu Rosa Ribeiro, Bairro Mangueiras/BH.

Flor de Mangueira foi o nome encontrado para designar o grupo criado em meados da década dos anos 2000. O nome foi aceito de imediato e sem contestação, foi-me garantido. A menção ao bairro é mais que evidente. Contudo, um bairro é mais que um nome. Ou é um nome, uma definição que significa muito. Não por acaso o bairro era dantes frondoso (e ainda é, mas não tanto), com os arvoredos típicos do interior de Minas Gerais. Árvores de mangas, predominantemente, frutas coloridas e cheirosas – tropicais -, típicas de um país exuberante e majestoso.



Quase todas as mulheres que inicialmente aceitaram o nome do grupo permaneceram nele. Poucas deixaram de participar de forma definitiva. Aliás, aceitaram o nome por que não havia outro mais apropriado. Trata-se mesmo de um título bem significado. A simbologia referente ao apego pelo local, à tradição (a Mangueira), conjuga-se com a ideia da bela novidade sempre a renascer (a flor). As mulheres estão em grupo até os dias atuais, embora mudanças não pudessem ser evitadas, como o abandono de uma ou outra participante ou a ausência prolongada de outras. Ou mesmo à incorporação de novas participantes. Ou mesmo os retornos. Contudo, as mudanças mais “drásticas” foram às da coordenação. Nesse caso, poucas mudanças. A que presenciei (a única) se deu em 2010, quando Marlene Bonifácio Ribeiro deixou de participar do grupo *Flor de Mangueira* e da consequente função de coordenadora e a “repassou” à Odete Ribeiro de Freitas, então vice-coordenadora, que, aliás, de certo modo, mesmo sem o título, já exercia o cargo. Exercia de fato e gosto, não de direito.

Os momentos iniciais dos encontros

Odete de Freitas sempre foi muito envolvida com o grupo *Flor de Mangueira*, nos compromissos rotineiros e no apego à organização dos encontros semanais, mesmo

antes de assumir a coordenação. Sua postura sempre foi considerada como vital para a existência e para a continuidade grupo, de modo que quando houve o anúncio da saída de Marlene Ribeiro e, por conseguinte, saída da função de coordenação, não havia outro nome mais apropriado senão o da atual coordenadora para ocupar o cargo. Não se fez menção a qualquer possibilidade de sufrágio para a escolha de outra pessoa para coordenar o grupo.

Na função de coordenadora (e mesmo antes) Odete de Freitas costuma ser a primeira a chegar ao local. Ela chega sempre bem antes do horário programado. Não faz isso para dar exemplo; faz porque sabe que deve chegar primeiro. Odete aparenta não tomar as posturas dos seres que na condição de coordenadores, sentindo-se superiores aos demais, apegam-se à crença de que não precisam cumprir os mesmos trâmites dos outros. A mulher sabe que sua postura é parte fundamental para que haja o envolvimento de todas. Faz parte disso sua chegada prévia aos encontros. Odete abre as portas do salão ao lado da Capela Santo Antônio (têm as chaves), organiza a mesa e cobre-a com toalhas limpas (trazidas de casa); separa as prendas do bingo e os lanches, deixando tudo num canto do salão, assim como as bolsas (ainda com outras prendas que, se necessário, serão distribuídas). Coordenar é antecipar – é também fazer com que todas sintam-se iguais, conforme um trecho de uma afirmação de Odete:

Para mim todas são iguais. Eu faço tudo para que todos se sintam assim. Eu junto todas ao redor da mesa. Não têm essa de separar os outros. Eu tiro o arranjo das flores, para elas ficarem mais à vontade. Para poder ver todas as pessoas. Eu gosto de todo mundo.

Quando chegam as outras participantes no salão (sozinhas, uma a uma, sempre sem atraso), encontram tudo organizado por Odete de Freitas; tudo preparado para o evento do dia. Ninguém precisa ajudar em nada. Chegam e logo saúdam as que estão no local. Odete cumprimenta individualmente cada recém-chegada. As saudações são retributivas, como se as mulheres não se vissem há um longo tempo. Depois das saudações, todas buscam, de maneira lépida, assentar-se. Ninguém fica “solto” ou perdido no recinto. Os encontros são marcados pela descontração, mas se prestam também a uma conspícua organização de tempo para o eficiente e proveitoso andamento. Odete de Freitas controla tudo.

A imagem abaixo mostra o salão da Sociedade (Conferência) São Vicente de Paulo vazio. Com isso, fica explícito e exposto o portão de entrada do salão, como também o portão de grade que dá acesso à rua. São nesses locais que as mulheres param na saída do grupo, quase como se a parada fizesse parte dos encontros, parte do ritual. No momento da entrada aos encontros do grupo, as mulheres não costumam parar próximo ao portão. A ânsia pela participação, que é deveras incontida, impede essa postura. Se parassem, atrasariam o encontro. De acordo com o relato de D. Cilinha, a ansiedade para a participação é mesmo indômita e incontida. A mulher afirmou: “Eu gosto muito de sair de casa, quando eu venho prá cá [encontro do grupo]. É bom demais... Eu sinto aquela gana de chegar a hora, de me encontrar com as amigas, de participar...”.



Normalmente a abertura se dá com uma breve oração. Todas se dão as mãos e rezam um “Pai Nosso” e uma “Ave Maria” (as poucas evangélicas não se constrangem com a oração à mãe de Jesus). O momento não é de conflito religioso; o que prevalece é a possibilidade de união. Todas almejam esse intento. Nas orações, são feitos pedidos e agradecimentos normalmente associadas às mortes e/ou às doenças de membros da comunidade ou de algum familiar das participantes. Às vezes fazem-se referências a velórios ou a idas aos enterros (que manifestadamente não apreciam). Mas tudo é muito rápido e objetivo. O momento do encontro não é (em grupo, *nunca* é) para se mencionar os acontecimentos tristes da vida. Evita-se o tema da morte.

Depois das orações todas são convidadas a se sentarem em volta da mesa principal. Nesse instante, invariavelmente, Odete faz alguma leitura retirada de algum semanário católico (revistas velhas) de uma antiga (e meio abandonada) estante no canto do recinto⁹. A imagem abaixo é apresentada para que se perceba o aspecto abandonado da estante, retratada torta, embaçada e aparentando “esquecida” num canto do salão.



Mas nem sempre as leituras são retiradas dos semanários que ficam na estante. Em algumas ocasiões, Odete de Freitas escolhe um tópico do jornalzinho “Coisa Nossa”¹⁰, uma publicação elaborada pelos grupos de Terceira Idade da região, com leitura e reflexão sobre o tópico escolhido. Algumas vezes, dependendo da entonação, os temas apresentados propiciam grande interatividade das participantes. Nem sempre.

⁹ As revistas religiosas com mais exemplares no local de encontro das mulheres são: “Adoremos”, um periódico mensal vicentino; “Mensagem”, outro mensal; “Boletim Brasileiro – Sociedade São Vicente de Paulo”, um compêndio bimestral; e “Revista de Aparecida”, que não sei a periodicidade.

¹⁰ Os textos do jornalzinho “Coisa Nossa” são singelos; trazem reflexões sobre receitas de alegria, piadas, receitas culinárias, dicas, pequenas reflexões e informes. Tudo com a colaboração dos vários grupos da região. O jornalzinho é distribuído nas reuniões mensais do Fórum da Terceira Idade. Quando Odete Costa participa dos encontros, ela leva o jornalzinho para o grupo.

A questão da coordenação

Pode-se ainda sugerir outros motivos de se insistir na continuidade da prática das leituras. Talvez seja pelo fato de as mulheres terem se acostumado com a atividade; talvez porque precisem preencher o tempo; talvez por comodidade e por convenção; ou por que faça parte da *normalidade* dos encontros. Considero todas. Entretanto, acredito que a prática permanece porque se sabe que ela não tem relevância para o grupo. Por que alterar o que não tem importância? Outro motivo que considero crível para a manutenção da prática, motivo contrário deste, é que a leitura gera a impressão de que a autoridade da coordenadora recrudescer. Como Odete coordena e dita toda a “oratória”, a impressão que se tem é que ela se arvora de poder no momento. Por isso, a continuidade da atividade. Afinal, sendo boa para a “organizadora” e para as participantes, que se sentem bem percebendo a coordenadora “alcançar” mais autoridade, por que não se perpetuar o momento? Um momento que passa a ganhar ares de bastante profusos...

Entretanto, não é sobre o poder experimentado que tratarei. Muito menos sobre um poder opressivo. Por isso, o problema não é o de saber por que os comportamentos das mulheres visam à permanência do “poder” da coordenadora. Mas, como ocorrem as suas relações com questões que lhes são fundamentais. No caso, a questão da relevância da coordenação para a continuidade do grupo.

Nos encontros, é visível o desejo das mulheres em deixar exposta a valorização que consentem à função da coordenação. O tempo todo, a figura de Odete de Freitas é lembrada, com recorrentes momentos de exaltação à sua postura, considerada por todas como benigna e dedicada. Além da divulgação do prestígio e da confiança que depositam nela. Em todos os instantes, sua postura é exaltada como relevante e fundamental para o grupo. O consentimento, aliás, é o que mantém o poder firme e forte. Por isso, não se trata de um poder de coerção. Ao contrário. O que torna Odete de Freitas e sua função distintiva – ou ao menos o que sempre se ressalta – é destacada postura de benignidade da mulher frente às demais participantes.

Nesse momento, para fazer uma breve referência ao tema da “interpretação”, afirmo que para a manutenção da função de coordenação, função primaz, as participantes do grupo esforçam-se para passar a impressão da eminente distinção da ocupante do cargo. Não

digo que dissimulam. Apenas se avigoram demais em valorizar o “poderio” de Odete de Freitas, sempre se empenhando em fazê-la sentir-se legitimada na notória função. Tal postura, creio, é essencial para que as mulheres possam melhor construir o espaço onde convivem nos instantes fugazes. Na acepção das mulheres, o grupo necessita de uma destacada figura dirigente para “funcionar” a contento.

Se a generosidade, conforme ainda Lévi-Strauss (1996), é um predicado essencial do poder para a maioria dos povos primitivos, uma qualidade sempre esperada do chefe, para as mulheres do grupo *Flor de Mangueira* não é muito diferente, ainda que o poder de Odete de Freitas não tenha relação com a questão da chefia. Todavia, na prática as funções não se diferenciam muito. A propensão à postura mais incisiva e de iniciativa, junto com a generosidade, são atributos considerados propícios ao chefe. Atributos também notados em Odete de Freitas, uma mulher propensa, conforme narrado, a organizar as coisas de maneira eficiente e de tomar dianteira nas urgências e necessidades do grupo, mesmo que sofra com a carga excessiva de atribuições.

Então o chefe tem poder, mas deve ser generoso. Poder e dever. A postura de Odete no bingo, por exemplo, é evidentemente de disposição à generosidade. Uma mulher que, se não desfruta de muitos privilégios, aparenta ter muitas obrigações a cumprir no grupo (e obrigações é tudo que as mulheres não querem). Ainda assim, Odete de Freitas manifesta gosto pela função, mesmo com a responsabilidade do cargo. Ainda que ocasionalmente manifeste que *está* na função, mas que não é efetivamente coordenadora. Contudo, a função a envaidecesse sobremaneira, arrebatava-a de prazer e enriquece seu espírito. Se não tiver outros motivos para tanta vaidade, tem o motivo incontestável da valorização que as mulheres o tempo todo e reiteradamente dão a função.

Alvorço e avidez

Outro ponto deve ser apresentado relativo aos textos lidos por Odete (ou por um visitante, conforme veremos) nos momentos iniciais dos encontros. Posso mencionar que o que causa uma manifestação mais animada é quando se faz menção às práticas amorosas e sexuais. Nesses momentos, as mulheres se apegam aos aspectos “soltos” dos textos, conforme referido. Mesmo que normalmente associado ao amor de casal e

convencional, e citado para servir de contraponto ou para impingir outra discussão relacionada à vida conjugal, por exemplo, basta uma indicação à prática sexual para que o alvoroço e o frisson tomem conta das mulheres, fascinadas que são pela temática.

Em alguns momentos (comuns no início), eu apresentava reflexões com algum texto levado por mim. No princípio, os textos tinham cunhos “sociais”; depois, passei a levar textinhos de piadas e de historinhas singelas, relacionadas à atividade amorosa e coletadas da internet, tudo com muito humor (lembro de uma: “Receita infalível para uma beleza duradoura e eterna” – elas adoraram). Com o passar do tempo, eu parei de levar os textos; contentei-me em ouvir os apresentados e os comentários. Dificilmente opinava. Curioso, pois com o tempo tornei-me íntimo das mulheres e a recíproca foi verdadeira. Então, deveria ser mais falastrão. Mas não é tão curioso, pois como mencionado, com o tempo tornei-me mais “observador” do que proponente.

Aproveita-se a referência aos textos sempre lidos em grupo para se fazer uma afirmativa que considero singular. Os instantes em que Odete de Freitas faz as leituras dos textos são os únicos momentos “desorganizados” do grupo. A impressão é que a coordenadora retira-os a esmo das revistas que ficam na estante num canto do salão e, sem nenhum tipo de preparação prévia, os lê e convoca todas à reflexão. Com isso, em muitas ocasiões, sua leitura torna-se truncada, modorrenta e de difícil de compreensão. Além disso, como referido, os textos trazem uma sensação de notícia velha, gasta e de conteúdos ultrapassados, principalmente as reflexões religiosas. Somente quando as mulheres intervêm na discussão é que as coisas ficam animadas e acaloradas.

Descompasso de visões e estratégia das mulheres

Reafirmo que não é incomum ocorrerem visitas de pessoas ou de “personalidades” locais ou da região ao grupo. Representantes de outros grupos ou de entidades diversas. Para recepcioná-los bem, sempre é concedida aos visitantes a incumbência de uma leitura inicial, seja de textos levados por eles ou mesmo dos textos das revistas retiradas da estante. Nesses instantes, os visitantes são convidados a conduzir os comentários e as apresentações dos tópicos ou dos temas relacionados ou não aos textos lidos. Muitas vezes as visitas têm o fito exclusivo de ocupar esses instantes singulares (quando os

visitantes vão embora logo depois), seja para algum tipo de recado mais abrangente para apresentação de propostas diversas, para a divulgação de um evento e informações mais gerais, para apresentações políticas e outras coisas.

As visitas são bem recebidas e muito respeitadas pelas mulheres, que parecem aproveitar esses momentos como propícios à abertura aos outros, para o estreitamento de relações e para o exercício da boa acolhida. Doravante, para o fito da pesquisa, eu percebo também que as visitas são também importantes para se engendrar uma reflexão sobre as visões que as entidades – e as pessoas - têm sobre os grupos visitados. Refletir não é julgar. Trata-se de um processo umbilicalmente ligado à descrição empreendida com o máximo, se possível, de refinamento de detalhes acerca do *funcionamento* do grupo *Flor de Mangueira*.

A foto abaixo foi retirada com o intuito de esclarecimento da situação. A imagem apresenta um momento de recepção do grupo *Flor de Mangueira* a um visitante. Margareth Dionísia Costa Branco (de pé) tida como uma espécie de “porta-voz” das mulheres, se posta e se esforça na apresentação de um visitante (de pé à direita da imagem), que aguarda o convite de Margareth para iniciar a palestra ao grupo. O visitante é um comerciante e morador do Bairro Petrópolis em busca de apoio das mulheres em sua candidatura ao cargo de Vereador nas eleições municipais de 2012. As mulheres postam-se em círculo; atentas cravam os olhos no homem. O intuito do posicionamento é o de demonstrar interesse no tema a ser apresentado e também de dar reconforto e boas vindas ao visitante. Um manifesto de apoio. A postura habitual das mulheres é essa, seja quem for o visitante. Ou seja, postura de acolhida hospitaleira e generosa (o lanche posto à mesa deixa isso mais claro ainda).

Os outros homens que aparecem na imagem são o professor de ginástica, Guilherme (de camiseta vermelha) e José de Assis (grisalho, de costas), o marido de Maria José que, de óculos e com um guardanapo na mão, demonstra todo o interesse do mundo na informação de Margareth relativa à iminente palestra do visitante. Ao longo da dissertação, posteriormente, será citado os motivos das presenças dos dois homens nos encontros do grupo *Flor de Mangueira*. Presenças constantes.



Fez-se referência à visita de um candidato a vereador ao grupo, deve-se informar que em setembro e outubro de 2012, o tempo aproximado das eleições municipais, as visitas ao grupo foram bastante comuns. Em setembro, por exemplo, duas pessoas vinculadas ao Partido dos Trabalhadores (PT) e representantes da coordenação dos grupos de Terceira Idade do Barreiro visitaram o grupo. Um deles, responsável pelo Fórum da Terceira Idade¹¹, fez um breve comunicado da situação de pouca participação da representante do grupo *Flor de Mangueira* no referido fórum. Depois, o homem distribuiu lanches (biscoitos, sucos, etc.) ao grupo. Lanches que, segundo ele, todos os grupos têm direito de receber. Em seguida, explicou sobre verbas (dinheiro) que os grupos da região também têm direito de receber se fizerem parte do referido fórum.

¹¹ O Fórum da Terceira Idade acontece todas as primeiras segundas feiras, na parte da manhã, do qual participam os coordenadores de todos os grupos de Terceira Idade da região do Barreiro. O intuito é o de os grupos externarem suas demandas e atividades do mês. A todos os representantes é concedido um momento específico para apresentação. O local onde acontece é no CAC-Barreiro, entidade vinculada à Prefeitura de Belo Horizonte. Além dos momentos voltados aos grupos da região, o Fórum também se abre às questões associadas aos direitos dos idosos. Para isso, é comum a presença de representantes de grupos e de entidades de direitos desse grupo etário, vereadores, representantes da Prefeitura, e outros.

Pode-se aprofundar um pouco a questão da pouca participação do grupo do Bairro Mangueiras no Fórum de Terceira Idade, a despeito dos “incentivos” que receberia caso fosse assíduo no evento. Um dos motivos, é que as mulheres do grupo *Flor de Mangueira* parecem não necessitar tanto do dinheiro prometido, muito menos do lanche oferecido. Não notei entusiasmo com a possibilidade. O grupo tem seus próprios recursos, acanhados pelas contribuições mensais que a tesoureira Dirce Maria da Silva acompanha. O visitante trouxe a oferta às mulheres, crente em seu poder de convencimento. Todavia, a sua convicção irrestrita impediu-o de perceber que o “mimo” não era tão cobiçado. O homem cria que a oferta era irresistível. A sua convicção pode ser explicada pelo fato de as mulheres do grupo não demonstraram descontentamento ou desconsideração com as suas ofertas. Recusaram-se a demonstrar recusa. Souberam (e sabem) agradecer os visitantes.

Igualmente é sugestivo pensar que outro motivo relacionado à falta de interesse tenha relação com o fato de que as instâncias representativas não se coadunarem muito com o espírito autônomo das participantes do grupo *Flor de Mangueira*. Ou talvez seja uma disseminada descrença em virtude de promessas feitas outrora e que nunca se concretizaram o que faz com que as mulheres não levem em consideração as ofertas. São apenas sugestões. O que se pode afirmar com relativa convicção é que as mulheres não querem se “prender” às instâncias de representação de categorias ou de grupos mais amplos. Não têm necessidade disso. Querem usufruir a vivência fugaz no grupo *Flor de Mangueira*, apenas nele, de forma desprendida.

Outro ponto a considerar é que os visitantes não foram ao grupo com o fito de admoestar as participantes (ou a coordenadora) a se fazerem constantes no Fórum de Terceira Idade. O que efetivamente mobilizou as suas ações foi o de fazer propaganda política do candidato do PT à Prefeitura da Capital de Minas Gerais. Essa tarefa coube ao outro homem que, quando o assunto foi mencionado, de modo incontinenti apresentou sua preferência eleitoral, enumerando as vantagens dos projetos de seu candidato em relação às do adversário do momento¹².

¹² Nas eleições para a Prefeitura de Belo Horizonte, em 2012, os dois principais candidatos foram Patrus Ananias (PT) e Márcio Lacerda (PSB), com vitória final do candidato do PSB, ainda no primeiro turno. Lacerda foi reeleito com 52,69% e Ananias, o segundo colocado, ficou com 40,80% dos votos.

No encontro com os dois visitantes, foi notório o interesse das participantes com os temas abordados. Interesse que percebi como relativamente incomum. As questões políticas não eram muito aventadas nos encontros semanais. Mas, curioso, houve uma acalorada participação nas propostas apresentadas pelo representante do Partido dos Trabalhadores. Todavia, o que me interessa tem relação com o discurso dos agentes públicos no momento da visita. Ficou evidente que para eles, de maneira geral, as mulheres do Bairro Mangueiras são vistas eminente e basicamente como pessoas pertencentes à categoria “terceira idade”; elas são apreciadas enquanto pessoas velhas.

O tom usado pelos visitantes foi de ênfase na velhice, mesmo quando enalteciam o poder de influência e de ação social desse grupo etário. Mesmo quando o discurso se voltou à exaltação da velhice como um tempo na vida de grande socialização e de desprendimento. Mesmo quando a “terceira idade” foi enaltecida como o momento propício a uma maior interatividade social, etapa na vida de aprendizado e de enriquecimento mútuo (não se deve exaltar deveras esta pesquisa antropológica, pois em parte, faz-se o mesmo). Entretanto, o que ficou evidente mesmo, repetindo, foi à ênfase dada às mulheres como um grupo de categorias fixas – o de mulheres velhas.

A nuance do tratamento dos visitantes estava em dissonância com a “realidade”, pois as participantes do grupo não se enquadram num discurso que as aproxima da velhice e as vincula à categoria “terceira idade” (“melhor idade”, também usado, é pior ainda). A ênfase dos visitantes ficou mais evidente quando houve a menção da pertinente necessidade da busca por direitos políticos e sociais nesta etapa da vida. Os visitantes não sabiam e não conheciam (ainda não devem conhecer) o cotidiano das mulheres. Eles as percebem de maneira estanque, nunca *em* grupo; percebem-nas como um grupo igual aos outros, um grupo de “terceira idade”.

As mulheres do Bairro Mangueiras querem ser vistas como desligadas da categoria etária de “velhas”, ao menos quando estão em grupo. Querem ser vistas como pessoas com direitos sociais, mas nas mesmas condições de todos. Não querem usufruir de direitos – ou cumprir deveres – apenas pelo fato de serem velhas. Não querem ser lembradas pelo fato de gozarem de “privilégios” apenas pelo fato de estar numa determinada e estigmatizada situação etária.

Noutra ocasião, uma servidora da Regional Barreiro (Prefeitura) que acompanha os grupos de Terceira Idade foi ao encontro para se apresentar e fazer esclarecimentos sobre suas funções. Não me lembro do conteúdo de sua explanação. Não importa. As suas funções não carecem de julgamento. O que importa tem relação com um singelo texto levado para reflexão com o título: “Ser Idoso, ser Velho”. “Ser idoso” é tratado positivamente no texto, enquanto “ser velho” é o pior dos mundos. Houve até interesse das participantes. Muitas relataram sobre os benefícios, não de ser idoso, mas de participar de uma experiência em grupo. Mas a visitante não percebeu que as mulheres não fizeram referência à velhice, somente a proeza da participação.

Contudo, houve interatividade com a proposta da visitante. Talvez por educação ou pelo fato de as mulheres gostarem de receber e não desagradar às visitas, o instante teve proveito para a visitante. Observei sua satisfação. Outra vez, capciosamente as mulheres não demonstraram desacordo com o conteúdo do texto, discordando, ao menos parcialmente, sem deixar transparecer a discordância. Todavia, não quero entrar no mérito do texto ou das estratégias das mulheres de receber a visitante e fazê-la sentir-se acolhida (quando na realidade falavam de *outra* coisa). O que importa para mim na situação foi à percepção de que as visões das instâncias representativas em relação ao grupo estão mesmo em descompasso com o cotidiano das mulheres do grupo *Flor de Mangueira*. Como no exemplo dos visitantes com propósitos de marketing político, as mulheres mostraram – sem mostrar muito – que não concordam com os representantes dos grupos, que não querem ser vistas como idosas; muito menos, como velhas.

Tudo o que foi apresentado ainda tem relação com os instantes iniciais. Instantes relacionados e reservados às visitas que aparecem no grupo. Ainda narro esses instantes. Muito mais acontece. Outras visitas, ocasionalmente, se dão, quando os visitantes recebem a breve incumbência de “coordenar” o grupo das mulheres. A coordenação deve mesmo, como mencionado, fazer de tudo para o envolvimento de todos. Mas a concessão da coordenação a outrem deve ser sucinta. Precisa-se seguir adiante – e a coordenação precisa de fato ser entregue a quem tem direito, Odete de Freitas.

Momentos de apreensão

O próximo instante regular das mulheres em grupo talvez seja o de mais ansiedade – a preparação para o bingo -, uma ocasião semanal aguardada de maneira intensa e fervorosa. A dinâmica do jogo é emblemática, pois expõe as invenções orquestradas para a fuga de uma existência de obrigações, de funções e de afazeres a cumprir - das formas que os outros, principalmente os familiares, as vêem no cotidiano. No jogo as mulheres sentem-se livres. O encontro é o momento para se jogar bingo.

O que efetivamente se reportará nesse são os ritmos intensos nos momentos em grupo que precedem o jogo de bingo, de uma apreensão ilimitada; ansiosos e tensos. Costuma-se dizer que a espera da festa é tão boa (às vezes, melhor) quanto à própria festa. A espera pelo jogo não é passiva – é eufórica. Trata-se mesmo de um instante dinâmico, festivo e apreensivo de organização para o esperado jogo de bingo.

Odete de Freitas organiza as prendas sobre a mesa com laborioso cuidado, como para anunciar que o aguardado momento se avizinha. Seus gestos visam capitanear as atenções de todas que, por sua vez percebem o gesto da coordenadora (coordena-se também por gestos) como prenúncio do grande momento; organizam as cadeiras, buscam os lugares a serem ocupados, lugares que não são os mesmos sempre. Azafamadas, adiantam as conversas. Muitas vezes, as interrompe para o prosseguimento no instante subsequente, o *grand finale* das conversas soltas, do lanche “comunitário”.

As mulheres escolhem as cartelas (processo feito com antecedência) e se apossam delas como se fossem “amuletos” de sorte. Algumas escolhem as mesmas todas as semanas. Não basta escolher as cartelas, é preciso *acreditar* e mantê-las um tempo consigo. Tensas, sorrisos travados e olhos em repetidas piscadelas aguardam a ordem de Odete de Freitas para o início do jogo, que não pode mais ser adiado. Nada mais lhes interessa... O jogo inicia!

Bingo: um jogo lúdico de dar e de receber

Johan Huizinga menciona o “hábito lúdico do espírito” (2010:159) contido no jogo. O *hábito* específico que marca a conduta das mulheres do grupo. Por isso, antes de descrever o jogo, faço uma breve interlocução entre dois autores e duas obras que

considero relevantes para tratar de temáticas fundamentais para o entendimento do jogo de bingo praticado nos encontros do grupo *Flor de Mangueira*. Os autores e obras são: “Ensaio sobre a Dádiva” (Cosac Naify, 2003), de Marcel Mauss, e *Homo Ludens: o jogo como elemento de cultura* (Perspectiva, 2010), de Johan Huizinga.

O tema do modo lúdico do jogo é analisado pelos autores em questão. Huizinga (2010: 51) faz referência ao caráter elevado do jogo em geral, por tratar-se de uma atividade alegre. Ainda assim, o jogo pode incluir a seriedade. Nesta ambivalência vivem as mulheres concentradas no jogo. Mas, por outro lado, Huizinga (2010: 221) afirmou que para a eficácia do jogo, do verdadeiro jogo, é preciso que se jogue como uma criança.

O jogo tão valorizado pelas mulheres e que, de acordo com os seus depoimentos, é uma das principais motivações para participarem do grupo. O que lhes proporciona tantas alegrias e apreensões. Motivações para além da principal característica do jogo. Ou seja, a relacionada ao “desejo ardente de ganhar” (Huizinga, 2010:14). No texto, o jogo será percebido como componente de interatividade e de partilha, fundamentalmente. No ensaio de Mauss, a dádiva (um *jogo* de dar e receber) é analisada como um elemento de socialização e de interatividade. O que se recebe, não importa de que maneira, muitas vezes não é guardado para si, salvo de for algo imprescindível. Normalmente, o que se recebe é transmitido à outra pessoa - um cunhado (Mauss, 2003: 228), por exemplo.

O fato de a dádiva não ser apropriada por quem a recebeu primeiro não significa que não tenha relevância. Ao contrário, a relevância está na possibilidade de, através da sua doação, haver o fortalecimento dos vínculos. Para Mauss, “se as pessoas se dão é porque *se* ‘devem’ – elas e seus bens – aos outros” (2003: 263). Trata-se de uma situação de compartilhamento. Para Huizinga, a sensação de se estar “separadamente juntos numa situação excepcional, de partilhar algo importante, afastando-se do resto do mundo e recusando as normas habituais, conserva sua magia para além da duração de cada jogo” (2010: 15). Regras que determinam o que vale e o que não vale dentro do “mundo temporário por ele [o jogo] circunscrito” (Huizinga, 2010:14).

Num trecho de *Ensaio sobre a Dádiva* (2003), Mauss faz referência à civilização chinesa. Segundo o autor, tal cultura reconhece o vínculo indissolúvel de toda coisa e de todo bem com o seu proprietário original. Além disso, o que interessa nesse momento, a

natureza da coisa dada, principalmente se for alimento, é sua relação com a partilha, com a divisão e com a distribuição. Para Mauss, “não dividi-lo com outrem é ‘matar sua essência’, é destruí-lo para si e para os outros” (2003: 282). Mas, conforme Mauss, não é somente quem dá que se compromete - quem recebe também se obriga.

Huizinga (2010: 177) relata ainda que o jogo situa-se fora da sensatez da vida prática, da vida útil. Para o autor, o jogo não tem relação direta com a necessidade imediata. Compõem de outras necessidades humanas. Muitas vezes, o que se recebe – e se ganha – nem é apropriado pelo vencedor. É retribuído. Essa afirmação tem relação com a definição de Mauss de que “dar é manifestar superioridade, é ser mais, mais elevado, *magister*; aceitar sem retribuir, ou sem retribuir mais, é subordinar-se, tornar-se cliente e servidor, ser pequeno, ficar mais abaixo (*minister*)” (2003: 305).

Deve-se ficar atento outra vez a Huizinga, que asseverou que “sem o espírito lúdico a civilização é impossível” (2010: 114). Marcel Mauss pensa semelhante. Segundo o autor, só muito recentemente as sociedades ocidentais transformaram o homem num “animal econômico”, prático em demasia.

Por fim, é preciso afirmar ainda que o estudo do envolvimento com o jogo do bingo, uma prática relevante, também pode ser entendido como a possibilidade de se perceber o essencial do grupo, “o aspecto vivo, o instante fugaz (...) em que os homens tomam consciência sentimental de si mesmos e de sua situação frente a outrem” (Mauss, 2003: 311). A relação com o outro é o que caracteriza o jogo. De acordo com Huizinga,

“(...) é o desejo que cada um sente de ser elogiado e homenageado por suas qualidades. Elogiando o outro, cada um elogia a si próprio: queremos ser honrados por nossas virtudes, queremos a satisfação de ter realizado corretamente alguma coisa” (HUIZINGA, 2010:72).

O bingo é um jogo. Uma brincadeira voluntária e coletiva, ainda que os ganhos auferidos sejam individuais. A primeira vista trata-se de uma atividade trivial. Joga-se muito em grupo. Todas as semanas. Os objetivos são vários. Joga-se para preencher o tempo. Joga-se para compartilhar, para se expressar e para rir. Joga-se para jogar, quando a finalidade é o próprio e apenas o jogo. Mas o jogo de bingo em si, com suas regras e suas normas, em geral tem significados que só podem ser bem entendidas a

partir da compreensão do específico jeito de ser e de se comportar das participantes. Das jogadoras, eu diria. Ou ao jeito que querem se apresentar ao grupo a si e ao mundo.

Deve-se ainda mencionar que as mulheres jogam pelos prêmios, pela alegria e pela tensão provocada pela expectativa da vitória. Pela esperança de ganhar, mesmo que os prêmios nunca sejam em dinheiro. A possibilidade de ganhar e a tensão motivam as jogadoras. Aumentam a sua importância e fazem com que as envolvidas, em determinados instantes, se esqueçam de que se trata de *apenas* um jogo. Para as mulheres, os sentidos de ganhar são vários: para partilhar e se mostrar, sobretudo.

No jogo se partilha e se retribui o prêmio ganho. E isso não diminui a afeição pela busca do triunfo, o prazer e a ênfase pela conquista do triunfo. Às vezes se ganha para não ficar com o fruto da vitória. Em grupo, a retribuição da prenda costuma ser uma forma de dar relevância a quem doou. Doar prêmios reforça o caráter relacionado ao sentimento de bondade humana, postura sobejamente valorizada entre as mulheres do grupo. A postura doadora também dá mais sentido ao jogo.

No jogo do bingo, a postura de repassar o prêmio pode levar a um ganho de confiança pela certeza de que se fez um ato compensatório. O constante “dar e receber” dá sentido ao jogo. Dá sentido ao grupo. Ademais, existe a esperança de que dar o ganho pode garantir alguma retribuição no futuro. Faz parte do *ethos* das mulheres em grupo. Elas valorizam sobremaneira as posturas altruístas. Ao menos em grupo. Ao menos nos seus instantes efêmeros. Se existem pessoas que dão os prêmios, existem aqueles que os recebem. Com isso, fortalecem-se os vínculos.

Por outro lado também se perde o ganho (aparentemente de propósito) para se alcançar e se ganhar prestígio junto às mulheres em grupo, e até em casa. A distribuição do ganho aos outros reforça o sentimento de benevolência das doadoras. As doadoras passam a ser vistas como pessoas provedoras, bondosas e desprendidas. Qualidades valorizadas e, inclusive, razões pelas quais muitas participam em grupo. Motivos de prestígio. Margareth Dionísia Costa sempre enfatiza que “no bingo, o importante sempre é dar chance para todo mundo ganhar”.

Na dinâmica da participação, em grupo, existe muita gratidão entre as mulheres, o que reforça o sentimento de agrupamento. Quase todas enfatizam o reconhecimento recebido pelas outras participantes, seja pela benevolência notada nos encontros, seja pelo fato de terem sido convidadas por alguma participante (e a maioria foi convidada por uma participante do grupo, mesmo que essa não participe mais do grupo) ou por outro motivo qualquer. O convite reforça laços e impõem certa organização de se ter comportamentos de comprometimento em grupo.

No relato sobre a importância do jogo do bingo e o sistema de retribuição e de circulação de prendas do grupo *Flor de Mangueira* o que se percebe é que o jogo representa uma dada composição “moral” das participantes. O jogo é uma das formas encontradas pelas mulheres para socializarem e, conforme veremos, para manifestarem-se frente ao mundo como elas são e como gostariam de ser tratadas. Mulheres que se importam muito e sobremaneira com a opinião dos outros.

Joga-se para se mostrar aos outros

Joga-se bingo para a exibição. Para isso também que as mulheres recorrentemente estão bem vestidas, pois querem se mostrar para ser vistas alegres, em poses e posturas diferentes das triviais que percebem impostas sobre elas (muitas sempre afirmam que para os outros, velhos devem ser tristes). O jogo também é marcado pela exibição das vitoriosas, aos gritos, quase sempre. Individualmente vitoriosas. Ganhar é apresentar alguma coisa de si (distribuir e “perder” o ganho também são). Nesse cenário, o que importa é que as pessoas vejam que as participantes estão ativas, eufóricas e contentes.

Deve-se mencionar ainda que, para as mulheres, a integração ao jogo tem relação com a busca por igualdade, ainda que estejam presas a certo “tradicionalismo”, pois a prática do bingo é proeminente e muito valorizada no cotidiano do Bairro Mangueiras. Por isso, a ação intensa das mulheres, o ávido desejo de se destacarem, as legitima, as insere e assim as apresenta “positivamente” à população do bairro. Perpetua a própria prática. O que então não deixa de evidenciar certo conformismo social das mulheres do grupo diante da busca pela valorização e pelo reconhecimento de uma instância mais “holística”. Os homens, as mulheres e as crianças do bairro têm também afinidade com

a ideia, muito difundida na “sociedade” de distribuição de prendas e de circulação de bens, conforme acontece no jogo do bingo das mulheres do grupo *Flor de Mangueira*.

Por isso que as portas do salão da Conferência São Vicente de Paulo, onde se reúne o grupo, ficam abertas. Sempre. Abertas no meio do tumulto da rua azafamada. O que acontece às quartas-feiras à tarde existe para a exibição. As mulheres querem que as pessoas as reparem em grupo, e durante o jogo. O jogo é a possibilidade de serem vistas. Mulheres que, como afirmado, muito valorizam a opinião dos outros. Alegres (e o que caracteriza o grupo é a alegria) e querem ser vistas inseridas e respeitadas na sociedade. Querem o prestígio da inserção no jogo. Querem a conformidade. Ao mesmo tempo, almejam romper o estigma percebido por elas de que ninguém nota os velhos. As velhas, principalmente. As portas do salão da capela ficam sempre abertas para que sejam enxergadas e percebidas pelos outros. O jogo é a demonstração de que a forma momentânea de vida escolhida é mesmo muito intensa. Vive-se para a exibição.

Suspensão da vida

Joga-se para criar suspense. Trata-se de uma das suas peculiaridades. A expectativa de ter a primeira cartela ou a “carreira” preenchida causa grande emoção. As ávidas participantes se imobilizam pela vitória. Pela expectativa da vitória. A espera costuma ser tão estimulante quanto à vitória. É o que dizem. O jogo é a possibilidade de fazer algo diferente, ainda que a prática esteja presente no bairro; possibilidade de se postar diferentemente, como é a participação em grupo. O jogo representa uma suspensão dos afazeres cotidianos. Nesse sentido, sugere-se que participar do bingo serve para o esquecimento das imposições da vida.

O jogo de bingo pode ser visto como uma espécie de ritual; um ritual sempre repetido, semanalmente. A sorte de conquistar um prêmio e de alcançar, ainda que fugazmente, prestígio e de ter o mérito manifesto é uma busca que mobiliza as participantes. Uma busca recorrente. A mobilização as deixa com a sensação de terem alçado um reconhecimento elevado junto às outras mulheres, embora o que caracterize o jogo seja a ideia da concessão de prêmios. Todas devem ganhar. Trata-se de um pacto entre as mulheres. Ainda assim, é interessante perceber que elas almejam ganhar; avidamente

torcem por alcançar a vitória, mesmo que saibam que a regra principal no jogo do qual participam é a de que todas devem ser sorteadas. Indubitavelmente.

Aliás, a peculiaridade de que todas devem ter o direito à vitória pode ser entendida como uma norma específica do jogo de bingo. Uma moral que o rege. E é também uma forma encontrada de dar prestígio ao próprio grupo. Uma norma que inclusive fortalece o *spiritus et corpus* das mulheres, ajudando-as na construção de uma singularidade enquanto entidade e “corpo” social, em contraste com a premissa difundida pelo senso comum de que o jogo é uma prática competitiva onde predomina o desejo da superação do adversário. Nesse sentido, sugere-se que as mulheres assumem-se com pretensões magnânimas. Com intentos mais honrados que aqueles que entendem os jogos como disputas individualizantes que visam alcançar a superação do outro, sempre visto como antagonista. Os desígnios do bingo no grupo *Flor de Mangueira* visam fundamentalmente o fortalecimento de laços sociais.

Ainda assim, o jogo praticado em grupo tem um componente de um ritual competitivo, marcado pela busca da individualidade, conforme mostrado. Embora não decidido pela força, pela habilidade ou pela esperteza, mas pela sorte. A sorte estimula as jogadoras. Trata-se do sentido do jogo para elas. De todo jogo. No caso do bingo, trata-se de alcançar a fortuna da vitória, antes de se receber a concessão dada àquelas que não tiveram a sorte da vitória. Embora todas saibam que vão ganhar.

O jogo de bingo praticado quando as mulheres estão no grupo *Flor de Mangueira* é um ritual vigorosamente aguardado que ao se fazer presente recompõe sua própria encenação, refazendo-se na repetição constante e trazendo consigo imagens, gestos, comportamentos e discursos de situações vividas. O jogo é a expressão do grupo, sintetiza-o. É dinâmico, interativo e intenso porque as mulheres em grupo são (e se consideram) assim. Elas se apresentam e se exibem com posturas correspondentes às suas condições de existência. A participação no jogo (no grupo) contribui para a supressão, ainda que temporária, de regras convencionais impostas, principalmente as que ditam que velhos não devem brincar. Regras que percebem como voltadas para (contra) elas. As famílias querem que elas sejam sérias. Ou ao menos que sejam avós, responsáveis e compenetradas. O jogo representa a eliminação pelas mulheres, num

momento provisório, dos modos que se espera delas. Mulheres vistas pelos outros, principalmente pela família, a partir da premissa de que devem ser sempre *velhas*.

Entretanto, mesmo que se trate de “apenas” um jogo, de uma brincadeira, a coisa é desenvolvida de maneira circunspecta, com vigor e rigor. Uma questão curiosa é que o fato de ser uma brincadeira é o que dá seriedade ao processo. Para D. Cilinha, no jogo “a gente se esquece de tudo, distrai. É uma coisa que faz a gente ficar mais esperta. Uma coisa séria. Mesmo quando não se ganha, se sente bem. Então, a gente gosta mesmo é de participar; é uma coisa alegre”.

A força, concentração e envolvimento no jogo são tantas que a vida dos afazeres domésticos fica em suspense. A vida dos compromissos em casa, das obrigações domésticas, das labutas - e das tristezas da velhice, quando existem -, ficam em segundo plano. No jogo se suspende a vida. Brinca-se para deixar as obrigações de lado. Em última instância, joga-se para deixar-se momentaneamente de sentir-se velho. Ademais, o que seria da vida sem os suspenses. Sem os esquecimentos. Parafraseando Paul Válerly, o que seria de nós sem o socorro das coisas sem importância (sem as coisas que não existem, disse Válerly). Os vazios e suspenses é que dão proeminência à vida. Fortalecem sentimentos e expectativas.

Participar para alcançar notoriedade

O mais relevante é que se joga para jogar e para participar. Simplesmente. Aliás, a participação representa a ocupação de uma oportunidade dada surgida pela própria interação. Interação construída. O jogo é uma alternativa de felicidade. Como o jogo, como o grupo, algo que se caracteriza pela efemeridade e pelos pequenos momentos. Uma prática que dá sentido às existências das mulheres. Ao menos, por breves momentos. Na vida vale mais as *práticas* do que os prêmios. Sobre o jogo disse Maria de Fátima Borges: “se ganhar ganhou, se não ganhar, não tem problema, pois só de participar é bom demais”. Vale mais o momento. A vida é feita de momentos. Devem-se usufruir as oportunidades. A felicidade é um instante da vida. Um entremeio.

Contudo, o jogo também serve para fins mais *práticos*. Para as mulheres a participação no jogo contribui para a realização de passeios, atividades que consideram importante para a formação da identidade, para a perpetuação do grupo. Passear é conhecer pessoas novas (conhecer melhor as conhecidas) e lugares novos, ampliar horizontes, afugentar certa opressão familiar, fortalecer vínculos e valorizar amizades. Os rendimentos acumulados no jogo servem como “caixinha” para a organização e financiamento desses passeios¹³. Aliás, a ideia de “passeios” se relaciona aos estágios lúdicos da vida em grupo, com conotações vinculadas às coisas soltas, como divertimentos e brincadeiras – e até jogos de bingo. Bingo! Passeia-se também para jogar bingo! Enfim, práticas que as mulheres consideram “joviais”. Práticas em que podem ser notadas.

As mulheres jogam bingo por diversão e por momentos de entusiasmo; momentos *agonísticos* de brincadeiras, de alegria e de deboches; de sacadas safas e hilárias. Para Maria Alves Sales, o “bingo é divertimento, distração”. O que se nota é uma incontida alegria estampada no rosto das vitoriosas. Uma alegria pela possibilidade de se fazer troças em público e de se engendrar outras formas de disputas, como, por exemplo, as disputas pelas pilhérias mais engraçadas. Enfim, uma espécie de torneio de gracejos que serve também para se alcançar notoriedade.

O jogo e a lógica (etnográfica) do jogo

O que mais se vê é o fôlego renovado e a interatividade das jogadoras. Os sentidos são engendrados por elas. Observando-as, notam-se os entusiasmos, os júbilos e os gracejos. As brincadeiras de duplos sentidos. Aliás, jogar é gracejar. Manifestações frente à vida. De repente, um grito, 69! Estouram risadas, pois o número evoca uma prática sexual assaz atrevida. É quase sempre assim. Noutras vezes evoca-se 24 e elas dizem: “marcha a ré”. Outra pilhéria sexual. Atrevida. Outros manifestos costumeiros: 33 é a “idade de Cristo”, 51, “uma boa ideia”, 66 (meia/meia) é “tapa na *oreia*”. Quando se canta a

¹³ Algumas partidas do bingo no grupo *Flor de Mangueira* são cobradas. O valor é simbólico (R\$ 1,00). Mas, nem sempre acontecem as cobranças e não é fundamental que se pague para se participar do jogo. Como norma, mesmo quem não pode pagar, não deixa de participar do jogo. Outra regra. O dinheiro arrecadado, mesmo módico, ajuda muito na eventual aquisição de prendas e também na organização dos ocasionais passeios do grupo. Embora a ajuda maior nesse caso provenha das contribuições mensais (R\$ 5,00) da maioria das participantes, contribuições acompanhadas como zelo pela tesoureira do grupo.

“pedra de feijão” de número 18, as velhas dizem “minha idade”. Seriam as afrontas contra a velhice e gracejos com a passagem do tempo? A pilhagem nas lógicas. Na evocação ao número 01, elas dizem “começa o jogo”; 08 (18, 28,38...) é “balaio de (ou café com) biscoito”, 22, “dois patinhos na lagoa”; 60, “sessenta e espera”; 70, “se tenta, tenta, e tenta de novo”; 77, “dois machadinhos”.

Nos exemplos, nota-se que as lógicas dos números são invertidas, com novos sentidos dados pelas mulheres. Transgressões. Por exemplo, quando o número 15 é sorteado, dizem tratar-se da “idade da menina bonita”. Será uma referência ao fulgor da jovialidade que as mulheres buscam encontrar nas atitudes brincalhonas no jogo?

E por aí vai. Mas isso ainda é pouco. Como mencionado, o jogo é marcado por brincadeiras maliciosas. As mexidas no “saco” de pano onde estão guardadas as pedras são motivos de se fazer chacotas maliciosas, de se dar risadas soltas. Quase sempre, de modo invariável, as brincadeiras se prendem à ideia de que se deve “mexer e balançar muito o saco” para que o sorteio seja produtivo. Uma profusão de gracejos. E assim vai o jogo. Longe. As inebriadas mulheres extasiam-se no seu processo integrador.

A participação no jogo é mesmo integradora. Ninguém fica incólume. Todas são instigadas a participar, todas ganham. Mesmo as mulheres que não conseguem ler participam ainda assim do jogo. Do jeito delas. Com vigor. Igual às outras. Ou às vezes de maneira diferente. Argentina Coelho da Silva disse que mesmo que não saiba ler, joga. Argentina não se importa que as outras joguem por ela. O que a faz participar é o prazer de ver as outras jogadoras. Diz ela: “eu acho bonito ver jogarem”.

Por isso que as mulheres que não podem ler se postam junto às outras; postam-se interessadas e inebriadas. Não arredam o pé. Outras jogam para si e por elas. Pode-se asseverar então que elas jogam, mesmo que não saibam identificar os números “cantados”. As que não podem ler são as citadas Argentina Coelho da Silva e Maria Alves Sales. Essa última, inclusive, sempre afirma que não vê problema de outras marcarem suas fichas. Ela se sente participante do jogo do mesmo modo. O que importa é que no jogo um código define que ninguém deve burlar, numa espécie de honra que dita os comportamentos do grupo. Ganha a que ganhar, e pronto.

Aliás, as regras não podem ser burladas e questionadas. As regras têm de ser inabaláveis para a sua manutenção. Trata-se de uma finalidade moral. Por exemplo, as prendas ganhas não podem ser trocadas. Todo jogo, aliás, seja o praticado em grupo *Flor de Mangueira* ou outros bingos noutros lugares e em outros jogos têm suas regras. Então, lograr é tornar ilegítima uma prática absolutamente essencial para a vida em grupo das senhoras do Bairro Mangueiras.

As prendas são dadas àquelas que ganham. Ou seja, às que têm o maior número de “pedras de feijão” sorteadas. Todas devem ganhar. Outra regra, inapelável. Para se receber prêmios de menor valor, basta preencher fileiras horizontais, as “carreiras”. Quem preencher primeiro vence. As prendas “menores”, para citar algumas, são: alimentos (amendoins, biscoitos, bolos, chá de camomila, couves, doces, farinha de mandioca, fubá, gengibres, macarrão), frutas (laranjas, mangas, uvas), plantas, produtos de maquiagem (batons, cremes, desodorantes lápis para os olhos, perfumes), roupas (blusas, saias). Ou então, anéis, balas, bandejas, brincos, bolsas, brincos, calças jeans, capas de celular, carteiras, cintos, colares, coletes, colheres, copos de alumínio, enfeites, formas de bolo e de gelo, panos de prato, pimentas, portas celulares, pochetes, pregadores de roupas, presilhas, óculos escuros, sabões em barras, sabonetes, sandálias, tamancos, toalhas de mesa, vasilhas de plástico, tocas, xícaras com pires.

Os prêmios mais valorizados são dados na parte final do jogo, quando se preenche toda a cartela. Esses prêmios, normalmente os melhores, são: alimentos (bolos, pães de batata, etc.), blusas de frio, casacos, chinelos coloridos, bolsas mais chiques, imagens de santos, pratos de louça, tesouras *multi* função, toucas, vasilhas grandes, etc. Em alguns momentos são oferecidos prêmios especiais como, por exemplo, um modelo da Bíblia, uma bolsa ou um vestido mais sofisticado, vestido de festa.

Um pouco mais sobre as prendas

O que rege o jogo não é a busca pelos prêmios em virtude dos seus valores monetários, nem os prêmios em si, embora sejam úteis; prêmios na maioria das vezes trazidos de casa pela coordenadora, mesmo que não seja obrigada a isso. Noutras vezes, as prendas são compradas com o dinheiro da “caixinha”, as contribuições mensais. Mas, a preocupação com as prendas é recorrente, em virtude da sua importância essencial para

o jogo, Eni Maria da Silva de Freitas afirmou que “o bingo é divertido por causa das prendas, é o que dá emoção”.

Todavia, a emoção não está apenas em adquirir as prendas ou em fazer uso delas. A emoção está em ganhar e em aparecer devido o ganho. O êxito, como mencionado, proporciona satisfação e confiança, principalmente devido à presença de outras mulheres. Por isso, a felicidade está em alcançar a sorte da vitória, mesmo quando concedida. Para Maria de Fátima “a sorte de ganhar é que me faz feliz, pode ser até um sabonete que eu fico feliz”. Na maioria das vezes, os prêmios não são nem apropriados pelas vencedoras; estão fora da esfera das suas necessidades. Nesses casos, as prendas voltam para o bingo, para os próximos jogos da próxima semana. As prendas são aceitas na condição de doação. O jogo tem que continuar. Outra lógica.

Ou então, como mencionado, as prendas, que precisam circular, são dadas aos familiares e amigos. O que vale então é a emoção de participar do jogo. A vitória, aliás, representa a participação no jogo. Uma participação notória. Por isso, nota-se uma incontida aflição para vencer e para a aquisição da prenda. Trata-se de uma forma de mostrar-se capaz e integrada ao jogo. Contudo, um “ganhar” que simboliza uma participação ativa e uma demonstração de presença. Se ganha e faz-se notável. Ou melhor, o que vale é a emoção de expor a vitória e fazer-se visível. Abiscoitar a prenda é uma forma de exibição da vitória. Mais inda: uma forma de exibição às outras.

Quando se ganha, se anuncia a vitoriosa. Muitas vezes, o anúncio é feito aos gritos e em regozijo. A vencedora, principalmente quando se completa uma fileira, faz questão de expor e proclamar os números sorteados para que possa ser feita a conferência da coordenadora, a mulher que canta as “pedras”. Todavia, não se faz isso por achar que as outras desconfiem da vitoriosa. Ou desconfiem delas. É preciso lembrar que no jogo não se burla. Tal postura de exposição dos números sorteados é adotada para o deleite da vencedora e para a inserção de todas no seu ganho. O que motiva a prática é o desejo de se ver a vitória ratificada e comprovada. Não basta ganhar, é preciso que todas tenham plena convicção – e que participem - da vitória.

O jogo é uma festa eufórica e inebriante. Nada no momento é mais importante. Todas participam atentamente, emotivas, apreensivas e risonhas. Tudo ao mesmo tempo. Os

olhos ficam pregados em suas cartelas e também, de soslaio, na cartela das outras. Jogar é fazer parte de uma disputa. Mas, uma disputa divertida. Acima de tudo.

As prendas existem para garantir a continuidade ao jogo e ao grupo. Em última instância, o jogo dá sentido à vida. Trata-se de uma forma de vida. No caso das mulheres do grupo, de reinvenção da vida. As prendas são novamente doadas para se ter garantia da continuidade do jogo e do grupo. O retorno das prendas que não têm uso como doação, além de ser importante para construção de um sistema distributivo equânime, é a forma de se ter segurança da continuidade e de se produzir determinada abundância de “riquezas” em grupo. Para se manter uma unidade permanente e profusa. Enfim, para que o sistema vivido pelas mulheres em grupo fique marcado por um intercâmbio socializante de retribuição e de circulação de prendas; um sistema embutido nas próprias regras do jogo e das mulheres em grupo, e da vida que querem para si.

A coordenadora Odete de Freitas faz questão de sempre lembrar que “joga para se divertir”. Pode-se afirmar que sem o “espírito lúdico” do jogo de bingo seria impossível à existência do próprio grupo *Flor de Mangueira*. Ou seria o inverso? A possibilidade de brincar e de se divertir, essência do jogo, são as alternativas encontradas pelas mulheres do grupo para o encontro com uma vida lúdica e momentaneamente feliz. A felicidade é mesmo feita *apenas* de momentos.

Nota sobre o regime integrador do jogo de bingo

Ao se observar o jogo de bingo, o que se percebe é que o que o caracteriza é o apego a um regime integrador. Às vezes é cobrado um valor simbólico às participantes. Todavia, quem não pode pagar, não fica excluído. Participa assim mesmo. Quem pode pagar, pode ganhar mais de uma vez. Ao menos, quando se concorrem na complementação das fileiras das cartelas. Quem não paga, não pode ganhar mais de uma vez. Nas circunstâncias em que o jogo do bingo é de graça, só vale ganhar uma vez.

Cantar é uma forma de se destacar no jogo

No jogo, como os outros momentos do grupo, tudo é administrado pelo regimento da coordenadora Odete Ribeiro de Freitas. Ela ordena as prendas a serem sorteadas e as hierarquiza; impõe quais prêmios concorrerão nas rodadas e quais regras valem – se serão momentos das cartelas cheias ou das fileiras. Além disso, as “cantadas” das “pedras de feijão” são feitas por Odete – “cantadas” pausadas e bem conduzidas para que haja uma harmonia e uma fruição grupal de tal ordem que dê tempo à inserção e integração de todas no jogo. De tudo faz Odete para possibilitar a partilha em grupo. O tempo e o ritmo de cada uma são diferentes. É a coordenadora quem canta o jogo, sempre, organizando tudo. Embora não seja predeterminado, parece que somente Odete de Freitas tem autorização (e competência) para executar tal função.

Inclusive, durante um tempo eu fui insistentemente convidado a “cantar as pedras” do bingo. Fiz isso algumas vezes. Atendi os apelos. Senti gosto pela atividade. Embora, em algumas ocasiões, senti cansaço e uma incômoda dor maxilar. No entanto, notei ao longo das semanas que minha postura provisória de “cantor” das pedras deixava a coordenadora do grupo inquieta. Deduzi que Odete de Freitas, ao não estar provisoriamente “cantando as pedras” do bingo, sentia que seu prestígio era abalado junto às outras mulheres. Aquietei. Não mais atendi aos pedidos, sempre arrumando um desculpa. De tanto recusar, eu deixei de ser chamado para a função. Notei que as outras participantes também começaram a perceber que a função é importante demais para Odete – e para elas também – para que possa ser repassada para outrem.

Talvez nesses momentos eu tenha sentido na “própria pele” o que relatei ao longo da dissertação sobre a prática das mulheres (e da coordenadora) de “cederem” a função de coordenação a outra pessoa, em momentos específicos dos encontros. No meu caso, tomei juízo da situação em tempo, quando percebi que minha momentânea “coordenação” estava delongando-se em demasia.

Cantar o jogo é uma forma de exercício de se destacar. Trata-se de uma função relevante. Até sobre as prendas, Odete de Freitas tem o controle. Na maioria das vezes é ela quem as doa – prendas que se compõem dos objetos de sua casa ou são arrecadados em outras atividades sociais. A coordenadora, que também participa do bingo com uma estudada “desatenção”, sempre doa o que ganha. Ou promete doar. Sua atenção é dada fundamentalmente à condução do jogo. É preciso ser assim. Odete de Freitas adota essa

postura por ser ela quem traz os prêmios. Além disso, ela precisa se diferenciar das outras. Não faria sentido ganhar o que deu e se envolver na busca pela vitória.

Então o jogo serve como uma oportunidade de demonstração de autoridade. As “cantadas” principalmente. Tal como o mérito das sorteadas tem de ser manifesto, o poder da coordenadora também. Uma coordenação que também lhe foi dada. Deve agora ser apropriada. Nesse contexto, as “cantadas” são as mais visíveis demonstrações da autoridade de Odete de Freitas. Não uma autoridade arbitrária ou despótica. Nada disso. Não combinaria com o grupo. Mas uma autoridade irrefutável, do jeito que, aliás, todas querem que seja. Tudo para manter uma determinada ordem e harmonia no grupo, típicas dos jogos. O jogo é também de poder, uma jogada de poder.

Algumas vezes, em momentos raros, quando Odete de Freitas está muito indisposta ou numa situação adversa que a impede de “cantar as pedras de feijão”, outra participante é convocada para a função. Mas, ainda assim, a valente Odete não se deixa abater. Fica atenta ao jogo. Acompanha as cantadas. Muito atenta às normas, que não podem nunca ser burladas. No caso, nas regras que enfatizam que Odete é a responsável por “cantar as pedras”. O poder não pode correr o risco de ser ocupado por outra sem a anuência de Odete. A vigilância é necessária. O jogo também serve para a manutenção da vigilância.

O bingo vai além do jogo

O bingo no grupo *Flor de Mangueira* é também o momento de laços e de comentários sobre o próprio jogo ou sobre outros assuntos. Odete de Freitas dita o ritmo até nessas situações. Tudo é calculado. Nos breves segundos dos intervalos das “cantadas” são comuns seus comentários sobre as participantes ausentes, sobre pessoas da comunidade e vizinhos, sobre estratégias para auxiliar algum membro da comunidade. As mulheres interagem e fazem comentários, organizam-se para os eventos e festas; compactuam entre si para chegarem às pessoas. Nesses momentos, são feitas menções às participações em outros grupos. Às vezes os comentários são críticos aos membros da comunidade e às entidades. Outras vezes, não. Tudo é muito discreto para não parecer “fofoca”. Mas, também – até mais – para não se desviar da atenção ao jogo de bingo.

O bingo vai além do jogo em si. Tudo deve ser observado para além do que aparenta. Tudo depende das apropriações. Das oportunidades. O bingo pode ser entendido como uma alternativa de se dar sentido de existência ao próprio grupo. Um momento conquistado, supremo e ansiosamente aguardado. Maria Pereira da Fonseca asseverou que “o jogo é uma terapia”. Uma “terapia” específica e encontrada a partir da apropriação de uma alternativa que surgiu num determinado contexto social. Uma apropriação em grupo. Maria Alves Sales afirmou que o jogo de bingo tem tanta importância na sua vida, mas tanta, que atualmente é a sua única forma de divertimento, já que “eu não tenho alegria em casa; fico sozinha e não gosto de TV”.

O jogo é um momento singular onde as mulheres buscam expurgar o fastio da vida doméstica. Uma conquista. Do jeito delas. O bingo, então, através da sua apropriação, tornou-se a forma e a possibilidade das mulheres participarem de uma determinada vida social, de marcarem presença, de se distraírem, de ganharem confiança, de se unirem e assumirem-se com uma nova identidade, de um tipo particular de existência e de convivência num lugar que tanto valoriza a prática do jogo de bingo.

Jogo como meio de consideração pública

O jogo tem sua lógica própria, percebida e ditada pelas envolvidas. Mas o jogo dá sentido à existência das participantes do grupo, as insere num espaço coletivo, um espaço ordenado e harmonioso onde, segundo Odete de Freitas, deve-se “dar chance para todo mundo ganhar”. Mas, noutros instantes, o jogo é pautado também por determinada desordem. Uma peculiar “desordem” muito valorizada pelas mulheres, pois se trata de uma condição não encontrada no espaço doméstico, conforme relata Maria Augusta de Oliveira, uma mulher que aprecia muito o bingo, principalmente pelo fato dele servir para “fazer bagunça” e para brincar. Brincar, na acepção de Maria Augusta, tem relação com tirar as coisas da ordem. Com isso, ela faz-se notada. Por sua vez, Eni Maria da Silva fez a seguinte declaração:

Eu adoro [o jogo de bingo], no que dia que não tem, não tem graça. A expectativa de ganhar é o que vale. A sensação de ganhar é uma coisa boa, mesmo quando a prenda seja simples. Uma sensação que eu sei não explicar, mas sei que é bom, né?

Pode-se sugerir que participar do bingo talvez seja uma forma encontrada pelas mulheres, dentro tantas alternativas, de se alcançar uma opinião favorável das pessoas do grupo sobre elas, ainda mais se a participação vier acompanhada com a vitória, acompanhada da sorte. Mesmo que seja uma vitória concedida. Ou seja, não venha acompanhada da força do destino ou a algum desígnio mais elevado.

Participar do jogo, ganhar, é uma oportunidade de ser contemplada com uma característica que tem relação com outra muito valorizada nos momentos provisórios vividos pelas mulheres em grupo, a questão da busca por elogios. Nos instantes em grupo, os elogios recíprocos são muito notados. O tempo todo. A participação no bingo é também ansiosamente aguardada e inebriante por se tratar de um momento possível de se receber afagos e manifestações de carinho. Quando se ganha, principalmente. Não se deve furtar dessa oportunidade, pois se trata de uma carência caracteristicamente humana que, inclusive, explica o fascínio do homem pelo envolvimento nos jogos e pelo envolvimento com grupos.

Outras considerações

O jogo de bingo deixa explícito que existem classificações mais tênues do que as voltadas para os termos de compra e de venda das relações interpessoais. Os valores dados às prendas, por exemplo, são de outra natureza que não os da *natureza* capitalista. A alegria de doar em público e de expor o que se doou e se ganhou não são regidos pelos valores monetários dos prêmios. A partilha do ganho, a abertura à possibilidade de todas ganharem, o desejo de vitória, etc. são exemplos de que os valores embutidos são muito mais amplos do que os meramente voltados para as questões relacionadas às de utilidade material. Valores tão arraigados na sociedade brasileira.

Ainda assim, não se pode se referir à sociedade das mulheres em grupo *Flor de Mangueira*, tão envolvidas no jogo de bingo, como se fossem isoladas do mundo atual. As mulheres não vivem desamparadas; não vivem desligadas de relações outras sociais. Todavia, não nego e reafirmo: as mulheres criaram um jogo com códigos específicos que vão além da mera questão da utilidade material.

Deve-se outra vez fazer a menção de que o que querem as mulheres é afugentar-se das situações que as aprisiona em papéis convencionais. Ao controle social. Ainda que, ambivalentes, muitas vezes se reportam à convenção social para alcançarem a valorização que julgam merecedoras. Por isso apropriam-se das oportunidades oferecidas. Apropriam-se da alternativa dada.

No bingo, os que participam não são homens, mas mulheres, e mulheres idosas. Mulheres que sentem como quase ninguém que a vida é breve. Por isso, sabem que precisam apropriar-se daquilo que a vida oferece, de maneira urgente e sem a aporrinhção, a perda de tempo e o descontentamento que tanto consideram desagradáveis, e que atravancam e tornam a vida muito complicada.

Pela prática constante do jogo é como se as mulheres conseguissem dar um basta, ao menos momentaneamente, na opressão cotidiana vivida em casa. No bingo, se opõem ao mundo doméstico. Rompem com paradigmas para conseguirem o necessário distanciamento da família, para o alcance da almejada e intensa felicidade – mesmo que fugaz. O que buscam mesmo é a possibilidade de serem felizes. Com convicção, as mulheres acreditam que no jogo do bingo podem se divertir e assim participar de uma prática que as insere na comunidade, uma prática que lhes oferece consideração pública.



Aproximação do final do jogo

Quando se avizinha o horário normalmente reservado à prática da ginástica, outra atividade considerável (e narrada adiante) e muito valorizada pelas mulheres. No final do jogo, elas são tomadas por uma ansiedade ainda maior do que a que as acomete na sua véspera e no seu desenvolvimento. As mulheres ficam aflitas e atormentadas quando percebem que o final do jogo se aproxima. Mãos se atam. Corações pulsam mais fortes. Os ânimos se agitam. Como atrizes nas coxias, sentem a aproximação do instante de arremate da prática do jogo. Preparam-se para a ocasião fulgurante.

O que temem as mulheres é o professor da ginástica (Guilherme Drummond Alkmim) chegar ao salão (o horário da ginástica se aproxima) e não sobrar tempo de se encerrar o jogo a contento. O receio é deveras visível. Um incômodo e um aborrecimento sem igual tomam conta das mulheres. Agarrando-se ao tempo que ainda lhes resta para encerrar o jogo, tempo curto, como curto é o tempo do encontro em si (curta é a vida), as mulheres entregam-se de modo ávido ao complemento do preenchimento das cartelas. Um frenesi toma conta de todas. Como se vê, as mulheres são muito intensas.

Costumeiramente no instante final do jogo, Guilherme chega ao local. Quase sempre não diz nada, mas sabe-se que ele não poderá esperar muito para o início da jornada de ginástica, pois seu tempo disponível é limitado. Sua presença no local é específica. Para ele, também o tempo é curto. Guilherme tem obrigações a cumprir. Outras tarefas parecem esperá-lo¹⁴. Trata-se de um sujeito quase velho, mas de posturas joviais, notório, de voz grave e de disposição física evidente. Rapidamente, o homem conseguiu a confiança interativa com as mulheres em grupo. Guilherme não parece com os outros homens com quem as mulheres convivem – ele não se parece, fundamentalmente, com os maridos das mulheres do grupo. Ele se posta e age como elas. O homem as cumprimenta com a costumeira voz potente, com o gesto expansivo e o sorriso largo, numa postura acolhedora. O homem é acolhido. Saudado aos gritos, sem que elas percam a atenção aos momentos finais do jogo de bingo, sem que se distraiam das cartelas que quase estão totalmente preenchidas, de quase todas.

Como conclusão das saudações, o recém-chegado ainda brinca com as mulheres presentes no grupo. Quase sempre é assim. Guilherme faz menção direta a algumas em particular em suas brincadeiras - volta-se especificamente às mais retraídas. O professor sabe lidar com o grupo de mulheres. Mas, logo para. Ele não quer atrapalhar o jogo que ainda não acabou. Deixa que terminem o jogo por completo, do jeito delas. Enquanto isso, Guilherme afasta-se um pouco e organiza os equipamentos dos exercícios físicos, afasta-se em silêncio e respeitosamente. Fica notória a relevância fundamental do jogo para o grupo de mulheres, principalmente sua parte final e decisiva. Guilherme, que percebe tudo, se posta calado no aguardo do fim da peleja.

Ginástica em grupo – o movimento dos corpos

Findo o bingo, o cenário se prepara para outro jogo, mas não de tanto suspense. As mulheres deixam as tensões do jogo de bingo para extravasarem-se em outro jogo, o

¹⁴ O professor coordena a prática de exercícios físicos com as mulheres do grupo *Flor de Manguieira*, mas também a executa com outros grupos de idosos na região e em outros lugares, como quadra de esportes. Sua atividade é mantida pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), do Bairro Petrópolis, órgão ligado à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. A presença do professor no grupo do Bairro Mangueiras se deu a partir do contato de Odete Ribeiro, a coordenadora, ao referido órgão de assistência social, no qual solicitou auxílio de um profissional da área de Educação Física.

jogo de corpo. No início, são as preparações costumeiras. As prendas são abandonadas. Ou melhor, deixadas de lado. As mulheres deixam a mesa e partem para os fundos do recinto. Esticam-se rumo à aventura do corpo, ao rejuvenescimento físico momentâneo. Partem para uma aventura que no início fora uma epopeia dolorida, danada e sofrida. Deixou de ser. Embora a prática da ginástica não tenha - talvez ainda - a relevância nada discreta do jogo de bingo, tem a elegância indiscreta e barulhenta do ritmo e do contágio dos corpos. Trata-se também de uma prática exibicionista.

As mulheres do grupo *Flor de Mangueira* organizam-se em círculos, alongam-se, ensaiando e executando coreografias. A harmonia é rítmica e o interesse pela prática se faz notório e insofismável. Os gestos são soltos. Notam-se uma euforia, um prazer e uma satisfação indisfarçável. Por isso não dá para desconsiderar a prática da ginástica como um elemento deveras relevante de socialização para a vida em grupo. Com o tempo, cada vez mais os movimentos corporais ficam mais sincronizados. As expressões mais amenas e as risadas mais soltas, principalmente nos entremeios dos exercícios físicos, que por sua vez ficam cada vez menos dificultosos. As dores do início, dos tempos primaveris da experiência, não existem mais. Ou não existem tanto.

Embora não trajadas esportivamente, mas com roupas coloridas (esportivas de algum jeito), como a manga, a fruta, com roupas de passeio e de festa, as mulheres participam da ginástica interativa com interesse e com ardor, aos risos e alegres. Livres, leves e soltas. Os braços ficam erguidos, abertos e dispostos. Todas se envolvem nos exercícios propostos pelo professor. Por outro breve tempo, a coordenação deixa de ser de Odete. Outra concessão. Curioso, eu sempre me volto para a preponderância dos trajes coloridos das mulheres. Talvez seja o que vou guardar na memória de relativo à prática – ou ao próprio grupo - com o avançar dos tempos.

Os exercícios físicos, dantes carregados de sacrifícios, são sentidos como (quase) amenos. Os gestos são suaves e adaptados aos seus corpos de velhas. Os corpos visam inseri-las ao mundo criado por elas. Corpos desajeitados, mas delicados. Do jeito delas. Às vezes reclamam e manifestam exaustão e desacato com os rumos duros dados pelo professor. Pura tergiversação. Faz parte do *jogo*. Faz parte da interpretação. Nada estorva o processo prazeroso da ginástica. A alegria de se estar em movimento e juntas as diverte sobremaneira. Envolvem-se interativas e interessadas. Em uníssono, cantam

os exercícios conduzidos por Guilherme com sua voz forte, ritmada e potente, sempre intermediada com gracejos. Como a cantoria do bingo, mas sem a tensão e o desejo ansioso de vitórias. Noutras vezes fazem breves pausas não somente para descanso, mas para a efetiva troca de energias positivas. Parar de fazer ginástica é uma forma fugaz de aparecer para as outras. Quando param são notadas e “admoestadas”.

Afirmo que, mesmo quando noto desajeito nas posturas corporais das mulheres na ginástica - e noto com frequência -, percebo que se trata do jeito delas de movimentarem-se; maneira de tornar os corpos mais ágeis, esguios (na medida do possível) e harmônicos; corpos menos doentes e doloridos. Modos de sentirem-se mais dispostas. Dentre tantas coisas, busca-se ficar com corpos mais rijos e eretos. Alcançam-se os intentos. Quando se dão erros de posturas e de exercícios, as mulheres são chamadas à atenção; o professor corrige-as, e os risos correm soltos. Mencionei alhures, mas vale repetir, pois se trata da razão da citação a David Le Breton: os “erros” costumam seguir propósitos bem definidos e distintivos: são os meios orquestrados para se chamar atenção. Aliás, tudo na prática de ginástica é motivo para se chamar atenção – e para se dar risadas. A galhardia direcionada à desajeitada da ocasião é notória (ela faz-se notável) e uníssona. As participantes intervêm no processo.

Na prática, o professor sempre toma o cuidado de levar um aparelho de som com CD para tocar músicas durante os exercícios físicos. Busca-se o embalo das quartas-feiras à tarde. O embalo das práticas corporais. O som é dançante e “jovem”. Mas, “jovem” de algumas décadas atrás, de um tempo em que algumas mulheres talvez fossem mesmo moçoilas. Músicas de discoteca. Mas, música é atemporal. A boa música, ao menos. Mas, não é sobre música ou preferências musicais o que trato. Trato, de relance, de posturas corporais – e o corpo precisa de música para exercitar-se. A alma também. E a dança, claro, muito mais. Não se dança sem música. O som não deixa que a ginástica torne-se excruciante. Dança-se e ao mesmo tempo exercita-se, num som contagiante. Até o fim da ginástica. Até a próxima semana quando haverá a repetição da experiência.

Finda a atividade, Guilherme ajunta os aparelhos e despede-se das mulheres. Quase nunca fica para o momento seguinte. A coordenação volta para Odete de Freitas. O frêmito dos movimentos merece uma pausa. O corpo, alimento. Um diversificado lanche é oferecido. Trata-se do ponto culminante dos encontros. O intuito é a celebração

do encontro, da alegria formada pela interatividade. Serve também para fortalecer a mente e reforçar a harmonia experimentada. Precisa-se do corpo e da mente sã.

Outra informação a respeito da ginástica

No princípio, quando as mulheres começaram a ginástica, em tempo relativamente recente, eu acreditava que a atividade atrapalharia o ritmo *normal* do grupo. Achava que a prática esportiva não tinha relação alguma com as mulheres do Bairro Manguelras, sempre vistas por mim como espontâneas e voltadas para as conversas à toa. Elas não precisariam de uma “atividade padrão” parecida com a exercida por outros grupos - que muitas vezes são influenciados pela ideia de que precisam de ginástica para se rejuvenescer. Sou crítico da propaganda voltada à ideia de que exercícios físicos são as únicas formas de integração social, principalmente para as pessoas velhas.

É curiosa a afirmação, mas é verdadeira: as mulheres investigadas não querem ser iguais aos jovens. Não querem rejuvenescer. Ademais, quando se imagina os grupos de idosos, sempre vêm à baila padrões de comportamentos relacionados à prática de exercícios físicos em primeiro ponto, como forma de superação das tristezas típicas dessa fase da vida, como se isso fosse absolutamente fundamental para a cura dos males e das atrofias típicas desse momento outonal da vida. Ou melhor, talvez eu não seja exatamente um crítico dessa premissa de vida “saudável”; admito as benfeitorias (principalmente as físicas) dos exercícios corporais, mas de fato não pretendia estudar essa questão.

Como ainda não pretendo. Como ainda não me identifico com essas concepções relacionadas à prática de ginástica nos grupos de Terceira Idade. Muito menos, me identifico com as visões “negativas” direcionadas às pessoas mais velhas. Mas, a prática se impôs nos momentos em que as mulheres se encontram no grupo *Flor de Mangueira*, ganhando contornos e importância admiráveis. Como ignorá-la? Então, pensei que talvez pudesse perceber a ginástica como atividade “moldada” pelas mulheres e “adaptada” aos seus estilos de vida, como em quase tudo que fazem. A prática ficaria em acordo aos seus projetos de interpretação de uma momentânea e espontânea nova realidade. Como relatado, a ginástica tornou-se uma atividade esperada, benéfica e valorizada. Uma prática relacionada ao divertimento das mulheres e que serve como

complemento às posturas de harmonia e de interatividade constante, como são os outros instantes dos encontros semanais. Assim foi feito.

Do mesmo modo, ainda preciso confessar que minha posição inicial relacionada à ginástica em grupo não foi digna de um pesquisador de respeito. Tratava-se de uma pura e vã tentativa de conduzir os encontros. A indignidade de minha atitude pode ser considerada maior se se levar em conta que a decisão pela execução dos exercícios físicos foi das mulheres, um decisão pautada em seus interesses. Uma necessidade percebida por elas como essencial para os encontros. É óbvio, mas não custa lembrar que não cabe ao antropólogo questionar as decisões dos sujeitos e dos grupos investigados, mas descrevê-las da melhor e mais digna maneira possível.

Uma informação relevante

Uma informação ainda deve ser acrescentada à narrativa dos instantes em grupo. Ainda é tempo de afirmar que o encontro das mulheres é uma atividade permanentemente mutante e imprevista, que nunca está pronto (e, como tal, presa fácil da contradição). Além disso, quanto mais tempo se passa com um grupo, maiores são as chances de conhecer os seus “segredos”. Em acordo a essas premissas, não se pode deixar de mencionar que nos momentos finais do “campo” eu ouvi uma declaração singular e inesperada de Odete de Freitas. A atual coordenadora, num rasgo de desapego (ou de convicção), mencionou um encontro que tivera com a antiga participante e coordenadora, Marlene Ribeiro. Segundo Odete, a antiga coordenadora afirmou-lhe que pretendia voltar ao grupo. Marlene declarou à Odete que sentia muita falta dos instantes com o grupo *Flor de Mangueira*. Pretendia o retorno.

Odete de Freitas ouviu e respondeu à Marlene que ela deveria mesmo voltar à participação e que sua antiga função seria lhe restituída. O seu lugar estava reservado. Um fato curioso que me levou a conjecturar novamente que, para Odete, a função de coordenação seria provisória. Será? Odete saberia que um dia Marlene voltaria ao grupo – e não voltaria noutra condição que não fosse à de coordenadora. Será mesmo? Ao mesmo tempo pensei que Odete só prometera à Marlene Ribeiro, de maneira tão desapegada, porque estava convicta que a antiga coordenadora não voltaria ao grupo e

muito menos à função. Odete não acreditaria nisso. O que disse à mulher, se não foi bravata, foi um dito confortador, um dito à toa. Noutros momentos possivelmente Odete já ouvira a mesma promessa da antiga coordenadora. Ademais, como comumente afirmado, as mulheres, mesmo que Odete não estivesse em grupo quando encontrou Marlene Ribeiro (se encontraram por acaso “na rua”), não costumam desagradar ninguém. Muitas vezes aparentam adequar-se a um determinado discurso com o fito de negá-lo, sem que interlocutor perceba.

Amiúde, eu suponho que um dos aspectos relacionados à manifestação de Marlene Ribeiro pelo interesse em seu retorno ao grupo e, especificamente à função de coordenação, tenha relação com a sua percepção de que eu não mais participaria do grupo *Flor de Mangueira*. Ou então que eu diminuiria consideravelmente as minhas participações em virtude do encerramento da pesquisa de “campo”. Embora até aquele momento eu não tenha abordado a questão, parece ser notório que minha presença todas as quartas-feiras não se dará mais na mesma frequência. O “campo” realmente se extinguiu. Provavelmente Marlene soube da minha conclusão da pesquisa e da minha consequente não assiduidade ao grupo. Com isso, manifestou interesse pelo retorno ao grupo e à coordenação. Ao menos, ficou incentivada em manifestar esse retorno.

O parágrafo merece uma explicação. Não que Marlene Ribeiro tenha qualquer nódoa de conflito comigo. Ao contrário, nossos encontros, quando se dão, são pautados pela cordialidade mútua. Inclusive, como relatado no início da dissertação, Marlene foi à responsável por minha imersão no grupo e em última instância pela minha elaboração dos projetos com o grupo. Acontece que seu marido aparentemente não gostou (ou desgostou) de minha presença no grupo - e, menos ainda, de minhas visitas à sua casa, a única que fui com razoável frequência ao longo de minha experiência de pesquisa. As visitas foram para os ensaios da antiga peça teatral, para reuniões, etc. O homem, outrora participante e com quem eu tivera no início uma relação harmônica e respeitável, visivelmente ficara enciumado. Sem que ninguém tenha me dito, embora tenha notado insinuações e rejeições, eu percebi que o afastamento de Marlene Ribeiro tivera relação direta com essa desagradável situação.

Entretanto, o desagrado faz parte do processo. Trata-se de um truísmo, mas a investigação antropológica é uma atividade inextricavelmente voltada aos contatos com

grupos humanos. Às vezes, contatos profundos (íntimos, não diria) e cotidianos com a diversidade. As pessoas (todos nós) são previsíveis e erráticas; coerentes e contraditórias; cômicas e mesquinhas - não afirmo que as que eu pesquiso sejam assim ou totalmente assim. Por isso, devem-se voltar aos encontros do grupo *Flor de Mangueira*, ao que de fato interessa. Embora a postura de desacordo com minha presença no grupo, manifestada por alguns membros, como narrado, também façam parte dos encontros e interessem à pesquisa. Voltar ao fundamental, embora tudo interesse sobremaneira. Enfim, então, voltar especificamente à parte final dos encontros semanais. Ao lanche posto à mesa que, quase frio, espera uma atenção pormenorizada.

Breves notas sobre o lanche, encontros (finais) e as despedidas

Deve-se voltar à coordenação de Odete de Freitas. Voltar ao lanche. Acabada a ginástica, as mulheres voltam para a mesa posta nas proximidades da entrada do salão. Mesa posta por Odete, sortida de comes e de bebes e preparada para que o lanche seja conjunto; lanche de confraternização¹⁵. A coordenadora normalmente enche os copos de bebidas (sucos, refrigerantes, chás, café com leite, café achocolatado, etc.) e os distribui – e os enche aos presentes e aos visitantes (quando ainda os há). Depois, distribui o lanche (biscoitos e bolos, predominantemente), e ninguém pode ficar sem lanchar. Todos devem ficar devidamente satisfeitos. Repetir à vontade, se for do agrado de cada um. Coordenar é contribuir para o envolvimento de todos. Lanchar é participar.

O lanche posto à mesa, distribuído à vontade e devorado prazerosamente, proporciona o retorno das conversas interrompidas. Nesses instantes, os comentários desandam em graus e em interesses redobrados. O prazer de dividir e de compartilhar reanima as mentes e descansa os corpos, para que haja a continuidade da troca de experiências. Tratam-se dos momentos de se comentar os resultados e as proezas do bingo; comentar as performances corporais; retomar assuntos perdidos; contar piadas; ouvir relatos; dissertar sobre considerações de qualquer feito; comentar sobre os ausentes; sobre os retornos; tirar sarro; elogiar a alimentação servida (e a sua responsável), brincar com a

¹⁵ Normalmente quem leva o lanche são as próprias participantes. Parece haver uma espécie de rodízio nas escolhidas para prepararem em casa o lanche a ser partilhado em conjunto em momento celebratório.

situação; ri uma das outras. Enfim, relaxar dos momentos de suspense do jogo e do cansaço da ginástica. Rir mais efusivamente.

No fim, restam as despedidas. Todas vão embora após o horário estipulado (17:00). Raramente alguém sai antes do horário. Como dito alhures, somente os visitantes costumam sair com antecedência. As despedidas são longas, fragmentadas, personalizadas. Como ninguém entra ninguém vai embora também sem receber um abraço e um afago. Ou vários. Saem em duplas ou em trios até a porta da Capela Santo Antônio. Somente Odete permanece na arrumação do salão. A mulher que abre é também a que fecha o salão da capela. Mas antes de fechar, as mulheres param ainda no portão de grade. Quase na rua. Outros assuntos são retomados no intuito de concluí-los; mais risadas soltas. As mulheres parecem não querer o desligamento, mesmo que se trate de um desligamento provisório. Mas, são apenas impressões. Elas estão satisfeitas. Ademais, não tem jeito, o horário chegou. Ou melhor, extrapolou. Todas têm de voltar para casa, como se faz invariavelmente todas as semanas. Retornar aos papéis que ocupam muito tempo em suas vidas – os papéis sociais de avós, mães, esposas...

O mais comum é as mulheres separarem-se ao fim do encontro e, solitárias, tomarem rumo, mesmo as que residem perto uma das outras – apenas duas ou três participantes vizinhas, que moram na Vila Mangueiras e duas irmãs (Eni Maria e Dirce Maria) com outra participante (Dorinha) ocasionalmente vão embora juntas. Essas mulheres seguem no mesmo percurso. Será que seguem todo o trajeto juntas? Será que se separam no meio do caminho? Não se sabe. O antropólogo não tem olhos suficientes para observar todo o percurso das mulheres. O que sabe é que a maioria ruma solitária para casa, conforme será aludido algumas vezes ao longo dessa dissertação. Solitárias, como vieram e como voltarão todas as semanas e durante (quase) o ano inteiro.

CAPÍTULO V

NARRATIVA CONJUNTA

Por que a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada.

Guimarães Rosa

A etnografia se constrói pela relação com o contexto, que por sua vez é a base para se formular um “outro’ mundo significativo” (Clifford, 2008). Essa premissa deve ser considerada sempre que se almeje alcançar uma pesquisa etnográfica embasada na formulação coletiva do texto. Por isso, o entendimento desse tipo de relação precisa fazer parte do ofício do antropólogo, um profissional que, cada vez mais, deve “partilhar seus textos com aqueles colaboradores nativos para os quais o termo *informante* não é mais adequado, se é que em algum dia o foi” (Clifford, 2008, 52).

A feitura da descrição etnográfica se constitui numa narrativa interpretativa de determinado fato social, movimento ou momento histórico. Ou evento. Movimentos, mesmo que breves, estão em permanente possibilidade de mudanças por seus “intérpretes” e pelas pessoas envolvidas - o grau de envolvimento é deveras oscilante. A etnografia não pode ser conduzida por um “discurso controlador” (Clifford, 2008). Não obstante ao fato de que o processo de conhecimento da vida social sempre implica um relativo grau de subjetividade. Por isso, o exercício deve ter um caráter aproximativo e não definitivo, com multiplicidade e perenidade das visões dos envolvidos. Velho (1994) assevera esses aspectos de forma mais lúcida quando explica os resultados de seu trabalho de pesquisa em Copacabana¹⁶, conforme citação abaixo:

¹⁶ Na obra *Individualismo e Cultura, Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Gilberto Velho reúne 11 textos, que são separadas por capítulos, em duas partes. No capítulo 2, “Prestígio e Ascensão Social: dos limites do Individualismo na Sociedade Brasileira”, o autor faz uma análise teórica dos resultados de sua pesquisa relacionada ao tema da importância de se morar em Copacabana. O texto refere-se à sua dissertação de mestrado, feita nos anos 70, quando o foco de atenção se deu no universo das camadas médias do bairro carioca. No texto, o autor demonstra um esforço teórico sistemático, onde é ressaltada a preocupação de lidar com a questão da construção da realidade, da constituição de universos simbólicos, dos problemas da cultura. O autor interessa-se por motivações, relevâncias e pela construção de uma teoria da cultura enquanto rede de significados.

É evidente que, como toda narrativa antropológica, esta é uma interpretação mais ou menos esquemática de um conjunto complexo de fatos e acontecimentos em que as diferentes atores envolvidos privilegiam ou enfatizam aspectos particulares (VELHO, 1994: 52).

A postura das mulheres do grupo pauta-se por transformações e diferenças, de encontro a encontro. Diferenças, notórias ou não, pelo fato insofismável de que as mudanças são as “leis naturais” de qualquer processo social. Não se esperam das mulheres do grupo *Flor de Mangueira*, numa situação provisória e mesmo com interesses aproximados, os mesmos comportamentos, exclamações e posicionamentos em todas as semanas.

A sugestão apresentada

Motivado por uma questão contida na obra *A Experiência Etnográfica* (Rio de Janeiro, 2008) em que James Clifford indaga sobre quem é o autor das anotações feitas no campo de pesquisa etnográfica, eu apresentei uma sugestão às participantes do grupo *Flor de Mangueira* de elas organizarem um relato sobre os seus instantes em grupo. Um relato com o envolvimento de todas. Um texto que fosse formado pela tessitura de vozes, plurais e interpenetradas, onde as autoras se misturassem no processo.

A disposição para apresentar a sugestão se deu porque eu acredito que o trabalho de “campo” se desenvolveu a partir do meu envolvimento direto como observador/pesquisador do “objeto” de pesquisa, a minha “alteridade próxima”, de que trata Peirano (2006) que, aliás, entende a antropologia como a experiência concebida a partir de certa “relação entre observador e observado” (2006: 40). Sendo assim, fiquei numa situação favorável para apresentar uma sugestão que tivesse envolvimento de todas, numa *experiência etnográfica* que considero oportuna de se embaralharem as vozes na descrição, embora na dinâmica cotidiana no “campo” a mistura acontece de forma razoavelmente incontestes.

Razoavelmente, pois percebi que cada um ocupa o seu lugar enquanto participa do grupo, o provisório instante na vida de todos os envolvidos. Ao menos de cada grupo de pessoas dentro do grupo, das mulheres mais velhas, das mais tímidas, das mais soltas, das mulheres mais simples e tímidas, da coordenadora, da tesoureira, do pesquisador.

Dito isso, não se desdiz quando se nota um envolvimento, se não demasiado, ao menos uma inegável e contínua envoltura de todas as mulheres nas atividades e nas práticas cotidianas do grupo *Flor de Mangueira*.

Deve-se voltar à sugestão apresentada e mencionar que houve a concordância irrestrita de todas com o desafio. Houve também o acordo imediato e geral com a temática a ser abordada, conforme se verá. As mulheres manifestaram interesse e disposição no que considerei como um “desafio” da pesquisa, embora eu não possa afirmar com certeza se a proposta foi tão desafiadora assim para elas.

Após a acedência geral, eu propus uma descrição conjunta sobre a temática considerada por elas como de extrema importância. Ou seja, a percepção de que no grupo se sentem pessoas “muito diferentes”. Trata-se do cerne da experiência em grupo, do qual se tratará no texto organizado a partir das narrativas e das afirmações das mulheres. Tal constatação, incontinenti, remete-me mais uma vez à importância da experiência provisória de se viver em grupo. Um momento singular. De acordo com Velho, o indivíduo, “ao deixar de ser, por alguns momentos, ‘ele mesmo’, acrescenta uma dimensão particular a sua identidade” (1994: 50). Em uníssono, as mulheres fizeram a seguinte afirmação: “em grupo, somos uma pessoa, em casa, somos outra”.

Diante da proposta, o que fez as mulheres foi chamar a atenção para a situação delas. Situação em grupo que, de certa forma, consolida uma imagem pública do aspecto relacionado às suas “diferenças” em comparação com a experiência vivida no mundo fora do grupo. Com o mundo exterior. Ao menos assim elas consideram. Dessa forma, o grupo torna-se, quando definidas as posturas das participantes, uma coisa real e concreta. Todas as companheiras do grupo foram deliberadas na mesma condição, como se constituindo de um grupo real. Definindo posturas concretas das participantes, define-se o grupo; alça-o para uma condição invulgar, de muita relevância para a vida das mulheres. A saber, a condição de o grupo ser um lugar onde brevemente podem expressar-se como pessoas dessemelhantes aos outros.

Uma constatação óbvia? Não se sabe. Sabe-se que a comprovação da dupla forma de viver é assaz, notória e perceptível. Se todos são assim, não importa. Para as mulheres, a percepção dessa forma de “vida diferente” é notória. Por isso, merece investigação

antropológica a “parte” da vida momentaneamente grupal, feita a partir de escolhas individuais e específicas. De modo relevante, através de uma experiência valorosa de percepção de uma liberdade sem igual e de valorização desmedida frente às outras mulheres, todas tomam consciência da situação contrária vivida em casa, situação de controle, fundamentalmente. Com isso, percebem que quando estão “em grupo” alcançam uma forma comportamental incomparavelmente “diferente” da vivida em família. Basicamente é disso que trata o texto abaixo, um texto conjunto, feito pelas mulheres e organizado por mim.

Resta ainda afirmar que o que pretendia (e de fato fiz) era uma experiência de embaralhamento de vozes mais “radical”. Ou seja, no texto não haveria autores determinados e a própria definição de primeira ou de terceira pessoa do singular ou do plural ficaria “confundida” no texto. A ideia de pluralidade de autores se tornaria a experiência mais relevante. As aspas seriam postas quando da fala específica de uma ou de outra. Noutros momentos, não haveria aspas e os autores seríamos todos nós (as participantes e eu); noutros seríamos apenas eu o autor (principalmente nos momentos mais teóricos) e noutros apenas as mulheres do grupo. Tudo junto e misturado no texto final. Ou melhor, nesse capítulo.

Como afirmei, eu fiz essa experiência. Mas, considerei o resultado muito confuso e truncado. Por isso, optei por uma experiência mais “tradicional” de dar às mulheres “voz” no texto, como de autoria delas, escrito a tantas mãos, conforme segue abaixo. Depois do texto das mulheres, separadamente, eu faço algumas considerações sobre as afirmações das participantes com inserções mais teóricas e reflexivas.

Grupo Flor de Mangueira – lugar onde nos sentimos diferentes

Na sugestão de se refletir sobre um tema relacionado aos momentos passados no grupo Flor de Mangueira, todas nós, sem demora, concordamos com o que disse uma das nossas companheiras - no grupo nos sentimos diferentes do que somos em casa. Na convivência com o grupo temos comportamentos muito distintos do que temos em casa. No grupo, nos sentimos totalmente diferentes. Todas pensam assim. Esse é o ponto em que temos maior concordância. Além disso, junto com as outras mulheres, nós temos

condições de melhor perceber as nossas posturas mudadas. Perceber melhor as coisas é uma grande conquista. A experiência com outras mulheres faz com que possamos perceber de modo mais claro a nossa condição de vida atualmente. Quase que sem querer, pode-se observar melhor e com mais detalhes as coisas ao nosso redor. Não existe outra convicção maior para nós. Isso é inquestionável. Além disso, no grupo temos condições de perceber as nossas posturas transformadas; condições de observar os comportamentos das outras participantes e as nossas condutas em casa e no grupo. Essas coisas são muito valiosas e importantes para nós.

Perceber como somos atualmente e como éramos. As viúvas e as mais solitárias, por exemplo, antes de participar do grupo se sentiam muito tristes. Viver sem grupo é uma vida de tristeza. A vida não tinha nenhum sentido para elas. Ou então tinha pouco sentido. As oportunidades de interagir eram poucas. Hoje, não. Em grupo, interage-se muito. Por isso, sentimo-nos mais alegres. A vida ganha mais sentido. Por isso, não somente as viúvas e as solitárias, mas nós todas nos sentimos tão felizes nos instantes em grupo. Sentimos pessoas novas, o que tem nos dado muita confiança e nos ajudado a ser mais expansivas. Sentimo-nos também muito reconhecidas e valorizadas.

A experiência faz com que possamos perceber que somos diferentes, o que nos faz ver as coisas de maneira mais clara. Perceber como somos atualmente e como éramos. Formas fundamentais para que se possa entender nossa situação no mundo, nossas mudanças. Perceber as mudanças é ter noção de que a vida é dinâmica e rica. É perceber que fazemos cultura. Que somos importantes. Que vivemos num ambiente entrelaçado com outras pessoas. Por exemplo, antes a maioria de nós era muito envergonhada. Não somos mais. Quem vem de fora não imagina como cada uma de nós era antes de participar do grupo. Algumas tinham receio até de ficar perto de desconhecidos. As viúvas e as mais solitárias se sentiam muito tristes e acanhadas. Outras eram mal humoradas e insatisfeitas com a vida. As oportunidades de interagir com outras pessoas eram poucas. De conhecer pessoas novas, menos ainda. Observando nossa situação atual de participante do grupo, notamos o quanto estamos mudadas. O quanto à vida foi boa para a gente. O quanto de coisas boas a vida nos trouxe e nos traz. Por isso, sentimo-nos tão felizes nos instantes em grupo, pois se trata de uma condição que nos abriu ao mundo e a nós. Uma condição que tem nos dado

muita confiança e nos ajudado a ser mais expansivas. Abertas ao mundo. Em grupo, alcançamos e percebemos uma nova individualidade.

A nossa atuação em grupo é bastante local, bem específica e simples. Além disso, os instantes de participação no grupo são muito curtos. Entretanto, mesmo nessas condições especiais, sabemos que é com essa experiência que se pode alcançar o que queremos - que é um lugar no mundo. Os momentos passados no grupo Flor de Mangueira representam esse ideal alcançado. O grupo é um lugar onde acreditamos ter alcançado a visibilidade e o respeito dos outros. Alcançamos novas posturas – formas que queremos ser vistos. Momentos de descontração, onde nos sentimos iguais a todo mundo, aos outros de modo geral, e onde usufruímos de amizades sinceras. Aliás, não só sentimo-nos como iguais, queremos ser vistas como iguais.

No grupo todo mundo é legal e é respeitado por aquilo que é. Não tem ninguém fingido. A convivência é marcada por instantes de descansos dos aborrecimentos. Para a maioria de nós, essa experiência é totalmente contrária da que vivemos em casa, pois em casa, somos exploradas e não recebemos os devidos cuidados e a atenção que merecemos. As pessoas de casa também nos insultam bastante. Ao menos, a maioria de nós. Em casa, as pessoas não têm paciência conosco. Somos desconsideradas.

Por isso é que nos envolvemos de modo tão intenso com a experiência do grupo Flor de Mangueira, onde somos reconhecidas e, além disso, devido aos contatos advindos da experiência, se pode dedicar ao lazer e à confraternização de maneira repetida e sem culpa, nem nada. Do nosso jeito. Em grupo vive-se o tempo todo de brincadeira. Parece uma festa constante, o que muito distrai nossas cabeças. Aliás, com as mulheres do grupo aprendemos a brincar e a distrair. Inventamos nosso modo de prazer. Em grupo, descobrimos o valor da distração. Inclusive, muitas de nós não gostavam de brincadeiras. Hoje não. Foi devido a isso que nos tornamos pessoas mais felizes e dispostas. Logo, sentimo-nos outras. Melhores e mais tranquilas.

A participação em momentos fora do espaço doméstico, com outras mulheres (que, muitas de nós até então não conhecia), é motivada pelo de fato de que em casa muitas vezes não se tem boas experiências. Nesse local, costumamos nos sentir como pessoas apenas voltadas à família. Sentimo-nos como paredes, sem identidade alguma. Não

conseguimos nos perceber como desgarradas de funções a cumprir e com identidade própria, pois quase sempre somos vistas pelos nossos parentes como serviçais. A casa é um lugar que nos aprisiona de tarefas domésticas. Um lugar onde somos tomadas o tempo todo pela preocupação de ter de cumprir horário e de se atender às necessidades dos maridos, dos filhos, dos netos e dos bisnetos. Somos presas às necessidades desses parentes. Apenas isso.

Quando estamos em casa, sentimo-nos solitárias e exploradas, com excesso de trabalho. Logo, nos sentimos “velhas” e cansadas. As pessoas são ingratas e muito mal agradecidas. Além disso, no espaço doméstico não se pode ficar sem fazer nada, como acontece quando estamos com o grupo. Não se pode nem distrair em casa. O desgaste é imenso; a rotina é massacrante. Se ficarmos à toa, logo somos cobradas por isso. Como se não se pudesse ficar sem fazer nada. Um absurdo. Chega-se ao ponto de muitas vezes sentirmos culpadas quando ficamos à toa. Não se pode ficar sem fazer nada em casa. Muitas sofrem com isso.

Em casa também costumamos nos sentir muito sozinhas. Não gostamos de ficar nessa condição, pois preferimos lugares movimentados. Muitas, mesmo que morem com os filhos, não conseguem desfrutar de suas companhias, pois eles passam o tempo quase todo no trabalho. Os parentes são muito ocupados. Outras têm a companhia dos filhos e dos parentes, mas não têm boa relação com eles – elas são vigiadas o tempo todo. Uma aporrinhção. Outras vivem apenas com os maridos, mas quase não conversam com eles. As poucas conversas, logo que iniciadas, se transformam em brigas demoradas. Outras ainda se sentem tristes por não ter boas condições de vida e boas condições financeiras. Por exemplo, ficam emburradas por não ter uma moradia agradável ou bonita. Por não ter móveis bons em casa. Nessas condições, a vida em casa reforça a ideia de fracasso, de frustração e de tristeza, o que quase sempre é transformado em revolta, pois se sabe que não se têm meios de conseguir as reformas das moradias ou a melhora de vida. A existência em casa, nessa situação, é mesmo de aporrinhção e de angústia. Às vezes, o que contribuía para o aumento da calamidade pessoal era o fato de não ter um companheiro para ajudar na reforma da casa – ou mesmo para dividir os problemas e para partilhar as angústias.

O grupo é o lugar do movimento que gostamos. O convívio entre nós representa nossas necessidades de viver “fora de casa” com um intercâmbio maior de pessoas. Nem que seja em momentos breves. Com a participação em grupo, além da possibilidade de contato maior com outras pessoas fora do núcleo familiar, sentimos uma maior conformidade com as situações adversas, como nos casos das pessoas infelizes com suas condições de moradia. Não se trata de resignação ou de aceitação das situações ruins. Nada disso. Acreditamos que os novos contatos, regulares e prazerosos, criaram um ambiente de alegria e de contentamento que nos ajuda de verdade a alcançar a superação das dificuldades da vida. Nos ajuda também a aceitar as limitações da existência, pois quando estamos em grupo percebemos que existem outras formas de se comportar nas intempéries, nos desassossegos e nas desgraças – e não necessariamente é preciso ter alguém ao lado para partilhar frustrações.

Ademais, quando ficamos muito tempo em casa, a possibilidade de surgir lembranças ruins é mais recorrente - lembranças relacionadas às situações de sofrimentos. Por isso, costumamos desprezar as lembranças. O passado é desconsiderado por nós, ao menos quando estamos em grupo. Quando se está reclusa, o que predomina é a tristeza. Não gostamos da solidão, pois além de mostrar que a realidade é atroz e triste, gera a percepção, de maneira dura, que muitos familiares e muitos amigos nossos estão mortos. Que a vida é curta. Uma situação de melancolia que nos faz lembrar que somos velhas. Para piorar, nossos parentes parecem sentir um prazer quase sádico de quase sempre nos lembrar de nossa condição etária. Lembrar que somos velhas. Os parentes sempre fazem referência ao fato de que devemos nos colocar nos “nossos lugares”, mesmo quando não são explícitos sobre isso. Às vezes são. Diante disso, o perigo de se ficar presa ao sofrimento e de entrar em depressão é muito grande; o perigo de se entregar ao choro sistemático e convulsivo é considerável. Por isso é que buscamos a fuga dos espaços domésticos e da “perversidade” dos parentes.

Mas realmente no grupo Flor de Mangueira as coisas são muito diferentes. O lugar não é meio de dominação. Não é um lugar de tristeza. Vive-se como se vivêssemos num mundo à parte, num mundo exterior. Além disso, nos sentirmos à vontade e mais soltas; sentimo-nos pessoas úteis, mas não “úteis” como serviçais ou como pessoas que só servem para trabalhos domésticos ou para cuidar dos netos. Nada disso. Sentimo-nos úteis no grupo, pois temos a oportunidade de sermos solidárias umas com as outras.

Logo, somos mais interativas e muito mais valorizadas como pessoas. O grupo é como uma sociedade de ajuda mútua, onde tudo é discutido e compartilhado. Quando as pessoas estão em dificuldade, são ajudadas.. Existe uma relação de confiança e de interatividade muito grande, o que é muito valorizado por todas. Uma relação de amizade. As pessoas são generosas e não falam mal das outras. Ao contrário. Se existe alguém com necessidade de extravasar seus problemas e sofrimentos sempre encontra uma pessoa pronta para ouvi-la, com atenção, franqueza e com discrição. Embora, na maioria das vezes o encontro do grupo é para falar das coisas boas e rir bastante; para brincar e sentir o clima agradável de harmonia compartilhada.

Sei que estamos sendo repetitivas, mas o que nos faz valorizar tanto os instantes dos encontros em grupo é o fato de se tratar de um momento encontrado por nós. Um momento onde podemos participar e onde, respeitosamente, sentimos que somos acolhidas e consideradas por todas. Sem dúvida, a consideração do e pelo outro é o maior dos bens. O grupo é um momento onde nos sentimos parte integrada de um “universo” mais amplo, um universo compartilhado com todas as participantes. Sentimo-nos agregadas com as outras mulheres. Isso é muito bom. Sentimos mesmo que somos um grupo. Aliás, acreditamos que o sentido da vida está no encontro de um lugar que atenda as nossas ânsias e os nossos desejos, onde seja possível executar nossas particularidades mais íntimas e mais singulares. Se possível, junto com outras pessoas. O grupo Flor de Mangueira é esse “mundo encontrado”. Trata-se de um lugar onde podemos conviver com pessoas que, exatamente pela convivência, descobriram a importância da vida harmônica e dividida. Pessoas que prezam os momentos livres, à toa, de distração e sem apego irrestrito ao cumprimento dos papéis convencionais.

Outro aspecto merece ser aludido. O grupo é o lugar de encontro e de troca de experiências. O nosso momento de maior sociabilidade. Muitas, mesmo vizinhas, se encontram apenas nos dias das reuniões do grupo. Algumas costumam relatar que quase não vão às casas dos vizinhos, pois não se sentem à vontade nessa situação. Achem que se trata de um incômodo. Por isso, os contatos entre nós se dão basicamente nos encontros em grupo. Por isso que gostamos tanto de receber visitas no grupo. Uma forma de compensar as faltas na vida social. O grupo é também um lugar onde se percebe a diversidade do mundo. Do nosso mundo. Alias, no grupo Flor de

Mangueira nos informamos sobre muitas coisas. Sobre as dificuldades dos participantes e de outras pessoas do bairro.

Diante disso, pode-se afirmar que alcançamos outra particularidade na participação no grupo, o que reforça a nossa impressão de sentirmos “diferentes” no local. No grupo, podemos fazer muitas observações. Aliás, em todos os lugares podem-se fazer observações das coisas da vida. Claro. Mas em grupo, em virtude da maior disponibilidade de tempo e da maior propensão à interatividade, estamos mais predispostas a observar. Com um intento ou com vários.

Uma observação muito particular é a que as mulheres mais velhas¹⁷ do grupo, diante dos percalços da vida (e quanto mais velhas, mais se deveriam ter problemas), nem sempre ficam abaladas. Não é incomum perceber posturas animadas, dispostas e alegres dessas mulheres. Como em grupo podemos também fazer comparações (observar é fazer comparações), com a percepção dessas posturas, sentimos que as nossas dificuldades pessoais não são tão graves; nossas dificuldades se tornam mais amenas. Isso é um grande aprendizado para nós, talvez a mais profunda de nossas observações e o mais fecundo dos aprendizados. Assim, constatamos que não se deve reclamar muito da vida, pois existem pessoas em situação muito pior que a nossa, mas que, ainda assim não manifestam explícita contrariedade, irritação ou reclamação com os problemas e as situações adversas.

Outro aspecto importante é que em grupo o tempo é todo nosso. Em grupo, a impressão que se tem é que o tempo é mais lento e que quase que não passa. Trata-se de um momento onde conquistamos o pleno usufruto do tempo. Onde nos sentimos mais livres. Em casa, na labuta diária, sempre se tem muitas coisas a fazer. Muitas obrigações a cumprir. Atividades domésticas demais. Com isso, o tempo passa rápido demais. A vida escorre de maneira muito intensa e rápida. Em casa, não temos disponibilidade ou disposição de tempo para o nosso pleno usufruto. Sem tempo, não se pode fazer outras coisas para além das voltadas aos serviços domésticos. Assim, não podemos ser

¹⁷ No grupo *Flor de Mangueira* existe uma considerável discrepância de idade entre as participantes, sem dúvida. As mulheres percebem e definem essa discrepância. Existem aquelas que são consideradas as mais velhas, que estão na faixa de 80 a 85 anos. A maioria das mulheres está na faixa de 65 anos; existem as (poucas) que estão quase chegando aos 60 anos. Apenas uma participante tem menos de 50 anos.

notadas. Não podemos ser valorizadas ou percebidas em outras funções que não sejam as funções “do lar”. Por isso que afirmamos que o tempo em casa não é nosso.

Em grupo, ao contrário, o tempo nos pertence e temos muita liberdade de agir. O tempo é socialmente compartilhado. Assim, podemos nos fazer notar. Fazer coisas diferentes. Com isso, recebemos mais atenção, mais carinho e compreensão de todas. Nesses momentos de partilha, só pensamos, nem que seja por breves momentos, em nós. Assim, ficamos mais despreocupadas; não pensamos em como estão os parentes e os familiares em geral. Os instantes são diferentes também pelo fato de serem de usufruto e de relaxamento contínuo, instantes voltados exclusivamente para a conversa, o “bate papo” e a ajuda mútua. Aliás, acreditamos que “relaxamento” só acontece mesmo quando se percebe que o tempo é suficiente para que as coisas sejam feitas a contento.

Para nós, a experiência em grupo é imprescindível e vital. Inclusive, as quartas-feiras à tarde são ansiosamente aguardadas. Ficamos “contando as horas” para chegar o dia e à hora, quando largamos tudo para participarmos do grupo, mesmo que estejamos sobrecarregadas de atividades – o que quase sempre acontece. Aliás, quando, por algum motivo (que precisa ser bem “grave”), como visitas ou mesmo doença, por exemplo, não podemos participar do grupo, sentimos muito pesar e desgosto. No caso das visitas, às vezes deixamos os visitantes de lado (com os parentes de casa) e vamos ao grupo. Mas, quando não tem jeito e não se pode participar do grupo, um sentimento triste toma conta da gente. Um exemplo são as férias do grupo que acontecem sempre nos meses de janeiro. Todo ano é a mesma coisa - à medida que passam os dias de descanso e aparece de maneira nítida a impressão de que o retorno aos encontros demora muito, sentimos um desconforto e uma ansiedade muito grande, incontrolável.

Resta afirmar que a associação produz coisas boas. Os momentos em grupo, associados, são de grande conforto para que possamos nos distanciar das tristezas e das obrigações do dia a dia. Das imposições dos familiares. Uma experiência que nos ajuda a viver melhor, mesmo que em instantes curtos; que nos faz sentir mais felizes. Inclusive, muitas vezes depois dos encontros costumamos irradiar essa alegria e contentamento aos outros momentos de nossas vidas, como para nossas casas, por exemplo. Algumas colegas revelam que quando chegam às suas casas, chegam alegres, exuberantes e contentes. Incontidas e eufóricas. Nesses momentos elas ligam o rádio,

cantam hinos e dançam pela casa afora. Se sentem muito felizes. O resultado é a melhora da autoestima e, em muitos casos, a melhora das condições de saúde.

Outrora, quando iniciaram a participação no grupo, muitas mulheres continuamente reclamavam de dores e de doenças. Com o passar do tempo, com a interação mais frequente e com o envolvimento nas atividades em grupo e nos contatos sistemáticos - com as conquistas advindas do processo - o resultado foi o perceptível restabelecimento de saúde dessas mulheres.

No grupo Flor de Mangueira, além do intercâmbio com outras pessoas, também conquistamos maior disposição para viajar e para passear. Uma grande novidade em nossas vidas. Em grupo, animamos mais a ir a outros lugares. Sozinhas, quase que não adotamos essas posturas. Não fazemos isso. O que gostamos mesmo é de andar em grupo. Todas nós. Por isso, a experiência grupal nos anima tanto. Ao encontrar com outras mulheres, semanalmente, sentimos que nos tornamos abertas aos prazeres de conhecer outras pessoas e outros lugares. Embora, o que mais importa para nós sejam os momentos sistematicamente vividos em grupo todas as semanas.

Os instantes vividos no grupo Flor de Mangueira são voltados para se ver e rever os amigos; para compartilhar opiniões e conselhos. Por isso, que definimos esses momentos como os “de vida em família”, onde se pode conversar à vontade com as companheiras. Um lugar de partilha e de distração; um lugar de intimidade.

No grupo, nos sentimos jovens. Gostamos muito disso. Aliás, quase que não se discute os assuntos relacionados à Terceira Idade ou mesmo se faz relação às pessoas aposentadas quando estamos reunidas em grupo. Não gostamos também de discutir questões relacionadas ao direito do idoso. Ao menos quando estamos com o grupo. Não que o assunto não seja importante. Claro que é importante. Não se discute o tema por que isso pode ser feito em outros lugares. Além disso, acreditamos que os direitos reclamados quase que não se cumprem de fato. Discute-se e fica-se apenas na discussão. Não estamos no grupo para perder tempo com discussão sem sentido, embora dispostas a usufruir o nosso tempo à toa. Mas, ficar à toa não é se prender às coisas sem sentido. De modo geral, acreditamos também que existe outra justificativa

para a omissão do tema dos direitos dos idosos: no grupo Flor de Mangueira não se têm especialistas desses assuntos, tal como em outros grupos.

Sabemos que muitas mulheres antes de se integrar ao grupo Flor de Mangueira receberam convites para participar de outros grupos de “terceira idade”. Grupos de bairros vizinhos, inclusive. Entretanto, elas preferiram declinar os convites, com a justificativa de que esses grupos são compostos basicamente por pessoas “velhas demais”, pessoas que se interessam apenas por coisas e por assuntos relacionados aos idosos, como “rezar e fazer bordados”. Ou mesmo ficam falando o tempo todo em direitos dos idosos. Nossos encontros são de “alto astral” e de “alegria”, não são lugares de “velhos”, ao contrário dos outros grupos. Inclusive, quando fazemos referência às companheiras do grupo do Bairro Mangueiras o trato entre nós é de maneira elogiosa, jovial. Todas nos tratamos de “meninas”.

Um assunto importante que deve ser tratado são as ausências no grupo. Ou melhor, a percepção das ausências. Por um longo ou um breve tempo, um dia ou semanas - ou meses, em casos mais raros -, notamos que algumas mulheres deixam de participar do grupo. Quase todas já passamos por isso. Com algumas, acontece de maneira bem constante. Infelizmente. Trata-se das mulheres mais frágeis e mais adoentadas. Quase sempre, as ausências têm relação com problemas de saúde delas e/ou dos familiares. Muitas só retornaram ao grupo depois da melhora dos familiares ou então quando estes falecem. Retornam mais tristes, claro. Ao retornar, se portam de modos diferentes. Claro também. Algumas inclusive regressam com os seus problemas de saúde não solucionados. Voltam enfraquecidas. Mas, quando voltam, para fortalecê-las, nós fazemos uma grande festa para recepcioná-las.

Ainda é tempo de relacionar os motivos das nossas integrações ao grupo, motivos que foram muito diversos. Algumas mulheres começaram a participar porque lhes faltava “coisa melhor” para fazer em casa. Para estas, participar do grupo sempre foi bem melhor do que ficar em casa. Não há problema algum nisso. Outras por necessidade, pois, por motivo de doença (a mesma doença que às vezes as leva a deixarem de participar do grupo) tiveram que parar de trabalhar. Com isso a participação no grupo Flor de Mangueira se tornou uma “ocupação” necessária para elas. Outras porque buscavam a cura das tristezas e das angústias advindas de uma situação de vida

atribulada. Muitas tiveram problemas domésticos demais com os filhos e, na maioria das vezes, com os maridos (alcoolismo é o mais comum). Nessa situação, adoeceram e muitas vezes precisaram ser internadas. A vida em grupo serviu para afugentar esses aborrecimentos e serviu também para curar os males físicos.

Um dado curioso que deve ser anotado é que, nesses casos, muitas vezes a participação no grupo Flor de Mangueira se deu pelo incentivo recebido na própria família (incentivo dos filhos, quase invariavelmente), que via na experiência a possibilidade das mulheres encontrarem a felicidade e a interatividade que precisavam.

Por fim, queremos assinalar que algumas participantes relataram que quando foram convidadas a se integrar aos momentos em grupo, bem no início da participação, elas comentaram com o médico que lhes atende sobre o assunto. Queriam uma opinião sobre a decisão a tomar. De acordo com uma das nossas companheiras, bastou seu comentário para que recebesse o imediato incentivo do médico, com a afirmação de que grupos de Terceira Idade são espaços importantes de convívio e de restabelecimento de saúde. Os grupos são os “melhores remédios que existem”, conforme informou que foi a resposta do médico.

Pois é isso mesmo. Assim que queremos terminar nossa narrativa. A participação no grupo é mesmo o “grande remédio” da nossa vida. Um remédio para a cura dos grandes males em que vivíamos e estávamos acometidas – a solidão, a falta de alegria e de reconhecimento e de atenção em casa. Um remédio que, mais do que cura, nos traz o conforto e a certeza de que participar do grupo é como se fossemos outra pessoa, muito, mas muito “diferente”.

Avaliação da narrativa conjunta das mulheres

1. Percepção na ênfase da falta de individualização no espaço familiar

Constata-se no relato das mulheres que a família é o centro da atenção, mesmo quando os intentos sejam os rompimentos com o controle familiar. Trata-se de uma recorrência sempre acompanhada à representatividade da família como aparato de certo controle.

Família não é só autoridade. Mas na experiência em grupo essa ideia parece ser recorrente. O espaço doméstico é visto como um lugar da convenção que contrasta com a busca da individualidade, da “diferença”, sempre presente nos instantes no grupo.

Sugere-se então uma nova afirmação, ambígua e reforçada por uma assertiva frequente no discurso das mulheres, quando convidadas refletir sobre isso - a de que a família é base preponderante na constituição de suas visões de mundo. Mas que por outro lado impõe estereótipos difíceis de serem renunciados. A vida em grupo é uma opção apresentada para que possam renunciar às essas imposições, sem necessariamente abdicar da estrutura e da influência familiar. De qualquer forma, noto que a noção de individualidade surge a partir de uma escolha ou de uma forma de conflito com uma noção mais voltada à “desindividualização” representada pelo núcleo familiar.

Observando melhor a descrição das mulheres, podem-se fazer outras conjecturas pautadas na questão da individualização. Inclusive, um dos temas mais mencionados é a percepção da excessiva individualização das pessoas da família. Elas sentem-se desprezadas em casa. Pois é exatamente o desinteresse da parte das pessoas com quem convivem no espaço doméstico que as motiva à participação em grupo, onde acreditam encontrar “refresco” frente às situações adversas.

Além disso, a experiência em grupo, definida pelas mulheres como “diferente”, pode ser entendida como uma possibilidade de mudança de vida. O momento é temporário e a experiência é curta, mas a mudança é concreta. Perceptível. A experiência pode também ser entendida como um projeto onde se pode sentir uma existência voltada ao alcance de situações novas. Uma situação alcançada pela própria condição das participantes de serem velhas. Aliás, foi o advento da velhice que trouxe a possibilidade de mais contatos com pessoas da mesma categoria e de vida semelhante.

É notório que a situação específica de integrantes do grupo *Flor de Mangueira* é de vida nova. Uma vida sem igual. Todavia, a situação não representa uma mudança drástica de vida. O individualismo alcançado no processo de certo “rompimento” com uma posição de dependência e de aprisionamento frente às pessoas de casa tem limites bastante claros. De certa forma, “rompe-se” com o núcleo familiar. Mas nem tanto, pois, conforme tantas vezes relatado, a presença da família nos discursos das mulheres ainda

é uma marca considerável. Aliás, deve permanecer assim para que o discurso em favor da construção de uma nova identidade possa ser continuamente robustecido. Constrói-se um discurso predominantemente pela ideia de confronto.

No discurso das mulheres, evocam-se muito os filhos e os netos (os maridos, quando os há, também), nem que seja para servir à manifestação de descontentamento frente às situações vividas em casa. As referências aos parentes têm o intuito de demonstrar que a vinculação à família é uma condição digna de ser considerada, pois motiva a formação de uma identidade (a identidade de ser “diferente”). Os discursos sempre se direcionam pela intenção de superação dessa condição familiar, para se alcançar outros patamares que não sejam apenas os de papéis sociais de avós, de mãe ou de esposa, por exemplo.

A pergunta talvez esteja desgastada, mas ainda pode ser aventada, sem se precisar aprofundar a questão. A família é um meio de dominação? Se pensarmos em dominação como aprisionamento aos estereótipos e aos confinamentos às funções a serem cumpridas, talvez seja. As mulheres não ocultaram que em família elas se sentem tolhidas e sufocadas, quase que o tempo todo. E o sufoco representa um aprisionamento e uma dominação que desejam superados.

Além disso, através do texto das mulheres se percebe que seus comportamentos “diferentes” são motivados por uma “ordem moral” (Velho), uma ordem que, além de identificá-las, *funciona* como marco definidor de fronteiras. Nesse sentido, fica claro que o que as mulheres querem é o reconhecimento pelo que não são em casa. Esse reconhecimento precisa ser construído. Ou pelo que não querem ser. No caso, não querem se reconhecidas *apenas* como velhas que tenham funções e obrigações convencionais a cumprir em casa apenas pelo fato de serem dessa faixa etária. O grupo dá uma maior visibilidade a elas. Fazem outras coisas. Com isso, sentem que são notadas. Em casa parecem “invisíveis” aos olhos dos familiares. Ou então, “visíveis” demais como avós ou como mães, com papéis específicos a cumprir e com comportamentos convencionalmente esperados.

Em algum momento, percebe-se a declaração de que as mulheres não se apegam à temática relacionada à “terceira idade”. Vou além do relato. Sugiro que a não participação da representante no Fórum de Terceira Idade¹⁸, num gradual afastamento, explica-se pelo fato de as mulheres do grupo *Flor de Mangueira* sentirem-se autossustentáveis. Os momentos em grupo lhes bastam. Não precisam de mais nada.

Talvez a falta de atenção dada aos temas relacionados à “terceira idade” tenha relação com uma das principais características das mulheres: a de não fazerem questão de se apresentar como idosas. A busca de um determinado “espírito de juventude” impede, quiçá inconscientemente, de se discorrer sobre assuntos relacionados aos velhos ou de se infiltrar em lugares onde a temática seja recorrente. Além disso, o espírito alegre, sempre associado à juventude, toma tempo demais nos encontros semanais (e o tempo é tão curto), o que talvez impeça de se falar dos temas relacionados à velhice. Outra coisa é que os momentos em grupo não são sustentados ou acompanhados por nenhum órgão público. Se acontecesse isso, possivelmente seriam tratados com frequência. De modo geral o poder público sempre se arvora e toma à dianteira (ao menos em tese) em medidas que considera como mitigadoras da situação social das “minorias”.

As mulheres sempre enfatizam que em grupo tornam-se ativas e muito interativas. Logo, de alguma maneira, afirmam que se sentem integradas com a sociedade que as rodeia. Nesse aspecto, o grupo é comumente citado com um espaço da vida pública, ativa, social e integrativa. Não é exatamente na rua, mas trata-se de um lugar “público”, fora do espaço familiar, onde demonstram, do jeito delas, ainda que num tempo curto, que não querem ser “velhas”. No caso, não ser velhas é não ficar “presas em casa”.

2. Uma vida dedicada ao presente

Ainda é preciso relatar que tenho relativa experiência em grupos de idosos, em trabalhos com outros grupos e em outros tempos. Por isso afirmo o que sempre constatei, mesmo quando analisei a experiência da memória e as histórias de vida de maneira mais “positiva”: lembrar costuma ser um processo árduo, penoso e difícil. Muitos não

¹⁸ No Capítulo II, “Etnografia dos Instantes em Grupo”, foi feita referência ao Fórum de Terceira Idade.

conseguem suportar a “dor” das lembranças. Muitos não se engajam no processo e abandonam até a experiência em grupo. O quase repúdio que noto em propostas voltadas ao “resgate de memória” não é muito incomum. Ainda mais se a ideia for a de trabalhar com lembranças de pessoas velhas, lembranças sempre marcadas pela perda, pelo abandono e pela decepção. Sentimentos sofridos. Poucos querem se engajar num processo tão doído.

Na singular experiência de se investigar o grupo *Flor de Mangueira*, eu notei o contrário disso. A própria descrição das mulheres não deixa dúvidas de que existe um motivo diverso para o engajamento na participação: a busca pelo esquecimento dos momentos difíceis da vida. No grupo, as mulheres deixam as tristezas de lado, as tristezas de antanho, principalmente. Entregam-se assumidamente ao esquecimento do passado. A situação de viver em grupo torna-se uma experiência “diferente” também pelo fato de existir um desmedido apego ao tempo presente.

3. O que fez as mulheres participarem do grupo?

Os motivos que levaram muitas mulheres à participação no grupo se deram por questões bem pragmáticas, como falta de “coisa melhor para fazer” ou porque participar do grupo é muito melhor do que ficar em casa. A experiência em grupo, nesses casos, serve como uma “ocupação” numa etapa da vida em que normalmente a solidão aparece de maneira bastante concreta. Outras buscaram curar as tristezas e as angústias advindas de uma situação de vida atribulada, como problemas com os maridos (alcoolicismo é o mais comum). Nesses casos, a vida em grupo serve para afugentar os aborrecimentos. Em muitos casos, a participação no grupo se deu pelo incentivo dos membros da família (dos filhos, quase invariavelmente) que viam na experiência a possibilidade delas encontrarem a felicidade e o reconforto para as situações adversas.

A velhice talvez seja uma marca compartilhada pelos filhos. No caso das participantes do grupo, as pessoas próximas são os filhos que, quando notam os sofrimentos das mães (imposição e opressão dos maridos, por exemplo), não têm outra alternativa senão incentivá-las a procurar o grupo *Flor de Mangueira* para o alcance de uma vida “diferente”, uma vida menos controlada e sofrida.

Nesse caso, quando a decisão de tomar um rumo na vida teve como base a formulação de outros atores, pode-se entender a escolha individual não como uma categoria residual da explicação sociológica, mas como um elemento decisivo para se alcançar a compreensão de processos de transformação da vida do sujeito, processos que levam às mudanças de posturas e de trajetórias. As escolhas das mulheres foram feitas dentro de vasto campo de possibilidades. Escolhas cômicas que surgiram dentro de possibilidades sócio-culturais determinadas.

Ainda resta espaço para um comentário. Outro. Um comentário fugaz, talvez um pouco destoante da descrição em curso, conforme a alusão ao conselho médico para que uma paciente se integrasse ao grupo. As famílias, os filhos, principalmente, insistem na participação das mulheres no grupo por perceber o grupo como um espaço integrador alegre e exuberante. Trata-se disso mesmo. Indubitavelmente. Entretanto, os membros da família, talvez iludidos, não sabiam que esses instantes, com todos os seus “bons” predicativos e referências, servem também para as mulheres contestarem as visões que os próprios familiares em geral têm sobre elas.

Diálogo com as experiências de outros autores.

Nesse instante, seguem alguns relatos de experiências de outros autores que podem ser relacionadas aos temas tratados no texto conjunto das mulheres do grupo *Flor de Mangueira*. Mesmo que as experiências dos autores não tenham relação direta com os temas dessa dissertação. Entretanto, considero que as referências podem ser relacionadas aos intentos desse momento, onde se busca formas de diálogos com outras vozes num esforço de se produzir outro texto polifônico. Um texto com a definição e orientação dos autores, e com menções com aspas quando preciso.

Gilberto Velho, baseando em seus próprios estudos sobre a sociedade contemporânea brasileira, especificamente a classe média carioca, assegura que é o núcleo familiar que desempenha a função mais relevante ao nível do cotidiano das pessoas. Para Velho, a família atualiza “o código de emoções. Daí sua centralidade, o seu caráter de foco legitimador da sociedade” (1994: 63). Mas o convívio em família tem outro lado, pois se trata do lugar onde “tem sempre alguém [que] deve dizer a outro alguém o que fazer

(como agir, que obrigações cumprir, entre outras coisas), isto é, alguém deve exercer controle sobre os demais” (Rocha-Coutinho, 96: 2006). Trata-se então de um dilema, conforme proposto por Velho: “como resolver a permanente tensão entre as aspirações individuais e o caráter englobador, incorporador da família?” (1994: 118).

Miriam Goldenberg resume bem as coisas. Apresenta uma solução percebida, onde trata dos dois lados da família. Num texto à “Folha de São Paulo” em que faz referência aos seus estudos das posturas dos grupos urbanos femininos (“Uma questão de reconhecimento”, 19/03/2013), Goldenberg relata que o que as mulheres buscam é o reconhecimento familiar, gestos pequenos que sejam. Porém, isso quase nunca acontece. Segundo a antropóloga, as mulheres sempre reclamam da falta de manifestação de apreço no espaço doméstico. Muitas vezes, mesmo as tarefas domésticas feitas para agradar os filhos ou os maridos são consideradas por eles no máximo como “obrigação”. Quando elas recebem considerações favoráveis, ficam radiantes, a ponto de considerarem esses momentos como os mais felizes das suas vidas. Para Goldenberg, a falta de reconhecimento doméstico é o principal motivo que leva as mulheres a procurar outros tipos de relações para além das construídas com os laços familiares.

Nessa situação, a consequência mais imediata é a uma espécie de fuga do espaço familiar, nem que seja por breves momentos – momentos de alívio. O grupo visto como momento de alívio. Ou então representam os instantes de vivência fora do espaço familiar, propícios à construção de uma relação com o mundo fora de casa, com o mundo da rua. Um lugar onde se busca mais reconhecimento. Uma forma de vida que se pode considerar como uma experiência de “viver na rua” (Velho, 1994: 74/75). O reforço de reconhecimento é tanto que parece que é somente através desse tipo de vivência que se pode alcançar a formação de uma identidade, que ainda em acordo às impressões de Velho (1994) é construída a partir da condição de fazer parte ou membro de uma coletividade, parte de um todo.

Nesse sentido, de acordo com Velho (1994) e com Goldenberg (2013), é a exposição às experiências diversificadas, com outras visões de mundo e a abertura às redes de relações no cotidiano, com um grupo fora do contato mais próximo, fora da família, por exemplo, é o que pode acentuar de maneira mais perceptível a visão da pessoa de sua *individualidade singular*. Quanto à opção de se abrir a outras redes de relações, ela se dá

em diversas situações e contextos. Para Velho, “de alguma forma, um sujeito decide e escolhe um caminho específico. Em termos de histórias de vida há momentos particularmente dramáticos que podem ser reconstituídos quando o indivíduo se vê diante de encruzilhadas” (1994: 43).

A ideia de “grupo fora do contato mais próximo” serve para se refletir sobre outro autor. Em *Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro* (Zahar Editores, 1979), DaMatta investiga, dentre tantos tópicos, “a rua” em ocasiões específicas, como os momentos públicos. Um lugar e um momento de manifesto de insatisfação frente situações adversas. Na rua, em ocupação momentânea e liberta, o homem desafia opiniões solidamente implantadas na sociedade. Assume novos espaços, contraria as regras convencionais dos outros. Em certa medida, os homens lutam contra suas posições sociais desfavoráveis. Noutra tese bastante conhecida¹⁹ de DaMatta (1985) “a casa, a rua e o outro mundo” são vistas como espaços específicos e complementares entre si, que pressupõem determinadas formas de agir e que possuem esferas de sentido constituintes da própria realidade. Trata-se do que permite normalizar e moralizar o comportamento por meio de perspectivas próprias.

Nas duas obras mencionadas, Roberto DaMatta apresenta o tema “da rua e da casa”. O intento do autor é o desvendamento da identidade social brasileira. DaMatta incrusta-se na investigação do jeito e do comportamento próprio dos brasileiros no cotidiano, na busca por revisão e por rompimento de paradigmas e de imposições. Muitas vezes, rompimentos provisórios, efêmeros, disfarçados e concentrados em momentos específicos da manifestação cultural brasileira.

Fez-se referência a paradigmas, invocam-se os “estigmas” impostos sobre os outros (tema a ser tratado no próximo capítulo). Situação aventada pelas mulheres do grupo. Erving Goffman (2012) trata da ambivalência do indivíduo com sua categoria estigmatizada. O estigma analisado serve para se considerar a questão das mulheres envoltas numa experiência em contato e relação com outras mulheres. De acordo com Goffman “(...) fazendo parte da categoria, um indivíduo pode ter uma probabilidade

¹⁹ DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua, espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

cada vez maior de entrar em contato com qualquer outro membro e, mesmo, de entrar em relação com ele, como resultado” (2012: 33). Ainda para Goffman, a condição de estigmatizado sujeita às implicações e às imposições dos outros sobre condutas pessoais, “(...) algumas vezes estimula o indivíduo estigmatizado a tornar-se (...) um observador das relações humanas” (2012: 122). Para Goffman (2012), o indivíduo nessa condição se relaciona de maneira bastante próxima com outras pessoas, que costumam compartilhar com ele o descrédito social sofrido.

Deve-se avaliar que a agregação livre com outras mulheres como um aspecto demarcador de um “sentimento positivo, uma satisfação pelo próprio fato de se estar associada a outros e de a solidão do indivíduo ser resolvida através da proximidade, da união com outros” (Velho, 1986:13). Nesse cenário, o sujeito adquire um aprendizado que o incentiva a “levar adiante sua atividade desviante com um mínimo de contratempo, [pois] todos os problemas que enfrenta para escapar da imposição da regra que está infringindo foram enfrentados antes por outros” (Becker, 2008: 48 49).

Abraço, gesto de aproximação

Não foi mencionado na narrativa das mulheres, mas é perceptível que um dos gestos que melhor resumem os instantes em grupo é o abraço. Pequeno gesto de aproximação. Abraço que traz duas pessoas para perto, faz sentir o pulsar recíproco; tornam íntimos e solidários os seres que se aproximam. Abraço que simboliza a disposição ao outro, à entrega e ao aconchego de comunhão. Câmara Cascudo o define como o “índice de estágios elevados da Civilização, existência de cerimonial, imagem patrimonial de atos com conteúdo simbólico, ultrapassando a extensão visível do movimento” (1987: 189-190). Os que se abraçam estão reciprocamente desarmados. Prontos para a existência pacífica. Inermes. Para o autor, nenhum guerreiro poderia compreender essa “perigosa” posição pessoal de entrega total ao outro.

A foto abaixo mostra Marlene Ribeiro, a antiga coordenadora do grupo, num primeiro plano, aos abraços com Maria Augusta de Oliveira (de blusa verde), outra participante do grupo. Ao fundo da foto aparece Maria José (de óculos) se preparando para o mesmo gesto de comunhão e de entrega aproximativa com Celita Ferreira dos Santos.



CAPÍTULO VI

A REINVENÇÃO DA VELHICE

Afinal, o que querem as mulheres em grupo *Flor de Mangueira*?

Esta parte da dissertação é uma oportunidade de se perceber visões sobre a velhice a partir da observação dos discursos (enfáticos, diga-se) e das posturas de um grupo de terceira idade. O grupo *Flor de Mangueira* será visto como inserido numa política de invenção da velhice, como um espaço de criação de uma nova convenção, num contexto das novas concepções relacionadas aos grupos de terceira idade. Através de meu convívio com as participantes, eu pude perceber a relação delas se formando, num lugar e condição bem específicos.

De tudo, o que se depreende no esforço das mulheres em enfatizar suas condições é a possibilidade de compreender o que o que buscam ao participar do grupo. O grupo é uma oportunidade de participar de um espaço de representação, onde são aceitas e, conforme afirmam, onde podem posicionar-se sem constrangimentos, com posturas muitas vezes contrárias às esperadas pela sociedade e pela família, principalmente. Trata-se de um projeto alcançado na velhice. Ou, como escreveu Barros, “o último projeto passível de ser realizado até o fim da vida” (2006: 121). Por isso o destaque delas no alcance. O orgulho manifesto. Então, deve-se vivê-lo.

No texto, concentro-me nas mulheres e no significado que elas dão na criação de laços de amizade em um espaço não doméstico. Na convenção difundida por ela de rompimento com um cotidiano familiar. Concentro-me no que acreditam buscar na experiência em grupo para a proteção e garantia do que consideram como fundamental. Ou seja, a de poderem construir posturas novas. Aliás, o que se busca apresentar nessa investigação antropológica “(...) não é uma visão distorcida da ‘realidade’, mas aquela que se apresenta às pessoas que estudamos, a realidade que elas criam por meio de suas interpretações de sua experiência e em termos da qual agem” (Becker, 2008: 176).

Pelos discursos delas, percebe-se que as mulheres querem fazer é uma espécie de reinvenção das condições de suas realidades. Ou seja, enfatizam que a participação no

grupo almeja ser o rompimento com as visões das pessoas, de casa principalmente, tem sobre elas. O que as motiva é o desejo de não se sentirem “velhas”. Para colocar em prática a reinvenção, postura assaz complicada, participar do grupo é fundamental.

No espaço dado à representação, revela-se o experimento de confronto com a ideia de que velhos devem viver isolados e sorumbáticos ou então ligados apenas às condições dadas pelos familiares. A experiência em grupo é de manifestação social com ênfase no aproveitamento no referido tempo no presente; posturas ativas e incisivas. Em grupo, retiradas, as mulheres afirmam que encontram a possibilidade de manifestação social em um novo espaço onde têm o direito de “apropriar-se” do tempo. Manifestam que o que querem mesmo é apropriar-se do poder de se ficar em conversas soltas e despreocupadas com os rigores do tempo. Ou seja, ficar à toa. Nesse sentido, a casa é a oponente a ser combatida – ao menos nos discursos. Casa vista como lugar de ocupação, de trabalho, de obrigações.

Ao observar essas mulheres em luta permanente contra uma velhice, tida por elas como opaca, pude perceber que existe outra velhice, de posturas individuais mais incisivas, mas de significados voltados a criação de laços de amizade para além da família; uma velhice exprimida nas sutilezas do crepúsculo da vida, ainda que presa aos poucos momentos vividos em grupo. A experiência de perceber os discursos das mulheres, semana após semana, levou-me a perceber que o que querem as mulheres é gozar dos momentos interativos da vida, na partilha e na urgência; gozar do que a vida lhes oferece num tempo singular. O tempo da vida e das possibilidades que lhes foram oferecidas. Por exemplo, a possibilidade de voltar-se a uma política de grupos de terceira idade. Um tempo que precisa ser aproveitado infinitamente, enquanto dura. O comportamento no espaço de representação, adaptado à realidade e às condições das mulheres, reflete a urgência de participação com uma mesma categoria etária e num tempo bem específico, para que haja a conquista de respeito e da individualidade.

A urgência é libertadora. Não nervosa. A liberdade, aliás, adiante, é a grande conquista proclamada pelas mulheres. Mas trata-se de uma singela liberdade: a de poderem sentir-se, ao menos por um breve tempo, pessoas diferentes. O que é notório é o empenho das mulheres do grupo *Flor de Mangueira* pelo direito de usufruírem o presente, outra conquista no processo de reinvenção da velhice, no processo de criação de uma nova

convenção – a de participantes do grupo. No caso, no instante curto e continuado, é como se essa proximidade da morte, no tempo outonal, quando não mais se espera muito da vida, proporcionasse a calma necessária para se perceber as belezas do presente. Alves assegura que “no verão, o excesso de luz ofusca as cores. No outono, a luz fica mais mansa e as cores desabrocham como flores” (2001: 55,56).

A participante Maria Pereira Fonseca reportou ao seu passado. Todavia, evocou-o de maneira sucinta e somente porque lhe foi pedido. Não manifestou ter apreço pelos tempos de outrora. Segundo ela, o passado foi uma época aborrecida, de ocupações, onde vivia somente para “trabalhar dentro de casa, na rotina”. Maria Pereira ainda asseverou que dantes era uma mulher acabrunhada que “tinha vergonha das pessoas, não tinha palavras”. Entretanto, sua vida aborrecida ainda se mantém nos momentos em que fica em casa. Não investiguei esses momentos, mas ouvi os seus relatos. Maria Pereira deixou escapar que o marido comporta-se de maneira um tanto autoritária e reservada; o homem impõe-lhe limites, o que a deixa numa situação incômoda e aborrecida. Notei que a ênfase na valorização dos instantes em grupo visa reforçar o contraste com a sua situação no espaço doméstico que muito a aborrece.

Mauss (2003) analisa os comportamentos de diferentes grupos de esquimós - e os lugares onde vivem – em dois momentos do ano: verão e inverno. No ensaio²⁰, as condutas dos esquimós estão relacionadas aos traços da mentalidade coletiva. No inverno, as sociedades se confinam e se concentram coletivamente; ficam num estado crônico de efervescência e superatividade. A vida social fica protegida e submete-se a uma espécie de ritmo regular.

Em contrapartida, no verão, as tribos se dispersam. Sentem a necessidade de transportar-se para um ponto afastado e privilegiado para (sobre) viver. Os Esquimós se espalham, migram, mesmo com a total noção dos riscos que correm com suas condutas. O que é tão aparentemente entranhado nas sociedades esquimós é abandonado abruptamente, e os homens se submetem ao ritmo incerto das caças e se distanciam da comunidade, embora tenham conhecimento da área geográfica a ser ocupada.

²⁰ MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

Assim como no ensaio de Mauss, “inverno” e “verão” também podem ser interpretados como metáforas para o entendimento das posturas das integrantes do grupo *Flor de Mangueira*, em dois momentos díspares – quando estão e quando não estão inseridas nos breves instantes em grupo. A lógica das mulheres apresenta-se com se não vivessem num país tropical. O “inverno” é o tempo mais delongado, onde impera uma existência atazanada, aborrecida, “fria”, solitária e fechada, voltada à família e distante das relações de interatividade mais amplas. O “verão” é o tempo mais curto, de “férias” e de dias “quentes”, quando estão em grupo e inseridas com os outros, com novos laços, abertas e ativas, tal como (mas nem tanto) os esquimós analisados por Mauss.

A oportunidade de expandir-se para fora de casa veio para as mulheres. A vontade era grande de encontrarem um lugar de convivência externo ao doméstico. Os relatos enfatizam muito essa oportunidade surgida de entrarem em contato com um espaço - tido por elas - de rompimento com o cotidiano familiar. De terem contato com uma existência em conjunto, compartilhada e sem as marcas do passado; uma existência mais aberta. Elas ressaltam muito isso. Trata-se da valorização da apropriação de uma oportunidade. Nesse local, as mulheres “experimentam” os encontros, os passatempos e as conversas soltas. Enfim, as riquezas da vida. “A vida”, disse Guimarães Rosa, “não é maravilhosa, mas é cheia de pequenas maravilhas”.

Mas o que significa isso? Por que tão enfáticas no relato do rompimento com o espaço familiar? O que tem esse espaço que tanto querem rompê-lo? Qual o interesse da criação de uma convenção relacionada ao que consideram como nova forma de viver na velhice, afirmada com tanto destaque, uma forma de viver tão diferente das formas de outros velhos e de outros grupos de velhos? Não darei a resposta. Deixo com uma participante do grupo, Nely Teodora Santos Silva.

Nely é uma das mais idosas do grupo *Flor de Mangueira*, mas as imposições da idade parecem não surtir efeito sobre ela. Em grupo, Nely não espera muitas coisas ou grandes projetos. Quer apenas participar. A mulher afirma que confia na força da experiência em grupo, no trato franco com as outras, para construir uma forma de vida onde ainda possa sentir o gosto de ser diferente. Um lugar onde possa partilhar com outras pessoas o simples prazer de partilhar, de ser ouvida. Simples, mas é o que tanto valoriza; o que não encontra em outros lugares. Ela também afirma que não vive na espera pela morte e

nem se deixa levar pelas tristezas típicas dessa época da vida. A mulher sempre percebe e usufrui dos instantes em que está reunida com as outras - as principais maravilhas de sua vida. Eis o seu depoimento:

Eu me sinto bem, acho bom do mesmo jeito, mesmo vindo pouca gente e não tendo nada para fazer. A gente bate papo, jogo bingo – faz muita coisa. Se eu não jogo, a gente conversa, é a mesma coisa. É uma terapia. Às vezes está sentindo alguma coisa, está com problemas, a gente bate-papo e, assim, melhora.

Mulheres em atitudes de confronto com uma determinada ideia de velhice

Em pleno séc. XIX, o escritor Marcel Proust afirmou que a velhice é, dentre todas as coisas da realidade, o que as pessoas mais conservam, durante mais tempo, uma noção puramente abstrata. As mulheres do grupo *Flor de Mangueira* sempre afirmam que não querem ser vistas de maneira vaga por quem não as conhece – e, principalmente, por quem as conhece bem. Por isso, afirmam postar-se de modos diferentes, num pequeno espaço de tempo. Elas fazem isso porque sabem que é pelo olhar do outro que os sinais da velhice mais se manifestam. Caradec (2011) faz uma afirmação semelhante. De acordo com ele, “é no contexto de relações com os outros que se impõe a consciência do avanço da idade” (2011:24). As mulheres buscam inverter o processo notado pelo autor.

O que fazem as mulheres é lutar contra uma espécie de “pureza” e contra os comportamentos fixos que suas famílias querem lhes arrogar. Mas, seus comportamentos também são “fixos”, convencionais, pois, pela homogeneidade dos discursos, percebe-se a padronização de visões e de opiniões das mulheres, principalmente no que tange à preocupação pelos modos como são vistas pelos outros – e de como queriam ser vistas. A vida é mesmo uma “luta” entre como somos e como queremos ser vistos. Nos discursos das mulheres, fui percebendo aos poucos o discurso delas de que os parentes esperam que elas tenham modos compatíveis com as pessoas de suas idades. Aos poucos, ficou patente que elas não querem ter modos compatíveis com as outras pessoas de suas idades. Por isso, em reação, afirmam em uníssono que comumente negam a se confinar o tempo todo nos lugares e nas divisões culturalmente atribuídas às suas condições etárias. Ao participar do grupo *Flor de Mangueira* acreditam romper os limites impostos pela família. Nesse sentido, asseguro que é na

família, lugar por excelência da privacidade e da intimidade, que os dramas individuais ocorrem. Eni Maria Freitas vê a vida em casa como um drama. Para ela, “dentro de casa a gente é tratada como se estivesse no fim”.

Para Odete Ribeiro de Freitas, a coordenadora, a sua decisão de participar dos momentos em grupo se deu pela possibilidade, dentre tantas possíveis, de certo enfrentamento da posição desferida por membros da sua família contra ela e sua atitude de participante envolvida do grupo *Flor de Mangueira*. Odete sempre deixa claro que o que a faz participar são as “benesses” proporcionadas pelo convívio com as outras. Ou seja, interação, cumplicidade, reconhecimento, comunhão e a troca de saberes.

(...) quando entrei no grupo minha irmã riu tanto... O que! Você está no grupo de velhas... Cê é boba, cê é doida. Você não tem nem idade pra isso. Mas eu falei que entrei e estou gostando demais... Eu convivo com as pessoas mais vividas que passam experiência pra mim. Ensino o que sabe e aprendo o que não sabe.. É bom que não fica só em casa, por que em casa é um estresse danado, né?

Pode-se argumentar que o próprio estado de velho (ou de jovem) não é inerte – depende da referência. Num momento inspirado, Bourdieu afirmou que “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (1983: 113). Além disso, o envelhecimento não é um processo homogêneo experimentado por todos. Debert afirma que “a velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações” (1984, 130), nem em casa.

Eni Maria da Silva Freitas afirma que não se sente velha, um sentimento que a envaidece sobremaneira. A mulher sempre menciona que as pessoas do bairro comentam que ela não aparenta a idade que tem. A velhice negada, mas uma negação convencional, difundida de modo geral. De acordo com Eni, existem “pessoas que estão mais acabadas que a gente, não só na aparência, pois, tem gente que é assim: novo, mas parece velho”. Para Eni Maria, sua aparência é “conservada” porque sempre se comporta de maneira alegre e extrovertida. Em sua opinião, ser velho tem relação com atitudes mais reservadas e reclusas. Velhos são “as pessoas chatas, fechadas, que só ficam em casa, pessoas que podem ser novas, mas parecem velhas”. Parafraseando Debert (1984), não se consegue ser novo em todas as situações.

Simone de Beauvoir, no livro *A Velhice* (Difusão Europeia do Livro, 1970), asseverou que a sociedade (francesa) maltrata os velhos. A questão continua atual e vale para outras sociedades. Pelas falas das mulheres, pode-se afirmar que, realmente, a sociedade, se não maltrata, não perdoa (e tem uma visão *abstrata*) os velhos que, por exemplo, brincam e se divertem. Ao menos assim afirmam as mulheres. Nas reclamações das integrantes do grupo, a ênfase sempre recai sobre as pessoas com quem convivem em casa que as querem fechadas, sozinhas, sombrias, dedicadas somente ao lar. Pessoas que querem que elas sejam apenas avós e presas em casa. Ou mães.

As mulheres se reúnem em grupo para não ficar presas aos espaços da convenção e do controle. Inventam uma nova realidade. As mulheres afirmam que também reúnem-se para poder ouvir das outras participantes que não devem comportar-se convencionalmente o tempo todo. Reúnem-se para ganhar força e para serem incentivadas a lutarem contra as imposições, do jeito delas; reúnem-se para não ser *velhas*. Por isso que Domingas Fernandes declarou:

O grupo me animou demais. Por isso, eu sempre venho [ao grupo] para ver a turma. O grupo tirou minha tristeza. Minha filha queria que eu cuidasse dos netos – lá no [Bairro] Cabana Eu não gosto disso – não gosto de cuidar dos netos; cansa demais, dá dor nos braços. A gente deve cuidar é da gente. Cuidar dos netos? Prá que? Cansei.. O grupo me ajudou demais... Eu era fechada, fui abrindo... Passei a cuidar de mim, fazer as unhas...

Participar do grupo, com partilha e com conversa à toa é, segundo as mulheres, a forma encontrada para, num tempo curto, deixar-se de ser “puramente” velhas. O que dizem é que o que buscam é a dignidade e a valorização dos outros; buscam não ter sobre si os olhos de repulsa ou de condescendência da comunidade e, muito menos, os olhos de oposição dos familiares. As mulheres não querem olhares *abstratos* sobre elas. Para isso, querem tratamento respeitável no lugar onde vivem e, sobretudo, em casa. De acordo com as posturas delas, nota-se que, em alguns momentos, alcançar respeito é fazer exatamente o contrário daquilo que os outros querem que se faça.

Maria Augusta afirmou que a partir da participação no grupo *Flor de Mangueira* começou a se perceber de maneira diferente. A vida tornou-se mais alegre e, por que não, mais intensa. A experiência, inclusive, trouxe reflexos em casa. Nesse processo,

encorajou-se até em tomar posturas que acredita que as pessoas não esperam de uma mulher idosa. Mudou drasticamente.

Maria Augusta deu um exemplo concreto de um momento estratégico de “confronto” que teve com a sua família, onde pôde exibir sua “reinvenção da velhice”. A convenção de comportar-se de modos diferentes ao que os outros esperavam dela. Nesse momento, a mulher afirma ter rompido, ainda que por um breve momento, paradigmas que sempre estiveram voltados contra ela. Segundo ela, sua postura deixou os familiares atônitos, pois extrapolou o que sabem que ela apenas experimenta nos instantes em grupo. Maria Augusta disse: “Eu fui numa festa, eu dancei, fiz bagunça; era uma festa de família”. A mulher contou que se juntou às crianças da festa e “aprontou” deveras, e brincou o tempo todo. De acordo com ela, sua atitude causou escândalo nas pessoas da família. Para Maria Augusta, seu comportamento foi proposital. Sua intenção fora a de chocar os parentes. Ela queria mesmo desestruturar (bagunçar!) os valores convencionais que as pessoas da família sempre tiveram – e têm - sobre pessoas velhas. Ou seja, a de que os velhos têm de ficar em seus lugares e comportarem-se como velhos.

Nely Teodora Santos Silva expressa um problema típico da velhice - as perdas de familiares. Ela passou por isso. Para ela, a convivência com o grupo é vital para a superação das dores como essas. No grupo, recebe ajuda, “pois quando eu perdi meu marido, depois o irmão e outro e outro (eu perdi três irmãos em pouco tempo), encontrei aqui amparo”. Nely Teodora valoriza muito a família. Porém, adverte que a força para seguir adiante vem da liberdade e do aconchego que sente com as pessoas que convive no grupo, pessoas que não cobram dela atitudes e cumprimentos de papéis, conforme declarou: “Em casa também eu tenho muito apoio. Mas, aqui eu fico muito a vontade; a gente conhece muita gente diferente, com ideias diferentes”.

Seria a velhice mesmo percebida como um estigma?

Ainda se tratará de pessoas. Das pessoas investigadas. Mais uma vez. A afirmação das mulheres dos estilos construídos por elas de viverem em comum e, com isso, sentirem que conquistaram o direito de adotar novas – e “diferentes”. Efetivamente, não é que não queiram ser velhas. Em casa, acredito que não lutem tanto contra as prescrições

convencionais impostas. Mesmo em grupo, em alguns momentos, pode ser que se assumem como velhas. Mas, em medidas diminutas.

Entretanto, o que se notou no discurso delas foi o fato singular de que todas relatam almejar viver intensamente o tempo delas, num universo possível e em adoção de modos de vida que consideram adequadamente de confronto às condições convencionais normalmente vividas nessa etapa da vida. Ademais, “a velhice parece ser um desses momentos em que os valores do grupo assumem uma força capaz de marcar um estilo de vida” (Barros, 2006:125).

A grande questão que deve ser é a difundida ideia, difundida por elas, da necessidade de deixar bem perceptível a força de um específico momento em que, conforme a participante D. Cilinha “está sendo o melhor momento que estou vivendo. O melhor momento. Eu não quero amolação, não”. O tempo é de aproveitamento pleno e urgente. Trata-se do estilo de vida construído. Trata-se de uma forma de viver sem culpa e sem “amolação”. Conquistas da velhice, reapropriadas. Como todas as pessoas, as mulheres do grupo também estão em luta para alcançar reconhecimento social. Aliás, a vida é uma “luta” permanente entre como somos vistos e como queremos ser vistos. As mulheres estão em luta para superar estigmas. Reúnem-se para lutar contra os conceitos *abstratos* (Proust) que se tem sobre a velhice. Barros menciona os estigmas que as pessoas passam na velhice - e pelos quais as mulheres tanto lutam para superar:

A velhice, como estigma, não está necessariamente ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizadores da velhice, evidenciados na literatura, ligam-se a valores e conceitos depreciativos: a feiúra, a doença, a desesperança, a solidão, o fim da vida, a morte, a tristeza, a inatividade, a pobreza, a falta de consciência de si e do mundo. (BARROS, 2006: 139)

Pode-se ainda fazer uma inserção razoavelmente pormenorizada da relação entre o estigma e a questão da velhice. Goffman (2012) enfatiza que o estigma é mais aplicado à desgraça do que a “evidência corporal”. Todavia, trata da “evidência corporal” da velhice. Para o autor, o efeito de descrédito social na situação de estigmatizado é muito grande. O termo comporta o efeito. Os atributos, físicos inclusive, dos velhos levam ao seu descrédito em quase toda a nossa sociedade. A condição grupal das mulheres investigadas é uma tentativa de superação dessa situação lastimável. Superação de

traços que por si impõem à atenção (às vezes reforçam o alheamento) dos outros sobre elas e ao mesmo tempo destroem possibilidades de atenção para outros atributos.

De fato, as mulheres velhas trazem traços marcantes sobre si, traços que impõe uma irrefreável e indiscreta atenção sobre elas (a alheação é um comportamento usado por muitas pessoas para não se deixar envolver por tanta força atrativa). Nessa situação, para fugir dos olhares de reprovação (às vezes de repulsa) voltados aos seus traços e às suas condições, adotam medidas que visem “corrigir” essa condição estigmatizada.

As mulheres tratam disso. Para elas, a situação encontrada de reunirem-se em grupo é uma maneira de aproximarem-se de seus iguais. E, ao mesmo tempo, tornaram-se “diferentes”. De acordo com Goffman, “o indivíduo estigmatizado pode utilizar a sua desvantagem como base para organizar sua vida, mas para consegui-lo deve-se resignar a viver num mundo incompleto” (2012: 29/30). A “desvantagem” de ser velha é o que motiva cada mulher a organizar-se em “grupo de convivência” com as pessoas na mesma condição. O mundo das mulheres no grupo *Flor de Mangueira* é mesmo um “mundo incompleto”, pois é e célere demais (um “defeito” apontado por uma antiga participante do grupo), onde não se tem tempo e nem condições de aprofundar relações e onde os laços são demasiadamente frágeis. Mas, a maioria não o vive de modo resignado. Ao contrário, vivem-no como o melhor dos mundos. O mundo encontrado.

O caso da velhice é notório como estigma, pois se trata de uma “marca” que nem de longe pode ser considerada invisível. Trata-se de um estigma aberrante, aparente demais, que além de não ficar oculto, ultrapassa o conhecimento e a vontade da pessoa que o possui. Não se pode ficar no “encobrimento” (Goffman, 2012) de sua situação etária. Trata-se de uma impossibilidade. Por isso, o espaço do encontro em grupo é tão valorizado por elas, pois se trata de um lugar “onde pessoas desse tipo podem se expor e perceber que não precisam esconder o seu estigma e nem se preocupar com tentativas feitas cooperativamente para não prestar atenção a ele” (Goffman, 2012: 93).

Goffman declara que “(...) há outras normas, como as associadas com a beleza física, que toma a forma de ideais e constituem modelos perante os quais quase todo mundo fracassa em algum período da vida” (2012: 139). Todos um dia seremos velhos. Em última instância, se não temos (se é que é possível), um dia teremos sobre nós as marcas

indelévels do estigma. Deve-se ver então que a manipulação do estigma é uma característica geral de toda sociedade, de todo grupo humano; trata-se de um processo que ocorre sempre que há normas de identidade. Onde há norma há tentativa de superar controles. Portanto, é sugestivo pensar que o papel dos “normais” e o papel dos estigmatizados são parte do mesmo complexo, recortes do mesmo tecido-padrão.

Mulheres em busca de um lugar onde não sejam tratadas como velhas

A vida é crua. Trata-se de uma labuta infinda que se apresenta melhor às pessoas velhas. Mas, a percepção da crueza da vida pode ser libertadora. As mulheres do grupo - que por serem mais velhas, enxergam melhor, pois viram muitas coisas-, buscam força para contrapor ideias prontas voltadas contra elas. Por isso, inventaram uma existência “jovial”, agarraram uma oportunidade dada, contra as imposições da idade. Nessa situação, criam um espaço onde podem expressar totalmente contrárias aos papéis que desempenham em casa. Ou seja, de figuras decorativas de avós ou de mães. Barros afirma que “a luta pelo poder na família adquire, para essas avós, a conotação de um luta contra a própria ideia de velhice decrépita e assistida” (Barros, 1987: 98).

Mas, a luta das mulheres é com as “armas” da galhardia, que só tem sentido se usadas nos momentos em grupo. Barreto (1992) inseriu um relato de uma mulher de 60 anos (Maria) sobre como seria sua vida quando estivesse com 70 anos. No relato consta a seguinte declaração: “Acho que brinquedo de velho consiste em achar graça naquilo que é trágico para os outros” (1992: 167). As vidas das velhas, menos trágica, mais soltas e sem “amolação”, são mais transparentes. No grupo, vivem de atividades triviais, mas relevantes, numa existência dedicada ao presente, ao sonho alcançado. Vivem pelo prazer de viver, voltadas à construção de um momento de alegria.

O sentido dos comportamentos das mulheres do grupo *Flor de Mangueira* tem forte relação com um contexto também de possibilidade de fuga desses papéis. Parece truísmo, mas fugir é encontrar liberdade. As mulheres do grupo, ou a maioria, sempre afirmaram que foi a vida em seus instantes finais que lhe ofereceu a possibilidade de escolherem uma existência em grupo. O que querem é a possibilidade poderem viver outros papéis sociais. Goldenberg menciona Simone de Beauvoir e pontua:

“Ela [Beauvoir] disse que ‘a ‘última idade’ pode representar uma liberação, uma vez que durante toda a vida elas [as mulheres velhas] foram submetidas ao marido e dedicadas aos filhos. Mais velhas, podem, finalmente, preocupar-se consigo mesmas” (GOLDENBERG, 2008: 43).

Pelos discursos das mulheres do grupo *Flor de Mangueira* pode notar que elas não querem ser vistas com se estivessem no fim; querem um lugar onde não sejam tratadas como se tratam os velhos. Enfim, querem aproveitar a oportunidade de viver não como pessoas que apesar da idade “o coeficiente das adversidades aumenta” (Beauvoir). No grupo, acreditam ter superado tudo isso. Alcançaram outro estágio na existência.

Para as mulheres, o que envelhece é não agarrar as oportunidades de contatos com outras pessoas. Falta de momento de invenção. Como no grupo não têm papéis fixos a cumprir, podem criar. No grupo, não faltam oportunidades de conversas e de trocas de experiências. Conversas soltas facilitam a inventividade. Ou melhor, é por isso mesmo que participam. As mulheres do grupo se colocam noutra patamar. No convívio com as outras, no tempo de convivência, entendem que cuidam melhor de si. Trata-se de uma rede de solidariedade reforçada. Um contrato de cada uma, com as outras e consigo mesmo. O contrato de estar feliz, mesmo que em tempo sucinto. Acima de tudo o que querem e ser livres para não serem pessoas velhas todo o tempo e do jeito que a sociedade e a família, principalmente, espera que sejam.

Mulheres que não querem se acorrentar ao que sabem que não vai voltar

Tudo é real, porque tudo é inventado
Guimarães Rosa

Indubitavelmente, participar do grupo *Flor de Mangueira* é a possibilidade de invenção de uma nova vida. Uma invenção para o alcance de uma nova identidade social e para se viver melhor – uma identidade voltada à negação daquilo que as mulheres consideram como ligado a outro tipo de velhice que não é o “tipo” que elas vivem. Mas as mulheres vivem um tempo propício às invenções e as revisões da vida, vivem numa “convenção” da idade, pois é na velhice que “a pessoa realiza revisões sucessivas

durante a vida e a revisão nessa etapa parece se dar também em função do conhecimento do fim a vida e da proximidade da morte” (Barros, 1987:94).

As mulheres do grupo *Flor de Mangueira* manifestam sede e fome de viver, no presente e de maneira urgente, como se não houvesse amanhã. O grupo é um projeto do presente. Talvez pensando sobre o presente, Adélia Prado, já velha, escreveu: “não quero faca nem queijo; quero é fome”. As mulheres do grupo estão com pressa e “famintas”. Afirmam que querem assumir posturas ativas. As mulheres do grupo não estão na mesma condição de Clarice Lispector que quando jovem fez a seguinte afirmação: “nós que ainda somos moços, podemos perder algum tempo, sem perder a vida inteira”. O pouco tempo para as mulheres do grupo pode ser uma existência inteira...

A velhice percebida demonstra que esse é o tempo da vida – urgente e marcado pelo recomeço - que deve ser de experiências presentes, sem as marcas do passado. O passado normalmente é associado a algum tipo de opressão – ou de nostalgia. As mulheres parecem não querer se acorrentar ao que sabem que não vai voltar. É notório que as participantes do grupo *Flor de Mangueira* não fazem grandes evocações ao passado. Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa, de *Grande Sertão: Veredas*, disse que “saudade é uma espécie de velhice”. As mulheres não invocam o passado. Dão ênfase no presente. Elas não têm e não querem os “quadros de referências” (Halbwachs), que se recorre para lembrar-se de acontecimentos antigos.

Segundo Maurice Halbwachs (2006), as impressões dos homens de seu passado costumam se basear nas referências dos outros. Assim, os homens têm mais confiança na exatidão das suas recordações. É como se uma mesma experiência pudesse ser recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. Para lembrar é necessário de testemunhas e de fazer parte de um mesmo grupo que pense em comum com relação a certos aspectos. Por isso que as pessoas buscam os contatos grupais, onde se pode formar um sentimento de identificação entre os pares.

A identificação entre as participantes do grupo *Flor de Mangueira* é para fortalecer o presente. Dar intensidade ao esquecimento é uma forma de superar os problemas e as opressões de antanho. Para Maria José, “a gente que já passou dos 60 não tem que ficar cuidando de neto, em casa, a gente tem que curtir a vida”. Em grupo, tudo é uma grande

curtição. Maria Augusta segue a mesma linha. Para ela, o passado está superado (“eu criei meus filhos, nunca pedi ninguém para criar”). A mulher não quer ter sua imagem vinculada apenas a uma determinada figura de avó, por exemplo. Não quer ocupações fatigantes; quer o prazer. A fome. Tem pressa. Eis suas palavras: “Minha filha que tem menino, ela que se vire. Ela que arrumou... Eu não... Não vem que não tem...”.

Mulheres que participam pelo prazer de participar

O espaço das experiências das mulheres não é separado do “mundo real”, como se fosse uma espécie de lugar específico para reconstrução dos prazeres perdidos no tempo, um espaço idílico. Como os membros de todos os grupos sociais e de todas as ocupações, posições e categorias, as mulheres do grupo *Flor de Mangueira* sentem também a necessidade de justificar seu trabalho grupal, as associações provisórias e suas funções sociais com o intuito de ganhar respeito. Querem a “convenção” do respeito. Por isso, verdadeiramente sentem tanta necessidade de uma opinião favorável dos outros.

Debert assevera que “a promessa de eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo” (1999:77). Noutro texto, a autora pondera sobre a existência da exploração da imagem do idoso pela mídia, exploração com fim eminentemente voltado para o alcance de lucros. Uma exploração mui sutil e ardilosa, pois o velho é tratado como “jovem” apenas para que seja merecedor de uma nova atenção da sociedade – uma atenção voltada ao consumo. Nesse prisma, atenção e consumo são dos jovens e para jovens. Para aumentar o consumo, a solução do mercado é transformar todos em jovens. Velhos, inclusive.

Durante muitos anos, o Brasil se orgulhava de ser um país de jovens – aos velhos cabia à espera da morte. Ora, país jovem é país injusto, pois traz consigo o desprezo social pelos velhos. O capitalismo parece direcionar-se para homens eternos; aos velhos são direcionados papéis sociais estereotipados. Mas, as coisas estão mudando. A longevidade mais acentuada da população alcançada graças à melhora da qualidade de vida, da consciência ecológica e do progresso científico, tem obrigado a sociedade a dar atenção ao seu idoso – que, afinal, estão cada vez mais presentes na realidade nacional.

Nesse cenário, o idoso “apareceu”, tornou-se um cidadão com direitos – e com direitos específicos. A experiência das mulheres do grupo *Flor de Mangueira* está inserida dentro de uma ideia de “ocupação” de espaços concedidos por uma política de valorização da terceira idade. O próprio termo “terceira idade”, em que pese sua difusão ao limite, é um eufemismo, constituído dentro de uma sociedade “politicamente correta”. Um termo que representa uma nova visão sobre as pessoas mais velhas, de maior valorização de grupos sociais diversos. Um fenômeno social que se deu principalmente com o advento e (aos poucos) desenvolvimento da democracia no país.

Todavia, apesar dos alertas sobre os lugares impostos aos velhos na sociedade capitalista (e “politicamente correta”), Debert (1997) realça de modo positivo a importância dos novos espaços vividos coletivamente pelos idosos. Espaços que não devem ser tratados apenas como concessões, mas também tratados como lugares onde seja possível a conquista e a exploração de novas identidades. O que não era possível noutros tempos, conforme o trecho do seu artigo:

(...) a abertura de espaços para que novas experiências pudessem ser vividas coletivamente. Neles, é possível buscar a auto-expressão e explorar identidades de um modo que era exclusivo da juventude. Esses espaços estão sendo rapidamente ocupados pelos mais velhos (DEBERT, 1997: 44)

Em meus contatos com as mulheres do Bairro Mangueiras pude perceber que elas não esperam recuperar um tempo perdido no espaço onde se reúnem; não buscam apenas as atividades de “diversão” voltadas ao fortalecimento de uma crença impregnada no senso comum marcada pelo eufemístico termo “terceira idade” e explorada, por exemplo, por empresas de viagens e pela mídia, de modo geral. O que se busca nesses casos é o retorno financeiro, através da construção ideológica de uma determinada imagem dos velhos “ativos”. Imagem que visa eminentemente sobrepujar um determinado modelo difundido na sociedade de que as pessoas velhas são paradas para, assim, transformá-los em ativos consumidores.

No grupo *Flor de Mangueira*, as atividades das mulheres não são forçadas ou inventadas para dar um sentido, digamos, prático aos encontros semanais. Aliás, tudo que tem relação com sentidos mais “burocráticos” é negado por elas. O que sempre reforçam é que o motivo principal da participação são os próprios encontros. Os grandes

instantes recreativos, onde normalmente tudo é voltado para que possam interagir entre em si, à toa. Como pássaros que voam pelo céu pelo puro prazer de voar.

Para Odete Ribeiro de Freitas, o que importa no grupo *Flor de Mangueira* é a presença de todas, todas as semanas, “mesmo que não tenha diversão, pois só de estar batendo papo, conversando, contando piadas já ajuda muito. Já ajuda a ter uma vida melhor”. A força da convivência vem das conversas soltas e entrecruzadas; dos conselhos; das trocas de experiências; das dicas e dos reconfortos. Enfim, das possibilidades de se sentirem ouvidas. Sentem-se alegres. As atividades recreativas são relevantes e valorizadas, mas não são as primordiais dos encontros ou o que as move a participar do grupo. O que as interessa, principalmente, é o não fazer nada no grupo.

Dentro da reflexão mencionada acima, Motta (2006) argumenta que existe uma perversa ideologia que se aproveita - e que difunde - a noção da velhice participativa e saudável. O tal de “ser jovem” para entrar no mercado de consumo, conforme afiança Debert (1999). Para Motta, tal ideologia investe sobremaneira na busca de resgatar “(...) o prazer dos encontros, das danças e dos passeios nos períodos de baixa estação” (2006: 231). Todavia, o que se almeja mesmo é o lucro imediato para as empresas de turismo e empresas hoteleiras, as responsáveis pela organização das “brincadeiras” e dos momentos interativos e de convivência.

Pode-se dar um exemplo de um aspecto narrado por uma participante, um detalhe da história de Maria Augusta, uma mulher de vida atribulada. De acordo com ela, antes de conhecer o grupo, ela vivia nervosa e sentia-se muito velha e aflita. O lugar onde mora não tinha água ou luz. A vida era sem graça e muito triste. Um dia, há uns três anos, uma vizinha a chamou para conhecer o grupo *Flor de Mangueira*. Maria Augusta nem sabia que isso existia! Mas como “precisava mesmo procurar alguma coisa para esquecer os problemas da vida - e estava revoltada dentro de casa” - ela foi conhecer o grupo. Ao conhecer, não conseguiu mais deixar de participar. De acordo com Maria Augusta, as mulheres do grupo também não conseguem ficar sem ela. Todas precisam dela; a relação precisa ser continuamente alimentada. A relação de fidelidade com as integrantes transformou-se em amizade. Segue parte do depoimento de Maria Augusta:

Quando não vou, todos sentem minha falta. Eu também sinto um vazio muito grande. Elas [do grupo] me ajudaram muito, na comunidade.... Eu não vou deixar o grupo. Me chamam para participar de outro grupo, mas enquanto tiver o grupo, eu estarei aqui. Agora, não tem como deixar de participar – e eu não quero.

No breve trecho do relato de Maria Augusta, pude sentir a força da invenção da velhice, de uma nova forma de vida, digna de nota e respeito, correlacionada com o desejo de valorização e do sentido de reconhecimento. O mais notório no discurso. Enfim, uma “convenção” que acompanha os desejos de todos os homens, velhos ou não.

Paradoxos da vida

As mãos querem ver, os olhos querem acariciar
Goethe

Tudo é pleno de sentidos específicos e às vezes paradoxais na velhice das mulheres do grupo *Flor de Mangueira*. Elas afirmam negar a velhice sedentária e querem apropriar-se da ocupação do tempo com os encontros do grupo. Elas buscam preencher o tempo vazio de suas vidas. Tempo vazio é sinônimo de solidão, uma situação que não querem em suas vidas. Regina Maria da Silva declarou:

Eu gosto muito do grupo. Não gosto de ficar em casa sozinha, sem ter o que fazer. Os filhos e o marido saem, quase não ficam em casa. Gosto do bingo, dos bate papos... Quando não tem o grupo, a gente sente falta. No grupo, a gente se distrai; bate papo, fica à toa. Em casa, me sinto sozinha. É como se eu vivesse sozinha...

Maria José, outra participante, não quer se sentir velha. Embora, por paradoxal que pareça sentir-se velha é primordial para a superação da velhice. Segundo Maria José, “apesar das limitações físicas, eu não me deixo abater, eu sou ativa; eu não me considero velha, meu espírito é jovem”. Então, ela é uma velha *jovem*, mas não é como são os jovens, inquietos. Maria José quer usufruir a mansidão típica da idade avançada. Não quer negar a condição. Todavia é curioso notar que a juventude etária está distante de todas, não pode ser muito lembrada, pois recordar da juventude (do passado) é entregar-se à frustração e, de uma determinada forma, lembrar-se da velhice.

É necessário ainda mencionar que as mulheres apropriam-se de uma oportunidade dada, numa experiência fora de casa. Agora tratam de vivê-la como e com pessoas de suas gerações. Agindo assim, acreditam viver e pensar como *jovens*, mas não como são os jovens retratados nos mercados de consumo. Elas sentem a ação da idade e do tempo que age sobre elas. Mas presas à ação do tempo, velhas, sentem-se livres para conquistarem o “espírito jovem”, simbolizado na alegria, disposição, autoestima e despreocupação; conquistas adquiridas e experimentadas na vivência em grupo, não em atividades programadas e estereotipadas.

Becker (2008), na investigação dos seres desviantes na sociedade americana da primeira metade do século XX, como músicos e usuários de maconha, dentre outros, faz referência à ideia de que os desvios têm fortes conexões com os sentimentos de rebeldia juvenil (2008: 177). Talvez por isso que eu notei a ênfase dada pelas mulheres na aproximação de seus comportamentos como de “jovens”. Mas, não são de desvios exatamente o que trato. Nem de seres *outsiders*. Porém, eu seria leviano se não informasse que sempre percebi no grupo certo orgulho pela manifestação de “rebeldia”, manifestação muito aproximada às posturas comumente relacionadas aos jovens. Ainda mais que a “rebeldia” das mulheres do grupo, como a dos jovens de modo geral, se direciona efetivamente contra as imposições familiares. Jovens costumam ser mais rebeldes em casa, com os pais, principalmente.

Talvez ainda se deva anotar um ponto que de alguma forma manifesta oposição à família – ou a um membro. Em casa, as mulheres afirmam que não encontram companheiros de percepção de uma nova velhice através do convívio com pessoas que a entendem (a velhice) como possibilidade de se conquistar alguma coisa. Para elas, os homens e mais especificamente os maridos, quando os há, são *velhos* demais. Pensam e agem como velhos. Aceitam a velhice com resignação, como uma situação inexorável. Eles pararam no tempo. Não querem e não entendem a experiência da velhice como momento do urgente e da invenção. Para Eni Maria da Silva Freitas velhos assim são “desanimados, que não acham graça em nada... Fechados, não se abrem e querem ficar só isolados num canto”. Para D. Cilinha, “o homem é mais preguiçoso”.

Mirian Goldenberg numa coluna à “Folha de São Paulo” (“Quem envelhece melhor?”, 14/05/2013) traz informações relativas aos resultados de sua pesquisa sobre corpo,

envelhecimento e felicidade. Para a antropóloga, o grupo de mulheres velhas é o único, dos dois sexos e de todas as faixas etárias, que afirma que as mulheres envelhecem melhor do que os homens. Para Goldenberg “justamente aquelas que já envelheceram negam a crença que sempre alimentaram: a de que o envelhecimento masculino é melhor do que o feminino”. As velhas pensam diferente do que pensavam quando jovens. Dantes acreditavam que era o contrário. Mas, na idade madura, acreditam que a melhora feminina na velhice não é somente em relação à saúde. A melhora tem relação com o que sentem, pois acreditam que estão mais felizes e independentes – elas acreditam que aproveitam mais que os homens as vantagens da maturidade.

O capítulo que se encerra tratou das observações sobre os discursos das mulheres do grupo *Flor de Mangueira*, mulheres que de modo uníssono acreditam muito que vivem melhor no atual momento de suas vidas. Ou ao menos difundem muito - e muito enfaticamente - suas crenças na percepção relativas às suas vidas de que o tempo vivido em grupo, na condição de velhas, é um tempo novo, um tempo de reinvenção da velhice. Trata-se de uma convenção criada para a aceitação de suas realidades.

CAPÍTULO VII

CONFISSÃO ANTROPOLÓGICA

O essencial é invisível aos olhos

Exupéry

Desde a leitura da obra de Bruno Latour, *Reagregando o Social* (Edusc, 2012), vinha pensando na possibilidade de elaborar um capítulo específico fundamentado numa entrevista com uma participante do grupo. A primeira pessoa que pensei foi em Nely Teodora Santos Silva. Entrei em contato com ela e propus a entrevista, que, de imediato, ela aceitou. Com isso, marcamos um encontro em sua casa, localizada no Bairro Vale do Jatobá. A intenção seria para eu lhe explicasse os princípios da antropologia, para lhe repassar um pouco sobre a história da disciplina e lhe detalhar sobre o que efetivamente eu investigo nos encontros do grupo. No “campo”, não tenho muito tempo para isso. Mas o intento principal da entrevista seria o de buscar uma interpretação da participante, uma “nativa”, sobre minha pesquisa com o grupo *Flor de Mangueira*, numa tentativa de perceber quais os sentidos ela via na minha experiência.

Reflito um pouco sobre até que ponto a motivação para criar o capítulo específico dentro da dissertação com uma participante do grupo não seria uma forma de investigar-me. Uma necessidade de saber o que e como outra pessoa pensa sobre mim e sobre meu trabalho de pesquisa. Mas o que de fato se deu foi que, com a ideia de se tentar uma experiência com “métodos” novos, eu percebi - constrangido - a prevalência de meu discurso verborrágico e um tanto autoritário com a entrevistada. Acabei que dei pouca oportunidade à Nely de expor suas opiniões. Embora as intenções não fossem essas, não posso negar o que de fato aconteceu – e o que aconteceu é o que segue.

Melhor seguir adiante com a apresentação da conversa em si. De início, depois das saudações de praxe, fiz um relato que considerei adequado sobre o significado da antropologia. Nely queria explicações sobre a ciência. Relatei que a antropologia é uma ciência que se baseia na diversidade humana. Baseia-se também em sua contradição. Ressaltei que o antropólogo deve ter consciência de que o comportamento humano é incongruente. Depois, pus-me a detalhar melhor o trabalho que desenvolvo

com o grupo, os motivos de sua realização e os resultados alcançados. Expus a ela o que pretendia no início pesquisa e as mudanças ao longo do tempo, do “campo” (expliquei que os antropólogos chamam de “campo” o contato direto com o lugar onde se pesquisa), mudanças principalmente de enfoques. Mas afirmei que encaro as modificações no processo como naturais, pois a sociedade humana prima pela constante permanência. A cultura é ambígua e a antropologia deve “explorar” essa ambiguidade. Na minha experiência, o grupo mudou, eu mudei e os focos mudaram. Disse ainda sobre o dilema de minha postura de *observador* e de *participante* do grupo. A dificuldade de não ser participante e/ou de ser “só” observador.

Considerei que as explicações iniciais seriam importantes para o que pretendia com a experiência. Ou seja, empreender uma discussão *antropológica* com a participante do grupo *Flor de Mangueira*. Para isso, aventaria também algumas questões pontuais, muitas delas relacionadas à citada obra de Latour (2012). Em seguida, acreditava que Nely Teodora ficaria mais à vontade para discorrer sobre temas de cunho mais “antropológico” ou qualquer outro tema. A ideia era a de empreendermos um debate relacionado à disciplina. Quem sabe? A intenção era que ela expusesse algumas ideias e conceitos que, talvez, pudessem ser apropriados pela pesquisa em curso – o que de certa forma aconteceu. Enfim, uma exposição de troca de ideias e de considerações ligadas à disciplina. Tudo feito com a cooperação de uma “nativa”. Por que não?

Ao mesmo tempo em que Nely manifestou interesse das questões relacionadas à disciplina, expressou também surpresa com os resultados expostos. Quando relatei as minhas observações dos comportamentos das participantes (que serão citados abaixo), as convenções, Nely expressou admiração, como se as coisas vividas por ela em grupo ganhassem novos sentidos. Com isso, nosso momento se tornou o que entendi - e expus na conversa - como uma *confissão antropológica*. Ou seja, encontrei em Nely uma paciente e atenta ouvinte de minha trajetória. Aos poucos, senti-me protegido para relatar a ela minha experiência com o grupo. Com isso, meu discurso se tornou deveras incontido e catatônico, voltado aos meus pensamentos, aos dilemas de pesquisador. Por outro lado, quando Nely expunha seus pontos de vistas (o que aconteceu poucas vezes), eu tomava noção - de modo angustiante - da incompletude de minha pesquisa.

Um dos pontos levantados por Nely Teodora, logo no início de nossa conversa, em sua observação dos comportamentos das mulheres do grupo *Flor de Mangueira*, foi a sua percepção da rivalidade e da falta de autenticidade das participantes. Observação que contradiz com os discursos das participantes, sempre afeitas a expressar de modo orgulhoso o comportamento harmonioso e solidário construído por elas na experiência do grupo. Para Nely Teodora, muitas são falsas. Mulheres que não são verdadeiramente como demonstram ser quando estão em convívio grupal.

Nely manifestou-se isso de modo veemente, de pronto, mesmo sem apresentar nomes. Após sua declaração, muito surpreso (sem que ela percebesse, acho), eu tentei encontrar um argumento que explicasse essa postura das mulheres. Saí pela tangente e afirmei que seu comentário inicial confirma a minha avaliação de que a incumbência da antropologia é a de estudar os comportamentos “falsos” e contraditórios. Relatei que, em última instância, todos os homens não são “autênticos”. Aliás, a autenticidade é uma característica não existente na conduta humana. Ou existente. O que é autêntico é a “falsidade” praticada na vida social.

Contudo, reflito agora, a vida social talvez não seja marcada pela falsidade. Talvez. A vida é antes de tudo metafórica e paradoxal. Observando com atenção em nosso redor pode se perceber que não é incomum as pessoas assumirem comprometermos com uma coisa, em nome de outra. É assim que segue a comunicação humana. É por isso que, se a intenção for a de buscar os comprometermos humanos à luz da literalidade, da franqueza, possivelmente ficaremos frustrados.

Empolguei-me com meus próprios argumentos e segui discorrendo sobre o assunto relativo à “falsidade” humana. Aqui que começou mesmo o processo *confessionário*. Disse a Nely que, sem dúvida, o homem costuma vestir a “fantasia” do momento ou do lugar onde está inserido para “interpretar” papéis sociais. A vida social é uma vida de interpretação. Muitas vezes, vestem-se “roupas” já existentes (já usadas) e interpreta-se um papel. Eis uma verdade: somos falsos. Dito isso, apresentei à Nely uma reflexão que considerei conspícua: a de que não se deve condenar a “falsidade” quando se interpreta um papel designado. Aliás, uma coincidência reveladora, pois relatei à Nely que justamente naquele dia eu havia lido na “Folha de São Paulo” uma reportagem relacionada à interpretação de papéis.

O texto em questão não é de autoria do jornal paulista. Trata-se da reprodução de uma matéria do “New York Times” sobre a carreira da atriz de Hollywood Scarlett Johansson, de 29 anos. Uma atriz que, na busca por desempenhos dramáticos mais sérios para sua carreira e para ganhar prestígio junto à crítica especializada, interpreta nos palcos da Broadway a personagem Maggie, do seminal clássico “Gata em Teto de Zinco Quente”, de Tennessee Williams. Um grande desafio para a jovem atriz, pois a personagem já “existe” - faz parte do imaginário da cultura americana. Uma personagem muito identificada com Elizabeth Taylor²¹, grande diva de Hollywood.

O que nos interessa e o que foi especificamente relatado à Nely Teodora é a crítica à peça teatral que consta no mesmo espaço do jornal paulista. Ou a análise relativa à interpretação da atual estrela americana. Sérgio Dávila, correspondente da “Folha” nos EUA, relata seu incômodo diante da dificuldade inicial de exercer a “suspensão da descrença”, prática que considera fundamental para se acompanhar obras ficcionais.

Dávila se agoniza diante da dificuldade de “acreditar” e de deixar-se envolver pela representação da jovem atriz, para que possa acompanhá-la na “encarnação” de um papel intrincado e presente na cultura americana - e tão relacionado à outra grande personalidade clássica (Taylor). Diante disso, pergunta-se em como deixar-se levar de maneira convicta pela interpretação de uma jovem estrela atual, que também tem forte ligação com outros tipos na carreira, num papel tão aparentemente diverso de sua persona? Uma atriz provida de têmperas aparentemente tão diferentes e tão distantes, geracional, comportamental e geograficamente da personagem de Williams.

O que foi enfatizado para Nely, em minha “confissão”, no exemplo do desconforto do crítico em ver uma atriz num papel já *existente* e tão distante da sua personalidade é a questão da interpretação. Muitas vezes interpretam-se papéis existentes. Embora, com as participantes do grupo os papéis “sejam” somente delas. Elas são as “Maggies”. Para acreditar em seus *desempenhos* não se precisa da “suspensão da descrença” (elas

²¹ Elizabeth Taylor interpretou a personagem Maggie no filme *Gata em Teto de Zinco Quente* (“Cat On a Hot Tin Roof”, 1958, de Richard Brooks). A interpretação a alçou (assim como a personagem) definitivamente à fama mundial. No filme, Maggie é casada com Brick (Paul Newman), um alcoólatra e ex-astro de futebol americano. Eles vivem um casamento muito infeliz, o que deixa Maggie muito frustrada - a vida não é como ela gostaria que fosse. Maggie ama o marido apesar de ser desprezada e de viver uma relação marcada por ataques e desentendimentos. Uma relação aprisionada. O filme é repleto dos diálogos crus, do brilhante Tennessee Williams, o autor da peça teatral que deu origem ao filme.

também não fazem ficção). Os papéis lhes cabem bem. Não existe o problema da interpretação fora de hora e do tempo. Interpretam na hora e no tempo exato. As mulheres representam personagens que *existem* no dia a dia. Ou só existem quando interpretadas. Óbvio. O grupo é composto de “atrizes”. Atrizes e plateia, ao mesmo tempo. Mas não se precisa estender a representação para outros lugares. Elas não querem – e não podem. O “palco” é o local onde se encontram semanalmente. Onde ensaiam e interpretam a peça.

Ao discorrer sobre peças e atrizes, surgiram novas e outras reflexões que não haviam sido programadas para a conversa. Talvez aí resida à força da confissão e o motivo principal da elaboração desse capítulo, mesmo que experiência almejada de diálogo antropológico com um participante do grupo “não tenha dado certo”. Uma delas baseou-se em na minha afirmação de que a duração dos encontros do grupo *Flor de Mangueira* é de aproximadamente duas horas. Outra coincidência, pois se trata do tempo convencionalmente usado, por exemplo, para a duração dos filmes. O cinema também tem suas convenções. Duas horas costuma ser o tempo máximo que em média o espectador consegue ficar preso dentro de uma sala de cinema; fechado, envolto, “crente” e atento a uma história ficcional. Embora a máxima creditada ao diretor Alfred Hitchcock, para quem “a duração de um filme deveria estar diretamente relacionada à paciência da bexiga” talvez faça mais sentido. Os urologistas devem concordar com o velho mestre do suspense de que não se pode ficar mais de duas horas sem urinar. Mas, não discorremos sobre isso.

O que discorri para Nely e foi “descoberto” na conversa é que duas horas (15:00 às 17:00) são a duração *certa* de se interpretar papéis. O tempo convencional. A vida, os outros afazeres, cobra a volta à realidade. Disse e logo me questionei que a participação no grupo também é uma “realidade” e o que a vida cobra é outras *interpretações*. Cobra de todos. Doravante, “realidade” é o que fazemos dela e não o que ela faz de nós ou o que nos força a fazer as coisas. Em seguida, confrontando comigo mesmo, eu enfatizei à Nely Teodora que minha postura em sua casa naquele momento era a de antropólogo. Ou melhor, eu *interpretava* o papel de um antropólogo – ou de um estudioso. Se estivesse em visita de amigo, por exemplo, talvez não expressasse questões tão “profundas”, talvez não me abrisse tanto com ela. O que não queria necessariamente dizer que eu seria um “falso” ou alguém que esconde opiniões.

Mencionei, para clarificar, que garçons também fazem o mesmo. Perguntei a Nely se já reparou as posturas deles servindo clientes em restaurantes. Comportam-se de maneira elegante; são atenciosos, servem os pratos, enchem os copos, as taças. Tudo com cuidado. Entretanto, quando se aproxima da hora fechar o restaurante, os seus comportamentos com os clientes que ficam até mais tarde muda drasticamente. Podem-se vê-los se aprontando (ou desaprontando) para irem embora. O tempo de serviço acabou. O maîtrê, de paletó preto e de calça listrada, se despe. Tira suas “máscaras”. Camisetas deselegantes (de times de futebol, muitas vezes) aparecem. No novo cenário, os garçons costumam nem se despedir dos clientes que ainda permanecem nos restaurantes, os que estendem a noite – e com quem, pouco tempo antes, foram tão corteses. Mudam de posturas. Não precisam mais representar. O espetáculo e o tempo acabaram. Noutra dia, voltam à representação.

Dentro da ideia da representação nossa de cada dia, talvez seja oportuno aludir Erving Goffman. Não é com esforço que se recorre ao autor de *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* (Vozes, 2011), obra com uma prosa deveras irresistível. Não se pode deixar de mencioná-lo. A experiência tomou rumos imprevistos e incontroláveis. Não se pode fugir delas. Não se pode fugir de Goffman, ao menos no momento.

Se para Shakespeare, “a vida é apenas uma sombra ambulante, [como se fosse] um pobre ator que se exhibe e se agita no palco por um tempo”, um tempo curto, para Goffman a vida social deve ser comparada com a representação teatral. Para o autor, “quando uma pessoa chega à presença de outros, existe em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitida” (2011: 13/14). Nas ações humanas, fundamentalmente, o que se quer é causar impressão. Transmitir impressões. Como atores no palco, o notório no comportamento humano é a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações de uns nos outros, principalmente quando as pessoas vivem em interatividade física imediata.

Goffman (2011) ressalta que, embora normalmente as pessoas sejam o que aparentam, as aparências podem ser manipuladas. A vida social em grupo presta-se melhor à manipulação. Por isso que a existência humana é tão marcada pela representação dramática. O que se exige do indivíduo é que ele aprenda um número suficiente de formas de expressão para ser capaz de “preencher” e dirigir mais ou menos qualquer

papel que provavelmente lhe será dado. Principalmente, quando se está próximo e quando se vive em encontros grupais.

Voltando à conversa em si, outro momento surpreendente foi quando Nely Teodora fez uma afirmação sobre sua percepção relacionada à “falsidade” das mulheres. Nely mencionou que repara que algumas mulheres não têm boa vontade em responder questões que eu proponho. Nesse momento, senti um baque, pois as minhas convicções sobre minha boa aceitação no grupo ameaçaram “desmoronar”. Senti-me um indesejado. Nely não citou nomes, mas reafirmou que existem mulheres que fazem muxoxo com minha presença no grupo, pois não veem ganhos em responder as questões que proponho. Elas parecem perguntar: “o que ganharemos com isso?”. Senti-me um injustiçado, pois não propus tanto assim... Com custo, envergonhado, desatei a falar que percebo as negativas, mas faço “ouvidos de mercador”. Disse isso, mas percebi a falsidade de minha confissão. Afirmei sem muita convicção que compreendo as negativas das mulheres (algumas, diga-se) como normais. A pesquisa parece não trazer ganhos imediatos para as mulheres. Os supostos “ganhos” estariam relacionados à possível visibilidade conferida ao grupo - o que, diga-se, Nely Teodora relatou que considera como importante (disse isso para me agradar, percebendo meu estado que parecia descambar para a desolação?). Mas os ganhos não serão notados de imediato.

Ainda assim tomei fôlego e disse que pesquisa é processo longo e com resultados incertos, que, inclusive, podem não ser tangíveis. Os resultados podem até nem existir. Se existir alguma visibilidade mais manifesta para o grupo *Flor de Mangueira* como consequência da pesquisa, essa será restrita, quiçá direcionada ao mundo acadêmico. Se o resultado da pesquisa se transformar, por exemplo, na publicação de um livro, possibilidade muito remota, talvez dê uma inédita notoriedade do grupo. Talvez. Essa situação pode até envaidecer as participantes do grupo, sem dúvida. Mas, ainda assim, isso não é tão certo, pois livros não costumam ter um apelo muito amplo.

Mencionei resignado que compreendo as mulheres que não demonstram boa vontade em responder questões que ocasionalmente proponho (reafirmo: algumas apenas). Por isso – afirmei - é que sempre me propus a fazer uma pesquisa menos invasiva e propositiva possível. Nunca quis amofiná-las. Não dei esse exemplo para Nely Teodora para não parecer pernóstico, mas Becker (2008), que era músico, fez uma pesquisa com

músicos na década de 40, séc. XX. Mas raramente realizava entrevistas formais, concentrando-se antes em ouvir e em registrar as conversas habituais ocorridas entre os músicos. Ao meu modo, eu também optei muito mais em ouvir as mulheres, com poucas entrevistas. Busquei sempre não me postar como de modo geral costuma se comportar o antropólogo, numa aldeia ou outro lugar. Ou seja, como um “forasteiro” que, conforme lembra Roy Wagner (2010), se posta de maneira estranhamente ingênua com os “nativos”. Não quis também me comportar como uma criança que não para de fazer perguntas, que clama por atenção e que, o tempo todo, precisa ser ensinado sobre tudo. Eu não quis representar o papel do chato e do intrometido. Optei por outro papel, aquele que as mulheres do grupo me ofereceram: o de participante. Embora, em muitos aspectos, um participante distraído, pois somente com a entrevista com Nely que eu pude conhecer melhor e de fato as mulheres e as posturas delas frente a mim e o grupo.

No decorrer do encontro com Nely Teodora “confessei” outra descoberta que percebi ao longo do tempo em minhas observações de “campo”: a de que não é incomum as mulheres voltarem solitárias para casa após os encontros semanais. Disse isso para ganhar fôlego e mudar de assunto. Arrisquei e fiz uma “confissão” relacionada a essa descoberta na pesquisa, no “campo” – disse essa situação demonstra que os sentimentos de lealdade e de harmonia, tão valorizados pelo grupo, ficam apenas nos momentos em que as mulheres estão reunidas. Um grupo é um grupo “falso”. O convívio, acordo, solidariedade e intimidade não extrapolam muito o lugar dos encontros semanais. São sentimentos muito restritivos a um determinado lugar.

Ademais, disse para Nely Teodora que o encontro entre as mulheres no fugaz momento designado e criado sempre é *suficiente* para elas. Voltando à questão de interpretação de papéis, disse a ela que as mulheres não precisam “inventar” mais nada conexo ao grupo quando estão em outros momentos. Não é necessário (não tem como) inventar noutros lugares aqueles papéis. As “roupas” dos personagens, quando as mulheres vão embora, ficam no recinto onde estavam reunidas. Se não estão em grupo, não precisam mais dessas “roupas”. Ao menos até o próximo encontro. Elas já interpretaram o papel na peça. O propósito foi atingido. O tempo de encenação já foi cumprido. Ademais, é impossível criar os personagens noutras história e cenários.

Entretanto, no universo humano, a autocriação é um processo constante e completo. Um processo ininterrupto. As invenções das personalidades se entrecruzam. Personalidades que, diga-se, não se referem aos indivíduos isolados, mas aos indivíduos no mundo. Até o que é considerado “inato” assim não o é. Aliás, boa parte do que se considera como congênito é criado. Da mesma maneira efêmera e estilisticamente condicionada com que são criadas as pontas de flechas, as vasilhas, as cerimônias, os protocolos, as normas, as refeições, as etiquetas e as festividades. Em todos os momentos, o que é incontornável é a constância contumaz da criação.

Podem-se ampliar as questões e refletir que a própria ideia de comportamentos específicos da velhice, pelo qual as mulheres do grupo são tão cobradas pelas pessoas de casa - e que tanto refutam nos instantes de encontros semanais -, não é também uma invenção. Uma invenção social. Encontros semanais que a priori também estão condicionados, mas não estão inertes às criações das mulheres do grupo *Flor de Mangueira*. Tudo foi e é permanentemente criado por elas.

Se Voltaire disse uma vez que se Deus não existisse teria sido necessário inventá-lo, Wagner acrescenta que “se Deus *existe* isso torna ainda mais necessário inventá-lo, pois a invenção é a forma de nossa experiência e de nosso entendimento” (2010: 238). E eu afirmo que o grupo *Flor de Mangueira* só existe porque foi inventado, criado. Aliás, o grupo precisa ser continuamente inventado, senão não é grupo. Inventado o tempo todo, mesmo que através da repetição de um discurso que valorize sobremaneira os momentos do grupo como propício para se ter comportamentos originais, “diferentes”. Igualmente, ele é só inventado porque *existe*. Ou seria o contrário?

Outra vez volto à conversa com Nely Teodora e outros assuntos abordados por mim relacionados às minhas “descobertas” na pesquisa. Por exemplo, garanti a ela que descobri que as mulheres do grupo apegam-se sobremaneira ao concreto, à ação concreta. Para elas, ação é participação. Simples. Confessei que através de minha inserção no grupo, de imediato eu notei que não poderia “apenas” observá-las. Para as mulheres, observar não é agir. Elas só aceitam a participação. Então, eu tive de me definir como participante para ser “aceito”. Ao menos isso. Para manter vínculos com o grupo, é preciso ser participante. Inclusive, foram as mulheres que me motivaram a

adotar tal postura. O grupo motiva à ação e só a entende como participação. Ser participante (e considerar-se assim) é o que vale – e isso vale para todos.

Ainda sobre as questões de participação e de motivação, eu fiz uma menção à Nely Teodora sobre o jogo do bingo. O jogo parece ser a culminância do encontro, onde todas exercitam a participação. Todas têm de tomar parte do jogo. São motivadas a isso. Nely Teodora concordou comigo, como concordam os bons ouvintes. Para ela, o jogo resume a lógica essencial de que todas são motivadas e de que devem participar em condições iguais. Concordamos que no jogo de bingo, não se formam grupinhos, duplas ou trios, ou qualquer coisa. Todas jogam nas mesmas condições. Esse é o seu aspecto “democrático”. Não se aceita ninguém fora do processo.

O grupo é motivacional. Uma postura que tem relação direta com a questão da interpretação. Participar é interpretar. Agir. Embora ligada à ação, não necessariamente se origina “dentro” do indivíduo. Nesse cenário, as mulheres tomam parte do grupo porque são determinadas a isso, tanto quanto cada uma sente a necessidade de se motivar a si mesmo. A motivação, portanto, é o modo como as mulheres do grupo percebem a relativização da convenção e conseqüentemente do contexto convencional por meio do qual as distinções entre elas são realizadas. Por isso que, de uma maneira geral e no processo de participação, aprende-se a atuar, a inventar, a orientar e, assim, aprendem-se as próprias motivações. Nesse processo, as mulheres aprendem a deixar-se levar por elas, sempre influenciadas por outras. A influência mútua é o que faz do grupo *Flor de Mangueira* um grupo em movimento permanente.

Em seguida, fiz outra confissão à Nely Teodora sobre a minha experiência nas poucas visitas às casas de algumas integrantes, tal como faço em sua casa. Confessei que pensava visitar com frequência as moradias das participantes. Disse que pretendia transformar esses momentos em temas e métodos de pesquisa, onde buscaria perceber *in loco* a relação das famílias com as mulheres do grupo. Famílias tão importantes para a configuração do grupo. Iria, inclusive, entrevistar os familiares. Mas confessei à Nely o que afirmei outras vezes ao longo da dissertação. Ou seja, que eu abandonei a ideia em virtude das recusas recebidas – que não foram explícitas. Embora, na revisão final do texto, o que não pude dizer à Nely, claro, pois a experiência com ela aconteceu

antes das entrevistas finais com as mulheres, eu tenha visitado algumas em suas casas no intuito de fazer mais entrevistas – visitas onde fui muito bem recebido.

Nesse momento, mais seguro, eu expliquei a Nely Teodora que, mesmo desapontado no início, eu não vi as negativas das mulheres em visitá-las como problemas ao andamento da pesquisa. Ou mesmo como gestos deselegantes (o deselegante fui eu, que me convidei). As recusas serviram para reflexões. O que não é pouco. Como relatei outras vezes, disse a ela que talvez as mulheres não quisessem ficar expostas ou temiam que eu as visse *diferentes* da imagem tão laboriosamente criada por elas nos momentos em que estão no grupo. Justo e legítimo. Elas não queriam que fossem vistas por mim como “falsas” nos seus ambientes domésticos, com outros comportamentos, em outro cenário.

Essa questão é ambígua, de difícil explicação, pois de modo repetitivo eu sempre percebi nas mulheres o constante manifesto - para mim e para o grupo – de que são deveras “diferentes” do que são em casa. Mas, reflito, uma coisa é fazer uma afirmação sobre uma determinada situação, mesmo (ou principalmente) uma asseveração original; outra coisa é deixar-se ver na situação relatada, mesmo que a situação ratificasse a afirmação dada. Mas, o mais importante é que, talvez as mulheres não se atentassem, que se desempenham papéis no grupo, também os desempenha em casa.

Ou talvez elas não saibam disso. Ou não queiram saber. De uma forma geral, quase que não sabemos das coisas da vida. Representa-se melhor do que se sabe como fazer isso. Em casa, acredita-se que não é muito possível representar. Ao menos por um longo tempo. Na vida social, foi afirmado alhures, representa-se melhor. Além disso, em grupo ocorre uma disciplina mais apropriada para o exercício representativo, criativo. Em casa, é mais difícil o alcance da disciplina. Não se consegue controlar muito. Ademais, os mais próximos, os familiares, têm mais capacidade de revelar a nossa falsidade e de revelar aos outros como somos de “verdade”. Em casa, enfim, as aparências são mais difíceis de serem manipuladas e controladas.

Numa outra afirmação, Nely Teodora relatou que muitas pessoas somente participam do grupo *Flor de Mangueira* porque não conseguem ficar “presas” em casa. Para ela, isso demonstra que o que as mulheres do grupo são em casa não é mesmo para ser

exposto para outras pessoas. Nesse momento, agora muito mais seguro, em virtude mesmo das confissões dadas a ela, eu relatei que não são apenas algumas que são assim. Todos nós que participamos do grupo (ou não) somos assim.

Asseverei várias vezes que o encontro com Nely Teodora foi uma confissão. Mas, foi mais que isso. Talvez tenha sido uma terapia, pois se tratou de uma ocasião onde pude, além de expor resultados, arrazoar as conquistas alcançadas na pesquisa. Os descaminhos, as revisões e as reflexões possíveis. No meu incontido desabafo, eu pude rever questões e trajetórias da pesquisa. O encontro também serviu como oportunidade de se refletir sobre várias situações, como sobre o método de pesquisa (ou a falta de método). No processo de expor, aprende-se. Abre-se. Descobrem-se propostas novas de pesquisa, reflexões são revisitadas e possibilidades novas são inventadas. Percebem-se também os “fracassos” da empreitada. Confirmam-se temáticas, “testa-se” a reação do outro frente aos temas tratados.

Uma das temáticas mais abordadas (insistidas) por mim com a entrevistada foi à questão da invenção. O que considero como fundamental, pois avalio que invenção é cultura. Volta-se a Guimarães Rosa: “Tudo é real, pois tudo é inventado”. Foi o que pretendi ao transformar a (inventiva) conversa com Nely Teodora, onde falei muitíssimo para aliviar as angústias, num (*inventado*) texto. Para Wagner,

A necessidade da invenção é dada pela convenção cultural e a necessidade da convenção cultural é dada pela invenção. Inventamos para sustentar e restaurar nossa orientação convencional; aderimos a essa orientação para efetivar o poder e os ganhos que a invenção nos traz (WAGNER, 2010: 96).

Outro ponto deve ainda ser narrado. Mesmo com o “poder” da invenção e do convencimento para melhor explicação dos outros, creio que os valores da antropologia não são tão soberanos. Creio que a disciplina tem que se fazer humilde. Admitir os percalços e as dificuldades de se fazer pesquisa, além do dever de se interessar pelo que de fato e efetivamente aconteceu. Creio também que o antropólogo, muito mais, deve se comportar de modo humilde, o tempo todo no processo de pesquisa. O profissional não deve brincar de Deus, embora seja necessário tentar trazer o que é essencial, o que é

“invisível aos olhos”, à tona. Mas o essencial, mesmo quando não aparece, deve ter relação como o que de fato aconteceu numa específica experiência da pesquisa.

O antropólogo deve ainda estar preparado para o usufruto do poder da “confissão” (poder da fala desenfreada; poder de nos fazer pensar em coisas novas e refazer projetos, nos constranger quando for o caso); preparado para a vivência no mundo inventivo em grupo; aos aprendizados provindos dessa experiência; à disposição de se efetuar propostas, tentá-las, testá-las e apresentá-las, mesmo que não tenham dado “certo”, como no caso de minha tentativa de travar ideias com uma “nativa” e buscar transformá-las em ideias antropológicas, aproximadas às minhas. De fato, foi isso que tentei – e que, salutarmente (reconheço agora), não tive sucesso.

É por isso que fazer antropologia é apegar-se a uma postura *inventiva* das diferenças que existem no mundo; percebê-las é aprender com elas. É saber que fazemos parte delas. Ou seja, aprender a fazer a disciplina, um processo infindo. Pesquisar também é. Perceber as diferenças é também trazê-las à vida. À tona. Em última instância, fazer pesquisa é refletir sobre o ofício. Refazê-lo, se necessário. Ou não refazê-lo, mas admitir que o ofício (e o projeto) contém falhas e lacunas. Pensar nele no momento de sua feitura. Quando não, no momento de sua transposição para o texto etnográfico.

Deve-se ainda comentar que a ideia era a de gravar a conversa com Nely Teodora. Para iniciar a gravação, eu pensei que havia apertados os botões certos do gravador. Não fiz. Apertei outros. Ou outro, não lembro. A conversa transcorreu e não me atentei a conferir se de fato era gravada. Vi o lapso somente quando fui fazer a transcrição. Mas isso não vem ao caso. O que serve como reflexão é que eu pretendia transcrever o mais “fielmente” possível a conversa confessional com Nely Teodora e minhas percepções e aprendizados no processo. Ou mesmo gravar as poucas percepções de Nely sobre o grupo *Flor de Mangueira*. Aqui também nada deu certo. Com o gesto displicente - o apertado errado no botão do velho gravador -, tive de recorrer às lembranças para a elaboração do texto. Filtragens. Logo, com certeza eu incorri com frequência na “invenção” de conversa, ou talvez de alguns pontos, para a fluência do texto; extrapolei o que efetivamente aconteceu. Ou talvez, o mais certo, minha descrição imaginativa tenha sido de pouca inspiração. Criei muito e deixei as nuances da conversa “real” de fora. Ou os não ditos. Vai saber? Nada mais pode ser feito.

Outro ponto é que eu não julguei muito importante (ou não me atentei a isso na hora) tirar uma foto ou outra no dia da entrevista, uma foto que retratasse o momento vivido entre mim e Nely Teodora. Mas, no processo de revisão do capítulo, eu percebi que seria interessante uma imagem que demonstrasse esse proveitoso encontro na casa da entrevistada. Nessa situação, eu pude fazer alguma coisa. De fato, fiz; fui outra vez à casa de Nely para pedir-lhe sua concessão para fazer o registro de uma imagem do nosso encontro, ainda que o dia fosse outro, um dia um pouco distante do da entrevista. Expliquei a Nely Teodora sobre o “esquecimento” e ela deixou-se fotografar ao meu lado (tirada por seu neto), sem nenhum tipo de rejeição.

Combinamos de nos colocar em “poses interpretativas” que fizessem referência à nossa entrevista de outrora. Uma simulação. Como se a foto fosse a do dia da entrevista. O que queríamos era criar uma imagem de uma situação já experimentada. Iludidos, pensávamos que seria possível “trazer de volta” em imagem a experiência realizada no nosso primeiro encontro. “Encenar” uma situação para forjar uma ocorrência passada. A “representação”, claro, não ficou nada boa. Tudo ficou *fake*, ainda que o cenário e os “protagonistas” fossem os mesmos. Mas não havia a força do sentimento e a cumplicidade do dia da entrevista. Não havia o contexto - o momento não era mais de “confissão”. Faltava muita coisa. Ademais, não se pode refazer *ipsis literis* uma experiência antropológica. Não se pode reviver o passado, mesmo que muito recente.

Por isso, não haverá a foto do dia da conversa. Trata-se de uma impossibilidade. Não retirei a foto, então ela não existe, nunca existirá. Aconselho ao fugaz leitor então o uso da imaginação para se ter uma ideia de como foi o encontro a partir mesmo da foto fake, fotografia apresentada logo abaixo. Talvez sirva. Ademais, inspirando-me nas assertivas de Barthes, para me justificar, informo que a visão direta de uma foto poderia orientar equivocadamente o nosso entendimento do momento retratado. Por isso que, mais do que a foto em si para entender como foi o momento, eu recomendo que mais valha “erguer a cabeça ou fechar os olhos” (Barthes, 1984:84). Vê-se melhor assim.

Contudo, nem tudo foi perdido. No novo encontro, antes do clique da foto de simulação, da foto propriamente dita, eu aproveitei para conversar um pouco mais com Nely sobre o nosso encontro anterior. Nely Teodora enfatizou a importância da entrevista. Manifestou muita alegria pelo nosso encontro de outrora. Segundo ela, sua participação

no grupo ganhou até novos sentidos depois da entrevista, pois passou a entender melhor sua posição e, com isso, se sente ainda mais motivada e mais interessada na sua experiência em grupo. Refletir comigo (eu entendo como ouvir as minhas confissões) serviu-lhe para uma maior valorização do grupo e de sua experiência. Afirmou que passou a entender melhor a sua postura com as outras participantes. A exposição revelou-se essencial para o entendimento de sua situação em grupo. Além disso, Nely Teodora demonstrou indisfarçável lisonjeio pelo fato de a entrevista com ela constar na dissertação como parte importante e fundamental, conforme lhe relatei.

Fica reafirmado, então, que a imagem abaixo não é a do encontro que motivou a elaboração do atual capítulo. Melhor assumir isso. O mostrado é um encontro diferente, mais curto. Ainda assim a imagem é de muita serventia (talvez mais que a imagem, o novo encontro em si), pois retrata um momento novo na vida da entrevistada. A imagem serve também como demonstrativa de que não se pode reproduzir por inteiro, noutra contexto, uma experiência realizada. Ademais, conforme Barthes de novo, “toda fotografia é um certificado de presença” (1984; 129). Por isso, a imagem serve como um demonstrativo comprovado de que experiências etnográficas com a participação direta dos envolvidos geram aproximações alvissareiras entre eles e geram também novas reflexões sobre os seus fazeres e ofícios. No caso, tanto do antropólogo quanto de uma participante do grupo *Flor de Mangueira*. Ou seja, geram novos olhares sobre as condições dos diretamente envolvidos no processo e possibilitam o contato direto do antropólogo com o resultado da experiência etnográfica, quando a investigação (ao menos a descrição) ainda está em curso – mesmo que em momentos finais.



CONCLUSÃO

Um texto longo e extenuante

À medida que a expedição de Lévi-Strauss avança em terras brasileiras, conforme a narrativa da parte final dos *Tristes Trópicos* (Companhia das Letras, 1996), os recursos se tornam cada vez mais escassos e diminutos; a depauperação física se revela de maneira incontrolável; as febres acometem os homens de modo intermitente; chuvas aparecem e atravancam caminhos; visões se tornam turvas. Fenômenos físicos e climáticos perturbam sobremaneira à campanha do etnólogo pelas terras tupiniquins. Nessa situação, o efetivo diminui consideravelmente e o cansaço se torna incontornável. Com isso, a disposição de Lévi-Strauss em aprender e em investigar os povos novos que não param de ser encontrados na floresta brasileira se esmorece sobremaneira. Não se tem como evitar a situação. Para a tristeza e desalento do ilustre etnólogo francês.

A descrição da experiência em “campo” com o grupo *Flor de Mangueira* foi também longa e extenuante. Na parte final, a fadiga se manifesta de maneira incontornável. As ideias se embaralham. O texto correu solto, repetiu-se em demasia e tornou-se longo demais. Nessa situação, é natural que a disposição tenha se enfraquecido de modo retumbante. A “aventura do campo” e a descrição dissertativa não foram tarefas fáceis e tranquilas. Ao contrário, foram experimentos deveras cansativos. Se não foi radical, foi uma experiência árdua e sem igual. Longa e exaustiva.

Ou, antes, fora uma série de experimentos sobre o mesmo tema, com o relato de apresentação do projeto, os rumos tomados, as mudanças de percursos; etnografia, elaboração de análises; interpretações sobre o material antropológico coletado; o retorno de informações. Enfim, muita informação. E, sobretudo, muita reflexão e, para a fadiga do leitor, muita e muita repetição. Repetição, repetição, repetição... Fazer etnografia é se por sempre disponível à reflexão. Um amontoado de premissas e de tópicos. Inclusive, muitas vezes, tópicos que extrapolaram os focos investigados. Ou recorrentes menções a tópicos que não foram abordados. Nesse árduo processo, a frequente inserção de repetições e de informações serviu também para tentar “amarrar” as ideias e reiterar os conceitos. Porém, tudo muito exaustivo.

Entretanto, resta ainda fôlego para (tentar) relatar um pouco mais sobre o processo de pesquisa. Retomar reflexões postas no início do texto, fundamentalmente em relação às mudanças ocorridas no grupo e em mim ao longo do processo de pesquisa. Os resultados alcançados ou não. Resta igualmente disposição para efetuar alguns outros relatos relacionados aos aprendizados obtidos. Ressaltar também as falhas e os equívocos da pesquisa etnográfica, mesmo que acompanhados de justificativas. Com isso, ressaltar os resultados que considero como os mais importantes e interessantes da experiência. Resta também introduzir algumas outras teorias de outros autores relacionadas ao meio social e ao próprio ofício antropológico, e executar ainda outras breves interpretações sobre o material coletado, com outras referências teóricas.

O difícil processo de construção do texto e da experiência dissertativa

O trabalho de “campo” foi fragmentado. Não obstante, foi contínuo e infatigável, embora quebradiço e, talvez, “abstrato” demais. Mais do que o necessário. Entretanto, outra vez justifico, pois fazer em relativo pouco tempo o estudo de uma experiência cultural de momentos fugazes e ao mesmo tempo complexos e *naturalmente* propensos a alterar-se continuamente ao longo do tempo é uma tarefa das mais difíceis. Quase impossível. Percepção notada desde os primeiros contatos com o grupo.

Exemplos podem ser dados. As anotações dos fatos ocorridos em “campo” foram feitas ao acaso, antes mesmo que eu pudesse elaborar melhor as ideias e entender de maneira mais clarividente as questões e as teorias antropológicas mais relevantes; antes que pudesse aprender com pertinência o que efetivamente pretendia com a pesquisa. Aprendi, um pouco; depois, ao longo do processo, um pouco mais. Quando entendi melhor as coisas, as anotações iniciais perderam sentido. Eu percebi que não poderiam ser usadas na dissertação. As anotações, aliás, possivelmente não serão aplicáveis em futuros trabalhos, mesmo que seja pesquisado o mesmo grupo – os futuros trabalhos serão *outros* trabalhos. Embora eu tenha que admitir que seja quase impossível também retratar uma realidade pré-existente. Muitas vezes, o mais interessante – e o mais verdadeiro – são as situações que a pesquisa cria. De fato, foi o que mais ocorreu.

No início, toda a minha imagem das mulheres do grupo *Flor de Mangueira* e do que iria investigar tinha relação com problemas voltados à memória social. Problemas específicos a uma determinada disposição. Ou mesmo tinham relação com os grupos de Terceira Idade. Julgava que o problema e o tema seriam preponderantes. Contudo, eu percebi ao longo do processo de pesquisa e de descrição da experiência que estava equivocado. Percebi mesmo que as anotações iniciais perderam o sentido. Embora pudessem render talvez uma boa e frutífera etnografia. Ainda assim, os dados coletados serviram para a investigação e para os experimentos antropológicos realizados, mesmo que não soubesse exatamente o que fazia – e o receio de não fazer nada e de ficar travado perpassou de modo atemorizante quase todos os momentos da pesquisa.

Outra dificuldade foi manter meus pontos de vista distintos bem postos na dissertação. Muitas vezes me desviei do ponto que seria adequado, embora não soubesse qual seria o mais acertado, constatando que mencionava tópicos de um capítulo, noutro. Com isso, tornava-me tautológico. Quase como se estivesse gaguejando numa palestra para um público amplo. Como se eu, suando em bicas, confuso e entre uma multidão de pessoas com olhares postos sobre mim, tivesse perdido o rumo e o prumo da explanação. O ponto central seria o de tentar distinguir a antropologia naquela mixórdia de “funções pragmáticas” (Bateson, 2008: 297).

É verdade que a descrição elaborada ao longo dos capítulos da dissertação está muito longe de ser um relato sistemático de um conjunto de respostas associadas, mas tal falha não se deve ser imputada à fragilidade dos conceitos teóricos, e sim, à dificuldade prática que tive de descrever os comportamentos das mulheres de maneira pormenorizada, envolvente, crítica e abrangente. Para Bateson,

À incompletude de cada aspecto isolado dos fenômenos, podemos contrapor a maior simplicidade que esse isolamento proporciona e as vantagens que advêm de podermos formular os problemas e as generalizações com tal clareza que, podemos localizar de imediato, os fatos importantes. (BATESON, 2008: 308)

O trabalho também não é um todo homogêneo. Foi construído em etapas. Não poderia ser de outra forma. Além disso, é fruto de uma trajetória tortuosa, difícil. Como afirmei acima, o tempo de pesquisa foi um tempo de muitas mudanças. Eu mudei muito ao

longo de meu contato com as mulheres, pelo próprio contato com elas e pela possibilidade de conhecê-las melhor, suas contradições e tensões.

Mas, fundamentalmente, eu mudei porque durante o tempo de pesquisa, tive contatos mais elaborados com textos de autores diversos de antropologia, textos novos. Além disso, eu tive a oportunidade de participar de muitas reflexões dentro do curso em desenvolvimento, reflexões que forjaram em mim o questionamento constante do que eu fazia e se o que eu fazia na pesquisa com o grupo era mesmo o correto. Enfim, uma experiência que me levou a rever uma pesquisa em que eu estava muito envolvido – e que eu, de alguma forma, incentivei o envolvimento de muitas outras pessoas, principalmente as pessoas do grupo. Vivi então a angustiante questão de não dar para abandonar um projeto que não era mais o mesmo.

Inclusive, a justificativa que consta no “plano de trabalho”, elaborado em 2010, quando me candidatei ao curso de mestrado para o biênio 2011/2012. Ou seja, que a minha aceitação no curso seria fundamental para que pudesse realizar um trabalho mais “qualificado” para um trabalho que já desenvolvia com o grupo de mulheres. Mas, essa justificativa quase se tornou um “tiro no pé”, pois a qualificação oferecida levou-me ao questionamento de muitos pontos e de ideias dantes postas, questionamentos que me fizeram sentir, em muitos momentos, entaves de ideias e uma descrença no alcance da qualidade pretendida.

Entretanto, ainda que a sensação de que poderia ter feito diferente e o receio da pesquisa revelar-se como uma “fraude” sejam fantasmas a me perseguir (será que pela vida toda?), creio, aliviado, que o problema não é só meu. De alguma maneira, toda ciência é uma tentativa de cobrir com dispositivos explicativos – e assim obscurecer – a grande escuridão dos temas investigados. Todos os temas são “obscuros”. Com isso, a insegurança frente aos caminhos da pesquisa e a incerteza referente aos resultados não devem ser vistos apenas como pontos frágeis da minha experiência. Trata-se de situações comuns em todos os processos de pesquisa. Mas, a pesquisa antropológica, como o bingo praticado no grupo *Flor de Mangueira*, também é um jogo. Como tal, tem também um propósito mais profundo e mais filosófico de “aprender algo sobre a própria natureza da explicação, clarificar, ante a mais obscura das questões – o processo de conhecimento” (Bateson, 2008: 311).

Questões finais relativas ao exercício e ao texto etnográfico

Lévi-Strauss nos últimos capítulos de sua obra *Tristes Trópicos* (Companhia das Letras, 1996) deixa de lado os “objetos” de sua pesquisa e avança rumo à aventura de refletir sobre a vida, sobre os pensamentos do homem universal. Diante de tanta opulência e de tanta diversidade do novo mundo encontrado, encantado e deslumbrado, Lévi-Strauss chega ao ponto de colocar em xeque sua condição etnográfica e, de maneira mais ampla, a prepotência Ocidental.

Não chego a tanto. Chego apenas ao ponto de afirmar que o social percebido por mim na investigação etnográfica precisa alcançar a agregação das forças naturais existentes no mundo, mesmo num mundo *retraçado* e *reunido*. Afirmando que o social precisa ser bem escrito para que a compreensão da narrativa ultrapasse o estrito grupo dos antropólogos. Uma boa etnografia tem que ser bem escrita, senão o social não aparece. O social só existe quando descrito. Bem descrito, torna-se mais visível. Oscar Wilde advertiu que só existem dois tipos de texto: o bem e o mal escrito. O social, sobretudo o estudado pelos antropólogos, não pode ser composto de “charadas artificiais”.

O texto em nossa disciplina não é uma história, nem mesmo uma história bonita ou definitiva. O texto deve ter a força equivalente de um laboratório - lugar para testes, para experimentos e até para simulações. Por que não? Foi o que tentei fazer. Acredito que a recorrência ao teste visa o alcance da realidade. Alcance provável? Às vezes. Em certos casos, o texto participa até da transformação da realidade ou das entidades diversas relacionadas a ela. Por que não? O texto deve ser aberto. Deve criar uma realidade. Pode falhar no seu propósito - e adianto que sempre falha. Minha pesquisa é muito falha. Entretanto, isso não o desmerece. Ao contrário, pois, conforme Latour, “um estudo verdadeiramente científico é aquele que falhou” (2002: 224).

Ainda tem a questão da ideia de “grupo”, palavra tão abordada ao longo da dissertação, como também sobejamente lembrado o excesso de abordagens referente ao termo. O grupo é também um abrigo provisório de muitos veículos ou vínculos. Continuará sempre assim. Continuará, mas deve se tornar uma “rede” sempre aberta, sempre remendada, como uma colcha de retalhos. Mas sempre e continuamente uma “rede” que precisa existir e ser registrada em qualquer narrativa antropológica como rede.

O grupo *Flor de Mangueira* é uma rede entrelaçada de mulheres num momento provisório. Seus pontos são inextricáveis. O grupo só existe onde existem encontros de pontos; urdidura que entrelaça. A etnografia da experiência é uma rede totalmente presa ao conceito de descrição, que não é o que está representado no texto, mas o que prepara e que se joga para substituir aos atores na função de mediadores. Na ideia de descrever, aliás, imagina-se o relato. Uma exposição escrita de uma ação social visível, com traços, “uma ação invisível, que não faça diferença, gere transformação, não deixe traços e não entre num relato *não* é uma ação. Ponto final.” (Latour, 2002: 84).

Ainda não darei o ponto final. Pois ainda é necessário enfatizar que o método fundamental do trabalho foi o de tentar trazer para o primeiro plano o próprio ato de compor um texto. A experiência serviu fundamentalmente para isso. A ação social de captar o que acontece no grupo serviu para o exercício de tentar descrever o que acontece no grupo e também o que aconteceu comigo na experiência com o grupo. Nesses pontos, muitas questões. Como afirmei acima, muitas coisas mudaram neste tempo em que estive com o grupo. Por isso, devo não só perceber o tempo, mas o que mudou com o tempo. Essas questões afetaram sobremaneira o texto final, os capítulos e as experiências de reflexões e análises colocadas em cada parte da dissertação.

Além disso, é preciso reafirmar, para nunca cair no limbo do esquecimento, que ao se escrever um texto etnográfico de uma experiência, indubitavelmente, já se faz parte da experiência relatada. Abrem-se possibilidades até de transformações da realidade investigada. Isso faz parte da rede, da rede tecida da descrição. Todos os atores envolvidos *fazem alguma coisa*; não ficam apenas na observação.

A relevância do texto, como tudo, é uma conquista. O texto é importante ou não, dependendo da quantidade de trabalho executado para que suscite interesse. Ou seja, se destaque entre os outros. Considerei o texto da dissertação tão importante que, somente através dele, é que eu que pude dar “vida” ao grupo pesquisado, que a priori não *existiria* sem esse texto. Ao menos como foi apresentado. O grupo apresentado e avaliado é o grupo relatado. O grupo que efetivamente *existe*.

Deve-se lembrar que o que se fez foi uma experiência criativa (não me elogio, todos os homens são criativos) e cultural. Uma experiência de relação, fundamentalmente.

Strathern (2006) afirma que cultura (o “objeto” dos antropólogos) só existe na medida em que existe produção relacional. Se tudo é sociedade, todas as coisas se relacionam – diria que todas as coisas são circulares. Dessa forma, a cultura é permeada pela permanente incompletude e pela fragmentação. O texto também. O texto também é uma produção cultural. Portanto, não se trata de algo fixo e estático, “separado” dos homens, muito menos de uma feitura ou de um modelo pronto.

Nesse sentido, o procedimento analítico do fazer antropológico é alcançável e se constitui naquilo que se faz ao se buscar compreender o mundo dos outros, ainda que o mundo seja inacessível (Kant). Isso se alcança quando existe a tentativa de compreender os outros com significados dados pelo discurso da antropologia. Uma armadilha que não se deve cair. Com as mulheres investigadas, aprende-se que é uma prática opressiva ser tratado como alguém que deve levar a vida de acordo com os significados dados pelos discursos dos outros. Strathern (2006) não está preocupada com o alcance do *todo* das outras (todas) culturas porque isso não existe; é então impossível.

Apresentei a etnografia do grupo, refleti sobre as mudanças ao longo do processo em minha pesquisa, analisei os comportamentos das mulheres (resvalando também para minha postura de pesquisador inserido no processo), propus algumas experiências metodológicas, tentei inserir as mulheres no texto, me amparei em seus discursos (muito repetitivos), fiz do texto um “confessionário”, e outras experiências mais. Entretanto, o que acredito ter alcançado foi à certeza de que jamais conseguiria chegar ao “todo” do grupo *Flor de Mangueira*, mesmo que os encontros sejam breves e o número de participantes não seja muito abundante.

Assim, mais do que substância ou essência de uma dada comunidade existente num determinado tempo e lugar, uma comunidade agindo sob as “imposições” do meio e “existindo” enquanto tal, o que pude denotar foi o primado da relação - algo que além de não ser substancializado, é “impuro”. Mas, ainda assim (ou por isso mesmo), trata-se de algo alcançável, pois percebi que o fazer etnográfico foi o resultado alcançado - o fazer etnográfico da experiência de convívio com um grupo formado por mulheres velhas. E o resultado veio acompanhado de uma imensa e incomensurável satisfação.

Nessas confluências, é preciso refletir mais uma vez sobre a prática e o texto etnográfico e sua (im) possibilidade de concepção. O trabalho de “campo” não é um momento para provar que os conceitos funcionam; o momento é por si uma etnografia, que não precisa de um tempo específico para ser realizada, que, de balde, nunca seria suficiente. No “campo”, o que se deve fazer é uma imersão que por si produz relação. O que fiz foi tentar “emergir-me” na experiência com o grupo com o intuito de produzir uma “relação” com as mulheres – sem saber que o que queria era *exatamente* isso. Ou então sem saber se a relação seria marcada pela minha cumplicidade ou não com as mulheres. Depois de tudo pronto, não sei se alcancei uma coisa ou outra. Ou então tudo junto. A relação foi o “objeto” da pesquisa e a questão a ser investigada.

Essas proposições são fruto das leituras de Strathern (2006). Não as iria inserir na narrativa. Mas, considere que são apropriadas. As análises da autora tratam de criticar à própria antropologia, seu objeto de investigação e de reflexão. Mas, um julgamento que aponta para a “eficiência” da antropologia, mesmo ressaltando que o alcance gerado pela experiência etnográfica não será mais do que “um esforço para criar um mundo paralelo ao mundo observado, através de um meio expressivo que estabelece suas próprias condições de inteligibilidade” (Strathern, 2006: 47).

Deve-se ainda mencionar a proposta de Strathern (2006) que mostra que o *todo* de outras culturas não será mesmo alcançado. Trata-se de algo impossível de acontecer. Contudo, isso não representa um desalento, pois sei que inexistente cultura “pronta” para ser “alcançada”, seja em qualquer grupo humano, em que tempo, de que categoria e de faixa etária for. Para a autora, os resultados, os produtos concretos, não são os mais importantes numa experiência etnográfica. A experiência em si é que é o grande resultado e o que deve ser continuamente buscado. Trata-se, então, de um consolo, pois sei que o que efetivamente alcancei na pesquisa empreendida foi à oportunidade de viver uma experiência única. O grande aprendizado e o resultado a ser exibido.

Ainda resta dar um fim, digamos mais literário, ao trabalho. O momento merece, pois o fim é sempre apto a ficar preso na recordação e no coração. Trata-se do zênite retumbante que leva à reflexão. O fim tem que deslumbrar (nem que seja só fim). Então, cito um conto de Ítalo Calvino, de suas *Cidades Invisíveis* (Companhia das Letras, 1998). Um conto que pode ser lido como reflexão final de minha experiência:

As Cidades e a Memória

O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade. Finalmente, chega a Isidora, cidade onde os palácios têm escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos, onde se fabricam à perfeição binóculos e violinos, onde quando um estrangeiro está incerto entre duas mulheres sempre encontra uma terceira, onde as brigas de galo se degeneram em lutas sanguinosas entre os apostadores. Ele pensava em todas essas coisas quando desejava uma cidade. Isidora, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que veem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações (Calvino, 1990:12).

A experiência do homem de Calvino (vamos chamá-lo de antropólogo) foi “frustrada”, pois ele não levou em conta que a cidade sonhada (o seu projeto, a realidade pré-existente) não é a mesma quando deparada por ele (não existe cultura “pura” e imaginada). A cidade encontrada também não é inerte - ela está num momentâneo estágio. Isidora se transformou e se transformará sempre; não está presa num sonho. E Isidora nunca será como está no momento da imersão do homem em seus limites. A marca da cidade (da cultura) são as redes associativas. Então, nunca existirá a cidade sonhada - quando visitada, não será mais a sonhada. Lembro de Latour e o paráfraseio: as ações do sonhador deixarão rastros interferentes e permanentes na cidade.

Ou melhor, a cidade existirá nas recordações. Mas, o homem não se atentou àquilo que aprendi com Marilyn Strathern (ele não teve a chance): a experiência em si é o grande resultado de uma visita. Quer dizer, de uma pesquisa etnográfica. E a relação, com a presença do pesquisador, é que deve ser sempre o “objeto” e a questão a ser investigada.

ANEXOS

UM POUCO MAIS DE UMA HISTÓRIA

É evidente que para construir uma identificação pessoal de um indivíduo utilizamos aspectos de sua identidade social – junto com tudo que possa estar associado a ele. Isso é tão verdade que, “todas as vezes que um indivíduo entra numa organização ou numa comunidade, ocorre mudança marcada na estrutura do conhecimento sobre ele – e, portanto, mudança nas contingências do controle de informação” (Goffman 2012: 78).

Dou por estabelecido, então, que os contatos aparentemente casuais da vida cotidiana podem, ainda assim, construir algum tipo de estrutura que prende o indivíduo de maneira convulsa a um tipo de biografia, que o acompanha sempre, a despeito da multiplicidade de ‘eus’ que o papel e a segregação de audiências lhe permitem.

Dito isso, talvez seja importante evocar brevemente ao menos a história de uma participante do grupo. Ouvi muitas. Mas evocarei apenas uma. A descrição etnográfica delongou-se demasiadamente. A história será a de Necília Roversi Praga (D. Cilinha), de 66 anos e moradora do Vila Mangueiras. Uma história contada por ela mesma a partir de um encontro que tive em sua casa²². Trata-se de um relato invulgar, por isso singular, belo e libertador, fundamentado na vida de D. Cilinha em família e na experiência social de contumaz participante do grupo *Flor de Mangueira*.

Nos dias que seguem viver em família é uma experiência prazerosa para D. Cilinha, “uma união boa, uma união bonita”. A família é um “bem”, uma orientação essencial para a sua autodefinição de “ser no mundo”, conforme Charles Taylor. A união dos filhos e os períodos passados com a família são momentos em que ela se sente muito feliz. A paz e a casa cheia de meninos (netos) são momentos de grandes felicidades. No seu domicílio sempre tem festa, churrasco e brincadeiras... Uma grande alegria.

²² Esse texto é fruto da primeira entrevista com D. Cilinha, feita na varanda de sua casa na tarde de 13/01/2012. Muito dos aspectos abordados estão na entrevista que D. Cilinha deu em 13/07/2013, que consta no Capítulo I. Mas, preferi manter este texto em anexo. Sobre esse seu primeiro depoimento, deve-se afirmar que, embora a maior parte da história relatada seja triste e amarga, o momento da entrevista foi bastante prazeroso. Eu tive a oportunidade de conhecer sua rotina, o ambiente onde mora e vive. Além de manter contato com parentes (vizinhos e amigos), pessoas imprescindíveis para a história da entrevistada.

Mas nem sempre as coisas foram assim para D. Cilinha, viúva há cinco anos (ela vive com dois netos). A viuvez foi sofrida. Por outro lado, a situação de viúva significou a conquista da liberdade de viver e de ir onde quiser. Uma conquista árdua só adquirida na “terceira idade”. Mas não foi uma conquista tardia. Segundo ela, é agora “que estou vivendo”. Outrora, viver em família com o marido era uma obrigação longa e difícil, uma convivência forçada, um fardo. A situação em família era de opressão prolongada.

Quando o marido tinha saúde, ele não deixava D. Cilinha sair de casa. Vivia presa no espaço doméstico. No desgosto, ela viu-se obrigada a suportar uma relação construída outrora e ocasional, sobre alicerces remotos. Ela vivia numa prisão determinante. O esposo tinha muito ciúmes dela. Por seu lado, D. Cilinha, por respeito (medo) ao marido, quase não saía - o poder em casa a oprimia. Nesse contexto, a mulher quase que não tinha vida social. O marido, por sua vez era um boêmio inveterado. O homem saía muito, jogava e bebia de modo incontrolado.

Por outro lado, foi mesmo a família que contribuiu aos poucos para sua “libertação”, para a fuga do confinamento em que vivia. Explico: num determinado momento, quando o marido estava encamado e moribundo, D. Cilinha, incentivada pelos filhos e noras, começou a sair de casa com mais frequência - passou a ter ambição coletiva. Em princípio, eram apenas rápidos passeios, idas à missa... Ações que apontavam para redensões futuras. Todavia, as coisas permaneceram complicadas. O marido, muito doente, pressionava-a muito para que ficasse ao seu lado o tempo todo. Quando percebia que ela não estava em casa, o esposo gritava de modo escandaloso. Em seus delírios, chegava ao ponto de chamá-la de “mãe”; ele suplicava para que ela ficasse ao seu lado. Não havia como ignorar tais clamores. Se D. Cilinha ficasse perto, o homem ficava melhor. Com isso, o sofrimento de D. Cilinha só aumentava. Sua história foi tão dolorosa que “o que passou pareceu uma mentira”.

No contato com D. Cilinha, eu não posso deixar de notar as constantes manifestações da mulher de sua incontida e urgente vontade de viver uma vida alegre. Manifestações que expressam o alcance de uma vida melhor, uma vida muito diferente da de outrora. A mulher recorrentemente relata suas conquistas alcançadas no tempo presente. O tempo todo ela reforça essa monumental diferença atual de vida. Entretanto, pode-se notar que

o rosto de D. Cilinha (conforme imagem abaixo), mais do que as marcas da idade, ainda carrega as marcas dos sofrimentos de outros tempos, de modo inextricável.



Na história de D. Cilinha, pode-se perceber o poder prolongado do marido sobre ela. O domínio do esposo era total, irrestrito e incansável. Um domínio que não se fez apenas em alguns aspectos da sua vida. O poder do homem não se esmoreceu nem mesmo quando estava muito moribundo. Ao contrário, o poder até aumentou: cruel, injusto e chantageador. O poder vigilante estava em sua casa o tempo todo, vivo e austero, controlando todos os passos e a vida de D. Cilinha.

Há uns 05 anos, depois de 16 anos muito doente, o marido morreu. No início, D. Cilinha sentiu um grande vazio, o que mostra que poder sobre ela ainda permanecia, pois sua “presença” ocupava toda a sua vida. Era a sua essência de vida. A força dessa ausência destituiu-lhe dos incipientes interesses sociais, enfraquecendo os laços que começara a construir com o mundo fora de casa, ao menos nos primeiros tempos de viuvez. D. Cilinha ficou sem lugar no mundo...

Aos poucos, ela iniciou a participação num grupo de Terceira Idade do bairro, o grupo *Flor de Mangueira*. No grupo, percebendo outras histórias de vida, ela “aprendeu a viver”. Sua vida ficava mais complexa e mais completa. As vidas descobertas com os outros participantes serviram para que cotejasse com a sua experiência. Com isso, percebeu suas limitações, comparou sua história com as histórias alheias, também feitas de dificuldades, de sofrimentos e de superações. No universo mais amplo, a mulher percebeu que suas dores não eram as maiores do mundo. As relações se ampliaram sobremaneira. D. Cilinha começou a sentir-se mais independente na experiência com outras mulheres e no cotejo com outras dificuldades. Conforme Marilyn Strathern, com novos contatos foi manifesta a noção do indivíduo e de identidade.

O grupo *Flor de Mangueira*, em suas reuniões com pessoas diferentes, se tornou uma oportunidade para D. Cilinha construir novos tipos de relações, relações diferentes das vivenciadas em casa. Com isso, se integrou numa nova forma de vida, motivadora de outras formas de reciprocidade. Na convivência com um grupo com interesses aproximados, ao menos em alguns e breves momentos, a mulher sente-se integrada e participante da formação de uma comunidade integrada. Mais do que participante, D. Cilinha sente-se integrante do processo de formação um conjunto agregador de pessoas.

Antes da sua integração ao grupo *Flor de Mangueira*, D. Cilinha não sabia como tratar e se relacionar com outras pessoas - tinha vergonha até de comer perto de estranhos. Com a nova experiência, ela considera que se tornou menos tímida, mais popular e mais tratável. A interação com o grupo, inclusive, contribuiu para melhorar sua convivência em casa, com filhos e netos. Ela sentiu (e sente) que agora os parentes a percebem como uma pessoa com identidade própria, independente. A coexistência em família, então, ganha novos contornos. Vai se construindo... Suas ações passaram a ser mais valorizadas. Dantes, ela era tristonha, não brincava e era fechada. Agora, tudo mudou: sua vida em casa é uma grande alegria. E, cúmulo da bem aventurança: todos a querem ao seu lado!

OUTRO DEPOIMENTO

Como afirmado em outros momentos da dissertação, José Assis de Almeida, sempre acompanhado da esposa, também participa do grupo. O enfoque do capítulo I foi voltado aos depoimentos das mulheres. Entretanto, creio que José Assis merece uma consideração especial, merece o registro de sua experiência. Por isso, deve-se apresentar a entrevista com José Assis, onde ele conta um pouco sua história, conforme abaixo:

José Assis de Almeida

Sou aposentado e vivo de amparo ao idoso. Não é bem uma aposentadoria, pois o rendimento é muito pouco. Nasci em Itapiraí, perto de Bambuí, perto de Luz. Nasci em 29/11/1934. Eu saí de lá muito menino ainda. Eu tinha mais ou menos um 10 anos. A minha família era muito andante, quase mambembe; andava para tudo quanto era lugar. Como meu pai era dentista, a família não parava em lugar algum. Mas, não era dentista formado, não. Ele prendeu na prática. Eu também não sou estudado. Aprendi na prática. Naquela época, a maioria dos dentistas não era formada. Havia muita perseguição com a gente, a polícia implicava com os dentistas. Por isso, não parávamos em lugar algum. Sempre tinha uma denúncia anônima ou coisa parecida contra a gente. Muitas vezes, vinham dos dentistas formados que não nos aceitava. A gente fazia dentadura, próteses, “rotes”. Minha família andava por muitas cidades.

Eu fui casado três vezes. Com a Maria José é o meu quarto casamento. As mulheres, aliás, acabaram com o meu dinheiro. Eu vim de Divinópolis para Belo Horizonte. Eu vim fugido, para não pagar a pensão da minha mulher na época. Eu não lembro quanto tempo eu moro em BH. Eu não lembro direito das coisas. Sei que, antes de tudo, eu morei em Contagem com uma minha irmã. Morei um tempo com ela.

Lembro também que trabalhei no [Edifício] Acaiaca, antes de morar em definitivo em Belo Horizonte. Eu era solteiro. Morei no 15º andar do Acaiaca. Trabalhei também para um Deputado Estadual de Divinópolis, o Márcio Miranda. Pergunta para ele e ele vai tirar minha ficha para você ver? Eu vinha muito em Belo Horizonte e depois voltava para Divinópolis. Eu morei também no Rio de Janeiro, mas isso tem muito tempo.

SÍNTESE DOS DEPOIMENTOS

Segue também uma síntese dos depoimentos das mulheres, que constam no Capítulo I, com os motivos que as levaram a participar dos encontros semanais e os pontos mais abordados referentes às opiniões delas sobre o grupo. Sobre o porquê participam do grupo, todas se referiram a uma pessoa conhecida que as convidou a participar do grupo. Trata-se, então, do motivo principal. Mas, como puderam ser notados nos depoimentos, os motivos da participação – e da aceitação do convite - foram diversos.

Quanto às opiniões sobre o grupo, todas disseram gostar muito de participar. Com isso, os pontos apresentados sinteticamente têm relação sobre o porquê gostam do grupo. Depois da síntese, segue um quadro com o nome de cada participante, o local de nascimento, a idade e o tempo em que moram na região onde se encontram atualmente.

Por que participa do grupo?

Por indicação de pessoa conhecida que participam (ou participavam) do grupo. Os motivos da participação foram diversos:

Por acaso: Um dia, eu tava andando e topei, acho, que com a Maria. Ela disse: “Vamos ao grupo?”. Eu vim

Influência das irmãs: Eu comecei a participar do grupo por convite. Minhas irmãs participavam. Elas começaram primeiro. Aí elas me chamaram para ir, né?

Convite de conhecida/vizinha: A mãe de minha cabeleireira sempre me convidava para ir. Ela sempre dizia: “vai lá Zezé, vai lá Zezé!”.

Foi uma vizinha que me chamou para participar. O nome dela? Maria Isabel.

Eu acho que foi a Eni que me chamou e que me falou do grupo. Eu já conhecia a Eni dos encontros do grupo de oração.

A Eni é que me chamou.

Para “curar” as tristezas da vida. Foi a Regina que me chamou para participar.

Vontade de fazer trabalho social: *Eu sempre quis fazer trabalho social com a “melhor idade”. Eu conheci a Marlene [antiga coordenadora do grupo], num salão. Ela me convidou para participar do grupo. Eu fui e me apaixonei.*

Por amizade com Marlene: *Participo devido à amizade que tenho com a Marlene. Ela que formou o grupo. Nós trabalhávamos junto na igreja, toda a vida a gente trabalha junto. Desde que vim para o Mangueiras, eu conheço a Marlene.*

Eu comecei a participar do grupo com a Marlene. Eu entrei na época da Marlene, no início mesmo. A Marlene é que me chamou para participar..

Eu já conhecia a Marlene da Igreja. Ela frequentava a Igreja de São Dimas, aqui do Vale. Conversando com ela um dia, ela me convidou para participar. Eu combinei com a Marisa e fomos juntas conhecer o grupo. Aí eu comecei a participar..

Vizinhos: *Depois de uns dez anos morando no Mangueiras, eu fiquei sabendo quando o grupo formou; eu fui lá e entrei. Foram os vizinhos que falaram comigo do grupo.*

Convite de D. Cilinha: *Eu comecei a participar do grupo no ano passado. Eu fui convidada pela D. Cilinha e pela Odete. Elas sempre me falavam: “entra, entra...”. Como estava me sentindo muito sozinha, eu comecei a participar.*

Comecei a participar porque o meu menino morreu. Foi a D. Cilinha, vendo a minha tristeza, que me chamou para participar. Ela falava comigo: “lá você distrai”.

Outros motivos que não tiveram relação direta com o convite de alguma participante conhecida são os dois abaixo:

Comodidade e “curar” as tristezas da vida: *Eu comecei a participar do grupo em 2006. Mas, fiquei até 2008, quando minha irmã morreu. Eu tive de parar de participar para cuidar dela. Além disso, eu vivia com problema na perna. A reunião era no salão de cima. Aquela escada era muito difícil para mim. Quando eu fiquei sabendo que o grupo foi para o salão de baixo, eu me animei mais e fui participar. Além disso, também precisava sair para espairar a cabeça. Estava muito triste.*

Fundadora do grupo: *Nós fundamos o grupo. Eu e a Marlene, a Maria, a Rose (tesoureira) e o Jerônimo, e outros que não lembro mais. Eu era a vice-tesoureira. Mas a Rose largou. Ela não queria mexer com dinheiro dos outros. Eu fiquei sendo a tesoureira, até que eu larguei há uns três anos atrás. Eu saí e a Marlene ficou ainda um tempo. Eu entreguei o cargo, pois fui fazer uns cursos de computação no Barreiro. Aí eles [as participantes do grupo] puseram a Dirce como tesoureira.*

Por que gostam do grupo?

O grupo me dá saúde: *Gosto demais! Gosto demais do grupo. O grupo me deu muita saúde.*

O grupo me dá felicidade: *Eu gosto do grupo. Eu não tenho do que reclamar do grupo. Elas [as participantes] mandam muita lembrancinha no meu aniversário. A gente fica conversando, conta a vida da gente. Gosto mesmo. No grupo, eu aqui fiquei tão feliz com o teatro; eu lembro até hoje. Eu não parava de rir. O grupo me trouxe muita paz, união e tranquilidade. Através do grupo, melhorei 100%. Sinto feliz no grupo.*

O grupo é bom para se livrar dos problemas: *Eu sempre gostei do grupo. Quando não vou, eu sinto muita falta – é horrível. O grupo é o modo da gente se livrar das tensões da vida, se livrar dos problemas. A gente distrai muito com as brincadeiras. É muito bom. Todas as mulheres são iguais. Tudo é dona de casa, igual a gente, né?*

Por causa das pessoas, os passeios: *Eu comecei a participar do grupo logo no início. Eu sou a tesoureira há uns 03 anos, desde que a Odete assumiu a coordenação. Eu adoro o grupo. Não gosto de faltar dos encontros de jeito nenhum. Gosto das pessoas; gosto muito de passear, de ajudar em tudo.*

Grupo é mais alegre, mais espontâneo/Comparação com o Vale do Jatobá: *Eu me apaixonei com as “meninas” e com o grupo das participantes. Eu comecei a participar no Manguieras e no Vale do Jatobá. Mas, com o tempo, eu fiquei só no Manguieras. Mas, eu gostei mesmo foi do Flor de Manguiera. Acho o grupo mais alegre, mais espontâneo. Você ri, conta piada... É muito bom.*

Eu gosto muito do grupo. No Vale tem. Mas, eu não gosto do grupo do Vale não, mesmo sendo perto de casa. O grupo delas é só das velhas do Vale do Jatobá. Não gosto de “trem” de velho. Eu gosto do grupo do Manguieras, a gente bate papo, conversa a toa. A Eni e as outras com aquelas risadas, falando besteiras.

Por causa das pessoas e do teatro: *Eu me encantei com o grupo Flor de Manguiera, com o Sr. José e Maria José. A Odete, eu adoro ela. Ela tem muito carinho pelo grupo. Ela providencia a prenda e tudo. Tem a Eni, né? Ela é muito divertida! A gente ri e tudo. Eu me sinto muito feliz no grupo. Ah, sabe o que eu mais gostei? Eu amei participar do teatro. O pessoal se sentiu livre através do teatro.*

Grupo serve eu me conformar: *Participar do grupo, fez com que eu esquecesse a situação. Eu não tenho de que reclamar. O grupo serve para eu me conformar. Eu ainda lembro dele [do filho]. A gente ver a pessoa morrer e não voltar mais é a coisa mais triste do mundo. Mas, no grupo, eu me sinto mais conformada.*

Gosto de ir pela convivência: *Eu fui e gostei. Sempre participei e fui assídua. Gosto de ir pela convivência com as pessoas, onde fiz muitas amizades. Gosto também para preencher uma tarde de quarta-feira. Acho o grupo muito bom. Sempre vou com o Neném [o marido]. Aliás, eu gosto muito de ir também por causa dele. Eu sou mais do que sua esposa, sou amante, namorada, enfermeira, acompanhante... Vivemos só nos dois juntos. Eu não deixo ele sozinho para nada, pois se deixar, ele faz muita “arte”.*

Gosto pelas brincadeiras: *Eu sempre gostei do grupo, a vida toda. As brincadeiras das mulheres fazem a gente se divertir, fazem a gente rir muito. Mas, eu gosto muito das brincadeiras, gosto da alegria.*

Graças às amizades: *Gosto demais da amizade entre as mulheres do grupo. Acho até que é isso que marca o grupo, o que é mais marcante. Ninguém é de ficar frequentando a casa dos outros. Mas no momento do grupo, a amizade é muito importante. É uma amizade verdadeira. Ali é que importa. O grupo é lugar de descontrair. Cada uma fala o que quer, dentro dos limites, claro.*

Serve para sair da rotina, descansar a cabeça: *O grupo também serve para a gente sair da rotina, descansar a cabeça. Pois minha rotina é agitada.*

Por causa das pessoas: *Eu gosto muito das pessoas, de tudo. Quando comecei a participar, a coordenadora era a Marlene – a vice era a Maria. Tem uns 04 anos que participo do grupo. As pessoas são muito humildes, muito gente boa.*

O grupo é como uma família: *No grupo, eu me sinto diferente, bem melhor; jogo aquele “binguinho”, para a gente distrair. Gosto do grupo. No grupo, nós somos uma irmandade, uma reunião de família. Mais até, porque, muitas vezes, a gente não tem oportunidade de conversar com a família, igual tem no grupo. Aquela liberdade. Distraio a cabeça. Às vezes, vai falar alguma coisa com a família, eles combatem com a gente. No grupo, não. No grupo, temos oportunidade de conversar sobre coisas e de desabafar sobre os problemas da família.*

Lugar de ensinamento/ de ajuda/ de amizade: *Eu gosto muito do grupo. O grupo me ensinou muita coisa. Me ensinou a conversar com os outros. Eu não saía para canto algum; ficava chorando; eu tinha vergonha de ser separada, achava que as pessoas ficavam falando de mim. Até levar os meninos na escola, eu tinha vergonha. Como o meu ex-marido nunca me deu pensão, o grupo me ajudou muito; deu as coisas, até para os meus meninos... Nem roupa eu compro; eu ganho dos outros, até a cesta... Eu tenho atenção, amizade. Elas dão muita atenção para a gente; as amizades é importante; os binguinho que é bom. Eles [o grupo] me chamaram muito para participar..*

União das pessoas: *Gosto muito do grupo. Sempre gostei. O que eu gosto mais é da união das pessoas. Todo mundo é unido; todos têm a mesma aceitação para trabalhar. Igual quando fizemos o teatro. Todo mundo estava unido... Gosto de tudo no grupo. Tudo que aqui eu gosto. Gosto também da ginástica – é o que me ajuda.*

O bom do grupo é o entusiasmo: Durante o dia, eu fico muito sozinha. O bom do grupo é o entusiasmo. Às vezes, um abraço que a gente recebe, fica feliz. A gente está se sentindo sozinha e assim fica feliz. A gente se fortalece, né?

Para distrair/pela alegria e por me sentir querida: Gosto muito. O grupo é o meu “distrainimento”. Todos gostam de mim. O dia em que eu fico amuada, elas perguntam por que estou assim. Ninguém deixa eu sair do grupo. De jeito nenhum. Eu acho tudo muito bom. Aquela alegria, aquela coisa... Eu me sinto muito bem. É uma coisa que dá alegria no coração da gente. O grupo é uma família. Uma família que a gente tem.

Para distrair, ficar a toa: Para mim, só da gente está entrosado, distraindo no bingo e passando algumas horas distraindo, tranquilo e divertindo, já é bom demais. Para que mais? A parte que a gente tem é muito agradável. Para mim, já é suficiente.

Para poder acolher os outros: O grupo é para a gente conversar. Conversar à toa. Quando a gente conversava, elas falavam. Eu gosto de coordenar. Eu gosto muito do pessoal. O pessoal gosta de mim. Eu faço tudo para cativar eles. Coordenar para mim é acolher o pessoal. Coordenar é fazer com que as pessoas se sintam bem, ser participativo como todas elas. Coordenador é estar sempre presente; eles gostam de desabafar, esquecem até de ir embora. Todos são iguais. Eu junto todas ao redor da mesa. Não tem de separar dos outros. Eu tiro o arranjo das flores da mesa para elas ficarem mais á vontade. Para eu poder ver todas as pessoas. Para todos se verem.

Lugar agradável que me ajuda muito: Eu gosto muito do grupo. Gosto do grupo, gosto do bingo. Eu tenho preguiça é de fazer ginástica. Mas, eu sento lá. Não gosto de ginástica. O resto eu gosto muito – acho o papo agradável, distrai a gente. Eu estava me sentindo muito depressiva. O grupo me ajuda muito. O grupo é muito interessante.

Por último, segue uma opinião mais crítica de uma (ainda) participante do grupo, antiga tesoureira. Ela expressa que o grupo mudou muito, não é mais como era antes, quando ela fazia parte da coordenação. Entretanto, os pontos que ela apresenta como negativos atualmente são os pontos que boa parte das participantes do grupo mais dá valor, como o “não fazer nada” e o fato da atual coordenadora tomar conta de tudo no grupo. A

autora do depoimento releva que, inclusive, pretende sair do grupo *Flor de Mangueira*, pois já está cansada, não sabe mais o que fazer para ajudá-lo a melhorar – e as mulheres, segundo ela, não querem essa melhora. Ainda assim, nos momentos finais de seu depoimento, que pode ser conferido mais detalhadamente acima, a participante expressa gostar muito do grupo, das pessoas do grupo.

Opinião mais crítica: *Quando o grupo começou era muito bom. Tinha muita gente. Antigamente a gente ia para vários lugares. Muitas viagens. Hoje, o grupo está vazio. Eles só gostam de ficar ali, sem fazer nada. Além disso, é sempre a mesma coisa. Não tem palestra, não tem nada para crescer o grupo. Não precisa pagar para depois se pagar menos quando for fazer uma viagem. Penso que quando for dar um passeio, a gente paga o valor todo. Eu não sei mais como ajudar o grupo. Inclusive, estou saindo do grupo. Sei que as mulheres me querem por escanteio. Antes disso, eu saio. Outro problema é que o grupo acaba muito rápido. Não tem nada. Só tem bingo. Só o bingo e o lanche. Só isso! Agora tem o Guilherme que começou a ginástica. O povo aqui é muito desanimado. Antigamente era bom demais! Acho que o grupo está decadente. Eu não sei o que está faltando ali, para realmente melhorar. Outro problema é que eu acho que as coisas são decididas sem consultar todo mundo. Eu acho também que grupo é grupo. Mas, apesar de tudo, eu gosto muito do grupo. Acho que ele deveria melhorar. Acabar nunca! Só tem gente bacana. Tem a Nely, a Odete. A Eni, então, nem se fala... Todas elas. Elas são fora-de-série. Gente muito prestativa. Quando falam que vão fazer as coisas, elas fazem mesmo. Estão ali para ajudar, né?*

Autoras do **Capítulo IV**, “Narrativa Conjunta”:

- Argentina Coelho da Silva
- Dirce Maria da Silva Cardoso
- Domingas Fernandes
- Eni Maria da Silva de Freitas
- Margareth Dionísia Costa Branco
- Maria Alves Sales
- Maria Augusta de Oliveira
- Maria Auxiliadora Gonçalves Soares (Dorinha).
- Maria de Fátima Borges
- Maria de Lourdes Conceição
- Maria José
- Maria Madalena da Silva
- Maria Pereira da Fonseca
- Marisa Helena Maciel dos Santos
- Nair Moreira Alves
- Nely Teodora Santos Silva
- Nercília Roversi (D. Cilinha)
- Odete Ribeiro de Freitas
- Regina Maria da Silva

REFERÊNCIAS

ALVES, Andréa Moraes. “Mulheres, corpo e performance; a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camada média urbana”. In: BARROS, Myriam Moraes Lima de (Org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 2006.

_____. *A Dama e o Cavaleiro – um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

ALVES, Rubem. *As Cores do Crepúsculo: a estética do envelhecer*. Campinas: Papyrus, 2001.

ARIÈS, Philippe.. *História Social da Criança e da Família*. Trad. Dora Flaksman. 2ª Edição. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BARRETO, Maria Lectícia. *Admirável Mundo Velho: velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1992.

BARROS, Myriam Lins de. *Autoridade & Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

_____. “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”. In: BARROS, Myriam Moraes Lima de (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 2006.

_____. “Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: BARROS, Myriam Moraes Lima de (Org.) *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 2006.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara – notas sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães . Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

BATESON, Gregory. *Naven – um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas*. Trad. Magda Lopes. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1970.

BECKER, Howard. S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Tradução de Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica Karina Kuschnir. 1ºed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. “A Juventude é apenas uma palavra”. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRETON, David Le. *Antropologia do Corpo e Modernidade*. Trad. Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMACHO, Marcelo. *1001 Razões para Gostar do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2003.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *História dos Nossos Gestos*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CARADEC, Vincent. “Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo”. In: *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*. (Org.) GOLDENBERG, Mirian. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2011.

CÍCERO, Marco Túlio. *Saber Envelhecer e A Amizade*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2011 (Coleção L&PM POCKET)

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica – Antropologia e Literatura no Século XX*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. *A Casa e a Rua, espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DEBERT, Guita Grin. “História de vida e experiência de envelhecimento para mulheres da classe média em São Paulo”. *Caderno do Ceru*, 19, jun. 1984.

_____. “A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – Vol. 12 – Nº 34 (Junho de 1997).

_____. “Velhice e o Curso da vida Pós-Moderno”. *Revista USP* – nº 42 (Junho/Agosto 1999).

DUMONT, Louis. “O valor nos modernos e nos outros”. In: *O Individualismo – uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Org. Michael Shröter. Trad. Vera Ribeiro. Revisão técnica e notas. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FOLHA DE SÃO PAULO. 17/01/2013, CADERNO ILUSTRADA, TEXTO: “CAMA DE GATO”.

GEERTZ, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.

GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

_____. “Amigas”. Folha de São Paulo. Caderno Equilíbrio (Outras Ideias). São Paulo, 26/02/2013.

_____. “Uma questão de reconhecimento”. Folha de São Paulo Caderno Equilíbrio (Outras Ideias). São Paulo, 19/03/2013.

_____. “Melhor Idade”. Folha de São Paulo. Caderno Equilíbrio (Outras Ideias), São Paulo, 22/01/2013.

_____. “Quem envelhece melhor?”. Folha de São Paulo. Caderno Equilíbrio (Outras Ideias). São Paulo, 14/05/2013.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 18º ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2011.

_____. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Trad. Márcia Bandeira de Melo Leite Nunes. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GUEDES, Simone Lahud e LIMA, Michelle da Silva. “Casa, família nuclear e redes sociais em bairros de trabalhadores”. In: BARROS, Myriam Moraes Lima de (Org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento de cultura*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2010 (Estudos/ Dirigida por J. Guinsburg).

LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social, uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edulfba, 2012. Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

_____. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2002.

LEVI- STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Trad. Rosa Freira D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a Dádiva”. In. MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. *Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003

MOTTA, Alda Britto da. “Chegando pra Idade”. In: BARROS, Myriam Moraes Lima de (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 2006.

PEIRANO, Mariza. *A Teoria Vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

- PONDÉ, Luiz Felipe Ponde. “Protocolos do Afeto”. In: Folha de São Paulo, 19/09/2011 (Caderno: Ilustrada).
- REIS, Léa Maria Aarão. *Novos Velhos: viver e envelhecer bem*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. “Transmissão geracional e família na contemporaneidade”. In: BARROS, Myriam Moraes Lima de (Org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 2006.
- SIMMEL, G. “A Metrópole e a Vida Mental”. In: VELHO, Otávio G. (Org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- _____. “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura e informal”. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 34).
- SCOTT, Parry. “Gerações, comunidades e o Programa Saúde da Família: reprodução, disciplina e a simplificação administrativa”. In: BARROS, Myriam Moraes Lima de (Org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 2006.
- STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva – problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Trad. André Villabobos. Campinas: Editora Unicamp, 2006.
- TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia*. Petrópolis, Vozes, 2003.
- TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self - a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1997.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual – Estrutura e Antiestrutura*. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Editora Vozes, 1974.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura- Notas para uma antropologia das cidades contemporâneas*. 7º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- WAGNER, Roy. *As Invenções da Cultura*. Trad. Marcelo Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.